

Juventude



HOMICÍDIOS E JUVENTUDE NO BRASIL



MAPA DA VIOLÊNCIA 2014

Julio Jacobo Waiselfisz

HOMICÍDIOS E JUVENTUDE NO BRASIL

Atualização 15 a 29 anos



Julio Jacobo Waiselfisz

Formou-se em Sociologia pela Universidade de Buenos Aires e é mestre em Planejamento Educacional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Coordenador da Área de Estudos sobre Violência da FLACSO - Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais, já foi diretor de pesquisa do Instituto Sangari, exerceu funções de coordenador regional da UNESCO em Pernambuco, Coordenador de Pesquisa e Avaliação e do setor de Desenvolvimento Social da UNESCO/Brasil.

Anteriormente exerceu as funções de consultor e/ou especialista em diversos Organismos Internacionais do Sistema das Nações Unidas, como o PNUD, a OEA, o IICA e a UNESCO.

Atuou como professor em diversas Universidades da América Latina, tendo exercido o cargo de diretor de departamento de Ciências Sociais na Universidad Nacional del Salvador/El Salvador/Centroamérica e da Universidad de San Juan/Argentina, além de pró-reitor acadêmico na Universidad Nacional del Comahue/Argentina.

Autor do Mapa da Violência e outros estudos de referência na área de enfrentamento à violência.

Em Dezembro de 2013 foi merecedor do Prêmio Nacional de Segurança Pública e Direitos Humanos, concedido pela Presidência da República pelo conjunto de sua obra.

Dilma Rousseff

Discurso da Presidenta na Conapir

A violência contra a juventude negra tornou-se um problema de Estado no Brasil. Um dos grandes desafios do governo brasileiro é a criação de políticas de enfrentamento à violência principalmente nas periferias do país, onde residem os jovens em situação de maior vulnerabilidade social. Em atenção a esse desafio, a Presidência da República criou o Plano Juventude Viva, política especialmente formulada para coibir a violência contra jovens negros e ampliar a cidadania. Esse compromisso foi reiterado na III Conferência Nacional de Promoção da Igualdade Racial em discurso histórico proferido pela presidenta Dilma Rousseff em 2013.

“Eu quero dizer a vocês que o Governo Federal dará todo o respaldo à questão do Plano Juventude Viva, e estamos articulando todas as esferas, todos os ministérios, todos os governos estaduais e também a justiça, através do CNJ e do Ministério Público, no sentido de assegurar que haja, de fato, um foco no que muitos chamam de genocídio da juventude negra. Nós estamos interessados em combater a violência com a ampliação da cidadania, mas também coibindo a violência contra os jovens negros, e isso é muito importante. Nós reiteramos apoio do governo ao projeto de lei sobre os autos de resistência. Nós queremos, com esse apoio, que todos os direitos sejam garantidos e que todos os delitos praticados sejam devidamente investigados. O que, certamente, vai contribuir para reverter a violência e a discriminação que recaem sobre a população negra por meio da utilização dos autos de resistência”.

Dilma Rousseff
Presidenta da República

Michel Temer
Vice-Presidente da República

Gilberto Carvalho
Ministro de Estado Chefe da
Secretaria-Geral da Presidência da República

Diogo de Sant'Ana
Secretário-Executivo da
Secretaria-Geral da Presidência da República

Severine Carmem Macedo
Secretária Nacional de Juventude

Luiza Helena Bairros
Ministra de Estado Chefe da
Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial

Giovanni Benigno Pierre da Conceição Harvey
Secretário-Executivo da
Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial

Secretaria-Geral da Presidência da República
Secretaria Nacional de Juventude
Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial

HOMICÍDIOS E JUVENTUDE NO BRASIL

Atualização 15 a 29 anos

Julio Jacobo Waiselfisz

Mapa da Violência 2014

Brasília, 2014

Mapa da Violência: Homicídios e Juventude no Brasil

Disponível em www.juventude.gov.br/juventudeviva

A reprodução do todo ou parte deste documento é permitida somente com a autorização prévia e oficial do autor.

Secretaria-Geral da Presidência da República

Endereço: Praça dos Três Poderes, Palácio do Planalto, 4º andar

70.150-900 Brasília-DF

Tel: (61) 3411-1407

www.secretariageral.gov.br

Secretaria Nacional de Juventude

Endereço: Pavilhão das Metas, Via VN1 - Leste - s/nº

Praça dos Três Poderes - Zona Cívico Administrativa

70150-908 Brasília-DF

Tel: (61) 3411-1700

www.juventude.gov.br

Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial

Endereço: Sede: Esplanada dos Ministérios, bloco A, 5º e 9º andar

70.054-906 Brasília/DF

Tel: (61) 2025-7003

www.seppir.gov.br

Créditos:

Autor: Julio Jacobo Waiselfisz

Projeto Gráfico: Juliana Pisaneschi

Diagramação e Editoração: Rafael Keoui (Njobs Comunicação)

Revisão: Clícia Silveira (Njobs Comunicação)

Capa: Aline Magalhães

ÍNDICE

| | |
|---|------------|
| PREFÁCIO | 9 |
| INTRODUÇÃO | 11 |
| 1 NOTAS TÉCNICAS E CONCEITUAIS | 15 |
| 1.1. Notas conceituais | |
| 1.2. Notas técnicas e fontes | |
| 2 MARCOS DA MORTALIDADE JUVENIL | 23 |
| 2.1. Ciclo de vida e mortalidade violenta | |
| 2.2. Evolução da mortalidade violenta: 1980/2011 | |
| 2.3. Significação dos quantitativos | |
| 3 HOMICÍDIOS NAS UNIDADES FEDERADAS | 37 |
| 3.1. Homicídios na população total das unidades federadas | |
| 3.2. Homicídios na população jovem das unidades federadas | |
| 3.3. Vitimização juvenil nas unidades federadas | |
| 4 HOMICÍDIOS NAS CAPITALS | 61 |
| 4.1. Homicídios na população total das capitais | |
| 4.2. Homicídios na população jovem das capitais | |
| 4.3. As trajetórias juvenis nas capitais | |
| 4.4. Vitimização juvenil nas capitais | |
| 5 HOMICÍDIOS NOS MUNICÍPIOS | 83 |
| 6 COMPARAÇÕES INTERNACIONAIS..... | 93 |
| 7 OS NOVOS PADRÕES DA VIOLÊNCIA HOMICIDA | 101 |
| 7.1. Disseminação da violência | |
| 7.2. Interiorização da violência | |
| 7.3. Deslocamento dos polos dinâmicos | |
| 8 QUESTÕES DE GÊNERO | 105 |
| 9 RAÇA/COR. | 119 |
| 9.1. Evolução de 2001 a 2011 | |
| 9.2. Evolução nas unidades federadas | |
| 10 FATORES EXPLICATIVOS..... | 133 |
| 10.1. Dos novos padrões da violência | |
| 10.2. Entraves institucionais | |
| REFERÊNCIAS..... | 139 |

PREFÁCIO

É com satisfação que a Secretaria-Geral da Presidência da República, a Secretaria Nacional de Juventude e a Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial promovem a nova versão do *Mapa da Violência: Homicídios e Juventude no Brasil, 2014*. Esta última versão inova ao inserir na base de dados do Mapa da Violência de 2013 os indivíduos com idade entre 25 e 29 anos, adequando o estudo ao novo conceito de juventude estabelecido a partir da aprovação do Estatuto da Juventude, em agosto de 2013.

Mais uma vez, o trabalho, desenvolvido pelo professor Julio Jacobo Waiselfisz, traz importante diagnóstico da violência contra os jovens brasileiros e oferece subsídios ao trabalho de gestores de políticas públicas, parlamentares, governantes, profissionais de segurança pública e instituições de pesquisa nacionais e internacionais na formulação de políticas de combate à violência contra a juventude.

Como mostra o diagnóstico, os homicídios são hoje a principal causa de morte de jovens de 15 a 29 anos no Brasil e atingem especialmente jovens negros do sexo masculino, moradores das periferias e áreas metropolitanas dos centros urbanos. Dados do SIM/Datasus do Ministério da Saúde mostram que mais da metade dos 52.198 mortos por homicídios em 2011 no Brasil eram jovens (27.471, equivalente a 52,63%), dos quais 71,44% negros (pretos e pardos) e 93,03% do sexo masculino.

Por essa razão, os homicídios de jovens representam uma questão nacional de saúde pública, além de grave violação aos direitos humanos, refletindo-se no sofrimento silencioso e insuperável de milhares de mães, pais, irmãos e comunidades. A violência impede que parte significativa dos jovens brasileiros usufrua dos avanços sociais e econômicos alcançados na última década e revela um inesgotável potencial de talentos perdidos para o desenvolvimento do país.

O problema também revela uma experiência negativa que já marca toda uma geração de jovens brasileiros: pesquisa recente da Secretaria Nacional de Juventude¹ aponta que 51% dos jovens ouvidos, em todos os estados, em cidades de pequeno, médio e grande porte, e em todos os estratos sociais, já perderam uma pessoa próxima de forma violenta.

Como uma primeira resposta ao problema, o governo federal lançou o **Plano Juventude Viva**, uma iniciativa que busca ampliar direitos e prevenir a violência que atinge a juventude brasileira. O Plano constitui-se como oportunidade inédita de **diálogo e articulação** entre ministérios, municípios, estados e sociedade civil no enfrentamento da violência, em especial àquela exercida sobre os jovens negros, e na promoção de sua inclusão social em territórios atingidos pelos mais altos índices de vulnerabilidade.

¹ SECRETARIA NACIONAL DE JUVENTUDE. *Agenda Juventude Brasil: Pesquisa Nacional sobre Perfil e Opinião dos Jovens Brasileiros 2013*. Disponível em: <<http://www.juventude.gov.br/noticias/arquivos/pesquisa-atualizada-16-01.2013>>.

A partir da priorização dos estados com os mais altos índices de homicídio que afetam especialmente jovens negros e pobres, o desenvolvimento do **Plano Juventude Viva** segue estratégia de implementação gradual e progressiva, com o objetivo de atuar de forma coordenada, por meio de pactuação com o poder público e sociedade civil local, nos **142 municípios brasileiros** que concentraram, em 2011, **70% dos homicídios contra jovens negros**.

Uma das formas de prevenir e combater a violência contra os jovens é dar visibilidade e disseminar informações sobre o problema que permitam orientar os esforços das três esferas de governo e da sociedade civil. Esse é essencialmente o objetivo do Juventude Viva ao promover mais uma vez a publicação do Mapa da Violência.

Severine Carmem Macedo

Secretária Nacional de Juventude

INTRODUÇÃO

Desde o primeiro Mapa da Violência², divulgado em 1998 pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), até os últimos, editados em 2013, nossa definição de juventude correspondia ao entendimento das Nações Unidas, que circunscreve o termo à fase do ciclo de vida dos 15 aos 24 anos. Quando iniciamos os trabalhos sobre juventude, na década de 1990, não tínhamos outras indicações ou balizamentos no país. Não existia nenhum tipo de instrumento legal regulamentando essa fase.

Recentemente, vários instrumentos dão início à superação dessa omissão. Em primeiro lugar, a aprovação da Proposta de Emenda Constitucional nº 65, conhecida como PEC da Juventude, em julho de 2010, depois de uma longa tramitação. Essa PEC incorpora o termo *jovem* no capítulo dos Direitos e das Garantias Fundamentais da Constituição Federal, dando existência corpórea a uma entidade praticamente inexistente nas políticas públicas.

A realização da 1ª Conferência Nacional de Juventude, em 2008, e da 2ª Conferência Nacional de Juventude, em 2011, também constituíram momentos importantes nessa trilha.

Por último, e mais significativo, a aprovação em agosto de 2013 da Lei nº 12.852, que institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens. Em seu Art. 1º, parágrafo 1º, estabelece que são considerados jovens as pessoas entre 15 e 29 anos.

Essa sequência positiva de fatos nos fez retificar nosso posicionamento anterior. Se pretendíamos ser coerentes com a postura assumida desde o primeiro Mapa de 1998, ser instrumento e subsídio para a formulação de políticas públicas de juventude, deveríamos reformular nosso entendimento inicial. Existiam problemas, não seria um trabalho fácil. Deveríamos nos dar a tarefa de reconstruir extensas séries históricas elaboradas ao longo de dezesseis anos de produção de mapas da violência. Essas séries abrangem dados desde 1980 até os dias atuais. Ainda assim, julgamos que valia a pena a empreitada, cuja primeira entrega é esta edição atualizada do *Mapa da violência 2013: homicídios e juventude no Brasil*.

Quais as diferenças entre esta edição e a que foi divulgada em 2013?

1. Como indicado antes, as análises definem juventude a faixa etária de 15 a 29 anos.
2. É incorporado nas análises o conceito de *trajetórias* juvenis como fases no longo caminho do jovem rumo à maturidade social.
3. Essas *trajetórias* correspondem, de forma aproximada, aos conceitos de:

² WASELFSZ, J. J. **Mapa da Violência**. Os Jovens do Brasil. Brasília: Ed. Garamond, Unesco, Instituto Ayrton Senna, 1998.

- adolescente-jovem: dos 15 aos 19 anos, em que prepondera o horizonte do estudo e da escolarização;
- jovem-jovem: dos 20 aos 24 anos de idade, em que prepondera a inserção no mercado de trabalho; e
- adulto-jovem: com a preponderância de estruturação de núcleos familiares autônomos.

Fica evidente, pelos dados arrolados no estudo atual e nos anteriores, que governo e sociedade não ficaram nem estão de braços cruzados. Há diferentes iniciativas articulando esforços de diversos níveis e estruturas de governo – federal, estadual e municipal – e da sociedade civil voltadas para o enfrentamento da violência em geral e da violência entre jovens em particular.

Essas iniciativas estagnaram nossos níveis de violência homicida a partir de 2003 e, em várias unidades federadas, diminuíram os índices de forma significativa. São iniciativas que, de forma original em cada caso, aliam componentes repressivos – como a retomada de territórios dominados pela criminalidade, a melhoria da eficiência e a depuração e articulação das estruturas da segurança pública – com ações preventivas, como a campanha do desarmamento, ou as propostas para dar aos jovens alternativas às drogas, à exclusão educacional, cultural e laboral. No entanto, pelos dados disponíveis, essas propostas são ainda insuficientes. Sem duvidar de sua eficiência, dado que ainda não contamos com boas avaliações dessas iniciativas, colocamos em dúvida sua suficiência. São ainda tímidas e limitadas, dada a magnitude dos problemas enfrentados. E esse fator está originando profunda insatisfação em nossa juventude, que se manifesta nos recentes protestos de rua.

Os notórios avanços na contenção da violência homicida em algumas regiões estão sendo contrabalançados por fortes avanços em direção a outras áreas, num movimento rumo às cidades do interior, que o estudo identifica como *interiorização*. Ou também rumo a outros estados que, até poucos anos atrás, eram considerados de baixo ou médio potencial de violência, num processo que denominamos *espalhamento*. Em ambos os casos, a resultante foi um deslocamento dos polos dinâmicos da violência rumo a locais com menor presença do Estado na área de segurança pública.

É inegável que essa situação de equilíbrio instável, com taxas de mortalidade juvenil crescendo cada vez mais nos últimos anos, vai exigir esforços redobrados tanto dos governos quanto da sociedade civil, no sentido de também generalizar e ampliar as políticas de contenção e enfrentamento da violência.

Nesse contexto este estudo pretende cumprir seu papel na construção de um Brasil menos violento para todos e, principalmente, para sua juventude. Ele nos oferece um amplo panorama que permite identificar e localizar as cidades e as regiões brasileiras com maior vulnerabilidade à violência e assim poder focalizar nesses locais as ações necessárias para coibir ou suprimir as causas da violência que ceifa tantas vidas. Conhecer – ou reconhecer – os problemas e sua magnitude é um passo imprescindível para agir no sentido de equacioná-lo. Estamos falando aqui de um dos direitos humanos fundamentais: o direito à vida, sem o qual nenhum dos outros direitos tem o mínimo sentido ou significação.

1. NOTAS TÉCNICAS E CONCEITUAIS

1.1. Notas conceituais

Em estudos anteriores, demonstramos que o contínuo incremento da violência cotidiana configura-se como aspecto representativo e problemático da atual organização da vida social, especialmente nos grandes centros urbanos, manifestando-se nas diversas esferas da vida societal. A questão da violência e sua contrapartida, a segurança cidadã, têm-se convertido em uma das principais preocupações não só no Brasil, mas também nas Américas e no mundo, como alertam diversos documentos de organismos internacionais e pesquisas de opinião pública.

Desde o fim do século passado, assistimos a uma profunda mudança nas formas de manifestação, de percepção e de abordagem de fenômenos que parecem ser características marcantes da nossa época: a violência e a insegurança. Como assevera Wieviorka³ “mudanças tão profundas estão em jogo que é legítimo acentuar as inflexões e as rupturas da violência, mais do que as continuidades”.

Efetivamente, presenciamos um incremento constante dos indicadores objetivos da violência: taxas de homicídios, conflitos étnicos, religiosos, raciais, índices de criminalidade, incluindo nesta categoria o narcotráfico etc.

Nas últimas décadas, também assistimos a um alargamento do entendimento da violência, uma reconceitualização de suas peculiaridades pelos novos significados que o conceito assume, “(...) de modo a incluir e a nomear como violência acontecimentos que passavam anteriormente por práticas costumeiras de regulamentação das relações sociais”⁴, como a violência intrafamiliar contra a mulher ou as crianças, a violência simbólica contra grupos, categorias sociais ou etnias, a violência nas escolas etc.

Ainda que existam dificuldades para definir o que se nomeia como violência, alguns elementos consensuais sobre o tema podem ser delimitados: *i*) a noção de coerção ou força; e *ii*) o dano que se produz em indivíduo ou grupo de indivíduos pertencentes a determinada classe ou categoria social, gênero ou etnia. Concorde-se, neste estudo, com o conceito de que “há violência quando, em uma situação de interação, um ou vários atores agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou a mais pessoas em graus variáveis, seja em sua integridade física, seja em sua integridade moral, em suas posses, ou em suas participações simbólicas e culturais”⁵.

Faltaria ainda apontar o porquê da utilização das mortes por violência como indicador geral de violência na sociedade e, ainda, o sentido atribuído, neste

³ WIEVIORKA, M. O novo paradigma da violência. **Tempo social**: revista de Sociologia da USP, v. 9, n. 1, 1997.

⁴ PORTO, M. S. G. A violência entre a inclusão e a exclusão social. In: CONGRESSO SOCIEDADE BRASILEIRA DE SOCIOLOGIA, 7., Brasília: SBS, 1997.

⁵ MICHAUD, Y. **A violência**. São Paulo: Ática, 1989.

trabalho, ao conceito. Dois grupos de argumentos justificam essa decisão de utilizar os óbitos violentos como indicador geral de violência. Em primeiro lugar, devemos considerar que a violência, da forma anteriormente definida, cobre um espectro significativamente mais amplo de comportamentos do que as mortes por violência.

Nem toda violência cotidiana, nem a maior parte dela, conduz necessariamente à morte de algum dos protagonistas. Porém, a morte representa, *per se*, a violência levada a seu grau extremo. Da mesma maneira que a virulência de uma epidemia é indicada, frequentemente, pela quantidade de mortes que ela origina, também a intensidade nos diversos tipos de violência guarda uma estreita relação com o número de mortes que causa. Em segundo lugar, porque não existem muitas alternativas. O registro de queixas à polícia sobre diversas formas de violência, como ficou evidenciado em nossa pesquisa no Distrito Federal⁶, tem uma abrangência extremamente limitada. Nos casos de violência física, só 6,4% dos jovens denunciaram à polícia; nos casos de assalto e/ou furto, foram somente 4%; nos casos de violência no trânsito, apenas 15%. No campo dos óbitos, contamos com um Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM) que centraliza informações sobre os óbitos em todo o país, e cobre um universo bem abrangente das mortes acontecidas e de suas causas.

Além disso, o significado de ser *jovem* tem sido visto e explicado de formas bem diferentes, não só ao longo do tempo, mas também na atualidade. Trata-se de mera categoria analítica ou representa uma situação vital, uma condição social com características próprias? Ou, como pergunta Spósito⁷ “trata-se de saber se a juventude existe como grupo social relativamente homogêneo, ou se ela é apenas uma palavra”, como também afirmava Bourdieu⁸.

Tratada como categoria analítica, a juventude tem sido definida como um agregado estatístico, o que possibilita incluir em um mesmo conjunto, indivíduos diferentes agrupados pelo fato único de ser de tal ou qual idade. Se o início dessa etapa jovem é mais ou menos consensual – começa quando finalizam as transformações da adolescência, algo entre os 13 e os 15 anos –, o ponto final parece ser bem mais difuso: 18, 24 ou até 29 anos ou mais, segundo o país, a época, o grupo, a cultura, dentre outros fatores. Trata-se, em geral, de encontrar as diferenças de situação ou de condição a partir da ruptura da aparente “homogeneidade” estabelecida pela faixa etária que permitiria englobar uma enorme diversidade em uma categoria única, a juventude.

Em geral, considera-se juventude o período de transição que vai da adolescência à idade adulta. Na adolescência, ocorre uma longa série de mudanças fisiológicas, especialmente as relacionadas ao desenvolvimento das características sexuais secundárias e à maturidade reprodutiva. Na idade adulta, ocorre a autonomia

⁶ WASELFISZ, J. J. **Juventude, violência e cidadania**: os jovens de Brasília. São Paulo: Cortez/Unesco, 1998.

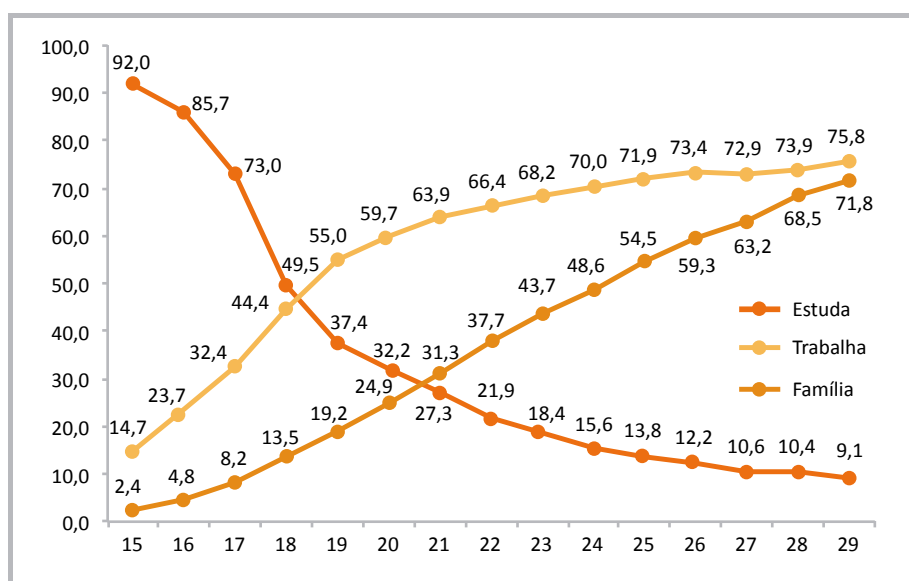
⁷ SPOSITO, M. P. Considerações em torno do conhecimento sobre juventude na área da educação. In: SPOSITO, M. P. (Coord.). **Estado do conhecimento**: juventude e educação. São Paulo: Ação Educativa, 2000.

⁸ BOURDIEU, P. **La jeunesse n'est qu'un mot**. Questions de sociologie. Paris: Minuit, 1980.

dos indivíduos, com a independência familiar e econômica. Em outras palavras, a juventude caracteriza uma etapa na qual os indivíduos, tendo já adquirido pleno potencial biológico para a produção e a reprodução da vida, ainda são considerados socialmente imaturos para desempenhar essas funções⁹.

Pode-se falar até de uma transição para a vida adulta que apresenta na atualidade trajetórias juvenis mais ou menos definidas, mas em constante mutação, como: terminar os estudos, ingressar no mundo do trabalho, o casamento, a formação de um novo lar etc. Esses acontecimentos apareceriam como indicadores da trajetória nesse processo juvenil de aquisição do papel de adulto na sociedade. Em outras palavras, nessa longa fase de “juventude”, que segundo o ordenamento legal do Brasil vai dos 15 aos 29 anos, que tem a ver com o preparo para a produção e reprodução da vida, teríamos caminhos ou trajetórias socialmente definidos¹⁰ centrados em torno ou do estudo, ou do trabalho ou da constituição de família autônoma. No gráfico 1.1¹¹, elaborado a partir dos dados da Pnad de 2011, podemos visualizar empiricamente os “momentos” dessas trajetórias juvenis no Brasil atual.

Gráfico 1.1. Estudo, trabalho e família dos jovens de 15 a 29 anos – Brasil. 2011



Fonte: Pnad 2011/IBGE.

Esses dados da PNAD permitem identificar alguns *recortes* etários nesse longo processo para se tornar adulto, que possibilitam diferenciar necessidades específicas de inserção dessa juventude.

⁹ BRASLAVSKY, C. **La juventud argentina**: informe de situación. Buenos Aires: Centro Editor, 1986.

¹⁰ CAMARANO, Ana Amélia et al. **Caminhos para a vida adulta**: as múltiplas trajetórias dos jovens brasileiros. Rio de Janeiro: Ipea, ago. 2004. (Texto para Discussão, n. 1.038).

¹¹ *Estudo* refere-se à resposta da questão “frequenta escola?” da Pnad; *trabalho*, à questão “trabalha na semana de referência?” e *família* quando é definido na entrevista da Pnad como cabeça de família ou cônjuge.

1. Dos 15 aos 19 anos: preponderância do estudo sobre o trabalho: mais da metade dos jovens estuda e menos da metade trabalha.
2. Dos 20 aos 24: prepondera o mundo do trabalho e a problemática relacionada a esse mundo.
3. Dos 25 a 29 anos: mais da metade dos jovens são cabeças de família ou cônjuges, com suas necessidades específicas.

Devemos considerar também que a consolidação da categoria juventude como etapa específica do ciclo de vida humano, inserida entre a infância e a idade adulta, é fato relativamente recente na história da humanidade, um dos vários subprodutos da modernidade.

Ainda nos séculos XVII e XVIII, as crianças eram vistas como adultos em miniatura. Trajados como gente grande nas famílias nobres ou participando desde cedo no trabalho familiar nas famílias camponesas. A infância, em geral, pré-anunciava e encaminhava, de forma direta, para o mundo adulto¹². Até a reprodução acontecia precocemente, sem transição ou fase de preparo, tal como existe hoje.

Essa construção do conceito de *juventude*, a partir da qual se identifica hoje um amplo setor da população com características próprias, consolida-se com os novos ordenamentos sociais e produtivos de finais do século XIX e, principalmente, do século XX. O fortalecimento e a universalização da instituição escolar tiveram papel fundamental nessa construção. A partir dessa universalização, a escola adquiriu importância fundamental na construção da categoria jovem como fase de preparação para a vida, na qual a instituição escola desempenharia papel central. Assim, a juventude desenvolveu-se no âmago do sistema escolar, que se converteu no principal agente de expansão das potencialidades individuais. Por isso, uma das primeiras imagens representativas da juventude foi a do estudante.

O conceito continuou evoluindo ao longo do século XX, especialmente nas últimas décadas, quando o processo de globalização originou transformações nas relações econômicas e sociais que, impactando o mundo todo, tiveram especial efeito na juventude.

A globalização e universalização das comunicações, da publicidade, da TV a cabo, da Internet e as crescentes trocas a partir da nova conectividade originaram novos ordenamentos e arranjos na vida cultural, social e laboral.

1.2. Notas técnicas e fontes

Em 1979, o Ministério da Saúde (MS) iniciou a divulgação dos dados do Subsistema de Informação sobre Mortalidade (SIM) cujas bases foram utilizadas como fonte principal para a elaboração deste estudo.

Pela legislação vigente no Brasil – Lei nº 15, de 31/12/1973, com as alterações introduzidas pela Lei nº 6.216, de 30/06/1975 –, nenhum sepultamento pode ser feito

¹² SANTOS, J. V. T dos. **Os colonos do vinho**. São Paulo: Hucitec, 1978. ,verifica, estudando a colônia gaúcha do vinho, as crianças aprendendo os trabalhos adultos brincando com pás ou enxadas.

sem a certidão de óbito correspondente. Essa certidão deve ser expedida por Cartório de Registro Civil à vista de declaração ou atestado médico ou, na falta de médico na localidade, por duas pessoas qualificadas que tenham presenciado ou constatado a morte. Essas declarações são coletadas posteriormente pelas Secretarias Estaduais de Saúde, que as compatibiliza e depura, para enviar posteriormente ao MS.

A declaração, normalmente, fornece dados relativos à idade, ao sexo, ao estado civil, à profissão, à naturalidade e ao local de residência da vítima. A legislação determina igualmente que o registro do óbito seja sempre feito “no lugar do falecimento”, isto é, no local da ocorrência do fato. Visando ao interesse de isolar áreas ou locais de “produção” de violência, utilizou-se neste trabalho este último dado, o do local de ocorrência, para a localização espacial dos óbitos. Isso, porém, não deixa de gerar problemas que, no formato atual da certidão de registro, são inevitáveis. São situações em que o *incidente* causante do óbito aconteceu em local diferente do lugar de falecimento. Ou seja, feridos em *incidentes* que são levados para hospitais de outros municípios ou até de outros estados, aparecem contabilizados no *local do falecimento*.

Outra informação relevante para o nosso estudo, exigida pela legislação, é a causa da morte. Todos os países do mundo, incluindo o Brasil, utilizam o sistema classificatório de morbidade e mortalidade desenvolvido pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Até 1995, tais causas eram classificadas seguindo os capítulos da nona revisão da Classificação Internacional de Doenças (CID-9). A partir daquela data, o MS adotou a décima revisão (CID-10).

Os aspectos de interesse para este estudo estão contidos no que o CID-10, em seu Capítulo XX, classifica como “causas externas de morbidade e mortalidade”. Diferentemente das chamadas causas naturais, indicativas de deterioração do organismo ou da saúde devido à doenças e/ou ao envelhecimento, as causas externas remetem a fatores independentes do organismo humano, fatores que provocam lesões ou agravos à saúde que levam à morte do indivíduo.

Quando um óbito ocorre devido a causas externas ou violentas, também é necessário um *laudo cadavérico*, geralmente, expedido pelo Instituto Médico Legal (IML).

Desse modo, para a codificação dos óbitos, foi utilizada a causa básica, entendida como o tipo de fato, violência ou acidente causante da lesão que levou à morte. Dentre as causas de óbito estabelecidas pelo CID-10, agrupamos vários capítulos sob a denominação de *causas violentas*, de interesse central para este estudo:

- **Acidentes de transporte:** indicador da violência cotidiana nas vias públicas, correspondem às categorias V01 a V99 do CID-10. Incorporam, além dos comumente denominados *acidentes de trânsito*, outros acidentes derivados das atividades de transporte, como aéreo, por água etc.
- **Homicídios:** indicador por excelência de formas conflitivas de relacionamento interpessoal que acaba com a morte de algum dos antagonistas. Corresponde ao somatório das categorias X85 a Y09, recebendo o título genérico de agressões. Corresponde a uma agressão intencional de terceiros, que utilizam qualquer meio para provocar danos, lesões que levam à morte da vítima.

- **Suicídios:** indicador de violência dirigida contra si próprio e corresponde às categorias X60 a X84, todas sob o título lesões autoprovocadas intencionalmente.

Não se pode negar que as informações do sistema de registro de óbitos ainda estão sujeitas a uma série de limitações e críticas, expostas pelo próprio SIM¹³, e também por outros autores que trabalharam com o tema (Mello¹⁴; Ramos de Souza et al.¹⁵).

A primeira grande limitação, assumida pelo próprio SIM, é o sub-registro.

Deve-se à ocorrência de inúmeros sepultamentos sem o competente registro, determinando uma redução do número de óbitos declarados devido, fundamentalmente, à cobertura deficitária do sistema, sobretudo nas regiões Norte e Nordeste, fazendo com que a fidedignidade das informações diminua com a distância dos centros urbanos e com o tamanho e a disponibilidade dos municípios. Mas nos últimos anos houve grandes avanços do Sistema nesse sentido. O MS¹⁶ estimava que, em 1992, o sistema registrava apenas algo em torno de 80% dos óbitos acontecidos no país. Análises mais recentes¹⁷ indicam que “No Brasil há um consistente avanço da cobertura desde a última década, atingindo 96,1% em 2011”. A cobertura é próxima de 100% em quase todas as Unidades Federativas (UFs) das regiões Sudeste, Sul e Centro-Oeste. Os estados que ficaram abaixo da média nacional foram MT (95,8%) e DF (94,8%). Nas regiões Norte e Nordeste, quatro UFs (AC, AM, PA, e SE) apresentaram cobertura acima de 90%, oito, entre 80% e 90%.

Não só a quantidade, mas também a qualidade dos dados têm sofrido reparos: mortes sem assistência médica, o que impede a correta identificação das causas e/ou lesões; deficiências no preenchimento adequado da certidão, etc. Apesar dessas limitações do sistema, existe amplo consenso em indicar, por um lado, a sua enorme importância e, por outro, a necessidade de seu aprimoramento.

Para as comparações internacionais, foram utilizadas as bases de dados de mortalidade da OMS¹⁸ cuja metodologia se baseou no nosso SIM/MS. Tal fato permite que ambas as séries de dados sejam totalmente compatíveis, possibilitando comparações internacionais em larga escala. A partir dessas bases, foi possível completar os dados de mortalidade de 95 países que utilizam o CID-10. Mas, como os países demoram a atualizar os dados na

¹³ BRASIL. Ministério da Saúde (MS). Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM). Departamento de Informática do SUS (DATASUS). **O sistema de informações sobre mortalidade**. [S.l.], 1995.

¹⁴ MELLO, J. Como morrem nossos jovens. In: CADASTRO NACIONAL DE PESSOAS DESAPARECIDAS (CNPD). **Jovens acontecendo na trilha das políticas públicas**. Brasília, 1998.

¹⁵ RAMOS de Souza et al. Qualidade da informação sobre violência: um caminho para a construção da cidadania. **Informare – Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Informação**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, jan./ jun. 1996.

¹⁶ BRASIL. Ministério da Saúde (MS). Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM). Departamento de Informática do SUS (Datusus). **O sistema de informações sobre mortalidade**. [S.l.], 1995.

¹⁷ BRASIL. Ministério da Saúde (MS). Coordenação-Geral de Informações e Análises Epidemiológicas (CGIAE). Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM). **Consolidação da base de dados de 2011**. Brasília, 2013.

¹⁸ **The WHO Statistical Information System (Whosis)**. World Mortality Databases.

OMS, não foi possível emparelhar todos os países para o mesmo ano. Assim, utilizaram-se os últimos dados disponibilizados pela OMS que, segundo o país, variam de 2007 a 2011.

Para o cálculo das taxas de mortalidade do Brasil, foram utilizadas as estimativas intercensitárias disponibilizadas pelo Departamento de Informática do SUS (Datasus), baseadas em projeções do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), com as seguintes especificações:

- 1980, 1991, 2000 e 2010: IBGE – censos demográficos.
- 1996: IBGE – contagem populacional.
- 1981-1990, 1992-1999, 2001-2006: IBGE – estimativas preliminares para os anos intercensitários dos totais populacionais, estratificadas por idade e sexo pelo MS/SE/Datasus.
- 2007-2009: IBGE – estimativas elaboradas no âmbito do Projeto UNFPA/IBGE (BRA/4/P31A) – população e desenvolvimento. Coordenação de população e indicadores sociais.
- 2011: IBGE – estimativas populacionais enviadas para o Tribunal de Contas da União (TCU), estratificadas por idade e sexo pelo MS/SGEP/Datasus.
- Apesar disso, essas estimativas intercensitárias oficiais não estão desprovidas de certa margem de erro, que podem afetar as taxas calculadas, embora não seja muito significativo.

Para o cálculo das taxas de mortalidade dos diversos países do mundo, foram utilizadas as bases de dados populacionais fornecidas pelo **WHO Statistical Information System** (Whosis). Contudo, perante a existência de grandes lacunas, para os dados faltantes, foi utilizada a Base Internacional de Dados do US Census Bureau¹⁹.

Devemos também ressaltar a peculiar situação do Distrito Federal, cuja organização administrativa específica determina que os parâmetros da UF coincidam com os de Brasília como capital. Em muitos casos, quando tratada como UF, apresenta valores relativamente altos, devido à sua peculiar forma de organização.

Faz-se necessário ainda um esclarecimento referente à raça e/ou cor das vítimas. Em 1996, o SIM começa a tabular essa informação nas declarações de óbito, com adoção, nesse ano, da CID-10 da OMS. Mas nos primeiros anos a subnotificação nesse campo foi muito elevada. Na virada de século esse dado alcança um patamar mínimo de confiabilidade, mas ainda com problemas: os dados melhoram ano a ano, de não ser dado um tratamento específico, podem ser confundido com efeitos reais. Isto é, aumento de registro confundido com agravamento do problema.

¹⁹ Para mais informações, verificar em: <<http://www.census.gov/ipc/www/idb/summaries.html>>.

2. MARCOS DA MORTALIDADE JUVENIL

Segundo recentes estimativas, em 2011, o Brasil contava com um contingente de 51,8 milhões de jovens na faixa dos 15 aos 29 anos, quantitativo que representa 26,9% do total dos 192,3 milhões de habitantes projetados para o país nesse ano.

Essa participação juvenil já foi maior. Em 1980, existia menor número de jovens: 34,5 milhões, mas, no total, dos 119,0 milhões de habitantes da época, eles representavam 29,0%. Diversos processos, ligados fundamentalmente à urbanização e à modernização da sociedade brasileira, originariam quedas progressivas nas taxas de fertilidade, o que derivou no estreitamento na base da pirâmide populacional, com o consequente alongamento das faixas de maior idade.

O ritmo de crescimento em número absoluto de jovens – de 34,5 milhões em 1980 para 51,8 milhões em 2011 – começou a declinar progressivamente já em meados da última década, em função das referidas mudanças nas curvas demográficas do país.

Neste capítulo, tentaremos estabelecer o contexto e as características da mortalidade dessa juventude, contrapondo esses índices com os das demais faixas etárias.

Veremos ao longo deste capítulo que os índices de mortalidade da população brasileira caíram de 631, por 100 mil habitantes, em 1980, para 608, em 2011, fato bem evidente na melhoria da esperança de vida da população. Esse é um dos indicadores cuja progressiva melhora possibilitou significativos avanços no Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do país nos últimos anos. Apesar dos ganhos globais, a taxa de mortalidade juvenil manteve-se estagnada ao longo do período, em 146 mortes por 100 mil jovens. O diferencial nos ritmos de evolução da mortalidade já está a indicar a existência de processos diversos, dignos de aprofundamento.

As características não permaneceram congeladas ao longo do tempo, mudaram radicalmente sua configuração a partir do que poderíamos denominar de *novos padrões da mortalidade juvenil*.

Estudos históricos realizados em São Paulo e no Rio de Janeiro (Vermelho e Mello Jorge²⁰) mostram que as epidemias e doenças infecciosas, que eram as principais causas de morte entre os jovens cinco ou seis décadas atrás, foram sendo progressivamente substituídas pelas denominadas *causas externas*, principalmente, pelos acidentes de trânsito e homicídios. Os dados do SIM permitem verificar essa significativa mudança.

²⁰VERMELHO, L. L.; MELLO JORGE, M. H. P. Mortalidade de jovens: análise do período de 1930 a 1991 (a transição epidemiológica para a violência). *Revista de Saúde Pública*, v. 30, n. 4, 1996. Citado por: MELLO JORGE, M. H. P. Como morrem nossos jovens. In: **CADASTRO NACIONAL DE PESSOAS DESAPARECIDAS (CNPD). Jovens acontecendo na trilha das políticas públicas**. Brasília, 1998.

Em 1980, as *causas externas* já eram responsáveis pela metade exata – 50,0% – do total de mortes dos jovens no Brasil. Em 2011, dos 75.455 óbitos juvenis registrados pelo SIM, 52.427 tiveram sua origem nas *causas externas*, fazendo esse percentual se elevar de forma drástica: em 2011, acima de 2/3 de nossos jovens – 69,5% – morreram por *causas externas*.

Como veremos ao longo deste trabalho, os maiores responsáveis por essa grande letalidade e por ceifar a vida de nossa juventude são os homicídios e os acidentes de trânsito.

2.1. Ciclo de vida e mortalidade violenta

Como indicamos no capítulo 1, desde o primeiro Mapa, divulgado em 1998, consideramos como mortalidade violenta o somatório de homicídios, suicídios e acidentes de transporte. Precisamente por sua elevada incidência na juventude e por produto de um conjunto de situações sociais e estruturais. Desagregando sua incidência ao longo da vida, podemos melhor visualizar esse fato. Na tabela e no gráfico 2.1, realizamos esse desmembramento para os dados de 2011. A partir deles, podemos observar:

- O brutal incremento dos homicídios a partir dos 14 anos: as taxas pulam de 9,2 homicídios por 100 mil para 69,3 na idade de 21 anos. A partir dessa idade, tem um progressivo declínio. São taxas de homicídio, nessa faixa jovem, que nem países em conflito armado conseguem alcançar (ver item 2.3).
- Nos acidentes de transporte, a vitimização prioritária também acontece na faixa jovem e idoso. Como tivemos oportunidade de comprovar em um recente mapa²¹ no caso dos jovens, esse fato explica-se pela crescente e elevada mortalidade de motociclistas, veículo mais utilizado por jovens. No caso dos idosos, deve-se fundamentalmente à elevada vulnerabilidade de pedestres com mais de 65 anos.

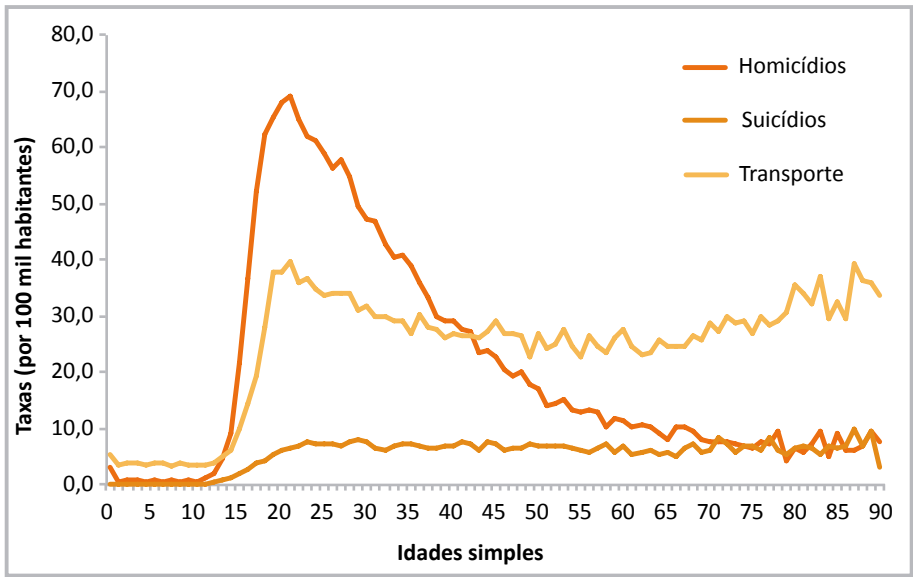
²¹ WAISELFISZ, J. J. **Mapa da violência 2013**. Acidentes de trânsito e motocicletas. Rio de Janeiro: Cebela-FLACSO, 2013.

Tabela 2.1. Mortalidade violenta por idades simples – Brasil, 2011

| | Taxas | | | | | Taxas | | | | | Taxas | | | | | Taxas | | | |
|----|-----------|----------|------------|-----------|----|-----------|----------|------------|-----------|----|-----------|----------|------------|-----------|----|-----------|----------|------------|-----------|
| | Homicídio | Suicídio | Transporte | Violentas | | Homicídio | Suicídio | Transporte | Violentas | | Homicídio | Suicídio | Transporte | Violentas | | Homicídio | Suicídio | Transporte | Violentas |
| 0 | 3,1 | 0,0 | 5,3 | 8,4 | 23 | 62,2 | 7,8 | 36,5 | 106,5 | 46 | 20,5 | 6,3 | 26,9 | 53,7 | 69 | 7,9 | 5,8 | 25,7 | 39,3 |
| 1 | 0,7 | 0,0 | 3,6 | 4,3 | 24 | 61,4 | 7,3 | 34,7 | 103,3 | 47 | 19,5 | 6,6 | 26,9 | 53,1 | 70 | 7,6 | 6,1 | 28,9 | 42,6 |
| 2 | 1,0 | 0,0 | 3,9 | 4,8 | 25 | 59,1 | 7,1 | 33,8 | 100,0 | 48 | 20,2 | 6,4 | 26,5 | 53,2 | 71 | 7,8 | 8,5 | 27,2 | 43,5 |
| 3 | 0,7 | 0,0 | 4,0 | 4,8 | 26 | 56,4 | 7,3 | 34,1 | 97,8 | 49 | 17,8 | 7,5 | 22,9 | 48,2 | 72 | 7,8 | 7,3 | 30,0 | 45,1 |
| 4 | 0,7 | 0,0 | 3,5 | 4,2 | 27 | 57,9 | 6,8 | 34,1 | 98,8 | 50 | 17,3 | 6,9 | 26,8 | 51,0 | 73 | 7,3 | 5,8 | 28,8 | 41,9 |
| 5 | 0,8 | 0,0 | 3,8 | 4,5 | 28 | 54,7 | 7,8 | 34,1 | 96,6 | 51 | 14,0 | 6,8 | 24,3 | 45,1 | 74 | 7,0 | 7,1 | 29,0 | 43,1 |
| 6 | 0,5 | 0,0 | 3,8 | 4,4 | 29 | 49,5 | 7,9 | 31,2 | 88,6 | 52 | 14,5 | 6,9 | 25,2 | 46,6 | 75 | 6,5 | 6,9 | 27,0 | 40,4 |
| 7 | 0,8 | 0,1 | 3,3 | 4,2 | 30 | 47,3 | 7,5 | 31,6 | 86,5 | 53 | 15,2 | 7,0 | 27,7 | 49,8 | 76 | 7,8 | 6,2 | 29,9 | 44,0 |
| 8 | 0,6 | 0,0 | 3,9 | 4,6 | 31 | 47,1 | 6,6 | 29,8 | 83,6 | 54 | 13,2 | 6,6 | 24,7 | 44,5 | 77 | 7,3 | 8,3 | 28,4 | 44,0 |
| 9 | 0,8 | 0,0 | 3,4 | 4,2 | 32 | 42,7 | 6,1 | 30,1 | 78,9 | 55 | 13,1 | 6,3 | 22,7 | 42,1 | 78 | 9,6 | 6,2 | 29,1 | 45,0 |
| 10 | 0,4 | 0,1 | 3,6 | 4,1 | 33 | 40,4 | 7,0 | 29,2 | 76,6 | 56 | 13,5 | 5,9 | 26,4 | 45,8 | 79 | 4,5 | 5,5 | 30,8 | 40,8 |
| 11 | 1,4 | 0,2 | 3,5 | 5,1 | 34 | 41,0 | 7,3 | 29,1 | 77,4 | 57 | 13,1 | 6,5 | 24,7 | 44,2 | 80 | 6,7 | 6,4 | 35,7 | 48,7 |
| 12 | 2,2 | 0,5 | 4,0 | 6,6 | 35 | 39,0 | 7,3 | 26,7 | 73,0 | 58 | 10,4 | 7,3 | 23,5 | 41,1 | 81 | 5,7 | 7,1 | 34,0 | 46,8 |
| 13 | 4,8 | 1,0 | 5,2 | 10,9 | 36 | 36,1 | 7,1 | 30,4 | 73,5 | 59 | 11,8 | 5,6 | 26,0 | 43,5 | 82 | 7,2 | 6,7 | 32,3 | 46,1 |
| 14 | 9,2 | 1,3 | 6,2 | 16,7 | 37 | 33,4 | 6,4 | 28,0 | 67,8 | 60 | 11,6 | 6,8 | 27,8 | 46,1 | 83 | 9,7 | 5,4 | 37,2 | 52,3 |
| 15 | 21,5 | 2,2 | 9,8 | 33,5 | 38 | 29,9 | 6,7 | 27,8 | 64,4 | 61 | 10,5 | 5,4 | 24,8 | 40,7 | 84 | 5,1 | 6,9 | 29,5 | 41,5 |
| 16 | 36,6 | 2,6 | 14,6 | 53,8 | 39 | 29,3 | 7,0 | 26,0 | 62,2 | 62 | 10,7 | 5,9 | 23,0 | 39,7 | 85 | 9,2 | 6,7 | 32,4 | 48,3 |
| 17 | 52,1 | 3,9 | 19,3 | 75,4 | 40 | 29,4 | 6,8 | 26,9 | 63,0 | 63 | 10,4 | 6,2 | 23,6 | 40,3 | 86 | 6,3 | 6,8 | 29,4 | 42,5 |
| 18 | 62,6 | 4,5 | 28,0 | 95,0 | 41 | 27,6 | 7,6 | 26,4 | 61,6 | 64 | 9,0 | 5,4 | 25,8 | 40,2 | 87 | 6,2 | 9,9 | 39,5 | 55,5 |
| 19 | 65,4 | 5,5 | 38,0 | 108,9 | 42 | 27,1 | 7,1 | 26,5 | 60,8 | 65 | 8,1 | 5,7 | 24,6 | 38,4 | 88 | 7,0 | 7,0 | 36,4 | 50,3 |
| 20 | 68,2 | 6,1 | 37,9 | 112,2 | 43 | 23,6 | 6,3 | 26,3 | 56,2 | 66 | 10,3 | 5,2 | 24,7 | 40,3 | 89 | 9,4 | 9,4 | 36,0 | 54,9 |
| 21 | 69,3 | 6,6 | 39,6 | 115,5 | 44 | 23,9 | 7,6 | 27,4 | 58,9 | 67 | 10,2 | 6,5 | 24,7 | 41,3 | 90 | 7,6 | 3,3 | 33,6 | 44,5 |
| 22 | 65,0 | 7,1 | 35,9 | 108,0 | 45 | 22,7 | 7,2 | 29,1 | 59,0 | 68 | 9,5 | 7,3 | 26,5 | 43,3 | | | | | |

Fonte: SIM/SVS/MS.

Gráfico 2.1. Taxas de mortalidade violenta por idades simples – Brasil. 2011



Fonte: SIM/SVS/MS.

- Surpreende a elevação significativa das taxas de suicídios a partir dos 17 ou 18 anos, com taxas bem acima da média nacional, em torno de cinco suicídios para cada 100 mil habitantes.
- Em conjunto, a partir dos 19 anos, e até os 25 anos, as taxas de mortalidade violenta ultrapassam os 100 óbitos por 100 mil.

2.2. Evolução da mortalidade violenta: 1980/2011

A evolução histórica da mortalidade violenta no Brasil impressiona pelos quantitativos implicados. Vemos na tabela 2.2.1 que, segundo os registros do SIM, entre 1980 e 2011, morreram no Brasil:

- 1.145.908 pessoas vítimas de homicídio;
- 995.284 vítimas de acidentes de transporte;
- 205.890 suicidaram-se;
- As três causas somadas totalizam 2.347.082 vítimas.

Alguns aspectos nessa evolução devem ser ainda destacados por sua relevância para nosso estudo:

1. Se as taxas de mortalidade para o conjunto da população caem 3,5% nesse período, as mortes por causas externas aumentam 28,5%.
2. Quem provoca os aumentos das causas externas são, fundamentalmente, os homicídios, que crescem 132,1%, em segundo lugar, os suicídios, que crescem 56,4%. Mas também os óbitos em acidentes de transporte aumentam 28,5%.

Tabela 2.2.1. Estrutura da mortalidade: número e taxas de óbito (por 100 mil) segundo a causa, na população total – Brasil. 1980/2011

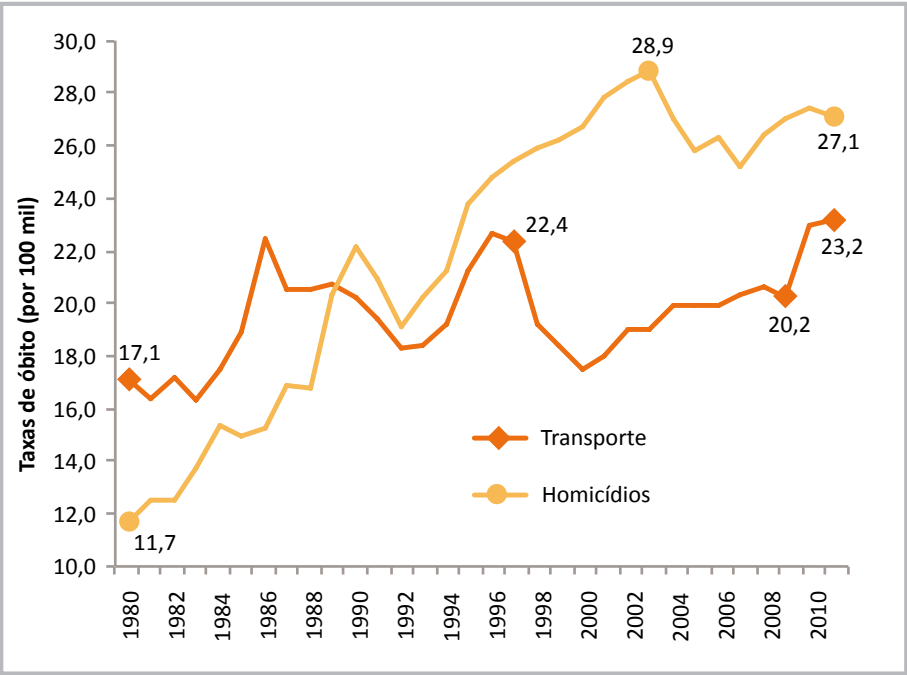
| Ano | Número | | | | | | Taxas (por mil habitantes) | | | | | |
|---------------|-----------------|-----------------|----------------|---------------|----------------|-----------------------|----------------------------|-----------------|------------|-----------|------------|-----------------------|
| | Total de Óbitos | Causas Externas | Transporte (1) | Suicídios (2) | Homicídios (3) | Violentas (1 + 2 + 3) | Total de Óbitos | Causas Externas | Transporte | Suicídios | Homicídios | Violentas (1 + 2 + 3) |
| 1980 | 750.727 | 70.212 | 20.365 | 3.896 | 13.910 | 38.171 | 630,8 | 59,0 | 17,1 | 3,3 | 11,7 | 32,1 |
| 1981 | 750.276 | 71.833 | 19.816 | 4.061 | 15.213 | 39.090 | 619,3 | 59,3 | 16,4 | 3,4 | 12,6 | 32,3 |
| 1982 | 741.614 | 73.460 | 21.262 | 3.917 | 15.550 | 40.729 | 599,2 | 59,3 | 17,2 | 3,2 | 12,6 | 32,9 |
| 1983 | 771.203 | 78.008 | 20.636 | 4.586 | 17.408 | 42.630 | 610,1 | 61,7 | 16,3 | 3,6 | 13,8 | 33,7 |
| 1984 | 809.825 | 82.386 | 22.564 | 4.433 | 19.767 | 46.764 | 627,6 | 63,9 | 17,5 | 3,4 | 15,3 | 36,2 |
| 1985 | 788.231 | 85.845 | 24.937 | 4.255 | 19.747 | 48.939 | 598,8 | 65,2 | 18,9 | 3,2 | 15,0 | 37,2 |
| 1986 | 811.556 | 95.968 | 30.172 | 4.312 | 20.481 | 54.965 | 604,6 | 71,5 | 22,5 | 3,2 | 15,3 | 40,9 |
| 1987 | 799.621 | 94.421 | 28.135 | 4.701 | 23.087 | 55.923 | 584,6 | 69,0 | 20,6 | 3,4 | 16,9 | 40,9 |
| 1988 | 834.338 | 96.174 | 28.559 | 4.492 | 23.357 | 56.408 | 599,0 | 69,1 | 20,5 | 3,2 | 16,8 | 40,5 |
| 1989 | 815.774 | 102.252 | 29.423 | 4.491 | 28.757 | 62.671 | 575,6 | 72,2 | 20,8 | 3,2 | 20,3 | 44,2 |
| 1990 | 817.284 | 100.656 | 29.089 | 4.845 | 31.989 | 65.923 | 567,2 | 69,9 | 20,2 | 3,4 | 22,2 | 45,8 |
| 1991 | 803.836 | 102.023 | 28.455 | 5.186 | 30.750 | 64.391 | 547,5 | 69,5 | 19,4 | 3,5 | 20,9 | 43,9 |
| 1992 | 827.652 | 99.130 | 27.212 | 5.268 | 28.435 | 60.915 | 556,7 | 66,7 | 18,3 | 3,5 | 19,1 | 41,0 |
| 1993 | 878.106 | 103.751 | 27.852 | 5.555 | 30.610 | 64.017 | 579,4 | 68,5 | 18,4 | 3,7 | 20,2 | 42,2 |
| 1994 | 887.594 | 107.292 | 29.529 | 5.932 | 32.603 | 68.064 | 577,4 | 69,8 | 19,2 | 3,9 | 21,2 | 44,3 |
| 1995 | 893.877 | 114.888 | 33.155 | 6.594 | 37.129 | 76.878 | 573,7 | 73,7 | 21,3 | 4,2 | 23,8 | 49,3 |
| 1996 | 908.883 | 119.156 | 35.545 | 6.743 | 38.894 | 81.182 | 578,6 | 75,9 | 22,6 | 4,3 | 24,8 | 51,7 |
| 1997 | 903.516 | 119.550 | 35.756 | 6.923 | 40.507 | 83.186 | 566,0 | 74,9 | 22,4 | 4,3 | 25,4 | 52,1 |
| 1998 | 931.895 | 117.690 | 31.026 | 6.989 | 41.950 | 79.965 | 576,0 | 72,7 | 19,2 | 4,3 | 25,9 | 49,4 |
| 1999 | 938.658 | 116.894 | 30.118 | 6.530 | 42.914 | 79.562 | 572,5 | 71,3 | 18,4 | 4,0 | 26,2 | 48,5 |
| 2000 | 946.686 | 118.397 | 29.645 | 6.780 | 45.360 | 81.785 | 557,5 | 69,7 | 17,5 | 4,0 | 26,7 | 48,2 |
| 2001 | 961.492 | 120.954 | 31.031 | 7.738 | 47.943 | 86.712 | 557,8 | 70,2 | 18,0 | 4,5 | 27,8 | 50,3 |
| 2002 | 982.807 | 126.550 | 33.288 | 7.726 | 49.695 | 90.709 | 562,8 | 72,5 | 19,1 | 4,4 | 28,5 | 51,9 |
| 2003 | 1.002.340 | 126.657 | 33.620 | 7.861 | 51.043 | 92.524 | 566,7 | 71,6 | 19,0 | 4,4 | 28,9 | 52,3 |
| 2004 | 1.024.073 | 127.470 | 35.674 | 8.017 | 48.374 | 92.065 | 571,8 | 71,2 | 19,9 | 4,5 | 27,0 | 51,4 |
| 2005 | 1.006.827 | 127.633 | 36.611 | 8.550 | 47.578 | 92.739 | 546,6 | 69,3 | 19,9 | 4,6 | 25,8 | 50,4 |
| 2006 | 1.031.691 | 128.388 | 37.249 | 8.639 | 49.145 | 95.033 | 552,4 | 68,7 | 19,9 | 4,6 | 26,3 | 50,9 |
| 2007 | 1.047.824 | 131.032 | 38.419 | 8.868 | 47.707 | 94.994 | 553,4 | 69,2 | 20,3 | 4,7 | 25,2 | 50,2 |
| 2008 | 1.077.007 | 135.936 | 39.211 | 9.328 | 50.113 | 98.652 | 568,0 | 71,7 | 20,7 | 4,9 | 26,4 | 52,0 |
| 2009 | 1.103.088 | 138.697 | 38.469 | 9.374 | 51.434 | 99.277 | 580,0 | 72,9 | 20,2 | 4,9 | 27,0 | 52,2 |
| 2010 | 1.136.947 | 143.256 | 43.908 | 9.448 | 52.260 | 105.616 | 596,0 | 75,1 | 23,0 | 5,0 | 27,4 | 55,4 |
| 2011 | 1.170.498 | 145.842 | 44.553 | 9.852 | 52.198 | 106.603 | 608,4 | 75,8 | 23,2 | 5,1 | 27,1 | 55,4 |
| Total | 29.155.746 | 3.522.401 | 995.284 | 205.890 | 1.145.908 | 2.347.082 | | | | | | |
| Crescimento % | | | | | | | | | | | | |
| 1980/1990 | 8,9 | 43,4 | 42,8 | 24,4 | 130,0 | 72,7 | -10,1 | 18,4 | 18,0 | 2,7 | 89,9 | 42,6 |
| 1990/2000 | 15,8 | 17,6 | 1,9 | 39,9 | 41,8 | 24,1 | -1,7 | -0,2 | -13,5 | 18,8 | 20,3 | 5,3 |
| 2000/2011 | 23,6 | 23,2 | 50,3 | 45,3 | 15,1 | 30,3 | 9,1 | 8,7 | 32,6 | 28,3 | 1,6 | 15,0 |
| 1980/2011 | 55,9 | 107,7 | 118,8 | 152,9 | 275,3 | 179,3 | -3,5 | 28,5 | 35,3 | 56,4 | 132,1 | 72,8 |

Fonte: SIM/SVS/MS.

3. Os acidentes de transporte, com acentuada queda na década de 1990 pela entrada em vigor do Estatuto do Trânsito de 1997, retoma sua tendência de alta em 2000, com um aumento de 32,6% entre 2000 e 2011. Podemos observar um significativo aumento nos últimos anos – de 2009 a 2011, quando as taxas passam de 20,2 para 23,2 mortes por 100 mil habitantes.

- Os suicídios no Brasil vêm aumentando de forma progressiva e constante: a década de 1980 praticamente não teve crescimento (2,7%); na década de 1990, o crescimento foi de 18,8% e daí, até 2011, de 28,3%.
- Durante toda a década de 1980 as mortes em acidentes de transporte foram sempre maiores que os homicídios e, em alguns anos, significativamente maiores: em 1980, as mortes no trânsito foram 46,4% maiores que os homicídios, diferencial que em 1996 elevou-se para 47,3%. A partir de 1990, o diferencial de crescimento entre ambas faz com que os homicídios ultrapassem aceleradamente os óbitos em acidentes de transporte. Assim, em 2000, esse diferencial passa para 52,7% favorável aos homicídios. Essa evolução pode ser visualizada no gráfico 2.2.1.
- No contexto internacional, essa situação não é comum. Já colocávamos em mapas anteriores²²: “países onde as taxas de homicídio são superiores às taxas de morte por acidentes de transporte, como no Brasil, constituem uma notada exceção, e não uma regra. Efetivamente, dos 67 países analisados, só em nove (13% do total) acontece maior número proporcional de homicídios.”

Gráfico 2.2.1. Evolução das taxas de homicídio e de mortes em acidentes de transporte – Brasil. 1980/2011



Fonte: SIM/SVS/MS.

²² WAISELFSZ J. J. **Mapa da Violência IV. Os Jovens do Brasil.** Unesco, Instituto Ayrton Senna, Secretaria Especial de Direitos Humanos. Brasília, 2004.

7. Os homicídios apresentaram um forte crescimento desde o início da série, em 1980, quando a taxa foi de 11,7 homicídios por 100 mil habitantes, até 2003, quando a taxa chega a 28,9 com uma gradiente de 4% de crescimento anual. A partir de 2003, resultante das campanhas de desarmamento e de políticas pontuais em algumas UF's de grande peso demográfico, as taxas de homicídio tendem a cair até 2007, ponto de reinício da escalada de violência.

| Tabela 2.2.2. Estrutura da mortalidade: número de óbitos segundo causa, população jovem e não jovem – Brasil. 1980/2011 | | | | | | | | | | | | |
|---|---------------------|-----------------|----------------|---------------|----------------|-----------------------|-----------------|-----------------|------------|-----------|------------|-----------------------|
| Ano | População Não Jovem | | | | | | População Jovem | | | | | |
| | Total Óbitos | Causas Externas | Transporte (1) | Suicídios (2) | Homicídios (3) | Violentas (1 + 2 + 3) | Total Óbitos | Causas Externas | Transporte | Suicídios | Homicídios | Violentas (1 + 2 + 3) |
| 1980 | 700.084 | 44.914 | 13.851 | 2.373 | 7.151 | 23.375 | 50.643 | 25.298 | 6.514 | 1.523 | 6.759 | 14.796 |
| 1981 | 698.866 | 45.587 | 13.395 | 2.319 | 7.835 | 23.549 | 51.410 | 26.246 | 6.421 | 1.742 | 7.378 | 15.541 |
| 1982 | 690.512 | 46.891 | 14.235 | 2.353 | 8.286 | 24.874 | 51.102 | 26.569 | 7.027 | 1.564 | 7.264 | 15.855 |
| 1983 | 717.349 | 49.285 | 13.769 | 2.833 | 9.135 | 25.737 | 53.854 | 28.723 | 6.867 | 1.753 | 8.273 | 16.893 |
| 1984 | 752.885 | 51.297 | 14.953 | 2.834 | 10.030 | 27.817 | 56.940 | 31.089 | 7.611 | 1.599 | 9.737 | 18.947 |
| 1985 | 731.198 | 53.678 | 16.720 | 2.756 | 9.678 | 29.154 | 57.033 | 32.167 | 8.217 | 1.499 | 10.069 | 19.785 |
| 1986 | 749.870 | 60.059 | 20.085 | 2.743 | 9.955 | 32.783 | 61.686 | 35.909 | 10.087 | 1.569 | 10.526 | 22.182 |
| 1987 | 739.209 | 59.105 | 18.898 | 3.090 | 11.308 | 33.296 | 60.412 | 35.316 | 9.237 | 1.611 | 11.779 | 22.627 |
| 1988 | 773.159 | 60.446 | 19.302 | 2.941 | 11.583 | 33.826 | 61.179 | 35.728 | 9.257 | 1.551 | 11.774 | 22.582 |
| 1989 | 750.562 | 62.404 | 19.788 | 2.932 | 13.711 | 36.431 | 65.212 | 39.848 | 9.635 | 1.559 | 15.046 | 26.240 |
| 1990 | 753.083 | 61.917 | 19.784 | 3.181 | 15.259 | 38.224 | 64.201 | 38.739 | 9.305 | 1.664 | 16.730 | 27.699 |
| 1991 | 739.906 | 63.551 | 19.105 | 3.456 | 15.128 | 37.689 | 63.930 | 38.472 | 9.350 | 1.730 | 15.622 | 26.702 |
| 1992 | 765.146 | 62.773 | 18.404 | 3.489 | 14.334 | 36.227 | 62.506 | 36.357 | 8.808 | 1.779 | 14.101 | 24.688 |
| 1993 | 812.646 | 65.874 | 18.859 | 3.530 | 15.200 | 37.589 | 65.460 | 37.877 | 8.993 | 2.025 | 15.410 | 26.428 |
| 1994 | 818.985 | 66.858 | 19.644 | 3.779 | 15.624 | 39.047 | 68.609 | 40.434 | 9.885 | 2.153 | 16.979 | 29.017 |
| 1995 | 823.279 | 71.992 | 22.412 | 4.296 | 18.217 | 44.925 | 70.598 | 42.896 | 10.743 | 2.298 | 18.912 | 31.953 |
| 1996 | 838.081 | 75.218 | 23.973 | 4.409 | 19.150 | 47.532 | 70.802 | 43.938 | 11.572 | 2.334 | 19.744 | 33.650 |
| 1997 | 832.642 | 74.476 | 23.769 | 4.698 | 19.423 | 47.890 | 70.874 | 45.074 | 11.987 | 2.225 | 21.084 | 35.296 |
| 1998 | 860.272 | 72.300 | 20.805 | 4.704 | 19.440 | 44.949 | 71.623 | 45.390 | 10.221 | 2.285 | 22.510 | 35.016 |
| 1999 | 868.197 | 71.735 | 20.164 | 4.398 | 19.858 | 44.420 | 70.461 | 45.159 | 9.954 | 2.132 | 23.056 | 35.142 |
| 2000 | 875.385 | 71.697 | 19.921 | 4.638 | 20.302 | 44.861 | 71.301 | 46.700 | 9.724 | 2.142 | 25.058 | 36.924 |
| 2001 | 889.830 | 73.526 | 20.890 | 5.199 | 21.645 | 47.734 | 71.662 | 47.428 | 10.141 | 2.539 | 26.298 | 38.978 |
| 2002 | 908.094 | 75.910 | 21.981 | 5.211 | 22.040 | 49.232 | 74.713 | 50.640 | 11.307 | 2.515 | 27.655 | 41.477 |
| 2003 | 928.007 | 76.081 | 22.223 | 5.248 | 22.549 | 50.020 | 74.333 | 50.576 | 11.397 | 2.613 | 28.494 | 42.504 |
| 2004 | 950.791 | 77.557 | 23.507 | 5.431 | 21.371 | 50.309 | 73.282 | 49.913 | 12.167 | 2.586 | 27.003 | 41.756 |
| 2005 | 935.074 | 78.432 | 24.050 | 5.953 | 21.247 | 51.250 | 71.753 | 49.201 | 12.561 | 2.597 | 26.331 | 41.489 |
| 2006 | 959.292 | 78.932 | 24.427 | 5.971 | 22.331 | 52.729 | 72.399 | 49.456 | 12.822 | 2.668 | 26.814 | 42.304 |
| 2007 | 974.736 | 80.633 | 24.849 | 6.131 | 21.605 | 52.585 | 73.088 | 50.399 | 13.570 | 2.737 | 26.102 | 42.409 |
| 2008 | 1.002.608 | 84.147 | 25.391 | 6.463 | 22.646 | 54.500 | 74.399 | 51.789 | 13.820 | 2.865 | 27.467 | 44.152 |
| 2009 | 1.027.196 | 86.520 | 25.216 | 6.599 | 23.633 | 55.448 | 75.892 | 52.177 | 13.253 | 2.775 | 27.801 | 43.829 |
| 2010 | 1.061.394 | 90.592 | 28.850 | 6.633 | 24.283 | 59.766 | 75.553 | 52.664 | 15.058 | 2.815 | 27.977 | 45.850 |
| 2011 | 1.095.043 | 93.415 | 29.532 | 6.898 | 24.727 | 61.157 | 75.455 | 52.427 | 15.021 | 2.954 | 27.471 | 45.446 |
| Total | 27.023.381 | 2.187.802 | 662.752 | 137.489 | 538.684 | 1.338.925 | 2.132.365 | 1.334.599 | 332.532 | 68.401 | 607.224 | 1.008.157 |
| Crescimento % | | | | | | | | | | | | |
| 1980/1990 | 7,6 | 37,9 | 42,8 | 34,0 | 113,4 | 63,5 | 26,8 | 53,1 | 42,8 | 9,3 | 147,5 | 87,2 |
| 1990/2000 | 16,2 | 15,8 | 0,7 | 45,8 | 33,0 | 17,4 | 11,1 | 20,6 | 4,5 | 28,7 | 49,8 | 33,3 |
| 2000/2011 | 25,1 | 30,3 | 48,2 | 48,7 | 21,8 | 36,3 | 5,8 | 12,3 | 54,5 | 37,9 | 9,6 | 23,1 |
| 1980/2011 | 56,4 | 108,0 | 113,2 | 190,7 | 245,8 | 161,6 | 49,0 | 107,2 | 130,6 | 94,0 | 306,4 | 207,2 |

Fonte: SIM/SVS/MS.

Para analisar a estrutura e as especificidades evolutivas da mortalidade na faixa jovem, utilizaremos o seguinte procedimento: dividiremos a população em dois grandes grupos: *os jovens* – de 15 a 29 anos – e *os não jovens* – aqueles que ainda não chegaram à sua juventude, possuem menos de 15 anos, e aqueles que já passaram da faixa dos 25 anos ou mais anos. Os dados foram sintetizados nas tabelas de 2.2.2 a 2.2.4.

| Tabela 2.2.3. Estrutura da mortalidade: taxas de óbitos (por 100 mil) segundo a causa, na população jovem e não jovem – Brasil. 1980/2011 | | | | | | | | | | |
|---|---------------------|-----------------|------------|-----------|------------|-----------------|-----------------|------------|-----------|------------|
| Ano | População Não Jovem | | | | | População Jovem | | | | |
| | Total Óbitos | Causas Externas | Transporte | Suicídios | Homicídios | Total Óbitos | Causas Externas | Transporte | Suicídios | Homicídios |
| 1980 | 828,7 | 53,2 | 16,4 | 2,8 | 8,5 | 146,6 | 73,3 | 18,9 | 4,4 | 19,6 |
| 1981 | 812,1 | 53,0 | 15,6 | 2,7 | 9,1 | 146,5 | 74,8 | 18,3 | 5,0 | 21,0 |
| 1982 | 784,2 | 53,3 | 16,2 | 2,7 | 9,4 | 143,1 | 74,4 | 19,7 | 4,4 | 20,3 |
| 1983 | 796,6 | 54,7 | 15,3 | 3,1 | 10,1 | 148,2 | 79,0 | 18,9 | 4,8 | 22,8 |
| 1984 | 817,9 | 55,7 | 16,2 | 3,1 | 10,9 | 154,0 | 84,1 | 20,6 | 4,3 | 26,3 |
| 1985 | 777,5 | 57,1 | 17,8 | 2,9 | 10,3 | 151,7 | 85,6 | 21,9 | 4,0 | 26,8 |
| 1986 | 781,0 | 62,6 | 20,9 | 2,9 | 10,4 | 161,4 | 94,0 | 26,4 | 4,1 | 27,5 |
| 1987 | 754,6 | 60,3 | 19,3 | 3,2 | 11,5 | 155,6 | 91,0 | 23,8 | 4,1 | 30,3 |
| 1988 | 774,2 | 60,5 | 19,3 | 2,9 | 11,6 | 155,2 | 90,6 | 23,5 | 3,9 | 29,9 |
| 1989 | 737,9 | 61,4 | 19,5 | 2,9 | 13,5 | 163,0 | 99,6 | 24,1 | 3,9 | 37,6 |
| 1990 | 727,5 | 59,8 | 19,1 | 3,1 | 14,7 | 158,3 | 95,5 | 22,9 | 4,1 | 41,2 |
| 1991 | 700,6 | 60,2 | 18,1 | 3,3 | 14,3 | 155,1 | 93,3 | 22,7 | 4,2 | 37,9 |
| 1992 | 715,1 | 58,7 | 17,2 | 3,3 | 13,4 | 149,9 | 87,2 | 21,1 | 4,3 | 33,8 |
| 1993 | 744,8 | 60,4 | 17,3 | 3,2 | 13,9 | 154,2 | 89,2 | 21,2 | 4,8 | 36,3 |
| 1994 | 740,0 | 60,4 | 17,7 | 3,4 | 14,1 | 159,4 | 93,9 | 23,0 | 5,0 | 39,4 |
| 1995 | 733,9 | 64,2 | 20,0 | 3,8 | 16,2 | 161,8 | 98,3 | 24,6 | 5,3 | 43,3 |
| 1996 | 741,6 | 66,6 | 21,2 | 3,9 | 16,9 | 160,7 | 99,7 | 26,3 | 5,3 | 44,8 |
| 1997 | 725,1 | 64,9 | 20,7 | 4,1 | 16,9 | 158,2 | 100,6 | 26,8 | 5,0 | 47,1 |
| 1998 | 739,3 | 62,1 | 17,9 | 4,0 | 16,7 | 157,7 | 99,9 | 22,5 | 5,0 | 49,5 |
| 1999 | 736,5 | 60,8 | 17,1 | 3,7 | 16,8 | 153,0 | 98,0 | 21,6 | 4,6 | 50,1 |
| 2000 | 718,3 | 58,8 | 16,3 | 3,8 | 16,7 | 148,8 | 97,4 | 20,3 | 4,5 | 52,3 |
| 2001 | 719,3 | 59,4 | 16,9 | 4,2 | 17,5 | 147,2 | 97,4 | 20,8 | 5,2 | 54,0 |
| 2002 | 724,7 | 60,6 | 17,5 | 4,2 | 17,6 | 151,4 | 102,6 | 22,9 | 5,1 | 56,1 |
| 2003 | 731,4 | 60,0 | 17,5 | 4,1 | 17,8 | 148,7 | 101,2 | 22,8 | 5,2 | 57,0 |
| 2004 | 740,1 | 60,4 | 18,3 | 4,2 | 16,6 | 144,7 | 98,6 | 24,0 | 5,1 | 53,3 |
| 2005 | 708,0 | 59,4 | 18,2 | 4,5 | 16,1 | 137,7 | 94,4 | 24,1 | 5,0 | 50,5 |
| 2006 | 716,4 | 58,9 | 18,2 | 4,5 | 16,7 | 137,0 | 93,6 | 24,3 | 5,0 | 50,7 |
| 2007 | 712,4 | 58,9 | 18,2 | 4,5 | 15,8 | 139,2 | 96,0 | 25,8 | 5,2 | 49,7 |
| 2008 | 728,7 | 61,2 | 18,5 | 4,7 | 16,5 | 143,0 | 99,6 | 26,6 | 5,5 | 52,8 |
| 2009 | 743,1 | 62,6 | 18,2 | 4,8 | 17,1 | 146,1 | 100,4 | 25,5 | 5,3 | 53,5 |
| 2010 | 761,3 | 65,0 | 20,7 | 4,8 | 17,4 | 147,2 | 102,6 | 29,3 | 5,5 | 54,5 |
| 2011 | 778,9 | 66,4 | 21,0 | 4,9 | 17,6 | 145,7 | 101,2 | 29,0 | 5,7 | 53,0 |
| Média | 745,4 | 60,3 | 18,3 | 3,8 | 14,9 | 150,5 | 94,2 | 23,5 | 4,8 | 42,9 |
| Crescimento % | | | | | | | | | | |
| 1980/1990 | -12,2 | 12,5 | 16,6 | 9,4 | 74,1 | 7,9 | 30,4 | 21,6 | -7,0 | 110,7 |
| 1990/2000 | -1,3 | -1,6 | -14,5 | 23,9 | 13,0 | -6,0 | 2,0 | -11,5 | 9,0 | 26,8 |
| 2000/2011 | 8,4 | 12,9 | 28,5 | 28,9 | 5,6 | -2,1 | 3,9 | 43,0 | 27,6 | 1,5 |
| 1980/2011 | -6,0 | 25,0 | 28,1 | 74,7 | 107,8 | -0,6 | 38,2 | 53,8 | 29,3 | 171,0 |

Fonte: SIM/SVS/MS.

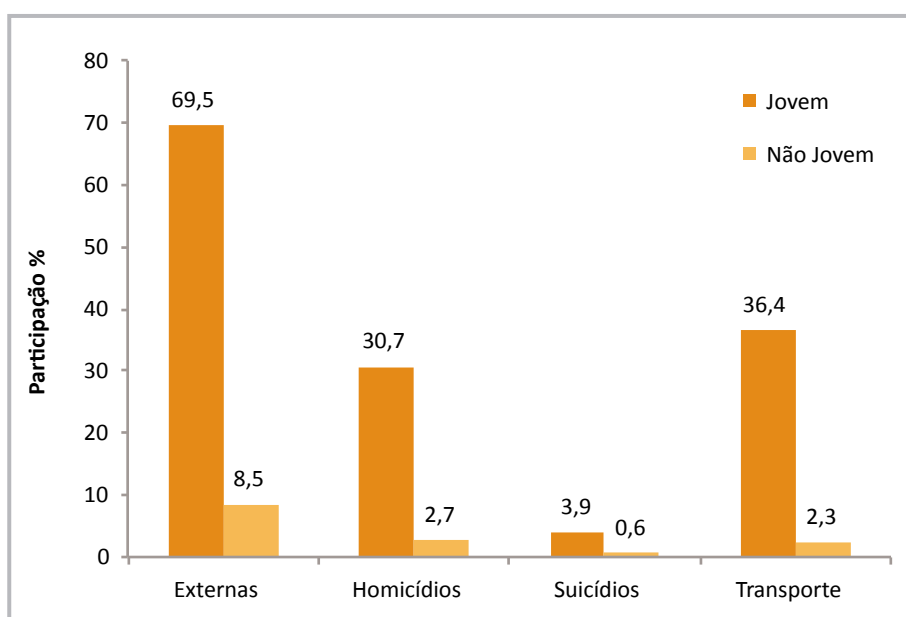
- Considerando o longo período de 1980 a 2011, entre os jovens, 62,6% das mortes devem-se a causas externas. Na população *não jovem* esse percentual representa só 8,1% das mortes acontecidas.
- Se na população *não jovem* só 2,0% dos óbitos foram causados por homicídio, entre os jovens, os homicídios foram responsáveis por 28,5% das mortes acontecidas no período de 1980 a 2011.

| Tabela 2.2.4. Estrutura da mortalidade: participação das diversas causas de mortalidade da população jovem e não jovem, por UF e região – Brasil. 1980/2011 (Em %) | | | | | | | | | | |
|--|---------------------|-----------------|------------|-----------|------------|-----------------|-----------------|------------|-----------|------------|
| Ano | População Não Jovem | | | | | População Jovem | | | | |
| | Total Óbitos | Causas Externas | Transporte | Suicídios | Homicídios | Total Óbitos | Causas Externas | Transporte | Suicídios | Homicídios |
| 1980 | 100,0 | 6,4 | 2,0 | 0,3 | 1,0 | 100,0 | 50,0 | 12,9 | 3,0 | 13,3 |
| 1981 | 100,0 | 6,5 | 1,9 | 0,3 | 1,1 | 100,0 | 51,1 | 12,5 | 3,4 | 14,4 |
| 1982 | 100,0 | 6,8 | 2,1 | 0,3 | 1,2 | 100,0 | 52,0 | 13,8 | 3,1 | 14,2 |
| 1983 | 100,0 | 6,9 | 1,9 | 0,4 | 1,3 | 100,0 | 53,3 | 12,8 | 3,3 | 15,4 |
| 1984 | 100,0 | 6,8 | 2,0 | 0,4 | 1,3 | 100,0 | 54,6 | 13,4 | 2,8 | 17,1 |
| 1985 | 100,0 | 7,3 | 2,3 | 0,4 | 1,3 | 100,0 | 56,4 | 14,4 | 2,6 | 17,7 |
| 1986 | 100,0 | 8,0 | 2,7 | 0,4 | 1,3 | 100,0 | 58,2 | 16,4 | 2,5 | 17,1 |
| 1987 | 100,0 | 8,0 | 2,6 | 0,4 | 1,5 | 100,0 | 58,5 | 15,3 | 2,7 | 19,5 |
| 1988 | 100,0 | 7,8 | 2,5 | 0,4 | 1,5 | 100,0 | 58,4 | 15,1 | 2,5 | 19,2 |
| 1989 | 100,0 | 8,3 | 2,6 | 0,4 | 1,8 | 100,0 | 61,1 | 14,8 | 2,4 | 23,1 |
| 1990 | 100,0 | 8,2 | 2,6 | 0,4 | 2,0 | 100,0 | 60,3 | 14,5 | 2,6 | 26,1 |
| 1991 | 100,0 | 8,6 | 2,6 | 0,5 | 2,0 | 100,0 | 60,2 | 14,6 | 2,7 | 24,4 |
| 1992 | 100,0 | 8,2 | 2,4 | 0,5 | 1,9 | 100,0 | 58,2 | 14,1 | 2,8 | 22,6 |
| 1993 | 100,0 | 8,1 | 2,3 | 0,4 | 1,9 | 100,0 | 57,9 | 13,7 | 3,1 | 23,5 |
| 1994 | 100,0 | 8,2 | 2,4 | 0,5 | 1,9 | 100,0 | 58,9 | 14,4 | 3,1 | 24,7 |
| 1995 | 100,0 | 8,7 | 2,7 | 0,5 | 2,2 | 100,0 | 60,8 | 15,2 | 3,3 | 26,8 |
| 1996 | 100,0 | 9,0 | 2,9 | 0,5 | 2,3 | 100,0 | 62,1 | 16,3 | 3,3 | 27,9 |
| 1997 | 100,0 | 8,9 | 2,9 | 0,6 | 2,3 | 100,0 | 63,6 | 16,9 | 3,1 | 29,7 |
| 1998 | 100,0 | 8,4 | 2,4 | 0,5 | 2,3 | 100,0 | 63,4 | 14,3 | 3,2 | 31,4 |
| 1999 | 100,0 | 8,3 | 2,3 | 0,5 | 2,3 | 100,0 | 64,1 | 14,1 | 3,0 | 32,7 |
| 2000 | 100,0 | 8,2 | 2,3 | 0,5 | 2,3 | 100,0 | 65,5 | 13,6 | 3,0 | 35,1 |
| 2001 | 100,0 | 8,3 | 2,3 | 0,6 | 2,4 | 100,0 | 66,2 | 14,2 | 3,5 | 36,7 |
| 2002 | 100,0 | 8,4 | 2,4 | 0,6 | 2,4 | 100,0 | 67,8 | 15,1 | 3,4 | 37,0 |
| 2003 | 100,0 | 8,2 | 2,4 | 0,6 | 2,4 | 100,0 | 68,0 | 15,3 | 3,5 | 38,3 |
| 2004 | 100,0 | 8,2 | 2,5 | 0,6 | 2,2 | 100,0 | 68,1 | 16,6 | 3,5 | 36,8 |
| 2005 | 100,0 | 8,4 | 2,6 | 0,6 | 2,3 | 100,0 | 68,6 | 17,5 | 3,6 | 36,7 |
| 2006 | 100,0 | 8,2 | 2,5 | 0,6 | 2,3 | 100,0 | 68,3 | 17,7 | 3,7 | 37,0 |
| 2007 | 100,0 | 8,3 | 2,5 | 0,6 | 2,2 | 100,0 | 69,0 | 18,6 | 3,7 | 35,7 |
| 2008 | 100,0 | 8,4 | 2,5 | 0,6 | 2,3 | 100,0 | 69,6 | 18,6 | 3,9 | 36,9 |
| 2009 | 100,0 | 8,4 | 2,5 | 0,6 | 2,3 | 100,0 | 68,8 | 17,5 | 3,7 | 36,6 |
| 2010 | 100,0 | 8,5 | 2,7 | 0,6 | 2,3 | 100,0 | 69,7 | 19,9 | 3,7 | 37,0 |
| 2011 | 100,0 | 8,5 | 2,7 | 0,6 | 2,3 | 100,0 | 69,5 | 19,9 | 3,9 | 36,4 |
| Total | 100,0 | 8,1 | 2,5 | 0,5 | 2,0 | 100,0 | 62,6 | 15,6 | 3,2 | 28,5 |
| Crescimento % | | | | | | | | | | |
| 1980/1990 | 0,0 | 28,2 | 32,8 | 24,6 | 98,4 | 0,0 | 20,8 | 12,7 | -13,8 | 95,3 |
| 1990/2000 | 0,0 | -0,4 | -13,4 | 25,4 | 14,5 | 0,0 | 8,5 | -5,9 | 15,9 | 34,9 |
| 2000/2011 | 0,0 | 4,2 | 18,5 | 18,9 | -2,6 | 0,0 | 6,1 | 46,0 | 30,3 | 3,6 |
| 1980/2011 | 0,0 | 33,0 | 36,3 | 85,8 | 121,1 | 0,0 | 39,1 | 54,8 | 30,2 | 172,8 |

Fonte: SIM/SVS/MS.

- Essas são as médias nacionais. Em diversos estados, como Alagoas, Bahia, Paraíba, Rio Grande do Norte, Espírito Santo e Distrito Federal mais da metade do total de mortes juvenis foram provocadas por homicídio. No grupo *não jovem*, os homicídios passam de uma taxa de 8,5 em 100 mil, em 1980, para 117,6, em 2011: crescimento de 107,8%. Entre os jovens no mesmo período, passa de 19,6 para 53,0: crescimento de 171%. Acidentes de transporte são responsáveis por mais 19,9% dos óbitos juvenis, e suicídios adicionam ainda 3,9%. Na população *não jovem*, acidentes de transporte originaram 2,7% e suicídios 0,6%.
- Em conjunto, essas três causas são responsáveis por quase 2/3 (63,4%) das mortes dos jovens brasileiros. Entre os *não jovens*: 5,0%

Gráfico 2.2.2. Participação das causas de mortalidade na população jovem e não jovem – Brasil. 2011



Fonte: SIM/SVS/MS.

2.3. Significação dos quantitativos

Os números até aqui expostos são muito elevados, de tal grandeza, que resulta difícil ou quase impossível elaborar uma imagem mental, uma representação de sua magnitude e significação. Para isso, deveremos recorrer a outros indicadores, tentando dar uma ideia, uma aproximação, do que esses números representam.

Em primeiro lugar, falaremos das vítimas diretas nos conflitos armados que assolaram o mundo nestes últimos anos.

Recentemente, foi publicado o *Relatório sobre o Peso Mundial da Violência Armada*²³. Tomando como base fontes consideradas altamente confiáveis, o relatório elabora um quadro de mortes diretas em um total de 62 conflitos armados no mundo, acontecidos entre 2004 e 2007. Esses dados encontram-se sintetizados na tabela 2.3.1.

| Tabela 2.3.1. Mortes diretas em conflitos armados no mundo - 2004/2007 | | | | | | | |
|--|--------|--------|--------|--------|--------------|------------|---------------|
| Conflitos Armados | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | Total Mortes | % do Total | Taxas* Médias |
| Iraque | 9.803 | 15.788 | 26.910 | 23.765 | 76.266 | 36,6 | 64,9 |
| Sudão | 7.284 | 1.098 | 2.603 | 1.734 | 12.719 | 6,1 | 8,8 |
| Afganistão | 917 | 1.000 | 4.000 | 6.500 | 12.417 | 6,0 | 9,9 |
| Colômbia | 2.988 | 3.092 | 2.141 | 3.612 | 11.833 | 5,7 | 6,4 |
| Rep. Dem. do Congo | 3.500 | 3.750 | 746 | 1.351 | 9.347 | 4,5 | 4,1 |
| Sri Lanka | 109 | 330 | 4.126 | 4.500 | 9.065 | 4,4 | 10,8 |
| Índia | 2.642 | 2.519 | 1.559 | 1.713 | 8.433 | 4,0 | 0,2 |
| Somália | 760 | 285 | 879 | 6.500 | 8.424 | 4,0 | 24,4 |
| Nepal | 3.407 | 2.950 | 792 | 137 | 7.286 | 3,5 | 6,8 |
| Paquistão | 863 | 648 | 1.471 | 3.599 | 6.581 | 3,2 | 1,0 |
| Índia/Paquistão (Caxemira) | 1.511 | 1.552 | 1.116 | 777 | 4.956 | 2,4 | |
| Israel/Terr. Palestinos | 899 | 226 | 673 | 449 | 2.247 | 1,1 | 8,3 |
| Total de 12 conflitos | 34.683 | 33.238 | 47.016 | 54.637 | 169.574 | 81,4 | 11,1 |
| Restantes 50 conflitos | 11.388 | 9.252 | 8.862 | 9.273 | 38.775 | 18,6 | |
| Total (62 conflitos) | 46.071 | 42.490 | 55.878 | 63.910 | 208.349 | 100,0 | |

*taxa anual por 100 mil habitantes.

Fonte: Global Burden of Armed Violence.

Os doze maiores conflitos – que ocasionaram 81,4% do total de mortes diretas no total dos 62 conflitos – vitimaram 169.574 pessoas nos quatro anos computados.

No Brasil – país sem disputas territoriais, movimentos emancipatórios, guerras civis, enfrentamentos religiosos, raciais ou étnicos, conflitos de fronteira ou atos terroristas –, foram contabilizados, nos últimos quatro anos disponíveis, de 2008 a 2011, um total de 206.005 vítimas de homicídios, número bem superior quando comparado aos números dos **12 maiores conflitos armados acontecidos no mundo entre 2004 e 2007**. E ainda, esse número de homicídios brasileiro resulta quase idêntico ao total de mortes diretas **nos 62 conflitos armados desse período, que foi de 208.349**.

Essas magnitudes não podem ser atribuídas, como muitas vezes se faz, ao gigantismo, às *dimensões continentais* do Brasil. países com número de habitantes semelhante ao do Brasil, como Paquistão, com 185 mi habitantes, têm números e taxas bem menores que os nossos. Sem falar da Índia, que possui 1.214 milhões de habitantes e taxas de homicídio muito inferiores às do Brasil.

²³ GENEVA DECLARATION. **Global Burden of Armed Violence**. Geneva Declaration Secretariat, Geneva, 2008.

O Brasil, com sua taxa de 27,4 homicídios por 100 mil habitantes, supera largamente os índices dos doze países mais populosos do mundo. Só o México se aproxima: sua taxa foi de 22,1, conforme consta na tabela 2.3.2.

| Tabela 2.3.2. Número e taxas de homicídio nos doze países mais populosos do mundo | | | | | |
|---|------|---------------------|------------|--------------------|--------|
| país | Ano | População (milhões) | Homicídios | | Fonte |
| | | | Número | Taxa (por 100 mil) | |
| China | 2010 | 1.339,20 | 13.410 | 1,0 | UNODC |
| Índia | 2010 | 1.184,60 | 41.726 | 3,4 | UNODC |
| USA | 2010 | 301,6 | 16.129 | 5,3 | Whosis |
| Indonésia | 2008 | 234,2 | 18.963 | 8,1 | UNODC |
| BRASIL | 2010 | 190,8 | 52.260 | 27,4 | SIM/MS |
| Paquistão | 2010 | 170,3 | 13.208 | 7,6 | UNODC |
| Nigéria | 2008 | 164,4 | 18.422 | 12,2 | UNODC |
| Bangladesh | 2010 | 158,3 | 3.988 | 2,7 | UNODC |
| Rússia | 2010 | 142,5 | 18.951 | 13,3 | Whosis |
| Japão | 2011 | 125,8 | 415 | 0,3 | Whosis |
| México | 2011 | 112,5 | 24.829 | 22,1 | Whosis |
| Filipinas | 2008 | 96,1 | 12.523 | 13,0 | Whosis |

Fontes:
SIM/MS: Sistema de Informações de Mortalidade/MS
Unodc: United Nations Office on Drugs and Crime
Whosis: Sistema de Estatísticas da OMS

Em outubro de 1992, acontecia o Massacre do Carandiru, como ficou conhecida a morte de 111 detentos em uma rebelião na Casa de Detenção de São Paulo, presídio invadido e rebelião reprimida pela Polícia Militar do estado.

O Brasil de 2011 registrou 52.198 vítimas de homicídio. Isso representa 143 homicídios a cada dia desse ano. Bem mais que um Carandiru diário. Aproximadamente, um Carandiru a cada 19 horas.

Pouco tempo depois, em julho de 1993, aconteceria a Chacina da Candelária, quando policiais abriram fogo contra um grande número de crianças que dormia no entorno da Igreja da Candelária, no Rio de Janeiro. Morreram oito crianças e adolescentes entre 11 e 19 anos. No Brasil de 2011, o SIM registrou 18.436 jovens assassinados: 51 a cada dia do ano. Isto é, mais de oito Chacinas da Candelária diária.

3. HOMICÍDIOS NAS UNIDADES FEDERADAS

Neste capítulo, analisaremos a estruturação da violência homicida no Brasil focando a situação e a evolução nas UF's, nas grandes regiões e no Brasil.

3.1. Homicídios na população total das unidades federadas

em primeiro lugar, destacaremos a dinâmica da violência homicida no conjunto da população das UF's no período 2001/2011, para verificar sua evolução temporal e distribuição geográfica e etária no território nacional. Os dados desse período evidenciam uma relativa estabilização nos níveis de violência homicida no país que contrasta com o histórico das décadas anteriores.

A partir dos anos 1980, como verificamos no capítulo anterior, observa-se um acelerado aumento dos assassinatos no Brasil, crescimento concentrado em um limitado número de grandes metrópoles. Já na virada de século, os índices tendem a se estabilizar: se o número de homicídios passa de 49,9 mil, em 2001, para 52,2 mil, em 2011, o incremento populacional mais que compensou esse crescimento. Observando as taxas nacionais – tabela 3.1.2 – verificamos que, considerando o aumento da população do país, houve até um leve decréscimo de 2,4%: de 27,8 homicídios por 100 mil habitantes, em 2001, para 27,1, em 2011.

Mas essa aparente estabilidade não deixa de ter elementos paradoxais. Em primeiro lugar, não acontece de forma linear ao longo do período, nem de forma homogênea nas diversas áreas do país. Pela tabela 3.1.2, pelo gráfico 3.1.1 e pelos dados do capítulo anterior é possível verificar que:

- A espiral de violência homicida, iniciada nos anos 1980, continua de forma sistemática até 2003. Já em 2004, a tendência se reverte, quando os índices de homicídio caem 6,4% em relação a 2003 e 4,4% em 2005. Essas quedas – como veremos mais adiante – podem ser atribuídas às políticas de desarmamento desenvolvidas a partir de 2003, mas também a diversas estratégias específicas e pontuais de melhoria da segurança pública em algumas UF's que, na virada do século, ostentavam elevados índices de violência.
- A partir dessas quedas e flutuações, que acontecem até 2007, as taxas tendem a se estabilizar apresentando, inclusive, um leve crescimento. O grande problema é que a estabilização acontece em patamares extremamente elevados de violência: em torno dos 27 homicídios por 100 mil habitantes, o que mantém o Brasil entre os países mais violentos do mundo.
- No período 2001/2011, a única região do país a apresentar declínio em suas taxas – e de forma expressiva – é a Sudeste, onde os índices diminuem praticamente pela metade devido às quedas que acontecem desde 1999, em São Paulo, e desde 2003, no Rio de Janeiro. Em contrapartida, as taxas de Minas Gerais crescem significativamente.

| Tabela 3.1.1. Número de homicídios na população total por UF e regiões do Brasil - 2001/2011 | | | | | | | | | | | | |
|--|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|-------|
| UF/REGIÃO | 2001 | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 | Δ% |
| Acre | 122 | 151 | 135 | 115 | 125 | 155 | 133 | 133 | 152 | 165 | 168 | 37,7 |
| Amapá | 184 | 181 | 190 | 173 | 196 | 203 | 171 | 211 | 191 | 258 | 208 | 13,0 |
| Amazonas | 483 | 512 | 561 | 523 | 598 | 697 | 711 | 827 | 915 | 1.076 | 1.289 | 166,9 |
| Pará | 955 | 1.186 | 1.383 | 1.522 | 1.926 | 2.073 | 2.204 | 2.868 | 2.997 | 3.540 | 3.078 | 222,3 |
| Rondônia | 565 | 606 | 559 | 562 | 552 | 589 | 435 | 480 | 536 | 544 | 447 | -20,9 |
| Roraima | 107 | 121 | 106 | 83 | 94 | 110 | 116 | 105 | 117 | 123 | 95 | -11,2 |
| Tocantins | 223 | 180 | 225 | 205 | 202 | 236 | 224 | 232 | 284 | 313 | 357 | 60,1 |
| NORTE | 2.639 | 2.937 | 3.159 | 3.183 | 3.693 | 4.063 | 3.994 | 4.856 | 5.192 | 6.019 | 5.642 | 113,8 |
| Alagoas | 836 | 989 | 1.041 | 1.034 | 1.211 | 1.617 | 1.839 | 1.887 | 1.872 | 2.086 | 2.268 | 171,3 |
| Bahia | 1.579 | 1.735 | 2.155 | 2.255 | 2.823 | 3.278 | 3.614 | 4.765 | 5.383 | 5.763 | 5.451 | 245,2 |
| Ceará | 1.298 | 1.443 | 1.560 | 1.576 | 1.692 | 1.793 | 1.936 | 2.031 | 2.168 | 2.692 | 2.788 | 114,8 |
| Maranhão | 536 | 576 | 762 | 696 | 903 | 925 | 1.092 | 1.243 | 1.387 | 1.493 | 1.573 | 193,5 |
| Paraíba | 490 | 608 | 620 | 659 | 740 | 819 | 861 | 1.021 | 1.269 | 1.457 | 1.619 | 230,4 |
| Pernambuco | 4.697 | 4.431 | 4.512 | 4.173 | 4.307 | 4.478 | 4.560 | 4.431 | 3.954 | 3.445 | 3.464 | -26,3 |
| Piauí | 279 | 315 | 316 | 347 | 386 | 437 | 406 | 387 | 398 | 430 | 461 | 65,2 |
| Rio Grande do Norte | 316 | 301 | 409 | 342 | 408 | 450 | 594 | 720 | 791 | 815 | 1.042 | 229,7 |
| Sergipe | 532 | 549 | 473 | 464 | 492 | 597 | 526 | 574 | 663 | 690 | 739 | 38,9 |
| NORDESTE | 10.563 | 10.947 | 11.848 | 11.546 | 12.962 | 14.394 | 15.428 | 17.059 | 17.885 | 18.871 | 19.405 | 83,7 |
| Espírito Santo | 1.472 | 1.639 | 1.640 | 1.630 | 1.600 | 1.774 | 1.885 | 1.948 | 1.996 | 1.794 | 1.681 | 14,2 |
| Minas Gerais | 2.344 | 2.977 | 3.822 | 4.241 | 4.208 | 4.155 | 4.103 | 3.869 | 3.714 | 3.627 | 4.235 | 80,7 |
| Rio de Janeiro | 7.352 | 8.321 | 7.840 | 7.391 | 7.098 | 7.122 | 6.313 | 5.395 | 5.074 | 5.267 | 4.567 | -37,9 |
| São Paulo | 15.745 | 14.494 | 13.903 | 11.216 | 8.727 | 8.166 | 6.234 | 6.118 | 6.326 | 5.806 | 5.629 | -64,2 |
| SUDESTE | 26.913 | 27.431 | 27.205 | 24.478 | 21.633 | 21.217 | 18.535 | 17.330 | 17.110 | 16.494 | 16.112 | -40,1 |
| Paraná | 2.039 | 2.226 | 2.525 | 2.813 | 2.981 | 3.095 | 3.112 | 3.453 | 3.695 | 3.606 | 3.331 | 63,4 |
| Rio Grande do Sul | 1.848 | 1.906 | 1.900 | 1.963 | 2.015 | 1.964 | 2.174 | 2.367 | 2.229 | 2.064 | 2.057 | 11,3 |
| Santa Catarina | 460 | 572 | 653 | 632 | 616 | 656 | 632 | 789 | 800 | 812 | 797 | 73,3 |
| SUL | 4.347 | 4.704 | 5.078 | 5.408 | 5.612 | 5.715 | 5.918 | 6.609 | 6.724 | 6.482 | 6.185 | 42,3 |
| Distrito Federal | 774 | 744 | 856 | 815 | 745 | 769 | 815 | 873 | 1.005 | 882 | 977 | 26,2 |
| Goiás | 1.102 | 1.275 | 1.259 | 1.427 | 1.398 | 1.410 | 1.426 | 1.754 | 1.792 | 1.896 | 2.214 | 100,9 |
| Mato Grosso | 986 | 963 | 929 | 867 | 907 | 899 | 892 | 942 | 999 | 978 | 995 | 0,9 |
| Mato Grosso do Sul | 619 | 694 | 709 | 650 | 628 | 678 | 699 | 690 | 727 | 638 | 668 | 7,9 |
| CENTRO-OESTE | 3.481 | 3.676 | 3.753 | 3.759 | 3.678 | 3.756 | 3.832 | 4.259 | 4.523 | 4.394 | 4.854 | 39,4 |
| BRASIL | 47.943 | 49.695 | 51.043 | 48.374 | 47.578 | 49.145 | 47.707 | 50.113 | 51.434 | 52.260 | 52.198 | 8,9 |

Fonte: SIM/SVS/MS.

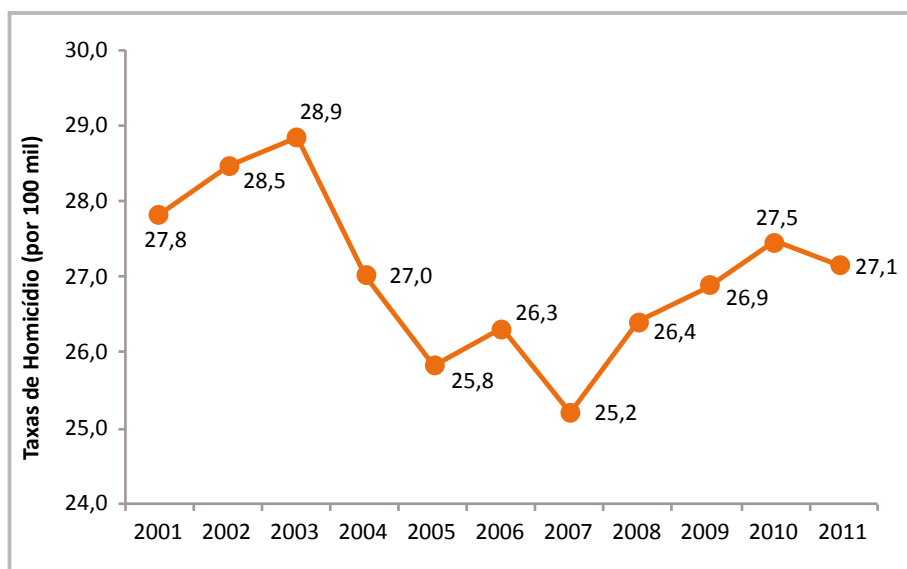
| Tabela 3.1.2. Taxas de homicídio na população total (por 100 mil) por UF e regiões do Brasil - 2001/2011 | | | | | | | | | | | | |
|--|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|-------|
| UF/REGIÃO | 2001 | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 | Δ% |
| Acre | 21,2 | 25,7 | 22,5 | 18,7 | 18,7 | 22,6 | 18,9 | 19,6 | 22,0 | 23,3 | 22,5 | 6,0 |
| Amapá | 36,9 | 35,0 | 35,5 | 31,3 | 33,0 | 33,0 | 26,9 | 34,4 | 30,5 | 40,2 | 30,4 | -17,6 |
| Amazonas | 16,7 | 17,3 | 18,5 | 16,9 | 18,5 | 21,1 | 21,0 | 24,8 | 27,0 | 31,5 | 36,4 | 118,7 |
| Pará | 15,1 | 18,4 | 21,0 | 22,7 | 27,6 | 29,2 | 30,4 | 39,2 | 40,3 | 47,5 | 40,0 | 165,8 |
| Rondônia | 40,1 | 42,3 | 38,4 | 38,0 | 36,0 | 37,7 | 27,4 | 32,1 | 35,6 | 35,6 | 28,4 | -29,3 |
| Roraima | 31,7 | 34,9 | 29,7 | 22,6 | 24,0 | 27,3 | 27,9 | 25,4 | 27,8 | 28,5 | 20,6 | -34,9 |
| Tocantins | 18,8 | 14,9 | 18,3 | 16,4 | 15,5 | 17,7 | 16,5 | 18,1 | 22,0 | 23,5 | 25,5 | 35,4 |
| NORTE | 19,9 | 21,7 | 22,9 | 22,6 | 25,1 | 27,0 | 26,0 | 32,1 | 33,8 | 38,8 | 35,1 | 75,9 |
| Alagoas | 29,3 | 34,3 | 35,7 | 35,1 | 40,2 | 53,0 | 59,6 | 60,3 | 59,3 | 66,8 | 72,2 | 146,5 |
| Bahia | 11,9 | 13,0 | 16,0 | 16,6 | 20,4 | 23,5 | 25,7 | 32,9 | 36,8 | 40,4 | 38,7 | 223,6 |
| Ceará | 17,2 | 18,9 | 20,1 | 20,0 | 20,9 | 21,8 | 23,2 | 24,0 | 25,4 | 31,9 | 32,7 | 90,1 |
| Maranhão | 9,4 | 9,9 | 13,0 | 11,7 | 14,8 | 15,0 | 17,4 | 19,7 | 21,8 | 23,2 | 23,7 | 153,1 |
| Paraná | 14,1 | 17,4 | 17,6 | 18,6 | 20,6 | 22,6 | 23,6 | 27,3 | 33,7 | 38,8 | 42,7 | 202,3 |
| Pernambuco | 58,7 | 54,8 | 55,3 | 50,7 | 51,2 | 52,7 | 53,1 | 50,7 | 44,9 | 39,3 | 39,1 | -33,4 |
| Piauí | 9,7 | 10,9 | 10,8 | 11,8 | 12,8 | 14,4 | 13,2 | 12,4 | 12,7 | 13,8 | 14,7 | 51,2 |
| Rio Grande do Norte | 11,2 | 10,6 | 14,2 | 11,7 | 13,6 | 14,8 | 19,3 | 23,2 | 25,2 | 26,0 | 32,6 | 190,2 |
| Sergipe | 29,3 | 29,7 | 25,2 | 24,4 | 25,0 | 29,8 | 25,9 | 28,7 | 32,8 | 33,9 | 35,4 | 20,8 |
| NORDESTE | 21,9 | 22,4 | 24,0 | 23,2 | 25,4 | 27,9 | 29,6 | 32,1 | 33,4 | 35,5 | 36,3 | 66,0 |
| Espírito Santo | 46,7 | 51,2 | 50,5 | 49,4 | 46,9 | 51,2 | 53,6 | 56,4 | 57,2 | 51,5 | 47,4 | 1,6 |
| Minas Gerais | 12,9 | 16,2 | 20,6 | 22,6 | 21,9 | 21,3 | 20,8 | 19,5 | 18,5 | 18,4 | 21,5 | 66,0 |
| Rio de Janeiro | 50,5 | 56,5 | 52,7 | 49,2 | 46,1 | 45,8 | 40,1 | 34,0 | 31,7 | 33,1 | 28,3 | -43,9 |
| São Paulo | 41,8 | 38,0 | 35,9 | 28,6 | 21,6 | 19,9 | 15,0 | 14,9 | 15,3 | 14,1 | 13,5 | -67,7 |
| SUDESTE | 36,6 | 36,8 | 36,1 | 32,1 | 27,6 | 26,7 | 23,0 | 21,6 | 21,1 | 20,5 | 19,9 | -45,7 |
| Paraná | 21,0 | 22,7 | 25,5 | 28,1 | 29,0 | 29,8 | 29,6 | 32,6 | 34,6 | 34,3 | 31,7 | 50,7 |
| Rio Grande do Sul | 17,9 | 18,3 | 18,1 | 18,5 | 18,6 | 17,9 | 19,6 | 21,8 | 20,4 | 19,2 | 19,2 | 6,9 |
| Santa Catarina | 8,4 | 10,3 | 11,6 | 11,1 | 10,5 | 11,0 | 10,4 | 13,0 | 13,1 | 13,2 | 12,6 | 49,4 |
| SUL | 17,1 | 18,3 | 19,5 | 20,6 | 20,8 | 20,9 | 21,4 | 24,0 | 24,3 | 23,6 | 22,4 | 31,4 |
| Distrito Federal | 36,9 | 34,7 | 39,1 | 36,5 | 31,9 | 32,3 | 33,5 | 34,1 | 38,6 | 34,4 | 37,4 | 1,4 |
| Goiás | 21,5 | 24,5 | 23,7 | 26,4 | 24,9 | 24,6 | 24,4 | 30,0 | 30,2 | 32,0 | 36,4 | 69,0 |
| Mato Grosso | 38,5 | 37,0 | 35,0 | 32,1 | 32,4 | 31,5 | 30,7 | 31,8 | 33,3 | 32,6 | 32,3 | -16,0 |
| Mato Grosso do Sul | 29,3 | 32,4 | 32,7 | 29,6 | 27,7 | 29,5 | 30,0 | 29,5 | 30,8 | 26,7 | 27,0 | -8,0 |
| CENTRO-OESTE | 29,3 | 30,4 | 30,5 | 30,0 | 28,2 | 28,3 | 28,4 | 31,1 | 32,6 | 31,7 | 34,1 | 16,4 |
| BRASIL | 27,8 | 28,5 | 28,9 | 27,0 | 25,8 | 26,3 | 25,2 | 26,4 | 26,9 | 27,5 | 27,1 | -2,4 |

Fonte: SIM/SVS/MS.

- Nas demais regiões do país, as taxas cresceram com ritmos relativamente acelerados principalmente no Norte, onde o aumento no período foi de 75,9% em decorrência do acelerado crescimento do Pará e do Amazonas. Também no Nordeste, onde os números crescem em todas as unidades, salvo Pernambuco.

- Se as médias de crescimento nas regiões Sul e Centro-Oeste resultam moderadas, estados como Paraná e Santa Catarina, na primeira, e Goiás na segunda, mostram aumentos preocupantes.
- Falávamos, em estudos anteriores, que essa estagnação – ou leve aumento nas taxas – acontecida desde 2004, é preocupante. Em primeiro lugar, como já mencionamos, porque acontece com níveis de violência em patamares muito elevados – em torno de 27 homicídios por 100 mil habitantes. Em segundo, por ser resultante de uma situação de alto risco: em alguns anos prevalece o peso dos *estados em baixa*, cuja capacidade de continuar diminuindo os níveis estruturais de violência está tendendo a se esgotar, em outros, a dos *estados em alta*, cujo crescimento não apresenta sinais de arrefecer.
- Desse modo, a dinâmica da década não foi determinada exclusivamente por uma região ou área específica.²⁴ A violência foi se espalhando ao longo do Brasil, com padrões que podem ser identificados na tabela 3.1.3. Observados os dados, percebe-se que *as dez UF*s que em 2001 tinham as maiores taxas de homicídio do país apresentam quedas ao longo do período que, em alguns casos, como os de São Paulo e Rio de Janeiro, chegam a ser bem expressivas²⁵. Devemos excetuar os casos de Espírito Santo e Distrito Federal que, apesar de terem elevados índices em 2001, tiveram ainda um leve aumento entre anos considerados.

Gráfico 3.1.1. Taxas de homicídio (por 100 mil) – Brasil. 2001/2011

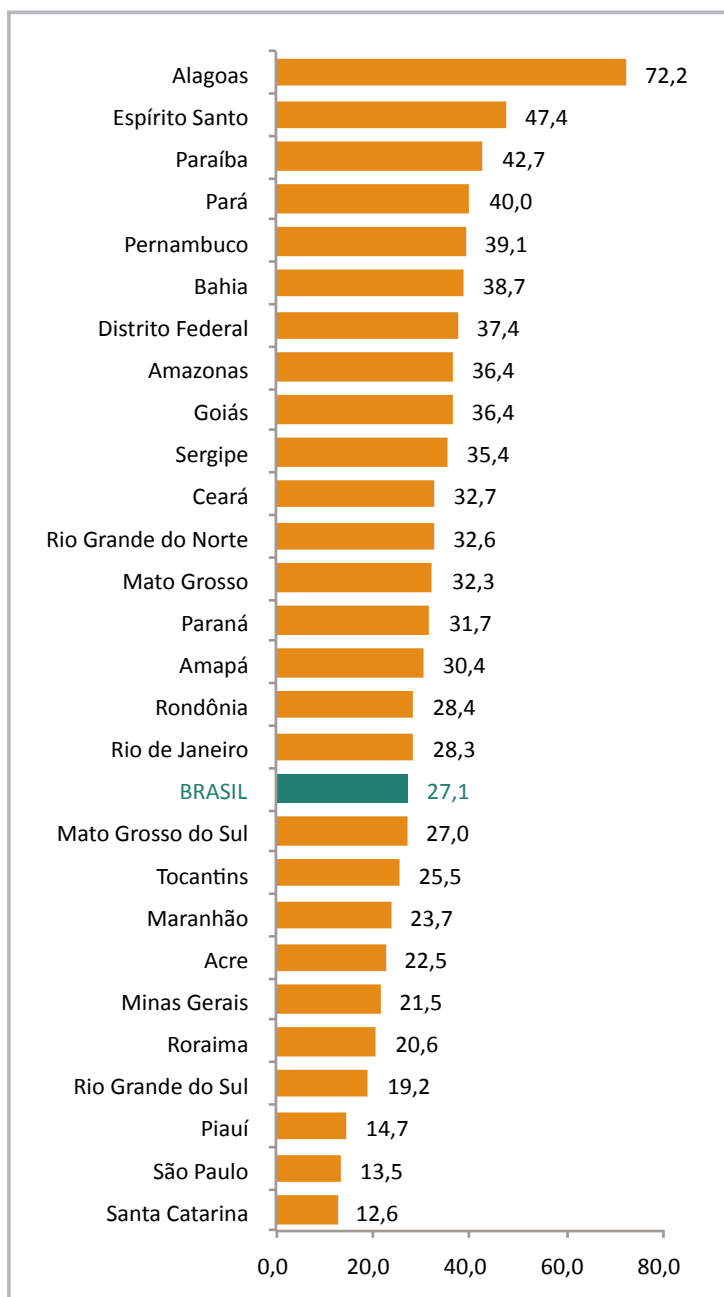


Fonte: SIM/SVS/MS.

²⁴ Chegou-se a falar, na mídia nacional, da “nordestinização” da violência.

²⁵ Esses estados foram destacados com fundo laranja na tabela 3.1.3.

Gráfico 3.1.2. Ordenamento das taxas de homicídio (por 100 mil) na população total das UFs – Brasil. 2011



Fonte: SIM/SVS/MS.

- As 17 UFs que em 2001 apresentavam os menores índices de homicídio, em todas, sem exceção, as taxas cresceram no período. Esse aumento foi muito elevado e preocupante; em alguns casos, como Alagoas, de uma posição intermediária, em 2001, passa à liderança nacional com uma taxa de 72,2 homicídios por 100 mil habitantes.

| Tabela 3.1.3. Evolução das taxas de homicídio (por 100 mil habitantes) na população total das UFs – Brasil. 2001, 2010 e 2011 | | | | | | | | |
|--|---------------------------------|-----|------|-----|------|-----|---------------|---------------|
| UF/REGIÃO | Taxas de Homicídio (por 100mil) | | | | | | Δ% | |
| | 2001 | | 2010 | | 2011 | | 2010/ 2011 | 2001/ 2011 |
| | Taxa | Pos | Taxa | Pos | Taxa | Pos | | |
| Alagoas | 29,3 | 12º | 66,8 | 1º | 72,2 | 1º | 8,1 | 146,5 |
| Espírito Santo | 46,7 | 3º | 51,5 | 2º | 47,4 | 2º | -8,0 | 1,6 |
| Paraíba | 14,1 | 21º | 38,8 | 7º | 42,7 | 3º | 10,0 | 202,3 |
| Pará | 15,1 | 20º | 47,5 | 3º | 40,0 | 4º | -15,7 | 165,8 |
| Pernambuco | 58,7 | 1º | 39,3 | 6º | 39,1 | 5º | -0,6 | -33,4 |
| Bahia | 11,9 | 23º | 40,4 | 4º | 38,7 | 6º | -4,3 | 223,6 |
| Distrito Federal | 36,9 | 7º | 34,4 | 9º | 37,4 | 7º | 8,8 | 1,4 |
| Amazonas | 16,7 | 19º | 31,5 | 16º | 36,4 | 8º | 15,5 | 118,7 |
| Goiás | 21,5 | 13º | 32,0 | 14º | 36,4 | 9º | 13,8 | 69,0 |
| Sergipe | 29,3 | 11º | 33,9 | 11º | 35,4 | 10º | 4,2 | 20,8 |
| Ceará | 17,2 | 18º | 31,9 | 15º | 32,7 | 11º | 2,6 | 90,1 |
| Rio Grande do Norte | 11,2 | 24º | 26,0 | 19º | 32,6 | 12º | 25,4 | 190,2 |
| Mato Grosso | 38,5 | 6º | 32,6 | 13º | 32,3 | 13º | -0,9 | -16,0 |
| Paraná | 21,0 | 15º | 34,3 | 10º | 31,7 | 14º | -7,6 | 50,7 |
| Amapá | 36,9 | 8º | 40,2 | 5º | 30,4 | 15º | -24,4 | -17,6 |
| Rondônia | 40,1 | 5º | 35,6 | 8º | 28,4 | 16º | -20,4 | -29,3 |
| Rio de Janeiro | 50,5 | 2º | 33,1 | 12º | 28,3 | 17º | -14,3 | -43,9 |
| Mato Grosso do Sul | 29,3 | 10º | 26,7 | 18º | 27,0 | 18º | 1,1 | -8,0 |
| Tocantins | 18,8 | 16º | 23,5 | 20º | 25,5 | 19º | 8,4 | 35,4 |
| Maranhão | 9,4 | 26º | 23,2 | 22º | 23,7 | 20º | 2,1 | 153,1 |
| Acre | 21,2 | 14º | 23,3 | 21º | 22,5 | 21º | -3,6 | 6,0 |
| Minas Gerais | 12,9 | 22º | 18,4 | 24º | 21,5 | 22º | 16,7 | 66,0 |
| Roraima | 31,7 | 9º | 28,5 | 17º | 20,6 | 23º | -27,6 | -34,9 |
| Rio Grande do Sul | 17,9 | 17º | 19,2 | 23º | 19,2 | 24º | 0,0 | 6,9 |
| Piauí | 9,7 | 25º | 13,8 | 26º | 14,7 | 25º | 6,5 | 51,2 |
| São Paulo | 41,8 | 4º | 14,1 | 25º | 13,5 | 26º | -4,1 | -67,7 |
| Santa Catarina | 8,4 | 27º | 13,2 | 27º | 12,6 | 27º | -4,4 | 49,4 |

Fonte: SIM/SVS/MS.

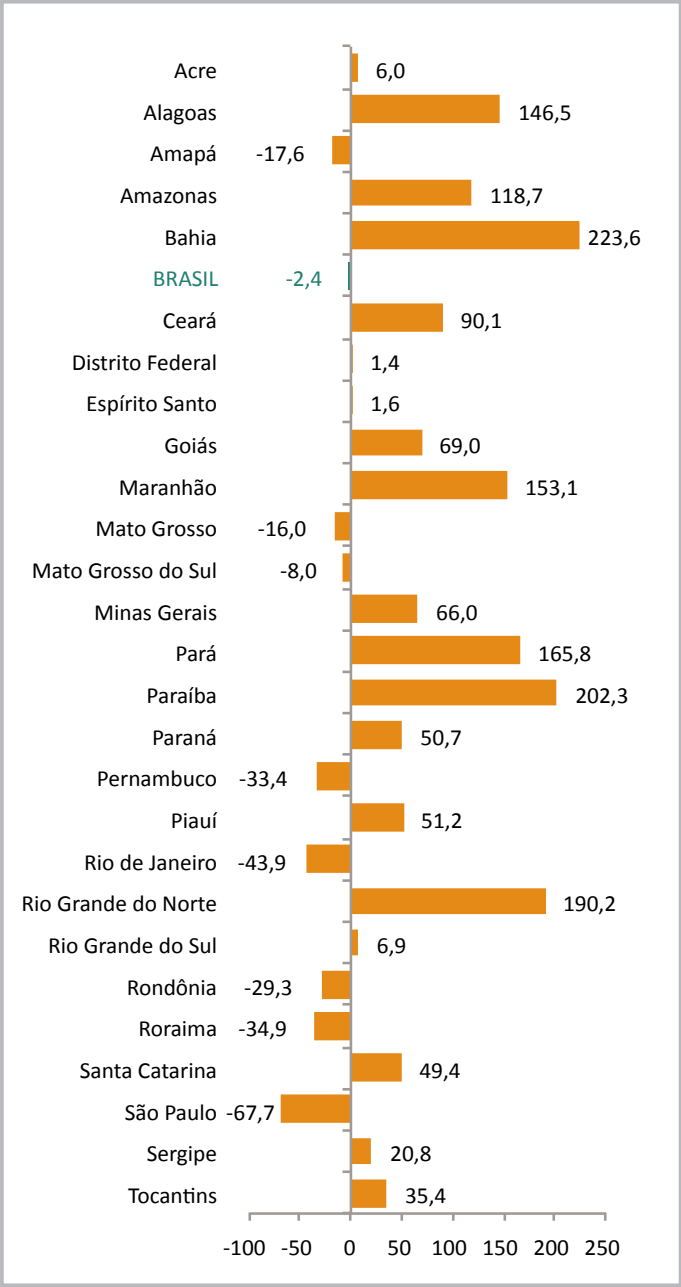
- Não só Alagoas, mas também Goiás, Acre, Paraná, Ceará, Amazonas, Pará, Paraíba, Bahia, Rio Grande do Norte e Maranhão, dentre outros, observam suas taxas subirem de forma acentuada e descontrolada, afetando decididamente as condições da seguridade cidadã imperantes.

Crescimento das taxas no período **2001/2011**

Os gráficos 3.1.3 e 3.1.4. permitem verificar o crescimento percentual – positivo ou negativo – das taxas de homicídio na população total. Como apontado

anteriormente, comparando os anos de 2001 e 2011, verifica-se que as taxas caem em um reduzido número de UFs, aquelas que apresentavam as maiores taxas no início do período. Em casos extremos, como os de São Paulo e Rio de Janeiro, as taxas despencam 67,7% e 43,9%, respectivamente.

Gráfico 3.1.3. Crescimento das taxas de homicídio na população total das UFs, 2001-2011. (Em %)



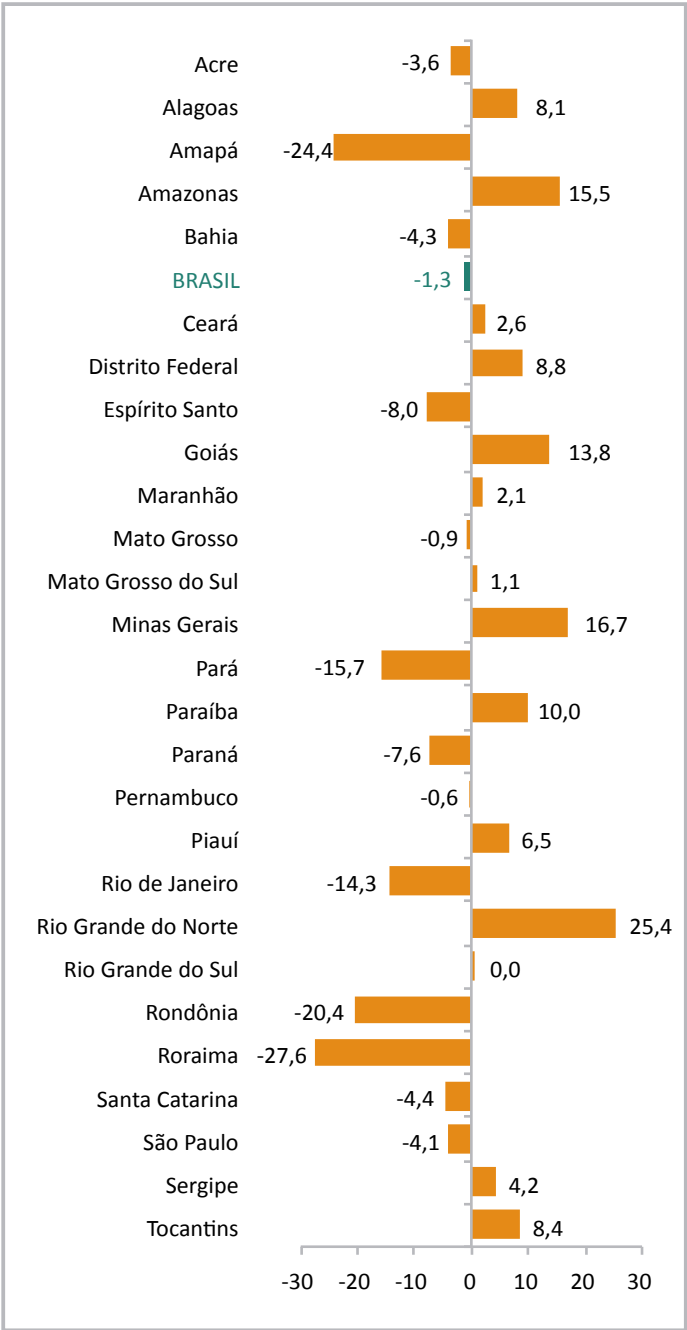
Fonte: SIM/SVS/MS.

- Na totalidade das 17 UF's com as menores taxas em 2001, os índices crescem. Também aqui temos casos extremos, como os da Bahia, da Paraíba e do Rio Grande do Norte, onde as taxas de homicídio praticamente triplicam nesse período.
- Como as quedas acontecem em UF's de grande peso demográfico, por exemplo, São Paulo e Rio de Janeiro, elas compensam os aumentos registrados nesse grande número de estados. Por esse motivo, a taxa inicial de 27,8 homicídios por 100 mil habitantes é bem semelhante a observada no final, em 2011: 27,1.

Crescimento das taxas no período 2010/2011

- Entre 2010 e 2011, a evolução é bem mais matizada.
- Em 13 estados, as taxas aumentam e no mesmo número de estados diminuem. Só o Rio Grande do Sul permanece com suas taxas inalteradas.
- A taxa nacional também permanece praticamente idêntica: 27,5 por 100 mil habitantes, em 2010, e 27,1, em 2011: uma leve queda de 1,3%.
- Não se detecta um padrão evolutivo muito definido, aparecendo mais como oscilações no mesmo padrão vigente desde meados da década do que uma mudança de percurso: uma situação de equilíbrio instável dentro do processo de desconcentração e espalhamento nacional da violência.
- Ratificando essa tendência, temos que nas oito UF's com diminuição das taxas de violência na década: Amapá, Mato Grosso, Pernambuco, Rio de Janeiro, Rondônia, Roraima, São Paulo e Mato Grosso do Sul, as taxas no final do período (2010/2011) continuam caindo, salvo Mato Grosso do Sul, que evidencia um leve aumento de 1,1%.
- Das 19 unidades cujas taxas cresceram na década, em seis, observam-se quedas; em 12, aumentos; e em uma, Rio Grande do Sul, as taxas entre 2010 e 2011 permanecem idênticas.

Gráfico 3.1.4. Crescimento das taxas de homicídio na população total das UFs. 2010-2011 (Em %)



Fonte: SIM/SVS/MS.

3.2. Homicídios na população jovem das unidades federadas

As análises a seguir pretendem verificar a evolução dos números e das taxas de homicídios da população jovem do Brasil.

Em primeiro lugar, observa-se que o número de homicídios juvenis não é proporcional ao peso demográfico desse grupo. Apesar de os jovens de 15 a 29 anos representarem aproximadamente 27% da população total do país, o número de homicídios nessa faixa é em torno de 53% do total, praticamente o dobro do que seria esperado em função de sua participação demográfica.

| Tabela 3.2.1. Número de homicídios na população jovem (15 a 29 anos) por UF e regiões – Brasil. 2001/2011 | | | | | | | | | | | | |
|---|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|-------|
| UF/REGIÃO | 2001 | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 | Δ% |
| Acre | 72 | 90 | 78 | 75 | 67 | 85 | 72 | 76 | 78 | 74 | 73 | 1,4 |
| Amapá | 115 | 120 | 133 | 116 | 123 | 128 | 113 | 141 | 108 | 168 | 122 | 6,1 |
| Amazonas | 285 | 312 | 343 | 309 | 356 | 428 | 433 | 481 | 540 | 634 | 791 | 177,5 |
| Pará | 514 | 632 | 747 | 811 | 1.082 | 1.184 | 1.262 | 1.634 | 1.717 | 1.934 | 1.756 | 241,6 |
| Rondônia | 240 | 282 | 231 | 280 | 246 | 257 | 210 | 210 | 231 | 226 | 187 | -22,1 |
| Roraima | 51 | 71 | 53 | 44 | 40 | 46 | 47 | 37 | 52 | 52 | 39 | -23,5 |
| Tocantins | 89 | 82 | 86 | 98 | 88 | 119 | 94 | 122 | 134 | 177 | 159 | 78,7 |
| NORTE | 1.366 | 1.589 | 1.671 | 1.733 | 2.002 | 2.247 | 2.231 | 2.701 | 2.860 | 3.265 | 3.127 | 128,9 |
| Alagoas | 480 | 559 | 615 | 623 | 696 | 979 | 1.102 | 1.142 | 1.115 | 1.287 | 1.321 | 175,2 |
| Bahia | 887 | 1.014 | 1.270 | 1.310 | 1.651 | 1.930 | 2.134 | 2.972 | 3.387 | 3.499 | 3.157 | 255,9 |
| Ceará | 651 | 728 | 770 | 826 | 942 | 941 | 1.066 | 1.131 | 1.196 | 1.493 | 1.568 | 140,9 |
| Maranhão | 296 | 302 | 416 | 398 | 511 | 522 | 623 | 712 | 774 | 834 | 820 | 177,0 |
| Paraíba | 288 | 322 | 339 | 350 | 403 | 458 | 461 | 560 | 710 | 834 | 915 | 217,7 |
| Pernambuco | 2.744 | 2.588 | 2.645 | 2.490 | 2.615 | 2.616 | 2.698 | 2.621 | 2.279 | 1.976 | 1.924 | -29,9 |
| Piauí | 133 | 162 | 156 | 173 | 210 | 240 | 186 | 187 | 205 | 195 | 220 | 65,4 |
| Rio Grande do Norte | 156 | 143 | 200 | 181 | 235 | 234 | 314 | 402 | 455 | 439 | 596 | 282,1 |
| Sergipe | 298 | 322 | 259 | 234 | 249 | 333 | 294 | 313 | 324 | 351 | 371 | 24,5 |
| NORDESTE | 5.933 | 6.140 | 6.670 | 6.585 | 7.512 | 8.253 | 8.878 | 10.040 | 10.445 | 10.908 | 10.892 | 83,6 |
| Espírito Santo | 784 | 936 | 893 | 936 | 904 | 982 | 1.008 | 1.112 | 1.163 | 1.036 | 1.005 | 28,2 |
| Minas Gerais | 1.255 | 1.623 | 2.239 | 2.570 | 2.459 | 2.408 | 2.341 | 2.200 | 2.062 | 1.955 | 2.249 | 79,2 |
| Rio de Janeiro | 3.955 | 4.522 | 4.285 | 4.036 | 3.899 | 3.833 | 3.459 | 2.867 | 2.601 | 2.696 | 2.236 | -43,5 |
| São Paulo | 9.159 | 8.580 | 8.234 | 6.334 | 4.607 | 4.141 | 2.996 | 2.805 | 2.786 | 2.526 | 2.369 | -74,1 |
| SUDESTE | 15.153 | 15.661 | 15.651 | 13.876 | 11.869 | 11.364 | 9.804 | 8.984 | 8.612 | 8.213 | 7.859 | -48,1 |
| Paraná | 1.028 | 1.207 | 1.345 | 1.548 | 1.649 | 1.700 | 1.756 | 1.912 | 2.063 | 1.960 | 1.750 | 70,2 |
| Rio Grande do Sul | 879 | 953 | 931 | 1.016 | 1.034 | 971 | 1.125 | 1.194 | 1.074 | 968 | 1.005 | 14,3 |
| Santa Catarina | 207 | 255 | 309 | 275 | 321 | 320 | 328 | 402 | 427 | 379 | 384 | 85,5 |
| SUL | 2.114 | 2.415 | 2.585 | 2.839 | 3.004 | 2.991 | 3.209 | 3.508 | 3.564 | 3.307 | 3.139 | 48,5 |
| Distrito Federal | 447 | 416 | 454 | 436 | 403 | 399 | 430 | 492 | 523 | 452 | 492 | 10,1 |
| Goiás | 591 | 707 | 713 | 816 | 829 | 824 | 849 | 971 | 977 | 1.088 | 1.200 | 103,0 |
| Mato Grosso | 427 | 414 | 406 | 401 | 407 | 427 | 368 | 428 | 466 | 462 | 457 | 7,0 |
| Mato Grosso do Sul | 267 | 313 | 344 | 317 | 305 | 309 | 333 | 343 | 354 | 282 | 305 | 14,2 |
| CENTRO-OESTE | 1.732 | 1.850 | 1.917 | 1.970 | 1.944 | 1.959 | 1.980 | 2.234 | 2.320 | 2.284 | 2.454 | 41,7 |
| BRASIL | 26.298 | 27.655 | 28.494 | 27.003 | 26.331 | 26.814 | 26.102 | 27.467 | 27.801 | 27.977 | 27.471 | 4,5 |

Fonte: SIM/SVS/MS.

Pelos dados da tabela 3.2.1, verificamos que, no período de 2001 a 2011, morreram 299.413 jovens vítimas de homicídios. Além disso, nos anos extremos da série temporal, os números são semelhantes: em torno de 27 mil homicídios. Por tal motivo, o crescimento decenal pode ser considerado extremamente baixo: 4,5% ao longo do período. Mas essa aparente estabilidade encobre significativas mudanças acontecidas na geografia da violência, já vista no conjunto da população.

Alguns estados e regiões apresentam fortes quedas, como o Sudeste, onde São Paulo e Rio de Janeiro tiveram forte recuo: 74,1% e 43,5%, respectivamente. Em contrapartida, o Norte e, em menor escala, o Nordeste, apresentam aumentos relevantes, duplicando os quantitativos na década. Nessas regiões, destacam-se os estados de Pará, Bahia, Rio Grande do Norte e Paraíba, mais que triplicando o número de homicídios juvenis entre 2001 e 2011.

Essa paralisação no volume de homicídios contrapõe-se ao forte crescimento histórico observado em décadas anteriores e torna-se mais evidente ao considerar as taxas de homicídio por 100 mil jovens. Aqui o período de 2001 a 2011 evidencia uma leve, quase insignificante queda: 1,8%. Ainda assim, a taxa de homicídios jovens do Brasil em 2011: 53 por 100 mil jovens, praticamente duplica a taxa da população total, que nesse ano foi de 27,1 como vimos no item anterior.

Devemos considerar que essa taxa de 53 é a média nacional. Os dados permitem verificar marcadas diferenças na geografia da violência. Estados como Alagoas, com uma taxa de 149,9 homicídios por 100 mil jovens triplicam a média nacional, e Espírito Santo a duplica, levando os homicídios juvenis a limites insustentáveis, em níveis bem superiores aos de muitos conflitos bélicos no mundo, como tivemos oportunidade de ver no capítulo 2.

Para ponderar essa diversidade, podemos apontar que, nos extremos da escala da violência, a taxa de Alagoas é sete vezes superior a de São Paulo, de 21,9 homicídios juvenis por 100 mil jovens. Ainda assim, a menor taxa do país duplica o patamar dos níveis considerados epidêmicos de dez homicídios por 100 mil casos.

Pelo gráfico 3.2.2, podemos perceber que a evolução das taxas de homicídio no período também foi muito heterogênea. Bahia, Rio Grande do Norte e Paraíba mais que triplicam suas taxas de homicídio, totalizando 18 as UFs onde os índices de homicídio cresceram na década. Só em nove estados as taxas caem. Mas são estados com peso demográfico bem maior, que permite contrabalançar os aumentos dos restantes 18, entre eles, São Paulo e Rio de Janeiro com forte reversão.

Tabela 3.2.2. Taxas de homicídio (por 100 mil) na população de 15 a 29 anos por UF e regiões – Brasil. 2001/2011

| UF/REGIÃO | 2001 | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 | Δ% |
|---------------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|--------------|
| Acre | 41,6 | 50,9 | 43,1 | 40,5 | 33,2 | 41,1 | 34,2 | 37,6 | 38,3 | 34,5 | 33,4 | -19,8 |
| Amapá | 74,1 | 74,7 | 79,9 | 67,4 | 66,5 | 66,8 | 58,3 | 76,0 | 57,3 | 81,7 | 58,1 | -21,7 |
| Amazonas | 32,2 | 34,5 | 37,0 | 32,6 | 36,0 | 42,3 | 41,8 | 47,3 | 52,5 | 61,7 | 75,8 | 135,5 |
| Pará | 27,0 | 32,6 | 37,9 | 40,3 | 51,7 | 55,4 | 57,2 | 73,6 | 76,5 | 86,2 | 77,1 | 185,6 |
| Rondônia | 57,0 | 65,9 | 53,1 | 63,3 | 53,6 | 55,0 | 44,4 | 47,6 | 52,3 | 49,8 | 40,9 | -28,4 |
| Roraima | 50,6 | 68,5 | 49,7 | 40,1 | 34,2 | 38,2 | 38,1 | 30,5 | 42,4 | 38,9 | 28,5 | -43,6 |
| Tocantins | 25,4 | 23,0 | 23,6 | 26,4 | 22,6 | 30,0 | 22,9 | 31,9 | 35,0 | 44,7 | 39,6 | 55,6 |
| NORTE | 34,2 | 39,1 | 40,2 | 40,9 | 45,2 | 49,6 | 47,9 | 59,1 | 62,0 | 69,8 | 65,9 | 92,4 |
| Alagoas | 57,5 | 66,2 | 72,0 | 72,2 | 78,8 | 109,6 | 123,0 | 127,0 | 124,3 | 147,1 | 149,9 | 160,8 |
| Bahia | 22,4 | 25,4 | 31,5 | 32,2 | 39,8 | 46,0 | 50,8 | 69,8 | 80,2 | 88,8 | 79,6 | 255,9 |
| Ceará | 31,0 | 34,1 | 35,6 | 37,7 | 41,7 | 41,0 | 43,8 | 45,9 | 48,2 | 61,9 | 64,4 | 107,9 |
| Maranhão | 17,6 | 17,7 | 24,1 | 22,8 | 28,5 | 28,7 | 31,9 | 36,4 | 39,5 | 43,1 | 41,9 | 138,4 |
| Paraíba | 29,4 | 32,6 | 34,1 | 34,9 | 39,6 | 44,6 | 43,4 | 51,9 | 65,9 | 81,2 | 88,5 | 201,2 |
| Pernambuco | 118,3 | 110,5 | 111,8 | 104,3 | 107,2 | 106,1 | 109,3 | 105,6 | 92,2 | 82,0 | 79,2 | -33,1 |
| Piauí | 15,9 | 19,1 | 18,3 | 20,1 | 23,9 | 27,0 | 20,0 | 20,0 | 22,1 | 22,2 | 24,9 | 56,7 |
| Rio Grande do Norte | 19,5 | 17,7 | 24,4 | 21,8 | 27,5 | 27,1 | 34,9 | 44,8 | 50,7 | 49,1 | 65,9 | 237,7 |
| Sergipe | 55,3 | 58,9 | 46,6 | 41,5 | 42,7 | 56,2 | 49,4 | 54,1 | 56,2 | 59,3 | 62,0 | 12,0 |
| NORDESTE | 42,2 | 43,2 | 46,4 | 45,4 | 50,5 | 54,9 | 57,5 | 64,6 | 67,3 | 72,9 | 72,2 | 71,1 |
| Espírito Santo | 86,5 | 101,7 | 95,6 | 98,7 | 92,3 | 98,6 | 102,3 | 116,8 | 123,0 | 109,4 | 105,1 | 21,5 |
| Minas Gerais | 24,9 | 31,8 | 43,3 | 49,2 | 45,8 | 44,3 | 43,5 | 41,1 | 38,7 | 37,9 | 43,3 | 74,1 |
| Rio de Janeiro | 103,3 | 116,8 | 109,5 | 102,1 | 96,3 | 93,6 | 88,6 | 73,7 | 67,0 | 68,5 | 56,4 | -45,5 |
| São Paulo | 86,8 | 80,1 | 75,8 | 57,5 | 40,6 | 35,9 | 27,2 | 26,3 | 26,3 | 23,5 | 21,9 | -74,8 |
| SUDESTE | 74,5 | 76,0 | 75,0 | 65,6 | 54,6 | 51,5 | 46,0 | 43,0 | 41,5 | 39,5 | 37,5 | -49,6 |
| Paraná | 38,7 | 45,0 | 49,5 | 56,4 | 58,5 | 59,6 | 62,4 | 67,9 | 73,0 | 72,3 | 64,1 | 65,6 |
| Rio Grande do Sul | 33,5 | 36,0 | 34,8 | 37,6 | 37,4 | 34,7 | 39,9 | 43,4 | 39,1 | 36,7 | 37,9 | 13,1 |
| Santa Catarina | 14,0 | 17,0 | 20,2 | 17,8 | 20,1 | 19,7 | 20,1 | 24,8 | 26,2 | 22,6 | 22,6 | 62,1 |
| SUL | 31,3 | 35,3 | 37,4 | 40,6 | 41,8 | 41,1 | 44,2 | 48,8 | 49,4 | 47,1 | 44,4 | 41,8 |
| Distrito Federal | 66,0 | 60,1 | 64,2 | 60,5 | 53,5 | 51,9 | 61,4 | 67,7 | 71,5 | 61,5 | 65,9 | -0,2 |
| Goiás | 39,2 | 46,0 | 45,5 | 51,1 | 49,8 | 48,6 | 51,7 | 59,8 | 60,1 | 66,2 | 72,0 | 84,0 |
| Mato Grosso | 55,9 | 53,3 | 51,3 | 49,8 | 48,6 | 50,0 | 43,7 | 50,6 | 54,8 | 54,1 | 52,7 | -5,7 |
| Mato Grosso do Sul | 44,8 | 51,8 | 56,2 | 51,1 | 47,7 | 47,6 | 51,4 | 53,2 | 54,8 | 42,5 | 45,5 | 1,4 |
| CENTRO-OESTE | 48,9 | 51,2 | 52,1 | 52,6 | 49,9 | 49,3 | 51,6 | 58,2 | 60,2 | 58,6 | 62,1 | 27,2 |
| BRASIL | 54,0 | 56,1 | 57,0 | 53,3 | 50,5 | 50,7 | 49,7 | 52,8 | 53,5 | 54,5 | 53,0 | -1,8 |

Fonte: SIM/SVS/MS.

Uma norma geral nesse campo pode ser observada: estados que no início do período tinham elevadas taxas de homicídio tendem a cair, e estados com taxas baixas tendem a aumentar, tema que deverá ser retomado mais adiante, ao tratar as mudanças nos padrões da violência nacional.

| Tabela 3.2.3. Taxas de homicídio (por 100 mil) na população de 15 a 19 anos por UF e regiões – Brasil. 2001/2011 | | | | | | | | | | | | |
|--|------|------|------|------|------|------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|
| UF/REGIÃO | 2001 | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 | Δ% |
| Acre | 16,0 | 42,6 | 26,4 | 29,9 | 21,2 | 21,9 | 22,9 | 23,9 | 30,7 | 37,7 | 26,8 | 67,9 |
| Amapá | 60,0 | 57,9 | 76,1 | 72,1 | 62,9 | 56,7 | 45,5 | 56,5 | 54,3 | 80,5 | 61,4 | 2,5 |
| Amazonas | 24,9 | 30,4 | 28,6 | 22,2 | 25,0 | 26,2 | 31,4 | 34,8 | 37,0 | 43,9 | 65,6 | 163,2 |
| Pará | 20,4 | 21,5 | 28,5 | 25,1 | 37,3 | 36,5 | 44,4 | 59,5 | 60,0 | 71,1 | 65,6 | 221,3 |
| Rondônia | 30,0 | 39,3 | 35,0 | 46,9 | 40,1 | 36,6 | 37,9 | 43,1 | 48,9 | 37,8 | 27,3 | -8,8 |
| Roraima | 40,9 | 44,8 | 26,6 | 30,5 | 22,0 | 23,5 | 29,8 | 18,7 | 39,3 | 29,8 | 20,8 | -49,1 |
| Tocantins | 18,9 | 14,9 | 15,4 | 17,1 | 12,5 | 18,0 | 16,9 | 28,2 | 22,3 | 30,1 | 28,4 | 50,4 |
| NORTE | 24,1 | 27,6 | 29,8 | 28,2 | 32,6 | 32,4 | 37,1 | 47,0 | 48,6 | 56,1 | 55,6 | 130,6 |
| Alagoas | 40,6 | 44,3 | 53,3 | 53,6 | 61,0 | 89,1 | 101,9 | 108,0 | 93,2 | 124,9 | 133,2 | 228,4 |
| Bahia | 14,6 | 17,1 | 20,3 | 19,3 | 23,9 | 29,5 | 37,8 | 52,0 | 74,2 | 79,8 | 73,1 | 400,7 |
| Ceará | 20,6 | 20,4 | 22,3 | 23,5 | 28,5 | 30,5 | 36,0 | 38,3 | 41,7 | 53,8 | 58,0 | 181,5 |
| Maranhão | 10,9 | 10,2 | 11,8 | 12,9 | 16,2 | 19,2 | 22,8 | 26,0 | 26,6 | 23,7 | 21,9 | 101,8 |
| Paraíba | 19,2 | 24,3 | 18,1 | 25,5 | 29,3 | 32,8 | 36,0 | 42,5 | 61,0 | 70,0 | 77,1 | 302,6 |
| Pernambuco | 89,5 | 77,7 | 74,3 | 83,9 | 81,4 | 80,4 | 94,1 | 88,7 | 79,2 | 64,9 | 67,1 | -25,1 |
| Piauí | 12,3 | 14,8 | 12,7 | 9,2 | 15,6 | 17,6 | 13,7 | 12,5 | 15,0 | 10,6 | 15,8 | 28,2 |
| Rio Grande do Norte | 13,4 | 11,4 | 14,0 | 12,6 | 18,0 | 18,4 | 31,9 | 40,5 | 41,8 | 41,0 | 59,6 | 344,0 |
| Sergipe | 31,2 | 36,4 | 30,2 | 23,4 | 20,8 | 31,8 | 35,1 | 33,7 | 39,0 | 36,1 | 55,8 | 79,2 |
| NORDESTE | 29,1 | 28,6 | 29,4 | 30,9 | 34,2 | 38,8 | 46,2 | 51,2 | 57,0 | 59,8 | 62,0 | 112,9 |
| Espírito Santo | 70,8 | 86,4 | 75,6 | 83,0 | 72,9 | 76,4 | 95,8 | 110,1 | 121,5 | 115,1 | 119,0 | 68,0 |
| Minas Gerais | 18,6 | 23,8 | 32,4 | 35,3 | 36,5 | 37,0 | 41,9 | 39,3 | 36,0 | 33,6 | 39,9 | 114,6 |
| Rio de Janeiro | 86,6 | 95,4 | 88,8 | 82,5 | 83,3 | 80,1 | 77,9 | 68,2 | 53,1 | 56,8 | 52,3 | -39,7 |
| São Paulo | 74,5 | 68,6 | 62,6 | 44,5 | 30,7 | 25,8 | 20,9 | 19,7 | 17,5 | 17,1 | 16,5 | -77,8 |
| SUDESTE | 62,0 | 62,7 | 60,2 | 50,9 | 43,7 | 40,9 | 40,3 | 38,1 | 33,9 | 33,5 | 34,2 | -44,8 |
| Paraná | 28,4 | 37,4 | 41,8 | 48,1 | 56,5 | 52,9 | 62,3 | 65,8 | 63,9 | 61,1 | 56,9 | 100,7 |
| Rio Grande do Sul | 25,7 | 26,0 | 23,6 | 27,9 | 27,1 | 23,4 | 33,8 | 31,8 | 32,0 | 28,2 | 29,9 | 16,6 |
| Santa Catarina | 9,2 | 12,1 | 15,3 | 16,9 | 18,1 | 15,3 | 18,3 | 24,0 | 21,8 | 20,9 | 17,6 | 91,9 |
| SUL | 23,1 | 27,4 | 28,8 | 33,3 | 36,5 | 33,0 | 41,5 | 43,6 | 42,4 | 39,5 | 37,7 | 63,4 |
| Distrito Federal | 71,6 | 50,5 | 71,1 | 59,9 | 49,2 | 38,9 | 53,8 | 65,4 | 66,5 | 65,7 | 73,2 | 2,2 |
| Goiás | 35,1 | 37,8 | 33,3 | 41,8 | 39,0 | 38,2 | 41,4 | 47,1 | 46,4 | 54,2 | 63,1 | 79,7 |
| Mato Grosso | 43,5 | 44,2 | 35,8 | 32,1 | 36,1 | 39,0 | 36,5 | 37,2 | 39,7 | 40,1 | 39,2 | -9,8 |
| Mato Grosso do Sul | 32,5 | 42,3 | 44,3 | 40,7 | 42,9 | 38,1 | 49,7 | 54,4 | 51,9 | 35,0 | 35,0 | 7,7 |
| CENTRO-OESTE | 43,2 | 42,3 | 42,7 | 42,8 | 40,9 | 38,5 | 44,0 | 49,5 | 49,6 | 49,6 | 54,5 | 26,2 |
| BRASIL | 41,9 | 42,9 | 42,5 | 39,8 | 38,7 | 38,3 | 42,2 | 44,5 | 44,7 | 45,7 | 46,7 | 11,3 |

Fonte: SIM/SVS/MS.

Tabela 3.2.4. Taxas de homicídio (por 100 mil) na população de 20 a 24 anos por UF e regiões – Brasil. 2001/2011

| UF/REGIÃO | 2001 | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 | Δ% |
|---------------------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|
| Acre | 65,2 | 63,8 | 62,3 | 46,5 | 35,3 | 60,2 | 29,2 | 39,7 | 39,9 | 28,4 | 36,3 | -44,3 |
| Amapá | 106,5 | 108,4 | 97,4 | 71,5 | 81,1 | 75,2 | 80,5 | 89,8 | 58,8 | 80,2 | 57,1 | -46,4 |
| Amazonas | 39,1 | 36,3 | 48,2 | 40,6 | 44,6 | 57,2 | 50,6 | 57,7 | 63,6 | 77,7 | 83,8 | 114,4 |
| Pará | 32,8 | 40,3 | 46,4 | 51,6 | 59,6 | 62,5 | 64,4 | 83,0 | 92,6 | 101,7 | 89,5 | 172,8 |
| Rondônia | 73,5 | 77,9 | 65,5 | 71,2 | 58,2 | 63,6 | 44,5 | 47,3 | 56,9 | 56,2 | 48,4 | -34,1 |
| Roraima | 71,3 | 98,2 | 64,5 | 57,2 | 30,7 | 59,6 | 53,2 | 17,5 | 47,3 | 50,4 | 35,9 | -49,6 |
| Tocantins | 26,3 | 29,1 | 26,9 | 28,7 | 28,2 | 35,8 | 26,3 | 36,9 | 40,1 | 48,5 | 39,6 | 50,4 |
| NORTE | 43,1 | 47,5 | 50,3 | 49,9 | 52,3 | 59,4 | 54,8 | 66,8 | 73,5 | 81,8 | 74,7 | 73,1 |
| Alagoas | 71,6 | 84,9 | 86,8 | 93,8 | 93,3 | 125,9 | 146,3 | 142,4 | 156,6 | 177,2 | 179,3 | 150,5 |
| Bahia | 28,3 | 31,4 | 39,9 | 39,4 | 51,0 | 56,9 | 60,4 | 88,6 | 96,8 | 103,5 | 93,1 | 229,4 |
| Ceará | 38,5 | 43,6 | 42,9 | 48,4 | 48,3 | 49,0 | 50,1 | 52,6 | 56,0 | 72,3 | 73,3 | 90,5 |
| Maranhão | 24,7 | 23,7 | 31,3 | 29,5 | 36,1 | 33,2 | 35,7 | 43,2 | 46,9 | 53,1 | 50,0 | 102,5 |
| Paraíba | 37,8 | 38,1 | 42,6 | 39,9 | 45,5 | 47,8 | 48,9 | 57,2 | 72,3 | 88,6 | 98,0 | 159,6 |
| Pernambuco | 145,9 | 133,4 | 143,1 | 121,5 | 128,8 | 127,2 | 123,0 | 123,7 | 108,4 | 100,7 | 91,1 | -37,6 |
| Piauí | 16,5 | 24,9 | 22,2 | 31,1 | 27,4 | 30,8 | 22,5 | 21,2 | 30,0 | 28,2 | 29,3 | 77,6 |
| Rio Grande do Norte | 21,6 | 23,1 | 33,5 | 27,7 | 36,5 | 29,7 | 35,7 | 50,5 | 59,7 | 60,7 | 75,2 | 248,6 |
| Sergipe | 69,9 | 76,4 | 61,8 | 49,2 | 54,3 | 70,5 | 55,8 | 57,8 | 66,6 | 67,2 | 57,7 | -17,5 |
| NORDESTE | 52,7 | 53,8 | 58,9 | 55,7 | 61,8 | 65,4 | 65,8 | 76,1 | 80,0 | 86,1 | 82,9 | 57,3 |
| Espírito Santo | 101,5 | 122,7 | 116,1 | 108,5 | 113,9 | 113,6 | 112,1 | 129,1 | 138,5 | 120,4 | 111,9 | 10,2 |
| Minas Gerais | 30,5 | 38,5 | 53,6 | 59,9 | 54,1 | 48,3 | 46,9 | 44,1 | 44,1 | 45,1 | 49,7 | 62,9 |
| Rio de Janeiro | 121,0 | 142,2 | 131,6 | 123,3 | 109,9 | 106,5 | 102,5 | 84,9 | 79,2 | 78,8 | 63,3 | -47,7 |
| São Paulo | 97,1 | 93,5 | 90,0 | 68,7 | 46,8 | 40,2 | 30,4 | 30,7 | 30,6 | 26,8 | 24,1 | -75,2 |
| SUDESTE | 85,4 | 90,5 | 90,1 | 78,6 | 63,5 | 58,0 | 51,5 | 48,6 | 48,0 | 45,3 | 41,8 | -51,1 |
| Paraná | 46,5 | 55,4 | 59,2 | 72,1 | 66,2 | 68,6 | 69,7 | 80,2 | 86,2 | 83,8 | 71,8 | 54,5 |
| Rio Grande do Sul | 41,1 | 46,7 | 44,1 | 49,3 | 45,9 | 43,0 | 45,1 | 48,6 | 43,5 | 43,1 | 41,9 | 1,9 |
| Santa Catarina | 18,5 | 21,4 | 26,9 | 19,8 | 21,6 | 26,0 | 23,7 | 26,8 | 29,1 | 26,0 | 26,4 | 42,9 |
| SUL | 38,3 | 44,6 | 46,3 | 51,8 | 48,5 | 49,3 | 49,7 | 56,0 | 57,0 | 54,6 | 49,7 | 29,7 |
| Distrito Federal | 73,2 | 79,3 | 73,7 | 67,5 | 59,8 | 57,8 | 71,7 | 76,2 | 83,5 | 68,4 | 74,5 | 1,8 |
| Goiás | 45,0 | 52,1 | 56,2 | 63,0 | 60,1 | 59,1 | 64,2 | 71,8 | 71,7 | 82,3 | 80,1 | 78,2 |
| Mato Grosso | 64,7 | 58,6 | 62,8 | 56,8 | 57,8 | 62,2 | 49,4 | 56,5 | 68,3 | 64,7 | 60,7 | -6,2 |
| Mato Grosso do Sul | 53,1 | 54,4 | 69,4 | 63,1 | 50,4 | 52,9 | 55,0 | 58,2 | 63,2 | 50,5 | 50,3 | -5,3 |
| CENTRO-OESTE | 56,1 | 59,2 | 63,2 | 62,6 | 58,0 | 58,5 | 60,8 | 66,9 | 71,8 | 70,5 | 69,8 | 24,5 |
| BRASIL | 64,0 | 67,9 | 70,0 | 64,9 | 59,6 | 59,1 | 56,5 | 60,9 | 62,9 | 63,7 | 60,0 | -6,3 |

Fonte: SIM/SVS/MS.

| Tabela 3.2.5. Taxas de homicídio (por 100 mil) na população de 25 a 29 anos por UF e regiões – Brasil. 2001/2011 | | | | | | | | | | | | |
|--|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|
| UF/REGIÃO | 2001 | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 | Δ% |
| Acre | 50,3 | 47,1 | 43,9 | 49,0 | 48,7 | 45,7 | 52,5 | 50,8 | 44,9 | 37,1 | 37,9 | -24,6 |
| Amapá | 55,2 | 57,8 | 64,4 | 56,0 | 54,0 | 70,8 | 48,5 | 84,0 | 59,1 | 84,6 | 55,2 | -0,1 |
| Amazonas | 34,0 | 38,1 | 35,3 | 37,5 | 41,2 | 46,7 | 43,7 | 50,0 | 57,9 | 64,9 | 78,8 | 132,0 |
| Pará | 29,5 | 39,5 | 41,0 | 48,7 | 62,9 | 74,4 | 63,6 | 78,8 | 77,3 | 86,5 | 76,9 | 160,5 |
| Rondônia | 73,7 | 87,2 | 62,5 | 75,6 | 66,1 | 69,4 | 51,5 | 52,7 | 51,1 | 56,1 | 47,4 | -35,7 |
| Roraima | 39,3 | 66,1 | 64,1 | 32,8 | 55,5 | 32,9 | 31,4 | 57,3 | 40,7 | 37,0 | 29,5 | -25,1 |
| Tocantins | 33,9 | 27,0 | 31,5 | 36,8 | 30,4 | 40,0 | 25,8 | 30,7 | 43,1 | 56,7 | 52,0 | 53,2 |
| NORTE | 38,0 | 45,1 | 42,9 | 48,0 | 54,4 | 62,2 | 52,5 | 64,2 | 64,5 | 72,5 | 68,2 | 79,7 |
| Alagoas | 64,9 | 75,3 | 81,5 | 72,7 | 87,1 | 119,6 | 120,5 | 131,1 | 123,1 | 140,4 | 137,6 | 112,0 |
| Bahia | 26,9 | 30,5 | 37,9 | 42,8 | 49,7 | 57,4 | 53,5 | 67,7 | 69,6 | 83,3 | 72,8 | 171,1 |
| Ceará | 36,9 | 42,6 | 46,2 | 45,4 | 52,9 | 46,7 | 45,6 | 47,1 | 46,7 | 59,5 | 61,7 | 67,1 |
| Maranhão | 19,8 | 22,9 | 35,9 | 31,0 | 39,5 | 39,2 | 38,2 | 40,4 | 45,1 | 54,3 | 56,0 | 183,1 |
| Paraíba | 34,2 | 38,1 | 47,2 | 42,7 | 47,5 | 58,3 | 45,4 | 56,0 | 64,1 | 85,5 | 90,7 | 164,8 |
| Pernambuco | 124,5 | 127,8 | 125,7 | 111,4 | 116,4 | 115,9 | 110,5 | 103,8 | 88,3 | 80,2 | 79,3 | -36,3 |
| Piauí | 20,9 | 18,8 | 22,4 | 23,6 | 33,0 | 37,6 | 24,2 | 26,6 | 20,5 | 28,3 | 29,9 | 43,2 |
| Rio Grande do Norte | 25,7 | 20,0 | 28,1 | 27,7 | 30,3 | 36,1 | 37,4 | 42,9 | 49,9 | 44,8 | 62,5 | 143,4 |
| Sergipe | 71,6 | 69,1 | 51,2 | 57,4 | 59,2 | 72,7 | 57,8 | 71,2 | 62,5 | 75,5 | 73,1 | 2,1 |
| NORDESTE | 48,8 | 51,9 | 56,5 | 54,2 | 61,0 | 65,9 | 60,6 | 66,2 | 64,4 | 73,1 | 71,9 | 47,2 |
| Espírito Santo | 89,0 | 96,8 | 97,2 | 107,5 | 91,5 | 109,6 | 98,3 | 110,6 | 109,2 | 93,0 | 85,4 | -4,0 |
| Minas Gerais | 26,4 | 34,2 | 45,4 | 54,6 | 48,3 | 49,2 | 41,5 | 39,8 | 35,8 | 35,0 | 40,3 | 52,3 |
| Rio de Janeiro | 102,5 | 112,6 | 108,3 | 100,6 | 96,0 | 94,5 | 84,7 | 68,0 | 68,2 | 69,5 | 53,5 | -47,8 |
| São Paulo | 89,4 | 78,5 | 75,2 | 60,0 | 44,9 | 42,7 | 29,6 | 27,8 | 29,7 | 26,0 | 24,5 | -72,6 |
| SUDESTE | 77,1 | 75,4 | 75,5 | 68,5 | 57,4 | 56,9 | 45,9 | 42,0 | 42,0 | 39,4 | 36,5 | -52,7 |
| Paraná | 42,6 | 42,6 | 48,1 | 49,0 | 52,5 | 57,6 | 54,8 | 57,4 | 68,7 | 72,5 | 63,9 | 49,9 |
| Rio Grande do Sul | 35,0 | 36,5 | 38,6 | 36,7 | 40,9 | 39,7 | 40,6 | 49,5 | 41,4 | 38,7 | 41,9 | 19,7 |
| Santa Catarina | 14,9 | 18,0 | 19,0 | 16,6 | 20,8 | 18,2 | 18,2 | 23,5 | 27,4 | 20,8 | 23,7 | 59,2 |
| SUL | 33,6 | 34,8 | 38,0 | 37,1 | 41,0 | 42,0 | 41,0 | 46,7 | 48,8 | 47,1 | 45,7 | 36,2 |
| Distrito Federal | 51,6 | 48,6 | 45,7 | 53,0 | 51,2 | 59,4 | 58,2 | 61,7 | 64,6 | 51,8 | 52,1 | 0,9 |
| Goiás | 37,3 | 48,5 | 47,6 | 48,5 | 50,9 | 48,7 | 48,8 | 60,0 | 61,5 | 61,6 | 72,5 | 94,3 |
| Mato Grosso | 61,3 | 58,5 | 57,4 | 63,4 | 53,3 | 49,5 | 45,1 | 58,2 | 56,2 | 57,4 | 58,3 | -4,9 |
| Mato Grosso do Sul | 51,0 | 60,9 | 56,2 | 50,6 | 50,7 | 53,5 | 49,2 | 46,7 | 49,1 | 42,3 | 51,4 | 0,7 |
| CENTRO-OESTE | 47,4 | 52,7 | 50,7 | 52,9 | 51,4 | 51,7 | 49,8 | 57,8 | 59,0 | 55,6 | 61,9 | 30,4 |
| BRASIL | 58,0 | 59,2 | 60,6 | 57,4 | 55,3 | 57,1 | 50,2 | 52,6 | 52,6 | 54,0 | 52,4 | -9,7 |

Fonte: SIM/SVS/MS.

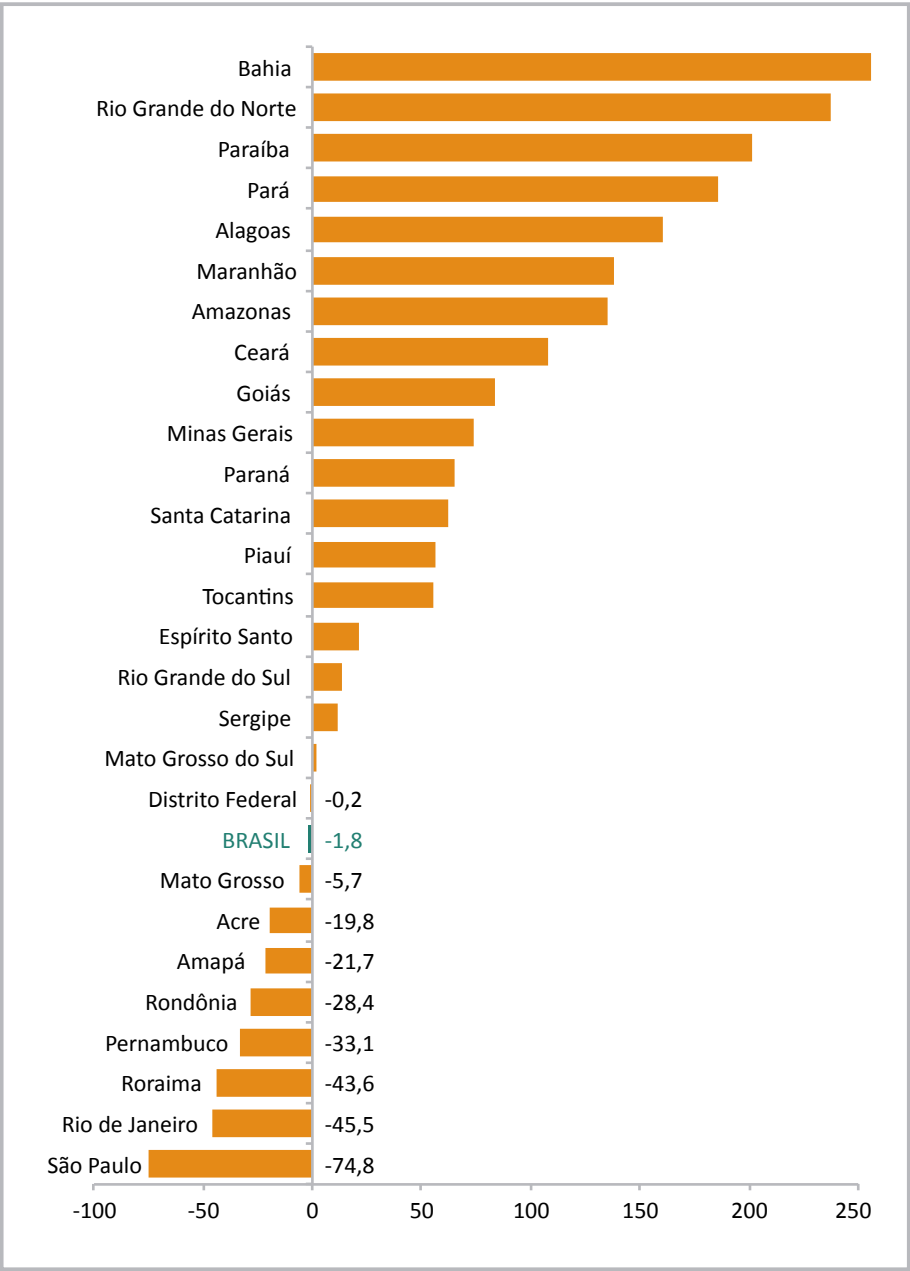
| ORDENAMENTO DAS UF POR TAXAS DE HOMICÍDIO JUVENIL. BRASIL 2001-2011. | | | | | | | | | |
|--|------|------|-------|------|---|-------|------|-------|------|
| Tab. 3.2.6. Jovens de 15 a 19 anos de idade | | | | | Tab. 3.2.7. Jovens de 20 a 24 anos de idade | | | | |
| UF/REGIÃO | 2001 | | 2011 | | UF/REGIÃO | 2001 | | 2011 | |
| | Tx. | Pos. | Tx. | Pos. | | Tx. | Pos. | Tx. | Pos. |
| Alagoas | 40,6 | 9º | 133,2 | 1º | Alagoas | 71,6 | 8º | 179,3 | 1º |
| Espírito Santo | 70,8 | 5º | 119,0 | 2º | Espírito Santo | 101,5 | 4º | 111,9 | 2º |
| Paraíba | 19,2 | 19º | 77,1 | 3º | Paraíba | 37,8 | 19º | 98,0 | 3º |
| Distrito Federal | 71,6 | 4º | 73,2 | 4º | Bahia | 28,3 | 22º | 93,1 | 4º |
| Bahia | 14,6 | 23º | 73,1 | 5º | Pernambuco | 145,9 | 1º | 91,1 | 5º |
| Pernambuco | 89,5 | 1º | 67,1 | 6º | Pará | 32,8 | 20º | 89,5 | 6º |
| Pará | 20,4 | 18º | 65,6 | 7º | Amazonas | 39,1 | 17º | 83,8 | 7º |
| Amazonas | 24,9 | 16º | 65,6 | 8º | Goiás | 45,0 | 15º | 80,1 | 8º |
| Goiás | 35,1 | 10º | 63,1 | 9º | Rio Grande do Norte | 21,6 | 25º | 75,2 | 9º |
| Amapá | 60,0 | 6º | 61,4 | 10º | Distrito Federal | 73,2 | 7º | 74,5 | 10º |
| Rio Grande do Norte | 13,4 | 24º | 59,6 | 11º | Ceará | 38,5 | 18º | 73,3 | 11º |
| Ceará | 20,6 | 17º | 58,0 | 12º | Paraná | 46,5 | 14º | 71,8 | 12º |
| Paraná | 28,4 | 14º | 56,9 | 13º | Rio de Janeiro | 121,0 | 2º | 63,3 | 13º |
| Sergipe | 31,2 | 12º | 55,8 | 14º | Mato Grosso | 64,7 | 12º | 60,7 | 14º |
| Rio de Janeiro | 86,6 | 2º | 52,3 | 15º | Sergipe | 69,9 | 10º | 57,7 | 15º |
| Minas Gerais | 18,6 | 21º | 39,9 | 16º | Amapá | 106,5 | 3º | 57,1 | 16º |
| Mato Grosso | 43,5 | 7º | 39,2 | 17º | Mato Grosso do Sul | 53,1 | 13º | 50,3 | 17º |
| Mato Grosso do Sul | 32,5 | 11º | 35,0 | 18º | Maranhão | 24,7 | 24º | 50,0 | 18º |
| Rio Grande do Sul | 25,7 | 15º | 29,9 | 19º | Minas Gerais | 30,5 | 21º | 49,7 | 19º |
| Tocantins | 18,9 | 20º | 28,4 | 20º | Rondônia | 73,5 | 6º | 48,4 | 20º |
| Rondônia | 30,0 | 13º | 27,3 | 21º | Rio Grande do Sul | 41,1 | 16º | 41,9 | 21º |
| Acre | 16,0 | 22º | 26,8 | 22º | Tocantins | 26,3 | 23º | 39,6 | 22º |
| Maranhão | 10,9 | 26º | 21,9 | 23º | Acre | 65,2 | 11º | 36,3 | 23º |
| Roraima | 40,9 | 8º | 20,8 | 24º | Roraima | 71,3 | 9º | 35,9 | 24º |
| Santa Catarina | 9,2 | 27º | 17,6 | 25º | Piauí | 16,5 | 27º | 29,3 | 25º |
| São Paulo | 74,5 | 3º | 16,5 | 26º | Santa Catarina | 18,5 | 26º | 26,4 | 26º |
| Piauí | 12,3 | 25º | 15,8 | 27º | São Paulo | 97,1 | 5º | 24,1 | 27º |

| Tab. 3.2.8. Jovens de 24 a 29 anos de idade | | | | |
|---|-------|------|-------|------|
| UF/REGIÃO | 2001 | | 2011 | |
| | Tx. | Pos. | Tx. | Pos. |
| Alagoas | 64,9 | 7º | 137,6 | 1º |
| Paraíba | 34,2 | 18º | 90,7 | 2º |
| Espírito Santo | 89,0 | 4º | 85,4 | 3º |
| Pernambuco | 124,5 | 1º | 79,3 | 4º |
| Amazonas | 34,0 | 19º | 78,8 | 5º |
| Pará | 29,5 | 21º | 76,9 | 6º |
| Sergipe | 71,6 | 6º | 73,1 | 7º |
| Bahia | 26,9 | 22º | 72,8 | 8º |
| Goiás | 37,3 | 15º | 72,5 | 9º |
| Paraná | 42,6 | 13º | 63,9 | 10º |
| Rio Grande do Norte | 25,7 | 24º | 62,5 | 11º |
| Ceará | 36,9 | 16º | 61,7 | 12º |
| Mato Grosso | 61,3 | 8º | 58,3 | 13º |
| Maranhão | 19,8 | 26º | 56,0 | 14º |
| Amapá | 55,2 | 9º | 55,2 | 15º |
| Rio de Janeiro | 102,5 | 2º | 53,5 | 16º |
| Distrito Federal | 51,6 | 10º | 52,1 | 17º |
| Tocantins | 33,9 | 20º | 52,0 | 18º |
| Mato Grosso do Sul | 51,0 | 11º | 51,4 | 19º |
| Rondônia | 73,7 | 5º | 47,4 | 20º |
| Rio Grande do Sul | 35,0 | 17º | 41,9 | 21º |
| Minas Gerais | 26,4 | 23º | 40,3 | 22º |
| Acre | 50,3 | 12º | 37,9 | 23º |
| Piauí | 20,9 | 25º | 29,9 | 24º |
| Roraima | 39,3 | 14º | 29,5 | 25º |
| São Paulo | 89,4 | 3º | 24,5 | 26º |
| Santa Catarina | 14,9 | 27º | 23,7 | 27º |

| Tab. 3.2.9. Jovens de 15 a 29 anos de idade | | | | |
|---|-------|------|-------|------|
| UF/REGIÃO | 2001 | | 2011 | |
| | Tx. | Pos. | Tx. | Pos. |
| Alagoas | 57,5 | 7º | 149,9 | 1º |
| Espírito Santo | 86,5 | 4º | 105,1 | 2º |
| Paraíba | 29,4 | 19º | 88,5 | 3º |
| Bahia | 22,4 | 23º | 79,6 | 4º |
| Pernambuco | 118,3 | 1º | 79,2 | 5º |
| Pará | 27,0 | 20º | 77,1 | 6º |
| Amazonas | 32,2 | 17º | 75,8 | 7º |
| Goiás | 39,2 | 14º | 72,0 | 8º |
| Rio Grande do Norte | 19,5 | 24º | 65,9 | 9º |
| Distrito Federal | 66,0 | 6º | 65,9 | 10º |
| Ceará | 31,0 | 18º | 64,4 | 11º |
| Paraná | 38,7 | 15º | 64,1 | 12º |
| Sergipe | 55,3 | 10º | 62,0 | 13º |
| Amapá | 74,1 | 5º | 58,1 | 14º |
| Rio de Janeiro | 103,3 | 2º | 56,4 | 15º |
| Mato Grosso | 55,9 | 9º | 52,7 | 16º |
| Mato Grosso do Sul | 44,8 | 12º | 45,5 | 17º |
| Minas Gerais | 24,9 | 22º | 43,3 | 18º |
| Maranhão | 17,6 | 25º | 41,9 | 19º |
| Rondônia | 57,0 | 8º | 40,9 | 20º |
| Tocantins | 25,4 | 21º | 39,6 | 21º |
| Rio Grande do Sul | 33,5 | 16º | 37,9 | 22º |
| Acre | 41,6 | 13º | 33,4 | 23º |
| Roraima | 50,6 | 11º | 28,5 | 24º |
| Piauí | 15,9 | 26º | 24,9 | 25º |
| Santa Catarina | 14,0 | 27º | 22,6 | 26º |
| São Paulo | 86,8 | 3º | 21,9 | 27º |

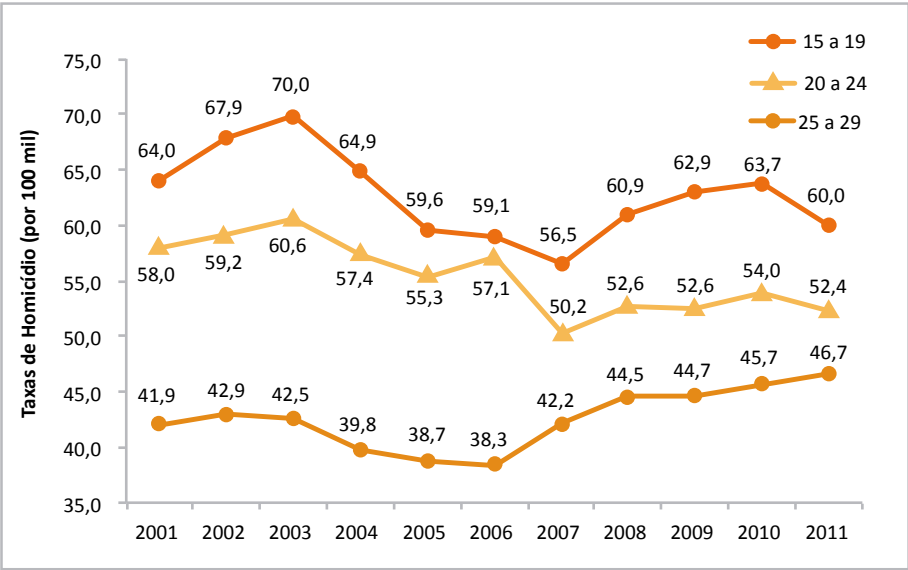
Fonte: SIM/SVS/MS.

Gráfico 3.2.2. Crescimento das taxas de homicídio juvenil, por 100 mil jovens – Brasil. 2001/2011 (Em %)



Fonte: SIM/SVS/MS.

Gráfico 3.2.3. Evolução das taxas de homicídio, segundo faixas etárias juvenis – Brasil. 2001/2011



Fonte: SIM/SVS/MS.

3.3. Vitimização juvenil nas unidades federadas

O gráfico 3.3.1 permite comparar a evolução decenal dos homicídios juvenis com o da população restante, isto é, população que ainda não chegou à fase juvenil (menos de 15 anos) e a população que já passou dessa etapa: 30 anos ou mais. Alguns fatos relevantes surgem dessa visualização:

- A incidência de homicídios na população jovem é bem mais elevada do que no restante da população: em média, no período, é 3.1 vezes maior, isto é, por cada não jovem vítima de homicídio, morrem proporcionalmente, 3.1 jovens.
- Mais grave ainda: se as diferenças já são largas, uma simples análise permite verificar que a tendência é aumentar mais ainda.

Para entender e apreender melhor essa dinâmica, elaboramos um Índice de *vitimização juvenil por homicídios*, que denominaremos Índice de Vitimização para simplificar. Resulta da relação percentual entre a taxa de óbitos por homicídio da população de 15 a 29 anos e as taxas do restante da população – que chamaremos de *não jovem*²⁶. Essa população não jovem é a que ainda não chegou à juventude – a população de 0 a 14 anos – ou a que já passou dessa faixa – acima dos 29 anos.

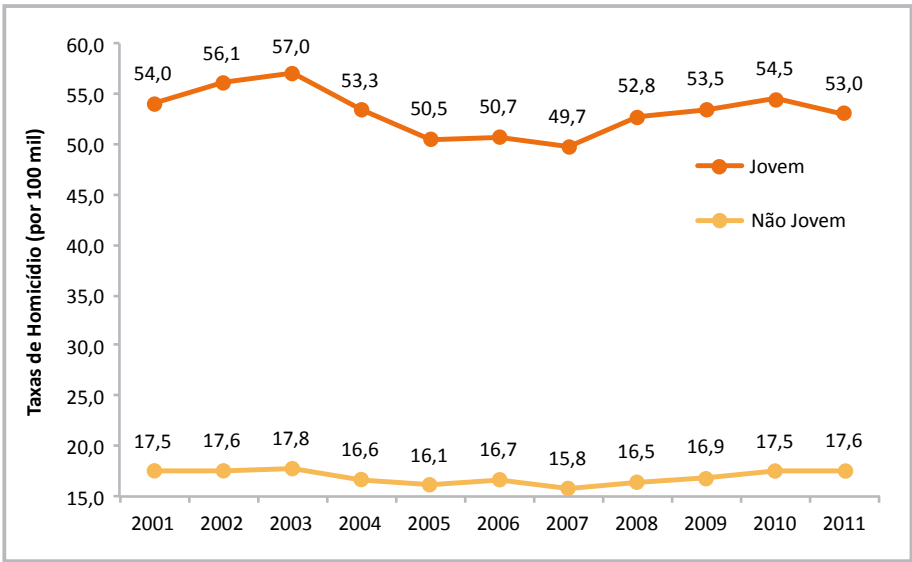
²⁶ Vitimização = taxa jovem / taxa não jovem * 100.

É um indicador de concentração de homicídios na faixa jovem da população. Se o índice de vitimização for próximo de 100, os homicídios atingem por igual tanto a faixa jovem quanto o resto da população. Acima de 100, quanto maior o índice, maior incidência e prevalência de homicídios na população jovem quando comparada ao restante da população. Índices abaixo de 100 indicam que a juventude encontra-se relativamente preservada e protegida, dado que os homicídios incidem de forma mais pesada nas faixas etárias restantes.

O gráfico 3.3.1 detalha a evolução decenal das taxas de homicídios entre jovens e não jovens.

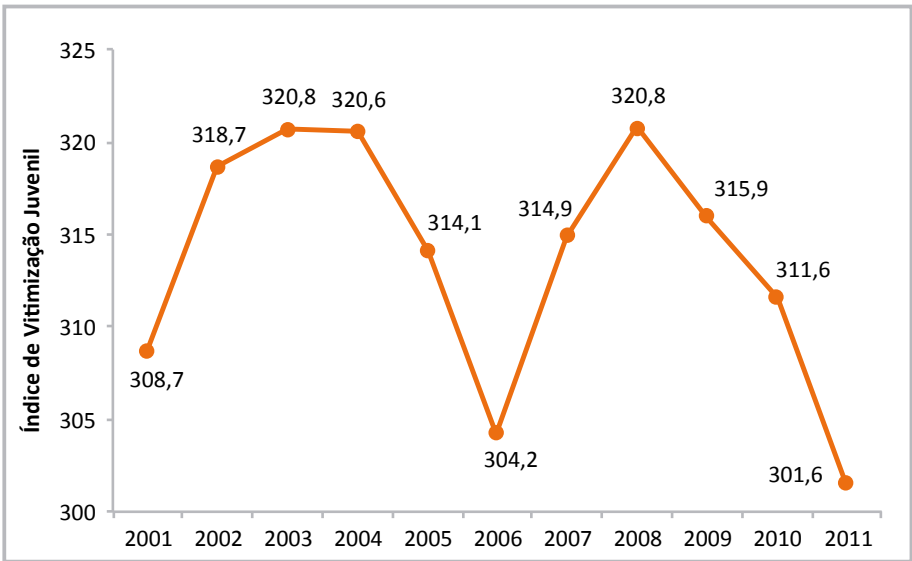
- Nos anos extremos da série, os índices sofrem pouca alteração: entre os jovens, eles caem 1,8%, e os não jovens, aumenta 0,5%.
- As taxas juvenis sofreram maior impacto da campanha do desarmamento. Até 2003, ano de início da campanha, as taxas vinham crescendo historicamente de forma sistemática e constante. Entre 2003 e 2005, essas taxas caem significativamente – 6,4%, em 2004, e 5,2%, em 2005. Elas têm uma relativa estabilização entre 2005 e 2007 quando começa, novamente, a espiral ascendente.
- Já as taxas da população não jovem parecem relativamente indiferentes à campanha, evidenciando somente uma leve tendência de crescimento entre 2007 e 2011.
- Os índices de vitimização juvenil, que já eram muito elevados em 2001 – 3,1 jovens assassinados para cada não jovem – permanecem praticamente constantes no período (ver gráfico 3.3.2), com oscilações relativamente fracas.
- Diminuição dos índices entre 2003 e 2005 – provável efeito da campanha do desarmamento – e de 2008 a 2011, devido a prováveis políticas preventivas da União, dos estados e dos municípios.
- Ainda assim, as quedas em ambos os casos foram pouco significativas.

Gráfico 3.3.1. Evolução das taxas de homicídio na população jovem e não jovem – Brasil. 2001/2011



Fonte: SIM/SVS/MS.

Gráfico 3.3.2. Índice de vitimização juvenil – Brasil. 2001/2011



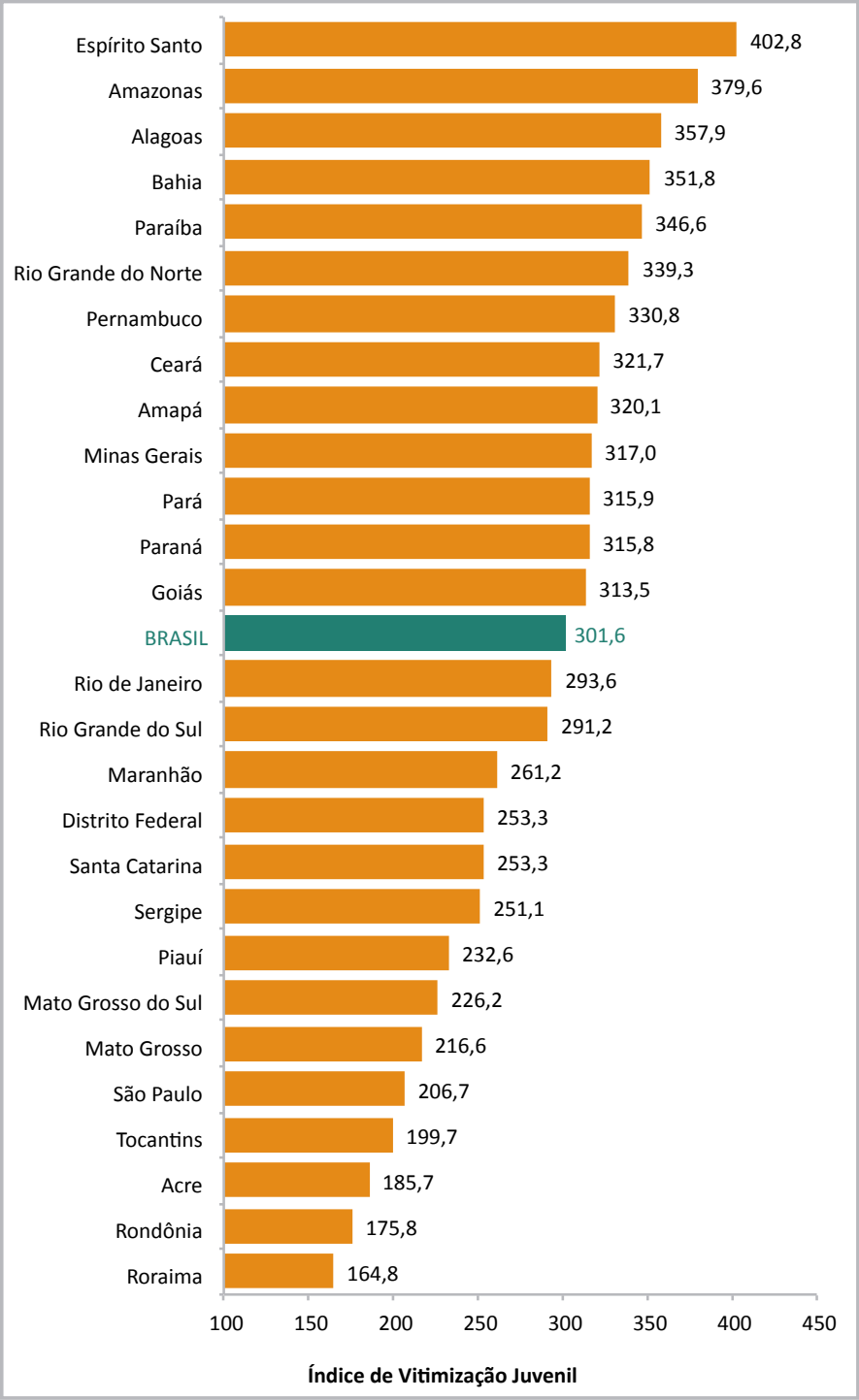
Fonte: SIM/SVS/MS.

Novamente aqui vamos encontrar uma grande heterogeneidade de situações entre as diversas UF's do país, como pode ser visto na tabela 3.3.1 e no gráfico 3.3.3.

| Tabela 3.3.1. Índice de vitimização juvenil, por UF e regiões – Brasil. 2001/2011 | | | | | | | | | | | | |
|---|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|
| CAPITAL/ REGIÃO | 2001 | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 | Δ% |
| Acre | 334,3 | 351,9 | 317,6 | 435,1 | 268,0 | 281,7 | 276,0 | 315,4 | 251,9 | 186,3 | 185,7 | -44,5 |
| Amapá | 369,1 | 473,9 | 516,6 | 450,5 | 372,9 | 377,7 | 444,9 | 464,3 | 302,1 | 395,6 | 320,1 | -13,3 |
| Amazonas | 327,3 | 340,6 | 357,6 | 328,1 | 334,1 | 361,3 | 353,4 | 317,6 | 330,8 | 332,8 | 379,6 | 16,0 |
| Pará | 271,9 | 244,1 | 273,8 | 265,9 | 298,7 | 310,3 | 306,2 | 304,1 | 310,1 | 279,5 | 315,9 | 16,2 |
| Rondônia | 173,1 | 176,5 | 165,1 | 232,7 | 188,4 | 181,3 | 220,6 | 185,3 | 182,3 | 168,4 | 175,8 | 1,5 |
| Roraima | 213,9 | 331,6 | 234,8 | 264,9 | 173,9 | 168,7 | 161,3 | 130,9 | 194,7 | 163,0 | 164,8 | -22,9 |
| Tocantins | 158,5 | 189,7 | 147,0 | 217,2 | 182,2 | 239,6 | 166,8 | 260,8 | 212,3 | 307,2 | 199,7 | 26,0 |
| NORTE | 249,0 | 256,8 | 260,4 | 277,0 | 274,2 | 286,5 | 290,6 | 289,9 | 285,7 | 274,6 | 297,4 | 19,4 |
| Alagoas | 326,2 | 295,7 | 349,1 | 366,5 | 326,5 | 370,7 | 365,2 | 380,0 | 370,9 | 414,0 | 357,9 | 9,7 |
| Bahia | 299,2 | 299,7 | 334,6 | 323,0 | 327,8 | 333,0 | 339,2 | 399,1 | 418,7 | 404,7 | 351,8 | 17,6 |
| Ceará | 260,7 | 239,2 | 252,3 | 285,0 | 324,7 | 285,4 | 296,8 | 305,6 | 300,9 | 311,7 | 321,7 | 23,4 |
| Maranhão | 296,6 | 225,0 | 288,9 | 320,7 | 312,8 | 310,7 | 293,0 | 298,7 | 284,5 | 294,8 | 261,2 | -11,9 |
| Paraíba | 362,0 | 280,2 | 306,1 | 287,2 | 302,9 | 321,2 | 280,8 | 299,5 | 317,4 | 355,5 | 346,6 | -4,3 |
| Pernambuco | 344,5 | 325,2 | 347,2 | 362,5 | 378,4 | 343,9 | 359,4 | 365,0 | 348,8 | 354,6 | 330,8 | -4,0 |
| Piauí | 221,0 | 266,8 | 236,4 | 241,0 | 289,0 | 295,0 | 193,8 | 218,4 | 253,2 | 211,6 | 232,6 | 5,2 |
| Rio Grande do Norte | 246,1 | 218,9 | 241,4 | 283,5 | 342,3 | 272,9 | 272,5 | 310,9 | 337,6 | 292,5 | 339,3 | 37,9 |
| Sergipe | 302,5 | 307,2 | 287,5 | 241,6 | 243,3 | 299,5 | 306,0 | 294,5 | 239,0 | 252,0 | 251,1 | -17,0 |
| NORDESTE | 312,4 | 288,0 | 313,8 | 323,2 | 335,3 | 326,8 | 322,5 | 345,5 | 344,7 | 348,9 | 325,8 | 4,3 |
| Espírito Santo | 282,6 | 336,7 | 296,4 | 334,4 | 321,9 | 307,3 | 295,4 | 349,5 | 375,4 | 366,0 | 402,8 | 42,5 |
| Minas Gerais | 298,7 | 300,4 | 366,3 | 398,1 | 363,6 | 356,3 | 353,8 | 356,9 | 344,0 | 330,2 | 317,0 | 6,1 |
| Rio de Janeiro | 326,5 | 339,7 | 337,9 | 337,1 | 341,4 | 326,4 | 367,3 | 349,2 | 328,8 | 319,4 | 293,6 | -10,1 |
| São Paulo | 356,9 | 376,0 | 372,6 | 332,7 | 286,6 | 263,6 | 257,0 | 240,4 | 228,4 | 218,2 | 206,7 | -42,1 |
| SUDESTE | 336,8 | 349,2 | 353,8 | 341,7 | 317,2 | 300,8 | 312,8 | 305,8 | 293,6 | 284,1 | 273,1 | -18,9 |
| Paraná | 269,7 | 317,5 | 301,9 | 323,8 | 327,0 | 321,6 | 353,9 | 342,4 | 351,4 | 343,0 | 315,8 | 17,1 |
| Rio Grande do Sul | 265,9 | 290,2 | 281,4 | 314,0 | 308,2 | 285,8 | 314,4 | 300,3 | 276,1 | 272,1 | 291,2 | 9,5 |
| Santa Catarina | 219,0 | 214,4 | 240,1 | 205,8 | 290,3 | 253,9 | 292,1 | 283,4 | 314,7 | 233,4 | 253,3 | 15,6 |
| SUL | 261,9 | 292,0 | 286,4 | 305,0 | 317,5 | 302,4 | 332,2 | 319,6 | 320,9 | 302,5 | 298,4 | 13,9 |
| Distrito Federal | 286,9 | 328,3 | 237,0 | 241,4 | 247,3 | 226,3 | 276,4 | 325,2 | 278,1 | 261,5 | 253,3 | -11,7 |
| Goiás | 276,3 | 265,1 | 311,5 | 318,3 | 346,7 | 334,3 | 375,7 | 322,6 | 317,1 | 350,5 | 313,5 | 13,5 |
| Mato Grosso | 179,9 | 171,3 | 182,5 | 202,2 | 190,9 | 212,0 | 172,3 | 207,8 | 221,3 | 224,4 | 216,6 | 20,4 |
| Mato Grosso do Sul | 193,0 | 199,2 | 239,6 | 242,0 | 239,9 | 212,6 | 236,3 | 259,3 | 251,6 | 206,6 | 226,2 | 17,2 |
| CENTRO-OESTE | 233,0 | 237,1 | 245,3 | 258,5 | 262,8 | 255,4 | 269,9 | 283,1 | 274,4 | 277,2 | 266,5 | 14,4 |
| BRASIL | 308,7 | 311,3 | 320,8 | 320,6 | 314,1 | 304,2 | 314,9 | 320,8 | 315,9 | 311,6 | 301,6 | -2,3 |

Fonte: SIM/SVS/MS.

Gráfico 3.3.3. Ordenamento das UF's segundo índices de vitimização juvenil – Brasil. 2011



Fonte: SIM/SVS/MS.

Entre as grandes regiões, as distâncias são relativamente curtas: a maior vitimização juvenil encontra-se no Nordeste, com um índice de 325,8, e a menor no Centro-Oeste, com 266,5. Mas o mesmo não acontece quando observamos as seguintes UFs: entre Espírito Santo, com um índice de 402,8, e Roraima de 164,8, uma enorme diferença. Mas ainda assim, inclusive na UF com menor índice de vitimização, morrem 64,8% mais jovens que não jovens, claro indicador de uma problemática juvenil mal resolvida.

Apesar dos elevados índices de vitimização já observados em 2001, só dez UFs conseguiram reduzi-los no período de 2001 a 2011. Em 17 UFs, pelo contrário, os índices aumentaram mais ainda. Liderando esses aumentos, no Espírito Santo, os índices crescem 42,5%, e, no Rio Grande do Norte, 37,9%.

4. HOMICÍDIOS NAS CAPITALS

Neste capítulo, analisaremos a distribuição da violência homicida, enfatizando a situação e a evolução nas capitais do Brasil. Se até fins da década de 1990, os polos de crescimento da violência concentravam-se em umas poucas capitais e regiões metropolitanas, a partir da virada de século, a tendência desses polos foi migrar ou para o interior desses estados, ou para outras áreas até então relativamente periféricas no quadro da violência nacional.

4.1. Homicídios na população total das capitais

Podemos observar na tabela 4.1.1 que, diferentemente do Brasil, onde o número de homicídios cresce 8,9% na década, nas capitais do país, os números caem 12,5%, indicando características diferenciais da evolução, fato que aprofundaremos neste capítulo.

O Nordeste é a região onde os números mais crescem: 73,6%, principalmente pelo elevado aumento dos homicídios em Natal e Salvador, onde o crescimento do número de homicídios ultrapassa a casa de 200% na década. Fortaleza, João Pessoa, Maceió e São Luís, com taxas menores, mas muito elevadas, também serão responsáveis pelo forte crescimento da violência na região.

Acompanhando de perto o Nordeste, a região Norte também apresenta um preocupante aumento na década: 66,8%. Aqui se destaca Manaus, com crescimento de 181%.

Na região Sul, o crescimento foi relativamente moderado: 42,2%, com destaque para Curitiba, onde o número de homicídios cresceu 83,9%. A situação da região Centro-Oeste é bem mais heterogênea. Goiânia apresenta um elevado crescimento: 100,9%; em Brasília, ele é menor: 26,2%; mas Campo Grande e Cuiabá mostram quedas não muito elevadas.

A única região do país a apresentar quedas – bem significativas – é a Sudeste: com índice negativo de 63,9%. Salvo Belo Horizonte, onde o número de homicídios cresce 21,5%, nas demais capitais os números caem, principalmente, em São Paulo capital, com queda de quase 80%, Rio de Janeiro, 55,2% e, em menor escala, Vitória, com queda de 25,8%.

| Tabela 4.1.1. Número de homicídios na população total por capital e regiões – Brasil. 2001/2011 | | | | | | | | | | | | |
|---|---------------|---------------|---------------|---------------|---------------|---------------|---------------|---------------|---------------|---------------|---------------|--------------|
| CAPITAL/ REGIÃO | 2001 | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 | Δ% |
| Belém | 352 | 420 | 466 | 403 | 628 | 484 | 496 | 669 | 644 | 765 | 574 | 63,1 |
| Boa Vista | 67 | 82 | 73 | 49 | 56 | 55 | 66 | 65 | 73 | 81 | 61 | -9,0 |
| Macapá | 131 | 135 | 140 | 127 | 135 | 132 | 123 | 151 | 116 | 194 | 135 | 3,1 |
| Manaus | 366 | 395 | 448 | 410 | 484 | 545 | 563 | 656 | 755 | 843 | 1.029 | 181,1 |
| Palmas | 40 | 33 | 37 | 39 | 27 | 30 | 30 | 34 | 36 | 52 | 72 | 80,0 |
| Porto Velho | 229 | 220 | 181 | 257 | 211 | 261 | 199 | 178 | 186 | 214 | 189 | -17,5 |
| Rio Branco | 102 | 120 | 104 | 87 | 73 | 114 | 97 | 87 | 101 | 97 | 87 | -14,7 |
| NORTE | 1.287 | 1.405 | 1.449 | 1.372 | 1.614 | 1.621 | 1.574 | 1.840 | 1.911 | 2.246 | 2.147 | 66,8 |
| Aracaju | 285 | 258 | 243 | 229 | 202 | 236 | 199 | 219 | 250 | 240 | 276 | -3,2 |
| Fortaleza | 609 | 707 | 666 | 654 | 808 | 846 | 991 | 888 | 902 | 1.268 | 1.337 | 119,5 |
| João Pessoa | 251 | 263 | 281 | 272 | 318 | 327 | 387 | 416 | 516 | 580 | 633 | 152,2 |
| Maceió | 485 | 511 | 520 | 559 | 620 | 904 | 917 | 990 | 876 | 1.027 | 1.048 | 116,1 |
| Natal | 113 | 102 | 171 | 100 | 144 | 162 | 227 | 248 | 307 | 326 | 397 | 251,3 |
| Recife | 1.397 | 1.312 | 1.336 | 1.352 | 1.324 | 1.374 | 1.338 | 1.321 | 1.110 | 895 | 883 | -36,8 |
| Salvador | 530 | 585 | 730 | 739 | 1.062 | 1.187 | 1.357 | 1.771 | 1.883 | 1.847 | 1.671 | 215,3 |
| São Luís | 244 | 194 | 284 | 307 | 294 | 313 | 391 | 428 | 523 | 569 | 569 | 133,2 |
| Teresina | 169 | 206 | 214 | 198 | 232 | 269 | 230 | 217 | 218 | 250 | 275 | 62,7 |
| NORDESTE | 4.083 | 4.138 | 4.445 | 4.410 | 5.004 | 5.618 | 6.037 | 6.498 | 6.585 | 7.002 | 7.089 | 73,6 |
| Belo Horizonte | 791 | 979 | 1.329 | 1.506 | 1.293 | 1.175 | 1.201 | 1.019 | 907 | 844 | 961 | 21,5 |
| Rio de Janeiro | 3.274 | 3.728 | 3.350 | 3.174 | 2.552 | 2.846 | 2.204 | 1.910 | 1.952 | 1.764 | 1.467 | -55,2 |
| São Paulo | 6.669 | 5.575 | 5.591 | 4.275 | 3.096 | 2.556 | 1.927 | 1.622 | 1.681 | 1.535 | 1.347 | -79,8 |
| Vitória | 252 | 240 | 221 | 253 | 263 | 273 | 242 | 235 | 226 | 231 | 187 | -25,8 |
| SUDESTE | 10.986 | 10.522 | 10.491 | 9.208 | 7.204 | 6.850 | 5.574 | 4.786 | 4.766 | 4.374 | 3.962 | -63,9 |
| Curitiba | 453 | 530 | 612 | 693 | 778 | 874 | 827 | 1.032 | 1.022 | 980 | 833 | 83,9 |
| Florianópolis | 60 | 89 | 100 | 109 | 97 | 79 | 81 | 91 | 84 | 97 | 87 | 45,0 |
| Porto Alegre | 501 | 560 | 508 | 566 | 573 | 511 | 688 | 670 | 578 | 518 | 522 | 4,2 |
| SUL | 1.014 | 1.179 | 1.220 | 1.368 | 1.448 | 1.464 | 1.596 | 1.793 | 1.684 | 1.595 | 1.442 | 42,2 |
| Brasília | 774 | 744 | 856 | 815 | 745 | 769 | 815 | 873 | 1.005 | 882 | 977 | 26,2 |
| Campo Grande | 231 | 239 | 249 | 221 | 214 | 207 | 251 | 191 | 216 | 171 | 170 | -26,4 |
| Cuiabá | 379 | 260 | 253 | 235 | 237 | 221 | 214 | 233 | 239 | 222 | 253 | -33,2 |
| Goiânia | 327 | 430 | 429 | 435 | 415 | 444 | 429 | 560 | 522 | 519 | 657 | 100,9 |
| CENTRO-OESTE | 1.711 | 1.673 | 1.787 | 1.706 | 1.611 | 1.641 | 1.709 | 1.857 | 1.982 | 1.794 | 2.057 | 20,2 |
| BRASIL CAPITAIS | 19.081 | 18.917 | 19.392 | 18.064 | 16.881 | 17.194 | 16.490 | 16.774 | 16.928 | 17.011 | 16.697 | -12,5 |
| BRASIL TOTAL | 47.943 | 49.695 | 51.043 | 48.374 | 47.578 | 49.145 | 47.707 | 50.113 | 51.434 | 52.260 | 52.198 | 8,9 |

Fonte: SIM/SVS/MS.

Considerando as variações no contingente populacional, as taxas da tabela 4.1.2 permitem comparar os níveis de violência das diversas capitais. Vemos que, no conjunto, a variação da taxa de homicídio nas capitais, nos anos extremos da década, foi relativamente moderada. Em 2001, ela era de 46,5 por 100 mil habitantes e caiu para 36,4 – queda de 21,7%. Bem mais expressiva do que a queda registrada no Brasil, que no mesmo período foi de 2,4% – de 27,8, em 2001, para 27,1, em 2011.

Pelas tabelas 4.1.2 e 4.1.3, é possível verificar que:

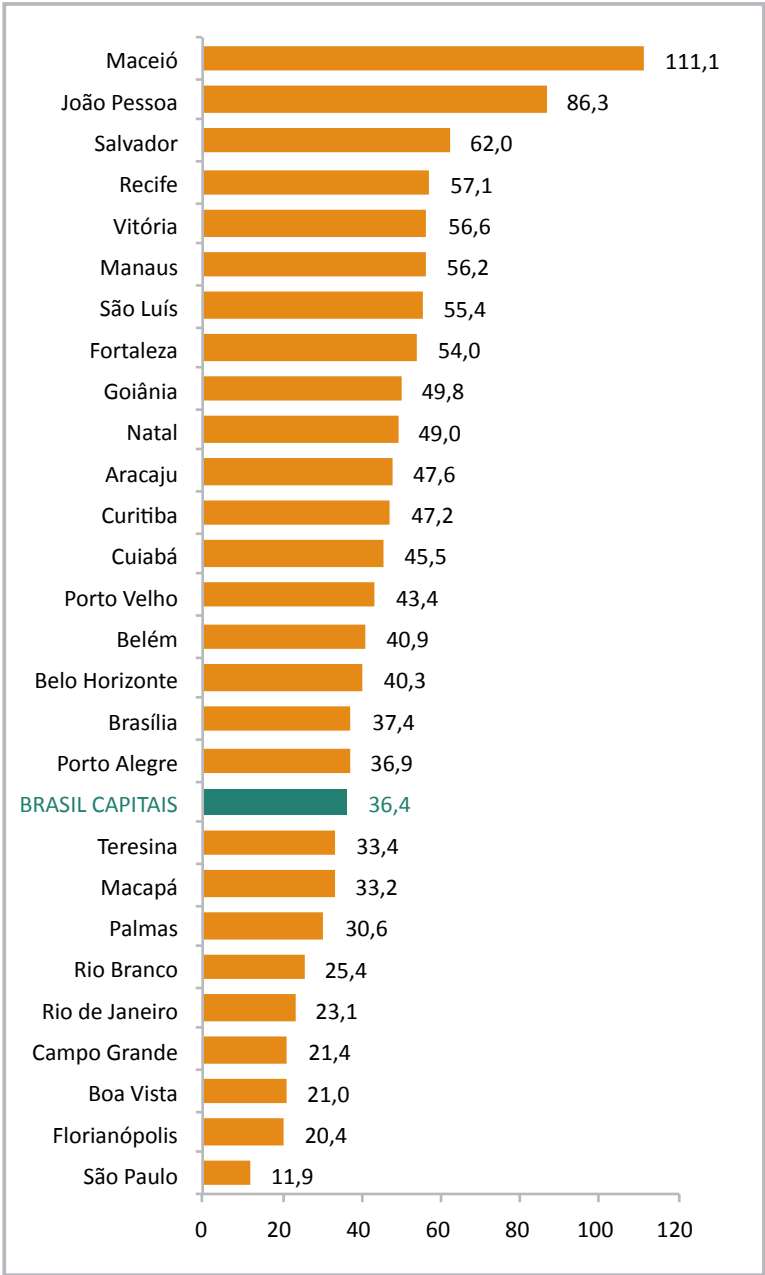
- Elevada heterogeneidade das taxas de homicídio entre as capitais. A taxa de Maceió: 111,1 homicídios por 100 mil habitantes em 2011 é dez vezes superior a de São Paulo: 11,9 nesse mesmo ano.
- As maiores taxas de homicídio em 2011 foram registradas, pela ordem, em Maceió, João Pessoa e Salvador.

| Tabela 4.1.2. Taxas de homicídio (por 100mil) na população total por capital e regiões – Brasil. 2001/2011 | | | | | | | | | | | | |
|--|------|------|------|------|------|------|------|-------|------|-------|-------|-------|
| CAPITAL/ REGIÃO | 2001 | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 | Δ% |
| Belém | 27,0 | 31,8 | 34,7 | 29,6 | 44,7 | 33,9 | 34,2 | 47,0 | 44,8 | 54,9 | 40,9 | 51,7 |
| Boa Vista | 32,1 | 38,2 | 33,0 | 21,5 | 23,1 | 22,0 | 25,7 | 24,9 | 27,4 | 28,5 | 21,0 | -34,7 |
| Macapá | 44,3 | 44,0 | 44,1 | 38,5 | 38,0 | 35,8 | 32,3 | 42,1 | 31,7 | 48,7 | 33,2 | -25,1 |
| Manaus | 25,2 | 26,5 | 29,3 | 26,2 | 29,4 | 32,3 | 32,5 | 38,4 | 43,4 | 46,8 | 56,2 | 122,8 |
| Palmas | 26,5 | 20,5 | 21,5 | 21,3 | 13,0 | 13,6 | 12,8 | 18,5 | 19,1 | 22,8 | 30,6 | 15,4 |
| Porto Velho | 66,9 | 63,2 | 51,1 | 71,4 | 56,4 | 68,5 | 51,3 | 46,9 | 48,5 | 49,9 | 43,4 | -35,2 |
| Rio Branco | 39,0 | 44,8 | 37,9 | 30,9 | 23,9 | 36,3 | 30,1 | 28,9 | 33,0 | 28,9 | 25,4 | -34,9 |
| NORTE | 32,1 | 34,2 | 34,4 | 31,8 | 35,6 | 34,9 | 33,0 | 39,8 | 40,8 | 46,1 | 43,4 | 35,4 |
| Aracaju | 60,9 | 54,4 | 50,6 | 47,2 | 40,5 | 46,7 | 38,9 | 40,8 | 46,0 | 42,0 | 47,6 | -21,8 |
| Fortaleza | 27,9 | 31,8 | 29,5 | 28,5 | 34,0 | 35,0 | 40,3 | 35,9 | 36,0 | 51,7 | 54,0 | 93,6 |
| João Pessoa | 41,3 | 42,5 | 44,7 | 42,6 | 48,1 | 48,7 | 56,6 | 60,0 | 73,5 | 80,2 | 86,3 | 108,9 |
| Maceió | 59,3 | 61,3 | 61,2 | 64,5 | 68,6 | 98,0 | 97,4 | 107,1 | 93,6 | 110,1 | 111,1 | 87,3 |
| Natal | 15,6 | 13,9 | 23,0 | 13,2 | 18,5 | 20,5 | 28,3 | 31,1 | 38,1 | 40,6 | 49,0 | 212,9 |
| Recife | 97,2 | 90,5 | 91,4 | 91,8 | 88,2 | 90,7 | 87,5 | 85,2 | 71,1 | 58,2 | 57,1 | -41,3 |
| Salvador | 21,3 | 23,2 | 28,6 | 28,5 | 39,7 | 43,7 | 49,3 | 60,1 | 62,8 | 69,0 | 62,0 | 190,9 |
| São Luís | 27,4 | 21,4 | 30,8 | 32,6 | 30,0 | 31,4 | 38,4 | 43,4 | 52,5 | 56,1 | 55,4 | 101,8 |
| Teresina | 23,2 | 27,8 | 28,5 | 26,0 | 29,4 | 33,5 | 28,2 | 27,0 | 27,2 | 30,7 | 33,4 | 44,2 |
| NORDESTE | 39,5 | 39,4 | 41,7 | 40,8 | 44,8 | 49,6 | 52,4 | 55,5 | 55,6 | 60,8 | 60,9 | 54,3 |
| Belo Horizonte | 35,0 | 42,9 | 57,6 | 64,7 | 54,4 | 49,0 | 49,5 | 41,9 | 37,0 | 35,5 | 40,3 | 15,0 |
| Rio de Janeiro | 55,5 | 62,8 | 56,1 | 52,8 | 41,9 | 46,4 | 35,7 | 31,0 | 31,6 | 27,9 | 23,1 | -58,4 |
| São Paulo | 63,5 | 52,6 | 52,4 | 39,8 | 28,3 | 23,2 | 17,4 | 14,8 | 15,2 | 13,6 | 11,9 | -81,3 |
| Vitória | 85,1 | 80,2 | 73,0 | 82,7 | 83,9 | 86,1 | 75,4 | 73,9 | 70,6 | 70,5 | 56,6 | -33,5 |
| SUDESTE | 58,0 | 55,0 | 54,5 | 47,5 | 36,5 | 34,5 | 27,8 | 24,0 | 23,8 | 21,6 | 19,4 | -66,5 |
| Curitiba | 28,0 | 32,2 | 36,6 | 40,8 | 44,3 | 48,9 | 45,5 | 56,5 | 55,2 | 55,9 | 47,2 | 68,8 |
| Florianópolis | 17,0 | 24,7 | 27,1 | 28,9 | 24,4 | 19,4 | 19,5 | 22,6 | 20,6 | 23,0 | 20,4 | 19,6 |
| Porto Alegre | 36,5 | 40,5 | 36,4 | 40,3 | 40,1 | 35,5 | 47,3 | 46,8 | 40,2 | 36,8 | 36,9 | 1,3 |
| SUL | 30,3 | 34,8 | 35,5 | 39,3 | 40,4 | 40,3 | 43,3 | 49,0 | 45,6 | 44,5 | 40,0 | 32,0 |
| Brasília | 36,9 | 34,7 | 39,1 | 36,5 | 31,9 | 32,3 | 33,5 | 34,1 | 38,6 | 34,3 | 37,4 | 1,4 |
| Campo Grande | 34,0 | 34,5 | 35,3 | 30,7 | 28,5 | 27,1 | 32,2 | 25,6 | 28,6 | 21,7 | 21,4 | -37,2 |
| Cuiabá | 76,9 | 52,0 | 49,8 | 45,5 | 44,4 | 40,7 | 38,8 | 42,8 | 43,4 | 40,3 | 45,5 | -40,9 |
| Goiânia | 29,4 | 38,1 | 37,4 | 37,4 | 34,6 | 36,4 | 34,6 | 44,3 | 40,7 | 39,9 | 49,8 | 69,4 |
| CENTRO-OESTE | 39,1 | 37,4 | 39,3 | 36,8 | 33,4 | 33,4 | 34,1 | 36,3 | 38,2 | 34,4 | 39,0 | -0,3 |
| BRASIL CAPITAIS | 46,5 | 45,5 | 46,1 | 42,4 | 38,5 | 38,7 | 36,6 | 37,3 | 37,3 | 37,4 | 36,4 | -21,7 |
| BRASIL | 27,8 | 28,5 | 28,9 | 27,0 | 25,8 | 26,3 | 25,2 | 26,4 | 26,9 | 27,5 | 27,1 | -2,4 |

Fonte: SIM/SVS/MS.

Boa Vista, Florianópolis e São Paulo apresentam os menores índices de homicídio. São Paulo, com uma taxa de 11,9 fica bem distante do segundo colocado, Florianópolis (20,4), diferencial que pode ser considerado significativo.

Gráfico 4.1.3. Ordenamento das taxas de homicídio (por 100 mil) na população total das capitais – Brasil. 2011



Fonte: SIM/SVS/MS.

Algumas especificidades da evolução das capitais podem ser ainda apontadas. A tabela 4.1.4 coloca, lado a lado, a evolução decenal dos estados e de suas respectivas capitais. Nesse contraste, podemos observar várias situações diferentes:

- Crescimento da taxa estadual bem superior ao aumento de sua capital, como os casos do Pará, Tocantins, Paraíba, Alagoas ou Maranhão, que sugere a existência de polos de violência no interior dos estados²⁷ que puxam as taxas para cima.

| Tabela 4.1.4. Comparativo do crescimento em porcentagem das taxas de homicídio na população total e nas capitais (por 100 mil) – Brasil. 2001/2011 | | | |
|--|-------|-----------------|-------|
| UF | Δ% | Capitais | Δ% |
| Acre | 6,0 | Rio Branco | -34,9 |
| Amapá | -17,6 | Macapá | -25,1 |
| Amazonas | 118,7 | Manaus | 122,8 |
| Pará | 165,8 | Belém | 63,1 |
| Rondônia | -29,3 | Porto Velho | -35,2 |
| Roraima | -34,9 | Boa Vista | -34,7 |
| Tocantins | 35,4 | Palmas | 15,4 |
| NORTE | 75,9 | NORTE | 35,4 |
| Alagoas | 146,5 | Maceió | 87,3 |
| Bahia | 223,6 | Salvador | 190,9 |
| Ceará | 90,1 | Fortaleza | 93,6 |
| Maranhão | 153,1 | São Luís | 101,8 |
| Paraíba | 202,3 | João Pessoa | 108,9 |
| Pernambuco | -33,4 | Recife | -41,3 |
| Piauí | 51,2 | Teresina | 44,2 |
| Rio Grande do Norte | 190,2 | Natal | 212,9 |
| Sergipe | 20,8 | Aracaju | -21,8 |
| NORDESTE | 66,0 | NORDESTE | 54,3 |
| Espírito Santo | 1,6 | Vitória | -33,5 |
| Minas Gerais | 66,0 | Belo Horizonte | 15,0 |
| Rio de Janeiro | -43,9 | Rio de Janeiro | -58,4 |
| São Paulo | -67,7 | São Paulo | -81,3 |
| SUDESTE | -45,7 | SUDESTE | -66,5 |
| Paraná | 50,7 | Curitiba | 68,8 |
| Rio Grande do Sul | 6,9 | Porto Alegre | 1,3 |
| Santa Catarina | 49,4 | Florianópolis | 19,6 |
| SUL | 31,4 | SUL | 32,0 |
| Distrito Federal | 1,4 | Brasília | 1,4 |
| Goiás | 69,0 | Goiânia | 69,4 |
| Mato Grosso | -16,0 | Cuiabá | -40,9 |
| Mato Grosso do Sul | -8,0 | Campo Grande | -37,2 |
| CENTRO-OESTE | 16,4 | CENTRO-OESTE | -0,3 |
| BRASIL | -2,4 | BRASIL CAPITAIS | -21,7 |

Fonte: SIM/SVS/MS.

²⁷ Poder-se-ia também atribuir esse diferencial ao comportamento das respectivas regiões metropolitanas, mas, em geral, pelas evidências levantadas em mapas anteriores, essas regiões metropolitanas exibem um comportamento bem semelhante ao das capitais.

- Diferencial evolutivo favorável às taxas estaduais sobre as das capitais, pelo fato de as taxas destas apresentarem quedas significativas (signo negativo) não acompanhadas pelas taxas do estado. Nesse caso, podemos inferir a existência de estratégias de enfrentamento da violência fortemente centradas nas capitais, mas que não atingem o interior dos estados, como os casos de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul ou Espírito Santo.
- Elevados índices de crescimento – sinal positivo – tanto na evolução das taxas estaduais quanto na das capitais. A violência alcança níveis insustentáveis perante a incapacidade e/ou ineficiência dos aparelhos de segurança locais de enfrentar o novo quadro da violência, como nos casos de Amazonas, Bahia, Rio Grande do Norte ou Goiás.

Outro aspecto que devemos destacar – bem visível na tabela 4.1.5, em que são ordenadas as capitais pela sua taxa em 1999 – é a enorme reviravolta na estruturação da violência das capitais do país acontecida entre 1999 e 2011. Alongamos em dois anos o período até aqui estudado, pela assincronia dos processos entre as UF's que, em diversos casos, tiveram início ainda antes da virada do século, como São Paulo, Maceió ou João Pessoa.

Essa tabela permite verificar que:

- Em todas as oito capitais que em 1999 apresentavam as maiores taxas de homicídio, os índices caem e, em diversas UF's, de forma muito expressiva, como nos casos de:
 - São Paulo que, com uma taxa de 61,9 homicídios, em 100 mil habitantes, ocupava o 3º lugar em 1999. Em 2011, cai para o último lugar, Macapá, Rio de Janeiro e Boa Vista, que das posições 5ª, 7ª e 8ª, em 1999, caem para as posições 20ª, 23ª e 25ª, respectivamente.
- Em todas as restantes capitais, as que em 1999 apresentavam as menores taxas, os homicídios aumentam²⁸ e, em muitos casos, de forma muito acentuada, como em:
 - Maceió e João Pessoa, que de posições intermediárias, em 1999, quando ocupavam o 10º e 14º posto, respectivamente, passam aos dois primeiros lugares no mapa da violência das capitais.
 - Salvador também registra um crescimento ainda mais preocupante, passando da última posição em 1999 à terceira em 2011. Mas parte desse inacreditável crescimento pode ser atribuído a sérias deficiências na informação, que já existiam em 1999 e ainda subsistem nos dados mais recentes.
 - Com menor intensidade, mas também devemos apontar neste campo os casos de Manaus, Goiânia, Fortaleza e São Luís.

²⁸ Salvo no caso de Campo Grande, única exceção.

**Tabela 4.1.5. Comparativo das taxas de homicídio (em 100 mil)
da população total das capitais – Brasil. 1999 e 2011**

| Capital | 1999 | | Capital | 2011 | |
|----------------|-------|---------|----------------|-------|---------|
| | Taxa | Posição | | Taxa | Posição |
| Vitória | 108,3 | 1º | Vitória | 56,6 | 5º |
| Recife | 99,3 | 2º | Recife | 57,1 | 4º |
| São Paulo | 69,1 | 3º | São Paulo | 11,9 | 27º |
| Cuiabá | 68,5 | 4º | Cuiabá | 45,5 | 13º |
| Macapá | 64,1 | 5º | Macapá | 33,2 | 20º |
| Porto Velho | 55,5 | 6º | Porto Velho | 43,4 | 14º |
| Rio de Janeiro | 53,5 | 7º | Rio de Janeiro | 23,1 | 23º |
| Boa Vista | 51,4 | 8º | Boa Vista | 21,0 | 25º |
| Brasília | 36,7 | 9º | Brasília | 37,4 | 17º |
| João Pessoa | 36,0 | 10º | João Pessoa | 86,3 | 2º |
| Manaus | 35,3 | 11º | Manaus | 56,2 | 6º |
| Aracaju | 35,2 | 12º | Aracaju | 47,6 | 11º |
| Porto Alegre | 32,9 | 13º | Porto Alegre | 36,9 | 18º |
| Maceió | 30,9 | 14º | Maceió | 111,1 | 1º |
| Campo Grande | 30,8 | 15º | Campo Grande | 21,4 | 24º |
| Goiânia | 30,1 | 16º | Goiânia | 49,8 | 9º |
| Belo Horizonte | 26,8 | 17º | Belo Horizonte | 40,3 | 16º |
| Curitiba | 25,9 | 18º | Curitiba | 47,2 | 12º |
| Fortaleza | 25,2 | 19º | Fortaleza | 54,0 | 8º |
| Palmas | 19,7 | 20º | Palmas | 30,6 | 21º |
| Rio Branco | 17,0 | 21º | Rio Branco | 25,4 | 22º |
| Belém | 15,1 | 22º | Belém | 40,9 | 15º |
| Teresina | 14,0 | 23º | Teresina | 33,4 | 19º |
| São Luís | 12,8 | 24º | São Luís | 55,4 | 7º |
| Natal | 9,6 | 25º | Natal | 49,0 | 10º |
| Florianópolis | 8,9 | 26º | Florianópolis | 20,4 | 26º |
| Salvador | 7,9 | 27º | Salvador | 62,0 | 3º |

Fonte: SIM/SVS/MS

| | | |
|-------|---------|----|
| Nota: | diminui | xx |
| | aumenta | xx |

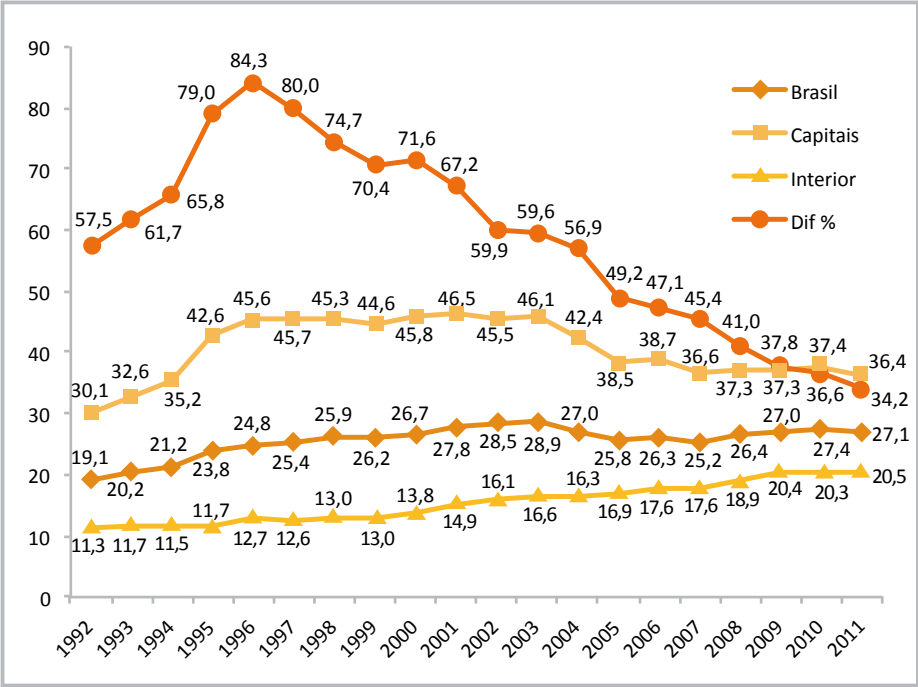
Na tabela e no gráfico a seguir, podemos acompanhar melhor a evolução da participação das capitais na geração da violência homicida do país. Podemos observar a existência de três grandes períodos claramente delimitados:

- a. **1980/1996:** Nesse primeiro, registrou-se um acelerado crescimento das taxas nas capitais que passam de 20,7 homicídios por 100 mil habitantes, em 1980, para 45,6, em 1996, o que representa um aumento de 121,0% nesses 15 anos. Nesse período, o interior²⁹ passou de 7,5 para 12,7 homicídios por

²⁹ Na categoria *Capitais*, considera-se exclusivamente os municípios sede, sem incluir o entorno (regiões metropolitanas, Ride etc. No conceito *Interior*, excluem-se do total Brasil os quantitativos das Capitais e das Regiões Metropolitanas reconhecidas pelo IBGE em 2010.

100 mil habitantes: crescimento de 69,1, bem menor que o das capitais. Fica evidente que o comando do crescimento no período ficou por conta das capitais, responsáveis pela forte elevação das taxas nacionais. Nos primeiros anos da década de 1980, as taxas do país giravam em torno de 13 homicídios por 100 mil, as das capitais rondavam a casa dos 20: a diferença percentual entre ambas era de 50%. Em 1996, essa diferença chega a seu pico, as taxas das capitais resultam 84,3% maiores que as do país.

Gráfico 4.1.4. Taxas de Homicídio na população total (por 100 mil) – Brasil, capitais e interior e diferença entre Brasil e capitais. 1992/2011



Fonte: SIM/SVS/MS.

| Tabela 4.1.6. Crescimento das taxas de homicídio na população total % – Brasil, capitais e interior. 1980/2011 | | | |
|--|-----------|-----------|-----------|
| Área | 1980/1996 | 1996/2003 | 2003/2011 |
| Brasil | 111,9 | 16,5 | -6,0 |
| Capitais | 121,0 | 0,9 | -20,9 |
| Interior | 69,1 | 30,4 | 23,6 |

Fonte: SIM/SVS/MS.

- b. **1996/2003:** Arrefece o crescimento nas capitais, cujo aumento nos sete anos foi praticamente inexistente: 0,9%. Já as taxas do interior, nesse período, crescem 30,4%. De toda forma, ambas as áreas ainda contribuem para o crescimento da violência nacional, agora com maior peso para o interior.

- c. **2003/2011:** Nesse período, as taxas das capitais recuam de forma clara e sistemática, passando de 41,6 homicídios por 100 mil para 36,4, o que representa uma queda de 29,9% nos oito anos. Já os índices do interior continuam crescendo: 23,6% no período. Dessa forma, o interior assume claramente, o papel de polo dinâmico, motor da violência homicida, contrapondo-se às quedas substantivas nos níveis da violência que as capitais estariam gerando. No gráfico 4.1.4, percebemos a contínua queda do diferencial entre as taxas nacionais e as das capitais, que em 2011 atingem sua menor expressão histórica: 34,2%.

4.2. Homicídios na população jovem das capitais

As análises a seguir verificam a evolução do número e das taxas de homicídios da população jovem residente nas capitais do país.

Em primeiro lugar, devemos observar que também no caso das capitais, o número de homicídios juvenis não é proporcional ao peso demográfico do grupo. Apesar de os jovens de 15 a 29 anos corresponderem aproximadamente a 28% da população total das capitais, os homicídios nessa faixa representaram em torno de 59% dos casos registrados nessas cidades, acima do dobro do que seria esperado em função de seu peso demográfico.

Pelas tabelas 4.2.1 e 4.2.2, podemos verificar que:

- No período analisado – 2001/2011 – foram assassinados 114.816 jovens.
- Diferentemente do total do país, onde o número de homicídios juvenis cresce 4,5% ao longo do período, as capitais registram uma queda moderada: 15,3%.
- Considerando a evolução da população, isto é, as taxas de homicídio, se no país caem 1,8%, nas capitais o declínio é bem maior: 18,3% entre 2001 e 2011.
- Essas quedas acontecem fundamentalmente a partir de 2003, quando se conjugam os efeitos da campanha do desarmamento, iniciada nesse ano, e de políticas pontuais bem-sucedidas de enfrentamento da violência em estados com forte peso demográfico, como São Paulo e Rio de Janeiro.
- No caso das capitais, também podem ser observadas significativas mudanças geográficas no mapa nacional da violência. O Sudeste, que na virada do século era, disparadamente, a região mais violenta do país, evidencia quedas extremamente relevantes, passando de 122,2 homicídios por 100 mil habitantes das capitais, em 2001, para 37,7, em 2011, sendo agora a região de menor índice de violência devido às expressivas quedas registradas nas capitais de São Paulo e do Rio de Janeiro.
- Em todas as outras regiões, os índices crescem: no Nordeste, 65,9%; no Norte, 43,7; no Sul, 33,6; e 2,7 no Centro-Oeste.

Tabela 4.2.1. Homicídios na população jovem (de 15 a 29 anos) por capital e regiões – Brasil. 2001/2011

| CAPITAL/ REGIÃO | 2001 | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 | Δ% |
|--------------------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|-------|--------|--------|-------|-------|-------|
| Belém | 235 | 253 | 292 | 250 | 380 | 309 | 317 | 422 | 421 | 503 | 384 | 63,4 |
| Boa Vista | 36 | 57 | 41 | 33 | 29 | 31 | 33 | 31 | 38 | 40 | 29 | -19,4 |
| Macapá | 89 | 84 | 106 | 88 | 84 | 94 | 81 | 103 | 72 | 129 | 83 | -6,7 |
| Manaus | 232 | 239 | 281 | 251 | 307 | 346 | 352 | 397 | 464 | 515 | 652 | 181,0 |
| Palmas | 18 | 16 | 19 | 23 | 17 | 19 | 15 | 17 | 16 | 33 | 39 | 116,7 |
| Porto Velho | 113 | 125 | 99 | 154 | 106 | 124 | 114 | 89 | 98 | 103 | 84 | -25,7 |
| Rio Branco | 65 | 74 | 58 | 61 | 46 | 64 | 51 | 47 | 47 | 43 | 37 | -43,1 |
| NORTE | 788 | 848 | 896 | 860 | 969 | 987 | 963 | 1.106 | 1.156 | 1.366 | 1.308 | 66,0 |
| Aracaju | 181 | 165 | 147 | 127 | 110 | 147 | 120 | 134 | 129 | 127 | 149 | -17,7 |
| Fortaleza | 341 | 395 | 351 | 354 | 494 | 506 | 604 | 565 | 581 | 805 | 834 | 144,6 |
| João Pessoa | 164 | 154 | 158 | 161 | 193 | 199 | 227 | 254 | 307 | 380 | 404 | 146,3 |
| Maceió | 313 | 316 | 344 | 371 | 401 | 583 | 588 | 655 | 589 | 712 | 667 | 113,1 |
| Natal | 71 | 61 | 101 | 65 | 98 | 100 | 145 | 159 | 207 | 192 | 243 | 242,3 |
| Recife | 875 | 819 | 831 | 894 | 855 | 886 | 864 | 834 | 742 | 546 | 560 | -36,0 |
| Salvador | 347 | 395 | 508 | 500 | 671 | 784 | 904 | 1.269 | 1.375 | 1.272 | 1.080 | 211,2 |
| São Luís | 139 | 107 | 169 | 199 | 185 | 206 | 250 | 268 | 329 | 356 | 311 | 123,7 |
| Teresina | 104 | 126 | 124 | 120 | 158 | 179 | 139 | 127 | 135 | 140 | 159 | 52,9 |
| NORDESTE | 2.535 | 2.538 | 2.733 | 2.791 | 3.165 | 3.590 | 3.841 | 4.265 | 4.394 | 4.530 | 4.407 | 73,8 |
| Belo Horizonte | 481 | 616 | 844 | 992 | 824 | 776 | 768 | 660 | 568 | 497 | 562 | 16,8 |
| Rio de Janeiro | 1.783 | 2.067 | 1.862 | 1.797 | 1.454 | 1.577 | 1.221 | 1.007 | 986 | 863 | 682 | -61,7 |
| São Paulo | 3.969 | 3.346 | 3.350 | 2.502 | 1.660 | 1.274 | 905 | 714 | 772 | 667 | 591 | -85,1 |
| Vitória | 157 | 157 | 142 | 150 | 158 | 161 | 149 | 144 | 140 | 153 | 120 | -23,6 |
| SUDESTE | 6.390 | 6.186 | 6.198 | 5.441 | 4.096 | 3.788 | 3.043 | 2.525 | 2.466 | 2.180 | 1.955 | -69,4 |
| Curitiba | 258 | 327 | 357 | 412 | 458 | 532 | 514 | 592 | 582 | 563 | 428 | 65,9 |
| Florianópolis | 35 | 54 | 68 | 68 | 68 | 52 | 53 | 66 | 55 | 59 | 51 | 45,7 |
| Porto Alegre | 268 | 318 | 289 | 333 | 340 | 282 | 395 | 362 | 323 | 285 | 280 | 4,5 |
| SUL | 561 | 699 | 714 | 813 | 866 | 866 | 962 | 1.020 | 960 | 907 | 759 | 35,3 |
| Brasília | 483 | 474 | 522 | 508 | 456 | 467 | 500 | 527 | 596 | 509 | 530 | 9,7 |
| Campo Grande | 126 | 122 | 141 | 118 | 117 | 111 | 142 | 118 | 119 | 80 | 90 | -28,6 |
| Cuiabá | 210 | 156 | 150 | 139 | 151 | 147 | 123 | 125 | 140 | 132 | 130 | -38,1 |
| Goiânia | 171 | 249 | 251 | 243 | 262 | 260 | 255 | 332 | 270 | 269 | 364 | 112,9 |
| CENTRO-OESTE | 990 | 1.001 | 1.064 | 1.008 | 986 | 985 | 1.020 | 1.102 | 1.125 | 990 | 1.114 | 12,5 |
| BRASIL CAPITAIS | 11.264 | 11.272 | 11.605 | 10.913 | 10.082 | 10.216 | 9.829 | 10.018 | 10.101 | 9.973 | 9.543 | -15,3 |

Fonte:SIM/SVS/MS.

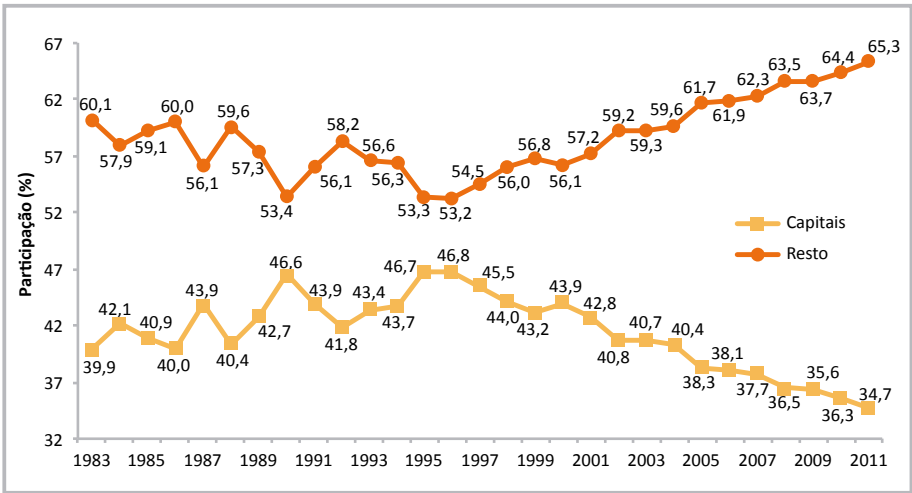
Tabela 4.2.2. Taxas de homicídio (por 100 mil) na população de 15 a 29 anos por capital e regiões – Brasil. 2001/2011

| CAPITAL/ REGIÃO | 2001 | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 | Δ% |
|--------------------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|
| Belém | 56,3 | 59,8 | 68,0 | 57,4 | 84,5 | 67,7 | 73,2 | 100,7 | 100,9 | 126,1 | 95,7 | 69,8 |
| Boa Vista | 55,0 | 84,6 | 59,1 | 46,2 | 38,1 | 39,6 | 42,8 | 40,1 | 48,6 | 45,0 | 31,9 | -42,0 |
| Macapá | 93,8 | 85,4 | 104,0 | 83,1 | 73,7 | 79,5 | 69,3 | 94,3 | 65,0 | 103,8 | 65,3 | -30,3 |
| Manaus | 49,2 | 49,4 | 56,6 | 49,3 | 57,4 | 63,0 | 66,0 | 76,2 | 88,2 | 95,1 | 118,4 | 141,0 |
| Palmas | 34,2 | 28,4 | 31,6 | 36,0 | 23,4 | 24,6 | 18,9 | 27,5 | 25,5 | 43,0 | 49,3 | 44,2 |
| Porto Velho | 109,1 | 118,8 | 92,4 | 141,3 | 93,7 | 107,6 | 96,3 | 77,4 | 84,8 | 77,5 | 62,2 | -43,0 |
| Rio Branco | 79,6 | 88,5 | 67,6 | 69,4 | 48,2 | 65,2 | 52,0 | 51,7 | 51,5 | 42,3 | 35,7 | -55,1 |
| NORTE | 61,2 | 64,4 | 66,4 | 62,2 | 66,6 | 66,1 | 66,1 | 79,3 | 82,5 | 93,3 | 87,9 | 43,7 |
| Aracaju | 122,3 | 110,2 | 97,0 | 82,8 | 69,8 | 92,1 | 78,7 | 85,5 | 82,9 | 76,4 | 88,3 | -27,8 |
| Fortaleza | 52,5 | 59,9 | 52,3 | 52,0 | 70,0 | 70,4 | 81,7 | 76,3 | 77,8 | 112,0 | 114,9 | 118,7 |
| João Pessoa | 90,6 | 83,5 | 84,3 | 84,6 | 98,0 | 99,4 | 110,9 | 123,3 | 148,5 | 186,9 | 196,0 | 116,3 |
| Maceió | 125,9 | 124,7 | 133,1 | 140,9 | 146,0 | 207,8 | 214,8 | 246,3 | 220,8 | 275,5 | 255,3 | 102,7 |
| Natal | 33,4 | 28,2 | 46,1 | 29,3 | 42,8 | 43,0 | 61,3 | 68,2 | 88,9 | 82,9 | 104,0 | 211,1 |
| Recife | 210,9 | 195,8 | 197,0 | 210,2 | 197,3 | 202,6 | 202,1 | 194,6 | 173,9 | 134,3 | 136,9 | -35,1 |
| Salvador | 43,4 | 48,8 | 61,8 | 60,0 | 78,1 | 89,9 | 108,6 | 145,4 | 158,4 | 168,7 | 142,3 | 227,6 |
| São Luís | 46,7 | 35,3 | 54,7 | 63,2 | 56,5 | 61,7 | 74,5 | 83,5 | 103,0 | 111,0 | 95,8 | 105,0 |
| Teresina | 44,7 | 53,4 | 51,7 | 49,3 | 62,8 | 70,0 | 53,4 | 50,4 | 54,5 | 57,1 | 64,2 | 43,6 |
| NORDESTE | 79,6 | 78,5 | 83,3 | 83,9 | 92,1 | 102,8 | 110,9 | 122,7 | 126,6 | 137,1 | 132,1 | 65,9 |
| Belo Horizonte | 73,1 | 92,6 | 125,7 | 146,4 | 119,1 | 111,0 | 116,6 | 101,8 | 88,8 | 78,6 | 88,5 | 21,0 |
| Rio de Janeiro | 118,4 | 136,4 | 122,1 | 117,1 | 93,5 | 100,7 | 82,3 | 68,9 | 68,1 | 56,6 | 44,5 | -62,4 |
| São Paulo | 133,2 | 111,2 | 110,5 | 82,0 | 53,5 | 40,7 | 30,9 | 25,1 | 27,4 | 22,9 | 20,2 | -84,8 |
| Vitória | 184,4 | 182,3 | 163,1 | 170,5 | 175,3 | 176,5 | 169,7 | 169,5 | 167,6 | 172,3 | 134,0 | -27,3 |
| SUDESTE | 122,2 | 117,2 | 116,6 | 101,6 | 75,3 | 69,1 | 59,0 | 50,1 | 49,5 | 42,3 | 37,7 | -69,1 |
| Curitiba | 55,4 | 69,2 | 74,3 | 84,4 | 90,7 | 103,5 | 103,5 | 120,0 | 117,9 | 121,4 | 91,6 | 65,3 |
| Florianópolis | 33,9 | 51,1 | 62,9 | 61,4 | 58,5 | 43,6 | 45,7 | 59,9 | 50,1 | 50,2 | 42,7 | 26,1 |
| Porto Alegre | 74,8 | 88,1 | 79,4 | 90,8 | 91,2 | 75,0 | 107,3 | 101,1 | 91,0 | 81,0 | 79,4 | 6,2 |
| SUL | 60,5 | 74,4 | 75,0 | 84,2 | 87,1 | 85,8 | 98,1 | 106,1 | 100,2 | 97,2 | 80,8 | 33,6 |
| Brasília | 71,4 | 68,4 | 73,9 | 70,5 | 60,6 | 60,7 | 71,4 | 72,5 | 81,5 | 69,3 | 71,0 | -0,5 |
| Campo Grande | 63,9 | 60,7 | 68,9 | 56,5 | 53,8 | 50,0 | 64,3 | 56,3 | 56,8 | 36,8 | 40,9 | -36,0 |
| Cuiabá | 136,6 | 100,0 | 94,6 | 86,3 | 90,7 | 86,8 | 74,4 | 77,9 | 88,0 | 82,5 | 80,5 | -41,0 |
| Goiânia | 48,9 | 70,1 | 69,7 | 66,5 | 69,4 | 67,8 | 70,8 | 92,2 | 75,6 | 71,5 | 95,6 | 95,4 |
| CENTRO-OESTE | 71,9 | 71,3 | 74,4 | 69,2 | 65,1 | 63,8 | 70,5 | 75,6 | 77,2 | 66,5 | 73,8 | 2,7 |
| BRASIL CAPITAIS | 93,8 | 92,6 | 94,1 | 87,4 | 78,5 | 78,5 | 78,6 | 81,2 | 82,3 | 80,8 | 76,6 | -18,3 |

Fonte:SIM/SVS/MS.

As quedas observadas nos últimos anos contrapõem-se ao papel histórico que desempenharam, em décadas anteriores, liderando e explicando o crescimento da violência homicida, como teremos oportunidade de analisar no capítulo dedicado aos novos padrões da violência. Essa perda de liderança pode ser observada no gráfico 4.2.1 que quantifica a participação em porcentagem das capitais no total de homicídios juvenis do país.

Gráfico 4.2.1. Evolução da participação das capitais no total de homicídios juvenis do Brasil. 1983/2011



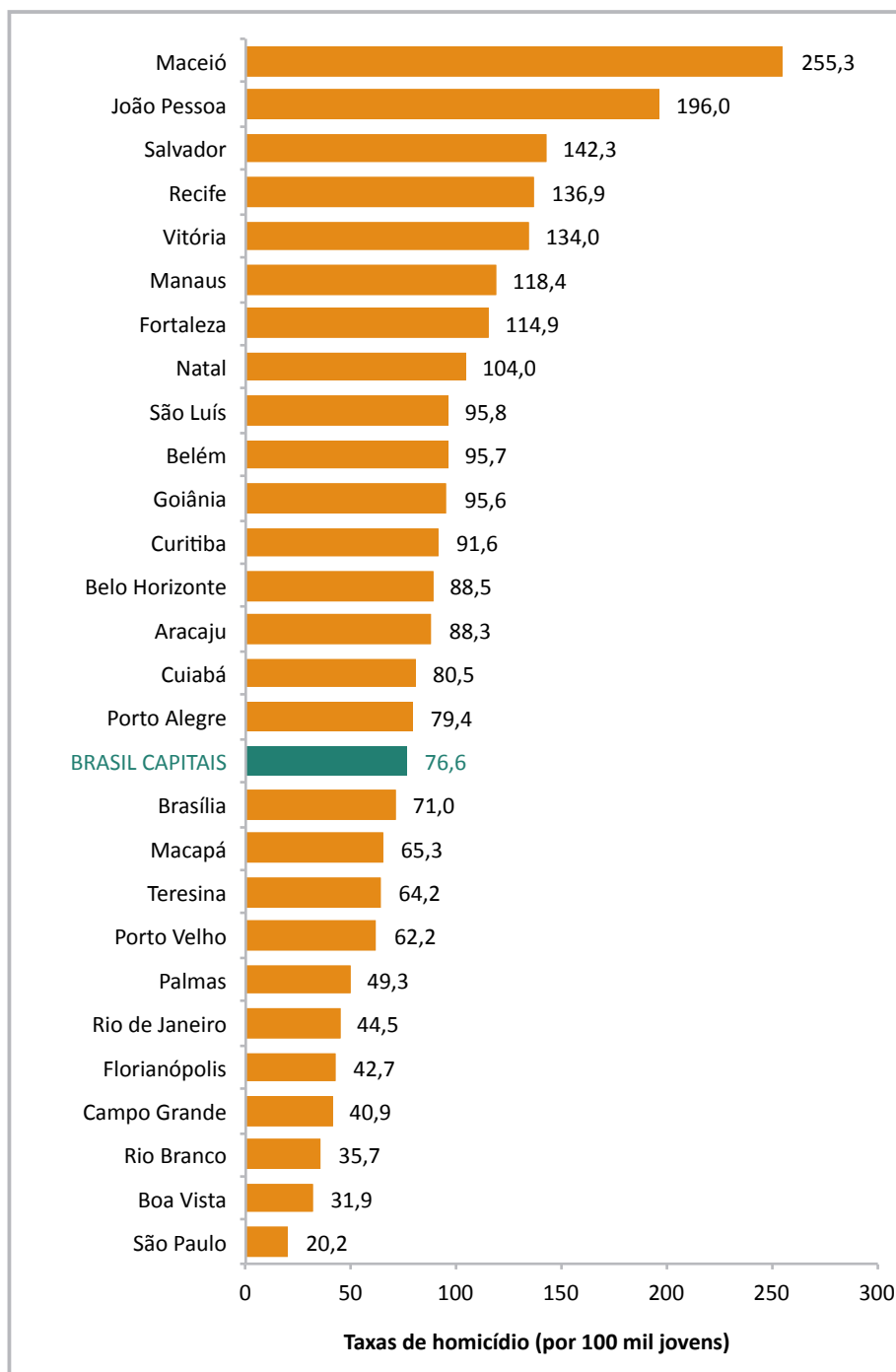
Fonte: SIM/SVS/MS.

Podemos observar que, até meados da década de 1990, a participação das metrópoles na produção da violência homicida juvenil foi crescente. Com 26% da população jovem do país, chegaram a ser responsáveis por praticamente a metade – 46,8% – do total de homicídios juvenis. A partir dessa data, a participação das capitais evidencia um sistemático e regular declínio. Para 2011, concentram 1/3 dos homicídios – só 34,7% – e com tendência de continuar caindo mais ainda.

Devemos considerar que a taxa de 76,6 homicídios por 100 mil jovens das capitais é uma média nacional. A tabela e o gráfico 4.2.2 permitem verificar profundas diferenças na geografia da violência homicida.

Maceió é a única capital do país que consegue, em 2011, superar a impensável marca de 200 homicídios por 100 mil jovens – sua taxa é de 255,9. Perto desse patamar dos 200 homicídios, também encontramos João Pessoa – 196,0. E ainda, mais seis capitais superaram a marca dos 100 homicídios por 100 mil jovens: Salvador, Recife, Vitória, Manaus, Fortaleza e Natal.

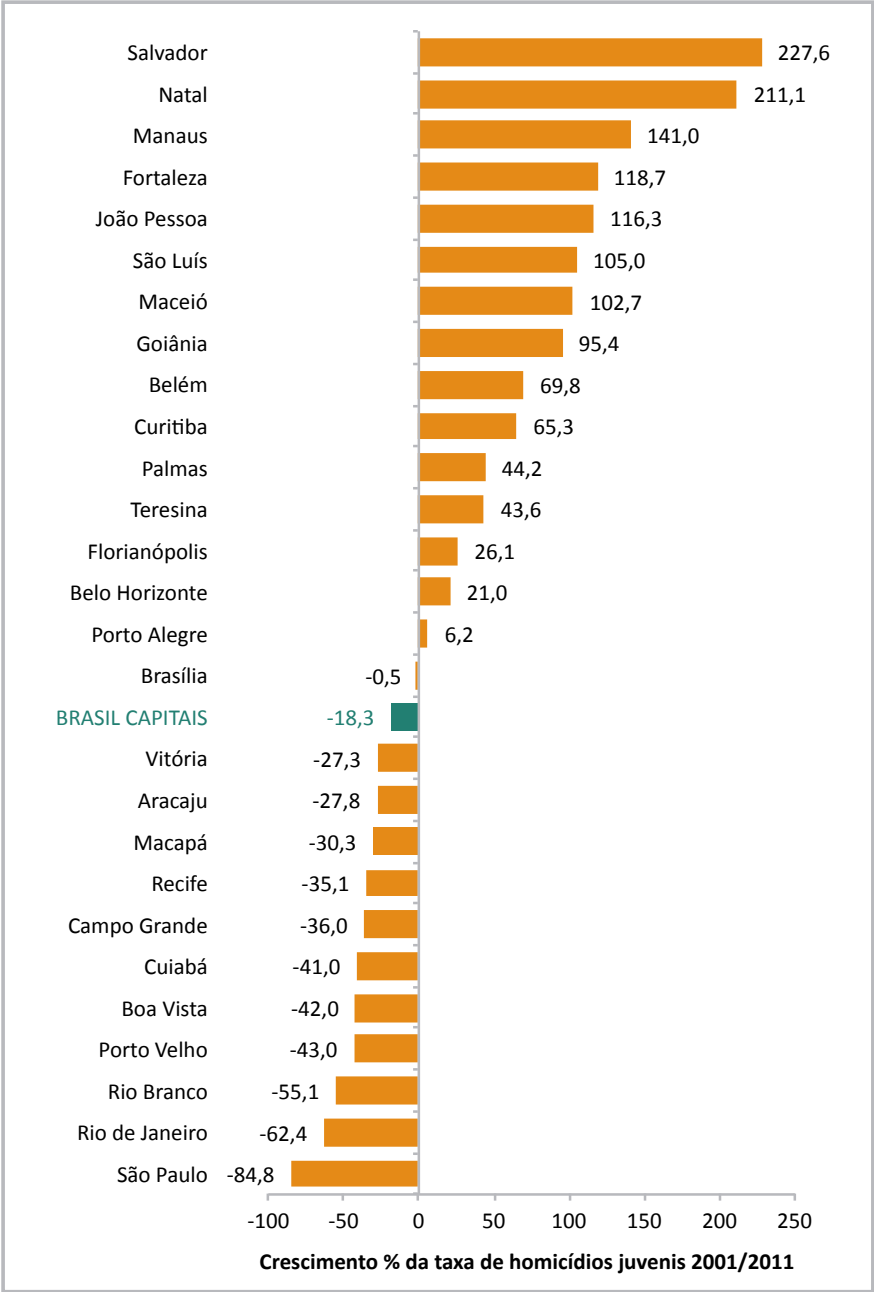
**Gráfico 4.2.2. Ordenamento das taxas de homicídio juvenis
(por 100 mil jovens) das capitais – Brasil. 2011**



Fonte: SIM/SVS/MS.

No outro extremo da escala: São Paulo, Boa Vista e Rio Branco ostentam as menores taxas do país: abaixo dos 40 homicídios por 100 mil jovens. Ainda sendo as menores taxas das capitais, são extremamente elevadas para os padrões considerados minimamente civilizados.

Gráfico 4.2.3. Crescimento das taxas (por 100 mil jovens) de homicídio juvenil nas capitais – Brasil. 2001/2011 (%)



Fonte: SIM/SVS/MS.

Pelo gráfico 4.2.3, podemos perceber que a evolução das taxas de homicídio no período 2001/2011 também foi muito heterogênea. Salvador e Natal mais que triplicaram suas taxas no período, formando parte das 14 capitais que aumentaram suas taxas na década. Mas em 13 capitais as taxas caíram, principalmente, em São Paulo e Rio de Janeiro, compensando os aumentos.

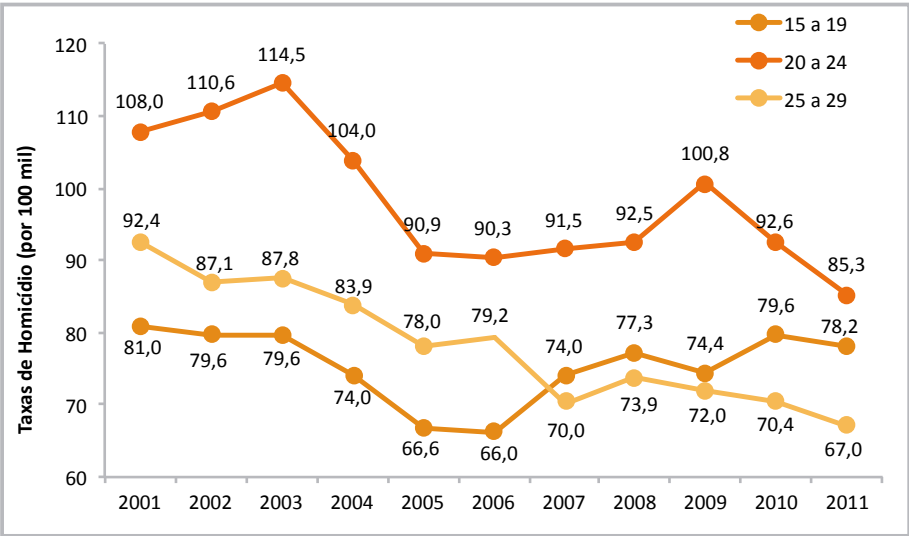
4.3. As trajetórias juvenis nas capitais

Também podemos perceber diferenças se considerarmos os vários momentos evolutivos na vida juvenil. Esses dados podem ser visualizados no gráfico 4.3.1 e nas tabelas a seguir.

| Tabela 4.3.1. Evolução das taxas de homicídio juvenil (por 100 mil) nas capitais, segundo faixas etárias – Brasil. 2001/2011 | | | | | | | | | | | | |
|--|-------|-------|-------|-------|------|------|------|------|-------|------|------|-------|
| Faixa | 2001 | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 | Δ % |
| 15 a 19 | 81,0 | 79,6 | 79,6 | 74,0 | 66,6 | 66,0 | 74,0 | 77,3 | 74,4 | 79,6 | 78,2 | -3,5 |
| 20 a 24 | 108,0 | 110,6 | 114,5 | 104,0 | 90,9 | 90,3 | 91,5 | 92,5 | 100,8 | 92,6 | 85,3 | -21,0 |
| 25 a 29 | 92,4 | 87,1 | 87,8 | 83,9 | 78,0 | 79,2 | 70,0 | 73,9 | 72,0 | 70,4 | 67,0 | -27,5 |
| 15 a 29 | 93,8 | 92,6 | 94,1 | 87,4 | 78,5 | 78,5 | 78,6 | 81,2 | 82,3 | 80,8 | 76,6 | -18,3 |

Fonte: SIM/SVS/MS.

Gráfico 4.3.1. Evolução das taxas de homicídio juvenil (por 100 mil) nas capitais, segundo faixas etárias – Brasil. 2001/2011



Fonte: SIM/SVS/MS.

- As três faixas etárias experimentam quedas no período. Mas essas diminuições são praticamente imperceptíveis na faixa de 15 a 19 anos: 3,5 ao longo da década. Já nas faixas de 20 a 24, as quedas são moderadas – 21% – e são ainda maiores na faixa dos 25 aos 29 anos.
- Essa evolução desigual aproxima as taxas das três faixas no final do período.

| Ordenamento das capitais por taxas de homicídio juvenil – Brasil. 2001-2011 | | | | | | | | | |
|---|-------|---------|-------|---------|--------------------------------------|-------|---------|-------|---------|
| Tabela 4.3.2. Jovens de 15 a 19 anos | | | | | Tabela 4.3.3. Jovens de 20 a 24 anos | | | | |
| país | 2001 | | 2011 | | país | 2001 | | 2011 | |
| | Taxa | Posição | Taxa | Posição | | Taxa | Posição | Taxa | Posição |
| Maceió | 106,0 | 6º | 274,7 | 1º | Maceió | 157,9 | 3º | 301,0 | 1º |
| João Pessoa | 57,3 | 14º | 219,2 | 2º | João Pessoa | 108,0 | 11º | 211,5 | 2º |
| Vitória | 186,6 | 1º | 160,2 | 3º | Salvador | 52,1 | 22º | 173,4 | 3º |
| Salvador | 30,7 | 25º | 155,0 | 4º | Recife | 268,2 | 1º | 154,9 | 4º |
| Fortaleza | 42,0 | 20º | 140,0 | 5º | Vitória | 185,9 | 2º | 142,7 | 5º |
| Recife | 170,1 | 2º | 129,1 | 6º | Natal | 38,7 | 26º | 133,1 | 6º |
| Belém | 58,1 | 13º | 115,1 | 7º | Manaus | 55,8 | 21º | 131,7 | 7º |
| Natal | 30,0 | 26º | 113,0 | 8º | Fortaleza | 63,4 | 18º | 120,5 | 8º |
| Manaus | 40,1 | 21º | 108,7 | 9º | São Luís | 62,0 | 19º | 116,1 | 9º |
| Belo Horizonte | 60,7 | 12º | 99,7 | 10º | Curitiba | 70,9 | 17º | 105,2 | 10º |
| Aracaju | 85,3 | 7º | 90,4 | 11º | Belo Horizonte | 84,6 | 12º | 101,0 | 11º |
| Goiânia | 50,0 | 15º | 89,3 | 12º | Goiânia | 51,5 | 23º | 95,9 | 12º |
| Brasília | 80,7 | 9º | 81,2 | 13º | Belém | 61,7 | 20º | 91,7 | 13º |
| Curitiba | 42,1 | 19º | 78,3 | 14º | Cuiabá | 156,1 | 4º | 90,8 | 14º |
| Porto Alegre | 61,7 | 11º | 76,2 | 15º | Porto Alegre | 78,4 | 15º | 88,8 | 15º |
| Macapá | 80,8 | 8º | 73,1 | 16º | Aracaju | 150,3 | 5º | 84,6 | 16º |
| Cuiabá | 125,1 | 3º | 68,6 | 17º | Brasília | 76,5 | 16º | 80,9 | 17º |
| Porto Velho | 72,2 | 10º | 65,6 | 18º | Macapá | 128,6 | 10º | 72,5 | 18º |
| São Luís | 34,4 | 23º | 58,1 | 19º | Teresina | 42,2 | 25º | 68,7 | 19º |
| Teresina | 42,8 | 18º | 52,1 | 20º | Porto Velho | 142,8 | 7º | 63,2 | 20º |
| Florianópolis | 33,4 | 24º | 48,4 | 21º | Palmas | 42,3 | 24º | 53,9 | 21º |
| Palmas | 22,3 | 27º | 45,4 | 22º | Florianópolis | 36,0 | 27º | 50,2 | 22º |
| Rio de Janeiro | 110,2 | 5º | 38,3 | 23º | Rio de Janeiro | 134,4 | 9º | 44,2 | 23º |
| Campo Grande | 46,4 | 16º | 37,8 | 24º | Campo Grande | 79,4 | 14º | 41,5 | 24º |
| Boa Vista | 45,2 | 17º | 26,4 | 25º | Rio Branco | 135,3 | 8º | 40,4 | 25º |
| Rio Branco | 35,9 | 22º | 17,4 | 26º | Boa Vista | 80,0 | 13º | 36,3 | 26º |
| São Paulo | 118,1 | 4º | 17,2 | 27º | São Paulo | 148,4 | 6º | 22,5 | 27º |

Fonte: SIM/SVS/MS.

| Ordenamento das capitais por taxas de homicídio juvenil – Brasil. 2001-2011 | | | | | | | | | |
|---|-------|---------|-------|---------|--------------------------------------|-------|---------|-------|---------|
| Tabela 4.3.4. Jovens de 24 a 29 anos | | | | | Tabela 4.3.5. Jovens de 15 a 29 anos | | | | |
| país | 2001 | | 2011 | | país | 2001 | | 2011 | |
| | Taxa | Posição | Taxa | Posição | | Taxa | Posição | Taxa | Posição |
| Maceió | 113,4 | 7º | 190,7 | 1º | Maceió | 125,9 | 5º | 255,3 | 1º |
| João Pessoa | 112,1 | 8º | 160,3 | 2º | João Pessoa | 90,6 | 10º | 196,0 | 2º |
| Recife | 194,5 | 1º | 126,1 | 3º | Salvador | 43,4 | 24º | 142,3 | 3º |
| Manaus | 52,3 | 18º | 114,7 | 4º | Recife | 210,9 | 1º | 136,9 | 4º |
| São Luís | 44,9 | 22º | 107,7 | 5º | Vitória | 184,4 | 2º | 134,0 | 5º |
| Salvador | 48,8 | 20º | 105,3 | 6º | Manaus | 49,2 | 20º | 118,4 | 6º |
| Vitória | 179,6 | 2º | 104,9 | 7º | Fortaleza | 52,5 | 19º | 114,9 | 7º |
| Goiânia | 44,7 | 23º | 100,7 | 8º | Natal | 33,4 | 27º | 104,0 | 8º |
| Aracaju | 135,4 | 3º | 90,3 | 9º | São Luís | 46,7 | 22º | 95,8 | 9º |
| Curitiba | 52,4 | 17º | 89,8 | 10º | Belém | 56,3 | 16º | 95,7 | 10º |
| Fortaleza | 53,3 | 16º | 85,9 | 11º | Goiânia | 48,9 | 21º | 95,6 | 11º |
| Belém | 47,9 | 21º | 81,7 | 12º | Curitiba | 55,4 | 17º | 91,6 | 12º |
| Cuiabá | 127,7 | 5º | 80,7 | 13º | Belo Horizonte | 73,1 | 13º | 88,5 | 13º |
| Porto Alegre | 85,9 | 10º | 73,5 | 14º | Aracaju | 122,3 | 6º | 88,3 | 14º |
| Teresina | 50,7 | 19º | 70,5 | 15º | Cuiabá | 136,6 | 3º | 80,5 | 15º |
| Belo Horizonte | 73,6 | 11º | 67,7 | 16º | Porto Alegre | 74,8 | 12º | 79,4 | 16º |
| Natal | 31,6 | 27º | 65,6 | 17º | Brasília | 71,4 | 14º | 71,0 | 17º |
| Porto Velho | 117,4 | 6º | 57,9 | 18º | Macapá | 93,8 | 9º | 65,3 | 18º |
| Brasília | 55,0 | 15º | 53,6 | 19º | Teresina | 44,7 | 23º | 64,2 | 19º |
| Rio de Janeiro | 109,7 | 9º | 50,0 | 20º | Porto Velho | 109,1 | 8º | 62,2 | 20º |
| Rio Branco | 69,7 | 13º | 49,5 | 21º | Palmas | 34,2 | 25º | 49,3 | 21º |
| Macapá | 70,0 | 12º | 49,3 | 22º | Rio de Janeiro | 118,4 | 7º | 44,5 | 22º |
| Palmas | 37,8 | 24º | 48,0 | 23º | Florianópolis | 33,9 | 26º | 42,7 | 23º |
| Campo Grande | 67,7 | 14º | 43,3 | 24º | Campo Grande | 63,9 | 15º | 40,9 | 24º |
| Boa Vista | 37,6 | 25º | 33,0 | 25º | Rio Branco | 79,6 | 11º | 35,7 | 25º |
| Florianópolis | 32,0 | 26º | 31,5 | 26º | Boa Vista | 55,0 | 18º | 31,9 | 26º |
| São Paulo | 132,5 | 4º | 20,5 | 27º | São Paulo | 133,2 | 4º | 20,2 | 27º |

Fonte: SIM/SVS/MS.

4.4. Vitimização juvenil nas capitais

Como explicado anteriormente, o Índice de Vitimização Juvenil resulta da relação percentual entre a taxa de óbitos por homicídio da população de 15 a 29 anos e as taxas do restante da população – que chamaremos de *não jovem*³⁰. Essa população não jovem é a que, ainda, não chegou à juventude – população de 0 a 14 anos – ou a que já passou dessa faixa – acima dos 29 anos.

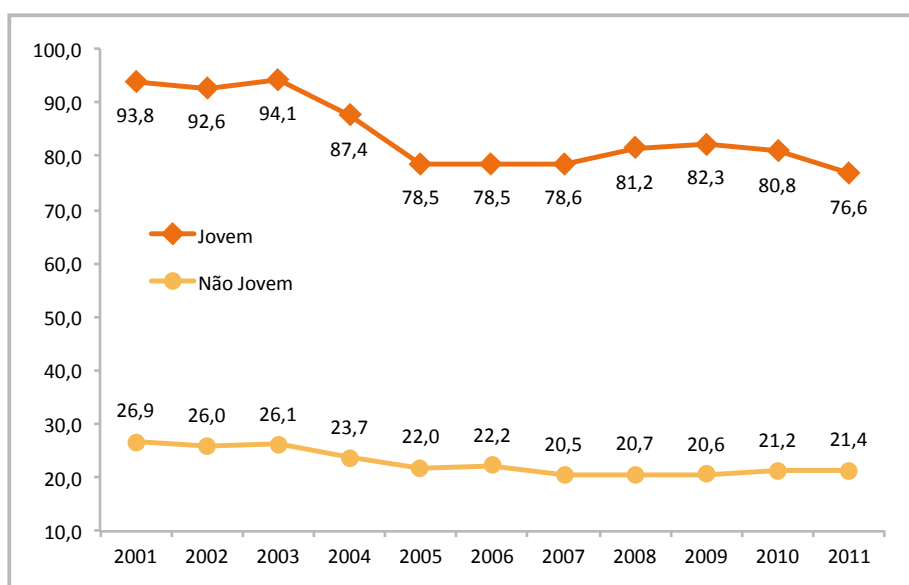
O gráfico 4.4.1 detalha a evolução decenal das taxas de homicídios entre jovens e não jovens nas capitais do país.

- As quedas nas taxas de homicídio tanto jovem quanto não jovem são bem mais expressivas nas capitais dos estados do que no restante do território: as correspondentes aos jovens caem 18,3% e as dos não jovens 20,5%.

³⁰ Vitimização = taxa jovem / taxa não jovem * 100.

- As taxas juvenis sofreram maior impacto da campanha do desarmamento. Até 2003, ano de início da campanha, as taxas vinham crescendo historicamente. Entre 2003 e 2005, elas caem significativamente e apresentam uma relativa estabilização até 2011. Nos dois últimos anos da série, as taxas mostram uma leve tendência de queda.
- As taxas da população não jovem parecem indiferentes à campanha do desarmamento, mas tendem a cair muito levemente ao longo do período.

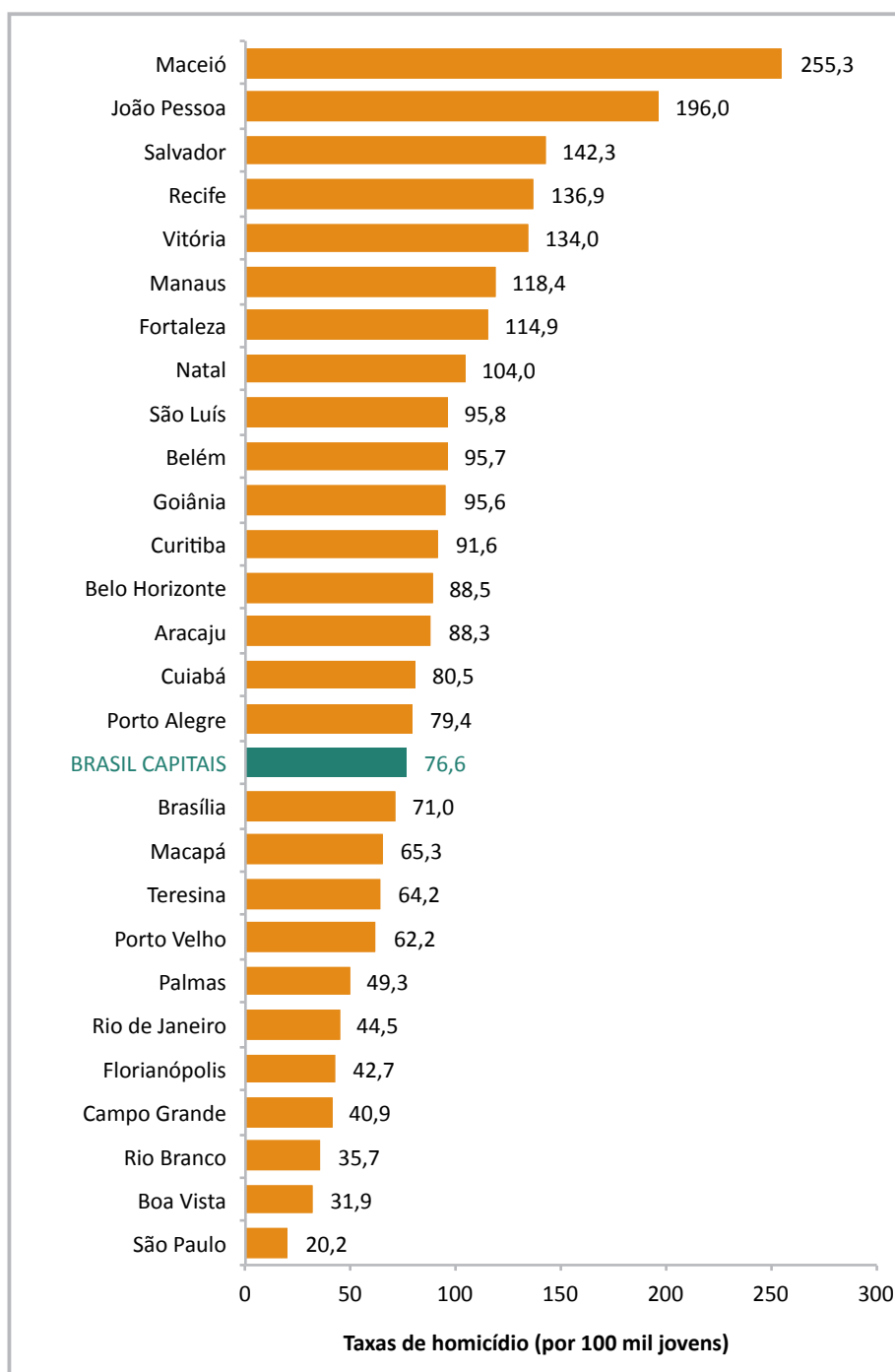
Gráfico 4.4.1. Evolução das taxas de homicídio (por 100 mil) na população jovem e não jovem – Brasil. 2001/2011



Fonte: SIM/SVS/MS.

- Os índices de vitimização juvenil, que já eram muito elevados em 2001 – 3,1 jovem assassinado para cada não jovem –, permanecem praticamente constantes no período (ver gráfico 4.4.2), com oscilações relativamente fracas.
- Quedas entre 2003 e 2005 – provável efeito da campanha do desarmamento – e de 2008 a 2011, devido a prováveis políticas preventivas da União, dos estados e dos municípios.

Gráfico 4.4.2. Índice de vitimização juvenil – Brasil. 2001/2011



Fonte: SIM/SVS/MS.

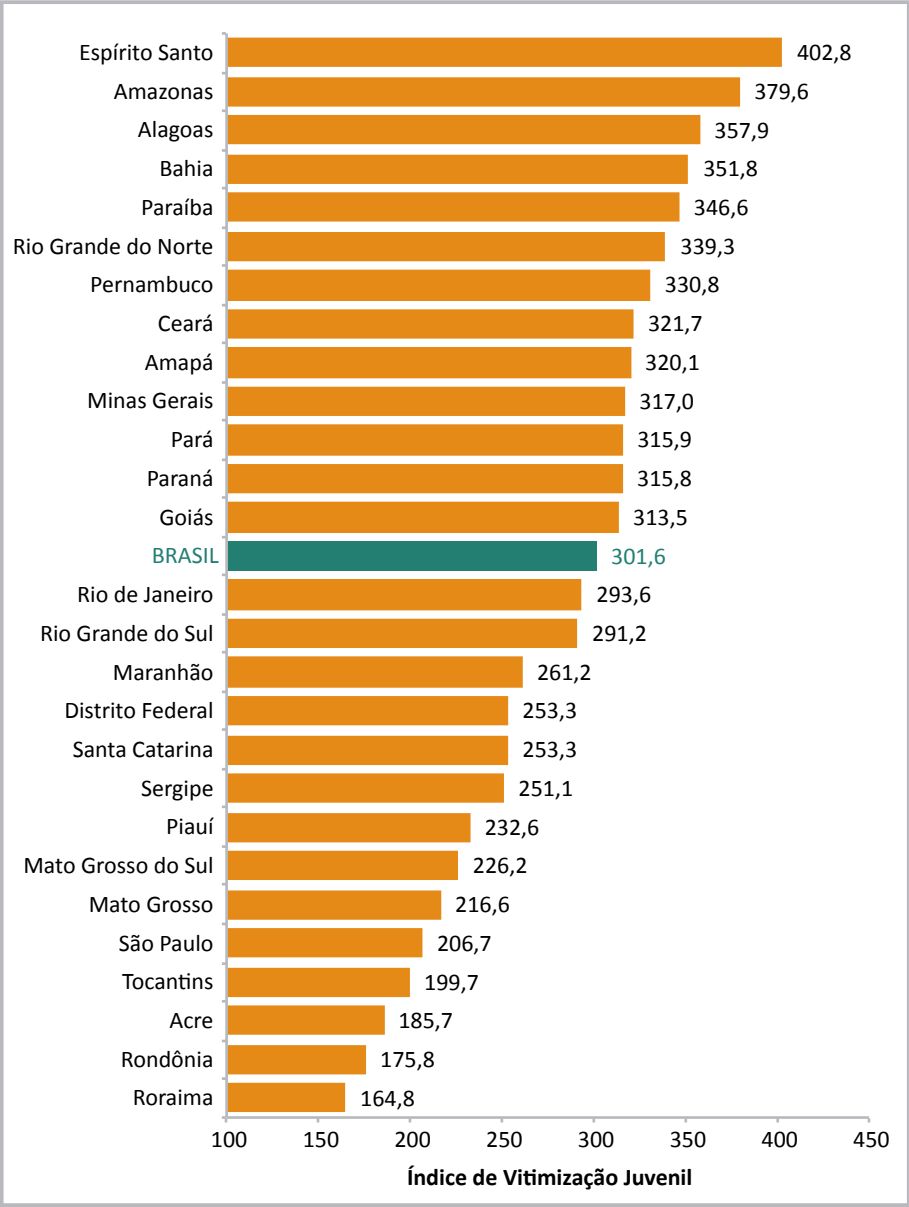
Novamente aqui vamos encontrar uma grande heterogeneidade de situações entre as diversas UF's do país, como pode ser visto na tabela 4.4.1 e no gráfico 4.4.3.

Entre as grandes regiões, as distâncias são relativamente curtas: a maior vitimização juvenil encontra-se no Nordeste, com um índice de 325,8, e a menor no Centro-Oeste, com 266,5. Mas o mesmo não acontece quando observamos as UF's: entre Espírito Santo, com um índice de 402,8, e Roraima, 164,8 – existe uma enorme diferença. Mas ainda assim, inclusive na UF com menor índice de vitimização, morrem 64,8% mais jovens que *não jovens*, claro indicador de uma problemática juvenil mal resolvida.

| Tabela 4.4.1. Índice de vitimização juvenil, por UF e regiões – Brasil. 2001/2011 | | | | | | | | | | | | |
|---|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|
| UF/Região | 2001 | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 | Δ% |
| Acre | 334,3 | 351,9 | 317,6 | 435,1 | 268,0 | 281,7 | 276,0 | 315,4 | 251,9 | 186,3 | 185,7 | -44,5 |
| Amapá | 369,1 | 473,9 | 516,6 | 450,5 | 372,9 | 377,7 | 444,9 | 464,3 | 302,1 | 395,6 | 320,1 | -13,3 |
| Amazonas | 327,3 | 340,6 | 357,6 | 328,1 | 334,1 | 361,3 | 353,4 | 317,6 | 330,8 | 332,8 | 379,6 | 16,0 |
| Pará | 271,9 | 244,1 | 273,8 | 265,9 | 298,7 | 310,3 | 306,2 | 304,1 | 310,1 | 279,5 | 315,9 | 16,2 |
| Rondônia | 173,1 | 176,5 | 165,1 | 232,7 | 188,4 | 181,3 | 220,6 | 185,3 | 182,3 | 168,4 | 175,8 | 1,5 |
| Roraima | 213,9 | 331,6 | 234,8 | 264,9 | 173,9 | 168,7 | 161,3 | 130,9 | 194,7 | 163,0 | 164,8 | -22,9 |
| Tocantins | 158,5 | 189,7 | 147,0 | 217,2 | 182,2 | 239,6 | 166,8 | 260,8 | 212,3 | 307,2 | 199,7 | 26,0 |
| NORTE | 249,0 | 256,8 | 260,4 | 277,0 | 274,2 | 286,5 | 290,6 | 289,9 | 285,7 | 274,6 | 297,4 | 19,4 |
| Alagoas | 326,2 | 295,7 | 349,1 | 366,5 | 326,5 | 370,7 | 365,2 | 380,0 | 370,9 | 414,0 | 357,9 | 9,7 |
| Bahia | 299,2 | 299,7 | 334,6 | 323,0 | 327,8 | 333,0 | 339,2 | 399,1 | 418,7 | 404,7 | 351,8 | 17,6 |
| Ceará | 260,7 | 239,2 | 252,3 | 285,0 | 324,7 | 285,4 | 296,8 | 305,6 | 300,9 | 311,7 | 321,7 | 23,4 |
| Maranhão | 296,6 | 225,0 | 288,9 | 320,7 | 312,8 | 310,7 | 293,0 | 298,7 | 284,5 | 294,8 | 261,2 | -11,9 |
| Paraíba | 362,0 | 280,2 | 306,1 | 287,2 | 302,9 | 321,2 | 280,8 | 299,5 | 317,4 | 355,5 | 346,6 | -4,3 |
| Pernambuco | 344,5 | 325,2 | 347,2 | 362,5 | 378,4 | 343,9 | 359,4 | 365,0 | 348,8 | 354,6 | 330,8 | -4,0 |
| Piauí | 221,0 | 266,8 | 236,4 | 241,0 | 289,0 | 295,0 | 193,8 | 218,4 | 253,2 | 211,6 | 232,6 | 5,2 |
| Rio Grande do Norte | 246,1 | 218,9 | 241,4 | 283,5 | 342,3 | 272,9 | 272,5 | 310,9 | 337,6 | 292,5 | 339,3 | 37,9 |
| Sergipe | 302,5 | 307,2 | 287,5 | 241,6 | 243,3 | 299,5 | 306,0 | 294,5 | 239,0 | 252,0 | 251,1 | -17,0 |
| NORDESTE | 312,4 | 288,0 | 313,8 | 323,2 | 335,3 | 326,8 | 322,5 | 345,5 | 344,7 | 348,9 | 325,8 | 4,3 |
| Espírito Santo | 282,6 | 336,7 | 296,4 | 334,4 | 321,9 | 307,3 | 295,4 | 349,5 | 375,4 | 366,0 | 402,8 | 42,5 |
| Minas Gerais | 298,7 | 300,4 | 366,3 | 398,1 | 363,6 | 356,3 | 353,8 | 356,9 | 344,0 | 330,2 | 317,0 | 6,1 |
| Rio de Janeiro | 326,5 | 339,7 | 337,9 | 337,1 | 341,4 | 326,4 | 367,3 | 349,2 | 328,8 | 319,4 | 293,6 | -10,1 |
| São Paulo | 356,9 | 376,0 | 372,6 | 332,7 | 286,6 | 263,6 | 257,0 | 240,4 | 228,4 | 218,2 | 206,7 | -42,1 |
| SUDESTE | 336,8 | 349,2 | 353,8 | 341,7 | 317,2 | 300,8 | 312,8 | 305,8 | 293,6 | 284,1 | 273,1 | -18,9 |
| Paraná | 269,7 | 317,5 | 301,9 | 323,8 | 327,0 | 321,6 | 353,9 | 342,4 | 351,4 | 343,0 | 315,8 | 17,1 |
| Rio Grande do Sul | 265,9 | 290,2 | 281,4 | 314,0 | 308,2 | 285,8 | 314,4 | 300,3 | 276,1 | 272,1 | 291,2 | 9,5 |
| Santa Catarina | 219,0 | 214,4 | 240,1 | 205,8 | 290,3 | 253,9 | 292,1 | 283,4 | 314,7 | 233,4 | 253,3 | 15,6 |
| SUL | 261,9 | 292,0 | 286,4 | 305,0 | 317,5 | 302,4 | 332,2 | 319,6 | 320,9 | 302,5 | 298,4 | 13,9 |
| Distrito Federal | 286,9 | 328,3 | 237,0 | 241,4 | 247,3 | 226,3 | 276,4 | 325,2 | 278,1 | 261,5 | 253,3 | -11,7 |
| Goiás | 276,3 | 265,1 | 311,5 | 318,3 | 346,7 | 334,3 | 375,7 | 322,6 | 317,1 | 350,5 | 313,5 | 13,5 |
| Mato Grosso | 179,9 | 171,3 | 182,5 | 202,2 | 190,9 | 212,0 | 172,3 | 207,8 | 221,3 | 224,4 | 216,6 | 20,4 |
| Mato Grosso do Sul | 193,0 | 199,2 | 239,6 | 242,0 | 239,9 | 212,6 | 236,3 | 259,3 | 251,6 | 206,6 | 226,2 | 17,2 |
| CENTRO-OESTE | 233,0 | 237,1 | 245,3 | 258,5 | 262,8 | 255,4 | 269,9 | 283,1 | 274,4 | 277,2 | 266,5 | 14,4 |
| BRASIL | 308,7 | 311,3 | 320,8 | 320,6 | 314,1 | 304,2 | 314,9 | 320,8 | 315,9 | 311,6 | 301,6 | -2,3 |

Fonte:SIM/SVS/MS.

Gráfico 4.4.3. Ordenamento das UFs segundo índices de vitimização juvenil – Brasil. 2011



Fonte: SIM/SVS/MS.

Apesar dos elevados índices de vitimização observados em 2001, só dez UFs conseguiram reduzi-los. Em 17 UFs, pelo contrário, os índices aumentaram mais ainda. Liderando esses aumentos, estão: Espírito Santo, com índices que crescem 42,5%; e Rio Grande do Norte, 37,9%.

5. HOMICÍDIOS NOS MUNICÍPIOS

A distribuição espacial da violência homicida, principalmente quando desagregada em nível de município, tem se revelado uma fonte profícua de descobertas para a análise dos fatores que incidem em sua produção e, a partir desse diagnóstico, diagramar e implantar políticas específicas de enfrentamento da violência.

Dada a impossibilidade material de detalhar neste relatório os 5.565 municípios do país, decidiu-se enumerar apenas os 100 com maiores índices de violência e oferecer, a quem possa interessar, a possibilidade de consultar ou acessar as informações referentes aos 5.565 municípios no *site*: <www.mapadaviolencia.org.br>, onde podem ser encontradas as planilhas com o universo dos municípios.

As tabelas a seguir – de 5.1 a 5.5 – detalham os 100 municípios com as maiores taxas de homicídio na população total, na juvenil, de 15 a 29 anos, de 15 a 19 anos, de 20 a 24 anos e de 25 a 29 anos, respectivamente. Nessas tabelas, além de identificar o município e a UF, registra-se a população estimada em 2011, os homicídios registrados pelo SIM em 2009, 2010 e 2011 e as taxas de homicídio (por 100 mil) de 2011. Na última coluna, a posição do município no contexto nacional.

Antes de analisar essas tabelas sintéticas, devemos mencionar um fato relevante que pode ser visualizado no quadro com a totalidade dos municípios: a existência de uma forte concentração de violência homicida em um número limitado de polos ou áreas:

- Um total de 1.085 municípios do país (35,6% dos 5.565 municípios) não registrou nenhum homicídio entre 2009 e 2011. São, em geral, municípios de pequeno porte. O maior deles, Luís Eduardo Magalhães, registrou, em 2010, pouco mais de 63 mil habitantes.
- Em contrapartida, 15 municípios superaram a impressionante marca dos 100 homicídios por 100 mil habitantes em 2011. São eles:
 - Seis municípios de Alagoas: Arapiraca, Maceió, Marechal Deodoro, Pilar, Rio Largo e São Miguel dos Campos.
 - Três da Bahia: Mata de São João, Porto Seguro e Simões Filho.
 - Três do Pará: Ananindeua, Marabá e Marituba.
 - Dois do Paraná: Campina Grande do Sul e Guaíra.
 - Além de Cabedelo, na Paraíba.

**Tabela 5.1. Número e taxas de homicídio de jovens de 15 a 29 anos (por mil)
nos 100 municípios com mais de 5.000 jovens – Brasil. 2011**

| Município | UF | População de 15 a 29 | Homicídios Jovens de 15 a 29 anos | | | Taxa 2011 | Posição |
|-------------------------|----|-------------------------|--------------------------------------|------|------|--------------|---------|
| | | | 2009 | 2010 | 2011 | | |
| Simões Filho | BA | 35.138 | 108 | 146 | 114 | 324,4 | 1º |
| Cabedelo | PB | 16.319 | 22 | 28 | 48 | 294,1 | 2º |
| Rio Largo | AL | 18846 | 18 | 22 | 52 | 275,9 | 3º |
| Vera Cruz | BA | 9690 | 12 | 15 | 25 | 258,0 | 4º |
| Mari | PB | 5.429 | 2 | 3 | 14 | 257,9 | 5º |
| São Miguel dos Campos | AL | 16.395 | 22 | 25 | 42 | 256,2 | 6º |
| Maceió | AL | 261.295 | 589 | 712 | 667 | 255,3 | 7º |
| Ananindeua | PA | 142.151 | 259 | 441 | 361 | 254,0 | 8º |
| Marechal Deodoro | AL | 13.114 | 20 | 26 | 32 | 244,0 | 9º |
| Campina Grande do Sul | PR | 10.817 | 34 | 23 | 26 | 240,4 | 10º |
| Lauro de Freitas | BA | 47.650 | 125 | 152 | 113 | 237,1 | 11º |
| Pinheiros | ES | 6.401 | 6 | 6 | 15 | 234,3 | 12º |
| Guaíra | PR | 7.711 | 18 | 21 | 18 | 233,4 | 13º |
| Marituba | PA | 33.564 | 42 | 74 | 77 | 229,4 | 14º |
| Santa Rita | PB | 32.926 | 29 | 51 | 73 | 221,7 | 15º |
| Mata de São João | BA | 12.184 | 10 | 14 | 27 | 221,6 | 16º |
| Murici | AL | 7.825 | 2 | 5 | 17 | 217,3 | 17º |
| Arapiraca | AL | 61.671 | 104 | 124 | 127 | 205,9 | 18º |
| Serra | ES | 120.030 | 243 | 238 | 246 | 204,9 | 19º |
| Conde | PB | 63.49 | 6 | 5 | 13 | 204,8 | 20º |
| Itabuna | BA | 57.211 | 150 | 135 | 117 | 204,5 | 21º |
| Sooretama | ES | 6.911 | 14 | 9 | 14 | 202,6 | 22º |
| Baixo Guandu | ES | 7.028 | 2 | 2 | 14 | 199,2 | 23º |
| Teixeira de Freitas | BA | 40.272 | 64 | 77 | 80 | 198,6 | 24º |
| Itaparica | BA | 5.543 | 6 | 9 | 11 | 198,4 | 25º |
| João Pessoa | PB | 206.071 | 307 | 380 | 404 | 196,0 | 26º |
| Olho d'Água das Flores | AL | 5.645 | 2 | 2 | 11 | 194,9 | 27º |
| Pilar | AL | 9.324 | 13 | 15 | 18 | 193,1 | 28º |
| Marabá | PA | 74.656 | 161 | 148 | 140 | 187,5 | 29º |
| Luziânia | GO | 49.986 | 40 | 87 | 93 | 186,1 | 30º |
| Porto Seguro | BA | 37.216 | 93 | 96 | 69 | 185,4 | 31º |
| Cabo de Santo Agostinho | PE | 53.611 | 82 | 83 | 99 | 184,7 | 32º |
| Pedro Canário | ES | 6.586 | 14 | 19 | 12 | 182,2 | 33º |
| Valença | BA | 25.921 | 22 | 52 | 46 | 177,5 | 34º |
| Joaquim Gomes | AL | 6.212 | 7 | 10 | 11 | 177,1 | 35º |
| Amélia Rodrigues | BA | 6.959 | 7 | 4 | 12 | 172,4 | 36º |
| União dos Palmares | AL | 17.562 | 24 | 24 | 30 | 170,8 | 37º |
| Itapissuma | PE | 7.077 | 16 | 21 | 12 | 169,6 | 38º |
| Peixoto de Azevedo | MT | 8.434 | 9 | 4 | 14 | 166,0 | 39º |
| Almirante Tamandaré | PR | 28.693 | 44 | 40 | 47 | 163,8 | 40º |
| Camaçari | BA | 76.924 | 77 | 89 | 126 | 163,8 | 41º |
| Itajuípe | BA | 5.623 | 5 | 10 | 9 | 160,1 | 42º |
| Esmeraldas | MG | 15.777 | 15 | 16 | 25 | 158,5 | 43º |
| Cariacica | ES | 96.699 | 198 | 149 | 153 | 158,2 | 44º |
| Piraquara | PR | 26.685 | 42 | 54 | 42 | 157,4 | 45º |
| Concórdia do Pará | PA | 8.931 | 0 | 3 | 14 | 156,8 | 46º |
| Ilhéus | BA | 50.035 | 77 | 73 | 78 | 155,9 | 47º |
| Tabuleiro do Norte | CE | 7.714 | 5 | 7 | 12 | 155,6 | 48º |
| Castanhal | PA | 54.246 | 76 | 48 | 84 | 154,9 | 49º |
| Valparaíso de Goiás | GO | 40583 | 44 | 65 | 62 | 152,8 | 50º |

(continua)

Tabela 5.1. (continuação)

| Município | UF | População de 15 a 29 | Homicídios Jovens de 15 a 29 anos | | | Taxa 2011 | Posição |
|-----------------------------|----|----------------------|-----------------------------------|------|------|-----------|---------|
| | | | 2009 | 2010 | 2011 | | |
| Eunápolis | BA | 28.895 | 82 | 65 | 44 | 152,3 | 51º |
| Barra do Coqueiros | SE | 7.292 | 10 | 9 | 11 | 150,9 | 52º |
| Itaitinga | CE | 11.393 | 8 | 9 | 17 | 149,2 | 53º |
| Mossoró | RN | 76.365 | 71 | 83 | 113 | 148,0 | 54º |
| Betim | MG | 109.577 | 158 | 139 | 162 | 147,8 | 55º |
| Candeias | BA | 24.419 | 24 | 29 | 36 | 147,4 | 56º |
| Salvador | BA | 758.957 | 1375 | 1272 | 1080 | 142,3 | 57º |
| Foz do Iguaçu | PR | 69.053 | 123 | 107 | 98 | 141,9 | 58º |
| Santo Antônio do Descoberto | GO | 18.343 | 24 | 18 | 26 | 141,7 | 59º |
| Canavieiras | BA | 8.488 | 19 | 11 | 12 | 141,4 | 60º |
| Águas Lindas de Goiás | GO | 47.595 | 44 | 69 | 67 | 140,8 | 61º |
| Fazenda Rio Grande | PR | 22.921 | 32 | 29 | 32 | 139,6 | 62º |
| Cupira | PE | 6.452 | 14 | 2 | 9 | 139,5 | 63º |
| Alagoinhas | BA | 40.414 | 71 | 54 | 56 | 138,6 | 64º |
| Aimorés | MG | 5.802 | 2 | 4 | 8 | 137,9 | 65º |
| Recife | PE | 408.949 | 742 | 546 | 560 | 136,9 | 66º |
| Ubaitaba | BA | 5.852 | 4 | 6 | 8 | 136,7 | 67º |
| Boca da Mata | AL | 7.321 | 7 | 11 | 10 | 136,6 | 68º |
| Alhandra | PB | 5.143 | 5 | 4 | 7 | 136,1 | 69º |
| São José da Coroa Grande | PE | 5.161 | 3 | 4 | 7 | 135,6 | 70º |
| Santana do Ipanema | AL | 12.639 | 14 | 9 | 17 | 134,5 | 71º |
| Vitória | ES | 89.519 | 140 | 153 | 120 | 134,0 | 72º |
| Sarandi | PR | 22.396 | 11 | 21 | 30 | 134,0 | 73º |
| Penedo | AL | 17.194 | 17 | 17 | 23 | 133,8 | 74º |
| Alvorada | RS | 51.830 | 49 | 53 | 69 | 133,1 | 75º |
| Santa Maria do Pará | PA | 6.771 | 2 | 5 | 9 | 132,9 | 76º |
| Macaparana | PE | 6.773 | 2 | 2 | 9 | 132,9 | 77º |
| Nísia Floresta | RN | 6.778 | 2 | 3 | 9 | 132,8 | 78º |
| São Sebastião | AL | 9.152 | 10 | 12 | 12 | 131,1 | 79º |
| Guarapari | ES | 27.559 | 36 | 30 | 36 | 130,6 | 80º |
| São Joaquim de Bicas | MG | 7.681 | 7 | 6 | 10 | 130,2 | 81º |
| São José da Laje | AL | 6.227 | 8 | 10 | 8 | 128,5 | 82º |
| Juatuba | MG | 6.238 | 3 | 5 | 8 | 128,2 | 83º |
| Vila Velha | ES | 111.939 | 181 | 142 | 143 | 127,7 | 84º |
| Palmeira dos Índios | AL | 18.796 | 8 | 16 | 24 | 127,7 | 85º |
| Colombo | PR | 59.584 | 74 | 68 | 76 | 127,6 | 86º |
| Canaã dos Carajás | PA | 8.673 | 4 | 1 | 11 | 126,8 | 87º |
| São Gonçalo do Amarante | RN | 26.022 | 24 | 17 | 33 | 126,8 | 88º |
| São José dos Pinhais | PR | 73.683 | 113 | 95 | 93 | 126,2 | 89º |
| Duque de Caxias | RJ | 221.473 | 343 | 304 | 278 | 125,5 | 90º |
| Quatro Barras | PR | 5.578 | 6 | 2 | 7 | 125,5 | 91º |
| Goianésia do Pará | PA | 9.568 | 15 | 8 | 12 | 125,4 | 92º |
| Pacajá | PA | 11.978 | 8 | 11 | 15 | 125,2 | 93º |
| Uruçuca | BA | 5.591 | 8 | 4 | 7 | 125,2 | 94º |
| Padre Bernardo | GO | 7.202 | 2 | 14 | 9 | 125,0 | 95º |
| Governador Valadares | MG | 69.696 | 63 | 66 | 87 | 124,8 | 96º |
| Patos | PB | 28.044 | 41 | 28 | 35 | 124,8 | 97º |
| Condado | PE | 6.447 | 4 | 5 | 8 | 124,1 | 98º |
| Altamira | PA | 30.116 | 20 | 25 | 37 | 122,9 | 99º |
| Una | BA | 6.535 | 3 | 5 | 8 | 122,4 | 100º |

Fonte: SIM/SVS/MS.

Tabela 5.2. Homicídios e taxas de homicídios de jovens de 15 a 19 anos no período 2009/2011 (por 100 mil) nos 584 municípios com mais de 5.000 jovens em 2011

| Município | UF | População de 15 a 29 | Homicídios Jovens de 15 a 29 anos | | | Taxa 2011 | Posição |
|-----------------------------|----|----------------------|-----------------------------------|------|------|-----------|---------|
| | | | 2009 | 2010 | 2011 | | |
| Simões Filho | BA | 11.187 | 30 | 54 | 40 | 357,6 | 1º |
| São Miguel dos Campos | AL | 5.547 | 8 | 9 | 18 | 324,5 | 2º |
| Ananindeua | PA | 45.969 | 82 | 137 | 141 | 306,7 | 3º |
| Porto Seguro | BA | 11.818 | 30 | 28 | 34 | 287,7 | 4º |
| Lauro de Freitas | BA | 14.007 | 50 | 48 | 40 | 285,6 | 5º |
| Maceió | AL | 84.813 | 149 | 231 | 233 | 274,7 | 6º |
| Serra | ES | 36.379 | 92 | 86 | 93 | 255,6 | 7º |
| Marituba | PA | 10.476 | 15 | 23 | 25 | 238,6 | 8º |
| Rio Largo | AL | 6.894 | 4 | 9 | 16 | 232,1 | 9º |
| Eunápolis | BA | 9.235 | 38 | 25 | 21 | 227,4 | 10º |
| Piraquara | PR | 8.819 | 20 | 11 | 20 | 226,8 | 11º |
| João Pessoa | PB | 62.943 | 96 | 116 | 138 | 219,2 | 12º |
| Santa Rita | PB | 11.181 | 4 | 18 | 24 | 214,6 | 13º |
| Itabuna | BA | 17.628 | 43 | 51 | 37 | 209,9 | 14º |
| Valença | BA | 9.222 | 8 | 15 | 18 | 195,2 | 15º |
| Teixeira de Freitas | BA | 13.478 | 16 | 22 | 26 | 192,9 | 16º |
| Águas Lindas de Goiás | GO | 16.178 | 14 | 24 | 31 | 191,6 | 17º |
| Betim | MG | 35.488 | 51 | 51 | 67 | 188,8 | 18º |
| Luziânia | GO | 17.158 | 11 | 26 | 32 | 186,5 | 19º |
| Vila Velha | ES | 33.519 | 63 | 51 | 62 | 185,0 | 20º |
| Mossoró | RN | 23.599 | 20 | 27 | 43 | 182,2 | 21º |
| Viana | ES | 5.602 | 7 | 9 | 10 | 178,5 | 22º |
| Linhares | ES | 12.906 | 24 | 16 | 23 | 178,2 | 23º |
| Camaçari | BA | 22.624 | 26 | 20 | 40 | 176,8 | 24º |
| Cariacica | ES | 30.634 | 58 | 44 | 54 | 176,3 | 25º |
| Ilhéus | BA | 16.597 | 22 | 12 | 27 | 162,7 | 26º |
| Valparaíso de Goiás | GO | 12.314 | 12 | 17 | 20 | 162,4 | 27º |
| Vitória | ES | 25.593 | 46 | 64 | 41 | 160,2 | 28º |
| Cabedelo | PB | 5.073 | 5 | 8 | 8 | 157,7 | 29º |
| Cabo de Santo Agostinho | PE | 17.265 | 26 | 17 | 27 | 156,4 | 30º |
| Macaé | RJ | 17.277 | 12 | 17 | 27 | 156,3 | 31º |
| São José dos Pinhais | PR | 23.707 | 33 | 25 | 37 | 156,1 | 32º |
| Salvador | BA | 218.010 | 414 | 413 | 338 | 155,0 | 33º |
| Arapiraca | AL | 21.474 | 20 | 28 | 33 | 153,7 | 34º |
| Cidade Ocidental | GO | 5.376 | 4 | 6 | 8 | 148,8 | 35º |
| Sarandi | PR | 7.602 | 2 | 5 | 11 | 144,7 | 36º |
| Caruaru | PE | 29.418 | 25 | 28 | 42 | 142,8 | 37º |
| Fortaleza | CE | 226.384 | 201 | 289 | 317 | 140,0 | 38º |
| Alagoinhas | BA | 13.051 | 18 | 25 | 18 | 137,9 | 39º |
| Fazenda Rio Grande | PR | 8.062 | 12 | 11 | 11 | 136,4 | 40º |
| Horizonte | CE | 5.875 | 2 | 4 | 8 | 136,2 | 41º |
| Esmeraldas | MG | 6.038 | 3 | 4 | 8 | 132,5 | 42º |
| Recife | PE | 126.293 | 211 | 165 | 163 | 129,1 | 43º |
| Cascavel | PR | 27.212 | 28 | 33 | 35 | 128,6 | 44º |
| Governador Valadares | MG | 23.342 | 20 | 20 | 30 | 128,5 | 45º |
| Duque de Caxias | RJ | 75.516 | 81 | 113 | 97 | 128,4 | 46º |
| Bayeux | PB | 9.428 | 17 | 16 | 12 | 127,3 | 47º |
| Foz do Iguaçu | PR | 24.663 | 41 | 35 | 31 | 125,7 | 48º |
| Santo Antônio do Descoberto | GO | 6.381 | 6 | 9 | 8 | 125,4 | 49º |
| União dos Palmares | AL | 6.507 | 15 | 8 | 8 | 122,9 | 50º |

(continua)

Tabela 5.2. (continuação)

| Município | UF | População de 15 a 29 | Homicídios Jovens de 15 a 29 anos | | | Taxa 2011 | Posição |
|-------------------------|----|----------------------|-----------------------------------|------|------|-----------|---------|
| | | | 2009 | 2010 | 2011 | | |
| Candeias | BA | 7.388 | 5 | 7 | 9 | 121,8 | 51º |
| Vespasiano | MG | 9.862 | 3 | 10 | 12 | 121,7 | 52º |
| Guarapari | ES | 9.050 | 11 | 8 | 11 | 121,5 | 53º |
| Marabá | PA | 24.499 | 38 | 38 | 29 | 118,4 | 54º |
| Maracanaú | CE | 21.402 | 24 | 30 | 25 | 116,8 | 55º |
| Feira de Santana | BA | 50.737 | 54 | 79 | 59 | 116,3 | 56º |
| São Cristóvão | SE | 7.741 | 2 | 6 | 9 | 116,3 | 57º |
| Vitória de Santo Antão | PE | 12.056 | 11 | 7 | 14 | 116,1 | 58º |
| Belém | PA | 126.823 | 132 | 170 | 146 | 115,1 | 59º |
| Cabo Frio | RJ | 16.746 | 25 | 16 | 19 | 113,5 | 60º |
| Viçosa | MG | 6.195 | 0 | 2 | 7 | 113,0 | 61º |
| Natal | RN | 71.690 | 50 | 66 | 81 | 113,0 | 62º |
| São Mateus | ES | 10.686 | 14 | 18 | 12 | 112,3 | 63º |
| Paulista | PE | 24.994 | 33 | 19 | 28 | 112,0 | 64º |
| Santo Antônio de Jesus | BA | 8.071 | 4 | 4 | 9 | 111,5 | 65º |
| Castanhal | PA | 18.350 | 20 | 12 | 20 | 109,0 | 66º |
| Manaus | AM | 178.476 | 114 | 125 | 194 | 108,7 | 67º |
| Planaltina | GO | 8.509 | 1 | 8 | 9 | 105,8 | 68º |
| Caraguatatuba | SP | 8.603 | 3 | 7 | 9 | 104,6 | 69º |
| Altamira | PA | 10.553 | 4 | 4 | 11 | 104,2 | 70º |
| Itabaiana | SE | 8.637 | 2 | 7 | 9 | 104,2 | 71º |
| São Gonçalo do Amarante | RN | 8.707 | 10 | 4 | 9 | 103,4 | 72º |
| Vitória da Conquista | BA | 28.069 | 35 | 55 | 29 | 103,3 | 73º |
| Ribeirão das Neves | MG | 27.691 | 26 | 21 | 28 | 101,1 | 74º |
| Patos | PB | 8.955 | 12 | 8 | 9 | 100,5 | 75º |
| Guaíba | RS | 7.996 | 3 | 7 | 8 | 100,1 | 76º |
| Belo Horizonte | MG | 183.516 | 181 | 146 | 183 | 99,7 | 77º |
| Campo Mourão | PR | 8.048 | 4 | 8 | 8 | 99,4 | 78º |
| Caicó | RN | 5.060 | 1 | 1 | 5 | 98,8 | 79º |
| Campo Largo | PR | 10.358 | 11 | 12 | 10 | 96,5 | 80º |
| Várzea Grande | MT | 23.852 | 10 | 22 | 23 | 96,4 | 81º |
| Jaboatão dos Guararapes | PE | 56.021 | 74 | 48 | 54 | 96,4 | 82º |
| Novo Gama | GO | 9.340 | 16 | 15 | 9 | 96,4 | 83º |
| Irecê | BA | 6.301 | 6 | 4 | 6 | 95,2 | 84º |
| Dias d'Ávila | BA | 6.302 | 10 | 7 | 6 | 95,2 | 85º |
| Santa Luzia | MG | 17.964 | 27 | 15 | 17 | 94,6 | 86º |
| Colatina | ES | 9.527 | 12 | 9 | 9 | 94,5 | 87º |
| Campina Grande | PB | 34.987 | 46 | 39 | 33 | 94,3 | 88º |
| Senador Canedo | GO | 8.498 | 2 | 3 | 8 | 94,1 | 89º |
| Barbalha | CE | 5.337 | 3 | 1 | 5 | 93,7 | 90º |
| Tucuruí | PA | 10.724 | 10 | 8 | 10 | 93,2 | 91º |
| Formosa | GO | 9.695 | 8 | 8 | 9 | 92,8 | 92º |
| Tailândia | PA | 8.646 | 14 | 4 | 8 | 92,5 | 93º |
| Coronel Fabriciano | MG | 8.842 | 1 | 3 | 8 | 90,5 | 94º |
| Araçaju | SE | 49.755 | 35 | 32 | 45 | 90,4 | 95º |
| Goiânia | GO | 113.112 | 53 | 61 | 101 | 89,3 | 96º |
| Contagem | MG | 50.954 | 49 | 61 | 45 | 88,3 | 97º |
| Redenção | PA | 7.933 | 5 | 10 | 7 | 88,2 | 98º |
| Passos | MG | 9.097 | 0 | 0 | 8 | 87,9 | 99º |
| Aracruz | ES | 7.969 | 6 | 7 | 7 | 87,8 | 100º |

Fonte: SIM/SVS/MS.

| Tabela 5.3. Número e taxas (por mil) de homicídio de jovens de 20 a 24 anos dos 100 municípios com mais de 5.000 jovens – Brasil. 2011 | | | | | | | |
|--|----|----------------------|-----------------------------------|------|------|-----------|---------|
| Município | UF | População de 15 a 29 | Homicídios Jovens de 15 a 29 anos | | | Taxa 2011 | Posição |
| | | | 2009 | 2010 | 2011 | | |
| Rio Largo | AL | 6.063 | 8 | 7 | 26 | 428,8 | 1º |
| Simões Filho | BA | 11.508 | 47 | 48 | 46 | 399,7 | 2º |
| Cabedelo | PB | 5.571 | 8 | 9 | 21 | 377,0 | 3º |
| Maceió | AL | 88.365 | 266 | 291 | 266 | 301,0 | 4º |
| Marituba | PA | 11.410 | 9 | 29 | 34 | 298,0 | 5º |
| Ananindeua | PA | 47.735 | 102 | 165 | 127 | 266,1 | 6º |
| União dos Palmares | AL | 5.746 | 2 | 10 | 15 | 261,1 | 7º |
| Luziânia | GO | 16.270 | 19 | 43 | 41 | 252,0 | 8º |
| Marabá | PA | 25.667 | 60 | 62 | 63 | 245,5 | 9º |
| Lauro de Freitas | BA | 15.819 | 48 | 67 | 38 | 240,2 | 10º |
| Itabuna | BA | 19.656 | 61 | 47 | 47 | 239,1 | 11º |
| Almirante Tamandaré | PR | 9.343 | 19 | 16 | 22 | 235,5 | 12º |
| Arapiraca | AL | 20.724 | 51 | 49 | 48 | 231,6 | 13º |
| Cabo de Santo Agostinho | PE | 17.935 | 31 | 38 | 41 | 228,6 | 14º |
| Penedo | AL | 5.693 | 6 | 6 | 13 | 228,4 | 15º |
| Serra | ES | 41.581 | 89 | 93 | 94 | 226,1 | 16º |
| São Miguel dos Campos | AL | 5.457 | 7 | 10 | 12 | 219,9 | 17º |
| Santa Rita | PB | 10.916 | 16 | 18 | 24 | 219,9 | 18º |
| João Pessoa | PB | 71.396 | 108 | 145 | 151 | 211,5 | 19º |
| Camaçari | BA | 25.661 | 25 | 41 | 54 | 210,4 | 20º |
| Palmeira dos Índios | AL | 6.261 | 2 | 4 | 13 | 207,6 | 21º |
| Alvorada | RS | 16.529 | 16 | 17 | 34 | 205,7 | 22º |
| Alagoinhas | BA | 13.284 | 27 | 14 | 27 | 203,3 | 23º |
| Castanhal | PA | 18.320 | 33 | 23 | 37 | 202,0 | 24º |
| Porto Seguro | BA | 12.256 | 40 | 41 | 24 | 195,8 | 25º |
| Teixeira de Freitas | BA | 13.371 | 33 | 37 | 26 | 194,5 | 26º |
| Cariacica | ES | 32.931 | 72 | 58 | 61 | 185,2 | 27º |
| Foz do Iguaçu | PR | 22.709 | 46 | 39 | 41 | 180,5 | 28º |
| Limoeiro | PE | 5.069 | 6 | 2 | 9 | 177,5 | 29º |
| Valparaíso de Goiás | GO | 13.610 | 16 | 29 | 24 | 176,3 | 30º |
| Salvador | BA | 253.240 | 563 | 494 | 439 | 173,4 | 31º |
| Colombo | PR | 19.640 | 30 | 25 | 34 | 173,1 | 32º |
| Sarandi | PR | 7.609 | 6 | 12 | 13 | 170,9 | 33º |
| Ilhéus | BA | 16.637 | 33 | 34 | 28 | 168,3 | 34º |
| Santo Antônio do Descoberto | GO | 5.949 | 10 | 7 | 10 | 168,1 | 35º |
| Recife | PE | 140.695 | 311 | 211 | 218 | 154,9 | 36º |
| Cidade Ocidental | GO | 5.332 | 4 | 4 | 8 | 150,0 | 37º |
| Betim | MG | 36.668 | 56 | 47 | 55 | 150,0 | 38º |
| Dias d'Ávila | BA | 6.683 | 11 | 14 | 10 | 149,6 | 39º |
| Candeias | BA | 8.257 | 14 | 12 | 12 | 145,3 | 40º |
| Governador Valadares | MG | 23.485 | 29 | 28 | 34 | 144,8 | 41º |
| Vitória da Conquista | BA | 29.810 | 44 | 64 | 43 | 144,2 | 42º |
| Valença | BA | 8.386 | 9 | 14 | 12 | 143,1 | 43º |
| Vitória | ES | 31.527 | 54 | 52 | 45 | 142,7 | 44º |
| Duque de Caxias | RJ | 73.104 | 151 | 98 | 104 | 142,3 | 45º |
| Tucuruí | PA | 10.581 | 19 | 7 | 15 | 141,8 | 46º |
| Moju | PA | 7.111 | 5 | 4 | 10 | 140,6 | 47º |
| Ribeirão das Neves | MG | 28.730 | 29 | 31 | 40 | 139,2 | 48º |
| Santa Isabel do Pará | PA | 6.605 | 2 | 6 | 9 | 136,3 | 49º |
| Patos | PB | 9.642 | 12 | 10 | 13 | 134,8 | 50º |

(continua)

Tabela 5.3. (continuação)

| Município | UF | População de 15 a 29 | Homicídios Jovens de 15 a 29 anos | | | Taxa 2011 | Posição |
|-------------------------|----|----------------------|-----------------------------------|------|------|-----------|---------|
| | | | 2009 | 2010 | 2011 | | |
| Coruripe | AL | 5.208 | 7 | 5 | 7 | 134,4 | 51º |
| Eunápolis | BA | 9.673 | 29 | 22 | 13 | 134,4 | 52º |
| Fazenda Rio Grande | PR | 7.456 | 10 | 11 | 10 | 134,1 | 53º |
| Caxias | MA | 14.957 | 7 | 10 | 20 | 133,7 | 54º |
| Natal | RN | 82.636 | 94 | 75 | 110 | 133,1 | 55º |
| Vespasiano | MG | 9.846 | 9 | 8 | 13 | 132,0 | 56º |
| Guarapari | ES | 9.106 | 14 | 12 | 12 | 131,8 | 57º |
| Manaus | AM | 183.732 | 188 | 213 | 242 | 131,7 | 58º |
| Parauapebas | PA | 19.194 | 27 | 24 | 25 | 130,2 | 59º |
| São Mateus | ES | 10.126 | 21 | 9 | 13 | 128,4 | 60º |
| Planaltina | GO | 7.793 | 8 | 5 | 10 | 128,3 | 61º |
| Itabaiana | SE | 8.635 | 7 | 7 | 11 | 127,4 | 62º |
| Jaboatão dos Guararapes | PE | 58.982 | 106 | 95 | 74 | 125,5 | 63º |
| São Gonçalo do Amarante | RN | 8.846 | 6 | 7 | 11 | 124,3 | 64º |
| Vila Velha | ES | 38.741 | 74 | 49 | 48 | 123,9 | 65º |
| Caldas Novas | GO | 6.464 | 4 | 6 | 8 | 123,8 | 66º |
| Cianorte | PR | 6.530 | 5 | 2 | 8 | 122,5 | 67º |
| Olinda | PE | 32.709 | 55 | 53 | 40 | 122,3 | 68º |
| Formosa | GO | 9.820 | 10 | 13 | 12 | 122,2 | 69º |
| Sete Lagoas | MG | 20.532 | 11 | 8 | 25 | 121,8 | 70º |
| Feira de Santana | BA | 55.391 | 72 | 82 | 67 | 121,0 | 71º |
| Ariquemes | RO | 9.102 | 15 | 9 | 11 | 120,9 | 72º |
| Fortaleza | CE | 254.809 | 226 | 316 | 307 | 120,5 | 73º |
| Jacundá | PA | 5.834 | 10 | 9 | 7 | 120,0 | 74º |
| Capitão Poço | PA | 5.024 | 12 | 6 | 6 | 119,4 | 75º |
| Ibirité | MG | 15.122 | 14 | 14 | 18 | 119,0 | 76º |
| Aparecida de Goiânia | GO | 46.804 | 41 | 50 | 55 | 117,5 | 77º |
| Gravatá | PE | 6.835 | 4 | 4 | 8 | 117,0 | 78º |
| Cabo Frio | RJ | 15.394 | 34 | 22 | 18 | 116,9 | 79º |
| Guarabira | PB | 5.144 | 3 | 3 | 6 | 116,6 | 80º |
| Tailândia | PA | 9.431 | 17 | 16 | 11 | 116,6 | 81º |
| São Luís | MA | 116.233 | 145 | 152 | 135 | 116,1 | 82º |
| Imperatriz | MA | 25.877 | 32 | 38 | 30 | 115,9 | 83º |
| Macaíba | RN | 6.968 | 3 | 3 | 8 | 114,8 | 84º |
| Mossoró | RN | 27.078 | 30 | 32 | 31 | 114,5 | 85º |
| Lagarto | SE | 8.834 | 2 | 4 | 10 | 113,2 | 86º |
| Aracruz | ES | 8.002 | 5 | 9 | 9 | 112,5 | 87º |
| Paragominas | PA | 10.704 | 13 | 22 | 12 | 112,1 | 88º |
| Jacobina | BA | 7.167 | 5 | 11 | 8 | 111,6 | 89º |
| Águas Lindas de Goiás | GO | 15.451 | 18 | 23 | 17 | 110,0 | 90º |
| Paulista | PE | 26.369 | 28 | 37 | 29 | 110,0 | 91º |
| Itapeverica da Serra | SP | 14.647 | 10 | 15 | 16 | 109,2 | 92º |
| Ipojuca | PE | 8.334 | 11 | 10 | 9 | 108,0 | 93º |
| São José dos Pinhais | PR | 24.168 | 47 | 39 | 26 | 107,6 | 94º |
| Juazeiro | BA | 19.606 | 17 | 19 | 21 | 107,1 | 95º |
| Nova Iguaçu | RJ | 65.483 | 53 | 96 | 70 | 106,9 | 96º |
| Dourados | MS | 18.846 | 11 | 22 | 20 | 106,1 | 97º |
| Bayeux | PB | 9.492 | 14 | 13 | 10 | 105,4 | 98º |
| Curitiba | PR | 159.698 | 231 | 209 | 168 | 105,2 | 99º |
| Itaguaí | RJ | 9.537 | 4 | 13 | 10 | 104,9 | 100º |

Fonte: SIM/SVS/MS.

| Tabela 5.4. Número e taxas (por mil) de homicídio de jovens de 25 a 29 anos dos 100 municípios com mais de 5.000 jovens – Brasil. 2011 | | | | | | | |
|--|----|----------------------|-----------------------------------|------|------|-----------|---------|
| Município | UF | População de 15 a 29 | Homicídios Jovens de 15 a 29 anos | | | Taxa 2011 | Posição |
| | | | 2009 | 2010 | 2011 | | |
| Cabedelo | PB | 5.675 | 9 | 11 | 19 | 334,8 | 1º |
| Almirante Tamandaré | PR | 9.147 | 13 | 10 | 22 | 240,5 | 2º |
| Arapiraca | AL | 19.473 | 33 | 47 | 46 | 236,2 | 3º |
| Santa Rita | PB | 10.829 | 9 | 15 | 25 | 230,9 | 4º |
| Simões Filho | BA | 12.443 | 31 | 44 | 28 | 225,0 | 5º |
| São Miguel dos Campos | AL | 5.391 | 7 | 6 | 12 | 222,6 | 6º |
| Teixeira de Freitas | BA | 13.423 | 15 | 18 | 28 | 208,6 | 7º |
| Lauro de Freitas | BA | 17.824 | 27 | 37 | 35 | 196,4 | 8º |
| Marabá | PA | 24.490 | 63 | 48 | 48 | 196,0 | 9º |
| Valença | BA | 8.313 | 5 | 23 | 16 | 192,5 | 10º |
| Ananindeua | PA | 48.447 | 75 | 139 | 93 | 192,0 | 11º |
| Maceió | AL | 88.117 | 174 | 190 | 168 | 190,7 | 12º |
| Candeias | BA | 8.774 | 5 | 10 | 15 | 171,0 | 13º |
| Rio Largo | AL | 5.889 | 6 | 6 | 10 | 169,8 | 14º |
| Cabo de Santo Agostinho | PE | 18.411 | 25 | 28 | 31 | 168,4 | 15º |
| Itabuna | BA | 19.927 | 46 | 37 | 33 | 165,6 | 16º |
| Altamira | PA | 9.792 | 8 | 9 | 16 | 163,4 | 17º |
| João Pessoa | PB | 71.732 | 103 | 119 | 115 | 160,3 | 18º |
| Barra do Corda | MA | 6.888 | 6 | 3 | 11 | 159,7 | 19º |
| Passos | MG | 8.893 | 1 | 1 | 14 | 157,4 | 20º |
| Ipojuca | PE | 8.285 | 11 | 6 | 13 | 156,9 | 21º |
| Marituba | PA | 11.678 | 18 | 22 | 18 | 154,1 | 22º |
| Castanhal | PA | 17.576 | 23 | 13 | 27 | 153,6 | 23º |
| São Gonçalo do Amarante | RN | 8.469 | 8 | 6 | 13 | 153,5 | 24º |
| Mossoró | RN | 25.688 | 21 | 24 | 39 | 151,8 | 25º |
| Fazenda Rio Grande | PR | 7.403 | 10 | 7 | 11 | 148,6 | 26º |
| Piraquara | PR | 9.176 | 10 | 27 | 13 | 141,7 | 27º |
| Angra dos Reis | RJ | 16.297 | 16 | 7 | 23 | 141,1 | 28º |
| Serra | ES | 42.070 | 62 | 59 | 59 | 140,2 | 29º |
| Guarapari | ES | 9.403 | 11 | 10 | 13 | 138,3 | 30º |
| Patos | PB | 9.447 | 17 | 10 | 13 | 137,6 | 31º |
| Colombo | PR | 19.681 | 27 | 20 | 27 | 137,2 | 32º |
| Salgueiro | PE | 5.108 | 3 | 1 | 7 | 137,0 | 33º |
| Ilhéus | BA | 16.801 | 22 | 27 | 23 | 136,9 | 34º |
| Igarapé-Miri | PA | 5.121 | 6 | 6 | 7 | 136,7 | 35º |
| Santo Antônio do Descoberto | GO | 6.013 | 8 | 2 | 8 | 133,0 | 36º |
| União dos Palmares | AL | 5.309 | 7 | 6 | 7 | 131,9 | 37º |
| Recife | PE | 141.961 | 220 | 170 | 179 | 126,1 | 38º |
| Abreu e Lima | PE | 8.732 | 9 | 5 | 11 | 126,0 | 39º |
| Irecê | BA | 6.392 | 3 | 3 | 8 | 125,2 | 40º |
| Parauapebas | PA | 19.314 | 25 | 11 | 24 | 124,3 | 41º |
| Valparaíso de Goiás | GO | 14.659 | 16 | 19 | 18 | 122,8 | 42º |
| Luziânia | GO | 16.558 | 10 | 18 | 20 | 120,8 | 43º |
| Foz do Iguaçu | PR | 21.681 | 36 | 33 | 26 | 119,9 | 44º |
| Águas Lindas de Goiás | GO | 15.966 | 12 | 22 | 19 | 119,0 | 45º |
| Ouricuri | PE | 5.109 | 9 | 2 | 6 | 117,4 | 46º |
| São José dos Pinhais | PR | 25.808 | 33 | 31 | 30 | 116,2 | 47º |
| Manaus | AM | 188.289 | 162 | 177 | 216 | 114,7 | 48º |
| Cariacica | ES | 33.134 | 68 | 47 | 38 | 114,7 | 49º |
| Juazeiro | BA | 18.474 | 14 | 13 | 21 | 113,7 | 50º |

(continua)

Tabela 5.4. (continuação)

| Município | UF | População de 15 a 29 | Homicídios Jovens de 15 a 29 anos | | | Taxa 2011 | Posição |
|-------------------------|----|----------------------|-----------------------------------|------|------|-----------|---------|
| | | | 2009 | 2010 | 2011 | | |
| Imperatriz | MA | 24.645 | 28 | 25 | 28 | 113,6 | 51º |
| Alvorada | RS | 16.770 | 13 | 20 | 19 | 113,3 | 52º |
| Camaçari | BA | 28.639 | 26 | 28 | 32 | 111,7 | 53º |
| Guanambi | BA | 7.208 | 4 | 4 | 8 | 111,0 | 54º |
| Araripina | PE | 6.359 | 7 | 2 | 7 | 110,1 | 55º |
| Guaiíba | RS | 8.185 | 8 | 6 | 9 | 110,0 | 56º |
| Açailândia | MA | 10.019 | 11 | 14 | 11 | 109,8 | 57º |
| Bacabal | MA | 9.136 | 7 | 6 | 10 | 109,5 | 58º |
| Vitória da Conquista | BA | 29.551 | 38 | 49 | 32 | 108,3 | 59º |
| Novo Gama | GO | 9.276 | 9 | 8 | 10 | 107,8 | 60º |
| São Luís | MA | 110.484 | 113 | 137 | 119 | 107,7 | 61º |
| Betim | MG | 37.421 | 51 | 41 | 40 | 106,9 | 62º |
| Novo Hamburgo | RS | 20.634 | 19 | 12 | 22 | 106,6 | 63º |
| Araucária | PR | 11.296 | 13 | 12 | 12 | 106,2 | 64º |
| Duque de Caxias | RJ | 72.853 | 111 | 93 | 77 | 105,7 | 65º |
| Canindé | CE | 5.687 | 1 | 1 | 6 | 105,5 | 66º |
| Salvador | BA | 287.707 | 398 | 365 | 303 | 105,3 | 67º |
| Ariquemes | RO | 8.572 | 12 | 7 | 9 | 105,0 | 68º |
| Vitória | ES | 32.399 | 40 | 37 | 34 | 104,9 | 69º |
| Caxias | MA | 13.567 | 6 | 8 | 14 | 103,2 | 70º |
| Planaltina | GO | 7.784 | 3 | 5 | 8 | 102,8 | 71º |
| Campina Grande | PB | 36.110 | 27 | 42 | 37 | 102,5 | 72º |
| Buriticupu | MA | 5.896 | 8 | 4 | 6 | 101,8 | 73º |
| Coari | AM | 6.902 | 5 | 6 | 7 | 101,4 | 74º |
| Colatina | ES | 9.870 | 12 | 8 | 10 | 101,3 | 75º |
| Goiânia | GO | 134.096 | 104 | 92 | 135 | 100,7 | 76º |
| Governador Valadares | MG | 22.869 | 14 | 18 | 23 | 100,6 | 77º |
| Palmeira dos Índios | AL | 5.973 | 6 | 7 | 6 | 100,5 | 78º |
| Eunápolis | BA | 9.987 | 15 | 18 | 10 | 100,1 | 79º |
| Ribeirão das Neves | MG | 29.029 | 25 | 10 | 29 | 99,9 | 80º |
| Dom Eliseu | PA | 5.038 | 3 | 0 | 5 | 99,2 | 81º |
| Nilópolis | RJ | 13.099 | 5 | 13 | 13 | 99,2 | 82º |
| Lagarto | SE | 8.065 | 7 | 8 | 8 | 99,2 | 83º |
| Guarabira | PB | 5.079 | 2 | 4 | 5 | 98,4 | 84º |
| Tailândia | PA | 9.151 | 14 | 15 | 9 | 98,3 | 85º |
| Telêmaco Borba | PR | 6.106 | 6 | 7 | 6 | 98,3 | 86º |
| Vespasiano | MG | 10.208 | 6 | 4 | 10 | 98,0 | 87º |
| Moju | PA | 6.128 | 4 | 3 | 6 | 97,9 | 88º |
| Itabaiana | SE | 8.185 | 11 | 4 | 8 | 97,7 | 89º |
| Itapipoca | CE | 10.286 | 2 | 3 | 10 | 97,2 | 90º |
| Caruaru | PE | 29.849 | 37 | 30 | 29 | 97,2 | 91º |
| Coronel Fabriciano | MG | 9.365 | 6 | 4 | 9 | 96,1 | 92º |
| Jaboatão dos Guararapes | PE | 59.697 | 53 | 45 | 57 | 95,5 | 93º |
| Umarama | PR | 8.558 | 7 | 10 | 8 | 93,5 | 94º |
| Crato | CE | 10.803 | 6 | 4 | 10 | 92,6 | 95º |
| Pinhais | PR | 10.806 | 11 | 19 | 10 | 92,5 | 96º |
| Várzea Grande | MT | 24.933 | 23 | 25 | 23 | 92,2 | 97º |
| Viamão | RS | 19.552 | 17 | 7 | 18 | 92,1 | 98º |
| Penedo | AL | 5.440 | 8 | 9 | 5 | 91,9 | 99º |
| Três Lagoas | MS | 9.853 | 3 | 5 | 9 | 91,3 | 100º |

Fonte: SIM/SVS/MS.

6. COMPARAÇÕES INTERNACIONAIS

Informações de outros países do mundo sobre o tema permitem obter uma visão comparativa sobre níveis de violência existentes no Brasil. Vemos assim, por exemplo, que com uma taxa de 27,4 homicídios por 100 mil habitantes, o país ocupa a sétima posição no conjunto dos 95 países do mundo com dados homogêneos, fornecidos pela OMS, dados compreendidos entre 2007 e 2011, variação de datas explicada no capítulo metodológico. Assim, o Brasil pode ser considerado um país de elevados níveis de violência nesse contexto.

O quadro comparativo internacional foi bem pior para o Brasil. Em 1999³¹, com taxas menores que as atuais – 26,3 homicídios por 100 mil habitantes – o país ocupava o segundo lugar, imediatamente atrás da Colômbia. E com 48,5 homicídios por 100 mil jovens de 15 a 24 anos, o terceiro lugar, depois da Colômbia e de Puerto Rico. Não podemos interpretar essa atual sétima posição para a faixa de 15 a 29 anos como uma *melhoria* dos índices nacionais. Isso ocorreu devido ao crescimento explosivo da violência em vários outros países do mundo, o que originou esse recuo relativo. Aqui se incluem vários países centro americanos, como El Salvador e Guatemala, onde eclode a violência das gangues ou marras juvenis, ou o da Venezuela, com problemas político-estruturais.

Também podemos calibrar o significado ou peso de nossa violência homicida, comparando nossos patamares com os de outros países tidos como civilizados.

Considerando a população total, nossa taxa de 27,4 homicídios por 100 mil habitantes é:

- 274 vezes maior que as da Inglaterra e Gales ou Omã;
- 137 vezes maior que as do Egito ou Marrocos;
- 91 vezes maior que as do Reino Unido ou Japão.

Já nossa taxa de 54,5 homicídios por 100 mil jovens de 15 a 29 anos resulta:

- 545 vezes superior às taxas de Hong Kong;
- 273 vezes superior às taxas da Inglaterra ou Japão;
- 137 vezes superior às taxas da Alemanha ou Áustria.

³¹ WAISELFISZ, J. J. **Mapa da Violência III**. Os jovens do Brasil. Brasília: Unesco, 2002.

Tabela 6.1. Taxas de homicídio (por 100 mil) da população total em 95 países do mundo

| país | Ano | Taxas | Posição | país | Ano | Taxas | Posição |
|-------------------|-------------|-------------|-----------|--------------------|------|-------|---------|
| El Salvador | 2009 | 62,4 | 1º | Nova Zelândia | 2009 | 2,0 | 49º |
| Trinidad e Tobago | 2008 | 46,1 | 2º | Romênia | 2011 | 2,0 | 50º |
| Colômbia | 2009 | 45,0 | 3º | Finlândia | 2011 | 1,9 | 51º |
| Ilhas Virgens-EUA | 2007 | 40,0 | 4º | Sérvia | 2011 | 1,8 | 52º |
| Guatemala | 2008 | 38,7 | 5º | Canadá | 2009 | 1,7 | 53º |
| Venezuela | 2007 | 36,4 | 6º | Peru | 2007 | 1,7 | 54º |
| BRASIL | 2010 | 27,4 | 7º | Hungria | 2011 | 1,6 | 55º |
| Belize | 2009 | 27,3 | 8º | Escócia | 2010 | 1,6 | 56º |
| Bahamas | 2008 | 24,9 | 9º | Irlanda do Norte | 2010 | 1,5 | 57º |
| Panamá | 2009 | 23,7 | 10º | Armênia | 2011 | 1,3 | 58º |
| México | 2010 | 22,1 | 11º | Bélgica | 2009 | 1,3 | 59º |
| Dominica | 2010 | 22,0 | 12º | Bulgária | 2011 | 1,3 | 60º |
| Puerto Rico | 2007 | 19,3 | 13º | Chipre | 2011 | 1,2 | 61º |
| Barbados | 2008 | 17,3 | 14º | Eslováquia | 2010 | 1,2 | 62º |
| Equador | 2010 | 15,7 | 15º | Antígua e Barbuda | 2009 | 1,2 | 63º |
| Guiana | 2008 | 15,6 | 16º | Rep. de Coreia | 2011 | 1,1 | 64º |
| Rússia | 2010 | 13,3 | 17º | Croácia | 2011 | 1,1 | 65º |
| Filipinas | 2008 | 13,0 | 18º | Polônia | 2011 | 1,1 | 66º |
| São Vicente e Gr. | 2010 | 12,5 | 19º | Fiji | 2009 | 1,0 | 67º |
| Paraguai | 2009 | 10,6 | 20º | Suécia | 2010 | 1,0 | 68º |
| África do Sul | 2009 | 10,4 | 21º | Austrália | 2011 | 0,9 | 69º |
| Iraque | 2008 | 9,4 | 22º | Portugal | 2011 | 0,9 | 70º |
| Costa Rica | 2009 | 9,2 | 23º | Holanda | 2011 | 0,9 | 71º |
| Cazaquistão | 2010 | 8,6 | 24º | Irlanda | 2010 | 0,9 | 72º |
| Suriname | 2009 | 6,7 | 25º | Malásia | 2008 | 0,8 | 73º |
| Nicarágua | 2010 | 6,3 | 26º | Rep. Tcheca | 2011 | 0,8 | 74º |
| Quirguistão | 2010 | 6,2 | 27º | Dinamarca | 2011 | 0,8 | 75º |
| Bielorrússia | 2009 | 6,1 | 28º | Itália | 2010 | 0,8 | 76º |
| Letônia | 2010 | 6,1 | 29º | França | 2009 | 0,8 | 77º |
| Seychelles | 2009 | 5,7 | 30º | Espanha | 2011 | 0,7 | 78º |
| Ucrânia | 2011 | 5,6 | 31º | Áustria | 2011 | 0,5 | 79º |
| Rep. de Moldávia | 2011 | 5,5 | 32º | Alemanha | 2011 | 0,5 | 80º |
| Chile | 2009 | 5,4 | 33º | Catar | 2009 | 0,5 | 81º |
| Estônia | 2010 | 5,3 | 34º | Eslovênia | 2010 | 0,5 | 82º |
| Uruguai | 2009 | 5,2 | 35º | Malta | 2011 | 0,5 | 83º |
| Lituânia | 2010 | 5,2 | 36º | Kuwait | 2011 | 0,4 | 84º |
| EUA | 2011 | 4,8 | 37º | Luxemburgo | 2011 | 0,4 | 85º |
| Cuba | 2010 | 4,5 | 38º | Geórgia | 2010 | 0,3 | 86º |
| Argentina | 2010 | 4,4 | 39º | Hong Kong | 2011 | 0,3 | 87º |
| | | | | | | | |
| Aruba | 2009 | 3,9 | 40º | Japão | 2011 | 0,3 | 88º |
| Maurício | 2011 | 3,3 | 41º | Islândia | 2009 | 0,3 | 89º |
| Suíça | 2010 | 2,9 | 42º | Reino Unido | 2010 | 0,3 | 90º |
| Santa Lúcia | 2008 | 2,5 | 43º | Egito | 2011 | 0,2 | 91º |
| Noruega | 2011 | 2,4 | 44º | Azerbaijão | 2007 | 0,2 | 92º |
| Jordânia | 2009 | 2,3 | 45º | Marrocos | 2008 | 0,2 | 93º |
| Israel | 2010 | 2,2 | 46º | Inglaterra e Gales | 2010 | 0,1 | 94º |
| Macedônia | 2010 | 2,1 | 47º | Omã | 2009 | 0,1 | 95º |
| Montenegro | 2009 | 2,1 | 48º | | | | |

Fonte: Whosis/OMS-Census.

| Tabela 6.2. Taxas de homicídio (por 100 mil) de jovens de 15 a 29 anos em 95 países do mundo | | | | | | | |
|--|-------------|-------------|-----------|--------------------|------|-------|---------|
| país | Ano | Taxas | Posição | país | Ano | Taxas | Posição |
| El Salvador | 2009 | 119,6 | 1º | Luxemburgo | 2011 | 2,1 | 49º |
| Ilhas Virgens-EUA | 2007 | 114,3 | 2º | Irlanda do Norte | 2010 | 2,1 | 50º |
| Trinidad e Tobago | 2008 | 89,7 | 3º | Finlândia | 2011 | 2,0 | 51º |
| Venezuela | 2007 | 82,3 | 4º | Maurício | 2011 | 2,0 | 52º |
| Colômbia | 2009 | 82,2 | 5º | Irlanda | 2010 | 1,4 | 53º |
| Guatemala | 2008 | 67,3 | 6º | Suíça | 2010 | 1,4 | 54º |
| BRASIL | 2010 | 54,5 | 7º | Bélgica | 2009 | 1,3 | 55º |
| Puerto Rico | 2007 | 51,7 | 8º | Suécia | 2010 | 1,3 | 56º |
| Panamá | 2009 | 49,5 | 9º | Croácia | 2011 | 1,3 | 57º |
| Belize | 2009 | 42,6 | 10º | Sérvia | 2011 | 1,2 | 58º |
| Bahamas | 2008 | 41,4 | 11º | Holanda | 2011 | 1,2 | 59º |
| México | 2010 | 32,7 | 12º | Romênia | 2011 | 1,1 | 60º |
| Barbados | 2008 | 28,5 | 13º | Malta | 2011 | 1,1 | 61º |
| Dominica | 2010 | 26,2 | 14º | Austrália | 2011 | 1,1 | 62º |
| Equador | 2010 | 26,1 | 15º | Dinamarca | 2011 | 1,1 | 63º |
| Guiana | 2008 | 21,5 | 16º | Macedônia | 2010 | 1,1 | 64º |
| África do Sul | 2009 | 18,7 | 17º | Armênia | 2011 | 1,0 | 65º |
| Paraguai | 2009 | 14,9 | 18º | Bulgária | 2011 | 1,0 | 66º |
| Filipinas | 2008 | 14,6 | 19º | Malásia | 2008 | 0,9 | 67º |
| Costa Rica | 2009 | 14,0 | 20º | Itália | 2010 | 0,9 | 68º |
| Iraque | 2008 | 12,5 | 21º | Eslováquia | 2010 | 0,9 | 69º |
| Rússia | 2010 | 11,5 | 22º | França | 2009 | 0,8 | 70º |
| São Vicente e Gr. | 2010 | 11,3 | 23º | Fiji | 2009 | 0,8 | 71º |
| Estônia | 2010 | 11,1 | 24º | Espanha | 2011 | 0,8 | 72º |
| Chile | 2009 | 9,5 | 25º | Geórgia | 2010 | 0,8 | 73º |
| Nicarágua | 2010 | 9,1 | 26º | Portugal | 2011 | 0,7 | 74º |
| Noruega | 2011 | 8,0 | 27º | Rep. Tcheca | 2011 | 0,7 | 75º |
| Cazaquistão | 2010 | 7,8 | 28º | Hungria | 2011 | 0,7 | 76º |
| Argentina | 2010 | 7,6 | 29º | Montenegro | 2009 | 0,7 | 77º |
| Uruguai | 2009 | 7,4 | 30º | Polônia | 2011 | 0,6 | 78º |
| Cuba | 2010 | 6,5 | 31º | Rep. de Coreia | 2011 | 0,5 | 79º |
| Bielorrússia | 2009 | 5,3 | 32º | Kuwait | 2011 | 0,5 | 80º |
| Quirguistão | 2010 | 5,1 | 33º | Chipre | 2011 | 0,5 | 81º |
| Santa Lúcia | 2008 | 4,8 | 34º | Reino Unido | 2010 | 0,5 | 82º |
| Seychelles | 2009 | 4,7 | 35º | Áustria | 2011 | 0,4 | 83º |
| Aruba | 2009 | 4,6 | 36º | Alemanha | 2011 | 0,4 | 84º |
| Suriname | 2009 | 4,6 | 37º | Egito | 2011 | 0,4 | 85º |
| Ucrânia | 2011 | 4,1 | 38º | Eslovênia | 2010 | 0,3 | 86º |
| Rep. de Moldávia | 2011 | 4,0 | 39º | Marrocos | 2008 | 0,2 | 87º |
| Jordânia | 2009 | 3,6 | 40º | Catar | 2009 | 0,2 | 88º |
| EUA | 2011 | 3,4 | 41º | Azerbaijão | 2007 | 0,2 | 89º |
| Canadá | 2009 | 3,4 | 42º | Japão | 2011 | 0,2 | 90º |
| Israel | 2010 | 3,2 | 43º | Inglaterra e Gales | 2010 | 0,2 | 91º |
| Lituânia | 2010 | 2,9 | 44º | Hong Kong | 2011 | 0,1 | 92º |
| Escócia | 2010 | 2,8 | 45º | Antígua e Barbuda | 2009 | 0,0 | 93º |
| Nova Zelândia | 2009 | 2,5 | 46º | Islândia | 2009 | 0,0 | 93º |
| Peru | 2007 | 2,2 | 47º | Omã | 2009 | 0,0 | 93º |
| Letônia | 2010 | 2,2 | 48º | | | | |

Fonte: Whosis/OMS-Census.

Tabela 6.3. Taxas de homicídio (por 100 mil) de jovens de 15 a 19 anos em 95 países do mundo

| país | Ano | Taxas | Posição | país | Ano | Taxas | Posição |
|-------------------|-------------|-------------|-----------|--------------------|------|-------|---------|
| El Salvador | 2009 | 98,7 | 1º | Áustria | 2011 | 0,8 | 49º |
| Ilhas Virgens-EUA | 2007 | 80,2 | 2º | Romênia | 2011 | 0,7 | 50º |
| Trinidad e Tobago | 2008 | 63,6 | 3º | França | 2009 | 0,7 | 51º |
| Venezuela | 2007 | 60,3 | 4º | Macedônia | 2010 | 0,7 | 52º |
| Colômbia | 2009 | 51,0 | 5º | Bulgária | 2011 | 0,7 | 53º |
| Guatemala | 2008 | 46,2 | 6º | Suécia | 2010 | 0,7 | 54º |
| BRASIL | 2010 | 45,7 | 7º | Austrália | 2011 | 0,6 | 55º |
| Panamá | 2009 | 42,5 | 8º | Espanha | 2011 | 0,6 | 56º |
| Dominica | 2010 | 29,1 | 9º | Malásia | 2008 | 0,6 | 57º |
| Puerto Rico | 2007 | 28,6 | 10º | Holanda | 2011 | 0,6 | 58º |
| Bahamas | 2008 | 28,5 | 11º | Itália | 2010 | 0,5 | 59º |
| Belize | 2009 | 23,0 | 12º | Kuwait | 2011 | 0,5 | 60º |
| México | 2010 | 20,2 | 13º | Sérvia | 2011 | 0,5 | 61º |
| Noruega | 2011 | 16,8 | 14º | Polônia | 2011 | 0,4 | 62º |
| Equador | 2010 | 15,3 | 15º | Lituânia | 2010 | 0,4 | 63º |
| Costa Rica | 2009 | 11,8 | 16º | Armênia | 2011 | 0,4 | 64º |
| África do Sul | 2009 | 10,0 | 17º | Reino Unido | 2010 | 0,4 | 65º |
| Barbados | 2008 | 9,4 | 18º | Irlanda | 2010 | 0,4 | 66º |
| Paraguai | 2009 | 8,7 | 19º | Hungria | 2011 | 0,3 | 67º |
| Iraque | 2008 | 8,5 | 20º | Alemanha | 2011 | 0,3 | 68º |
| Estônia | 2010 | 8,5 | 21º | Rep. Tcheca | 2011 | 0,3 | 69º |
| Filipinas | 2008 | 8,1 | 22º | Geórgia | 2010 | 0,3 | 70º |
| Chile | 2009 | 7,4 | 23º | Eslováquia | 2010 | 0,3 | 71º |
| Santa Lúcia | 2008 | 6,9 | 24º | Rep. de Coreia | 2011 | 0,2 | 72º |
| Nicarágua | 2010 | 6,5 | 25º | Egito | 2011 | 0,2 | 73º |
| Argentina | 2010 | 6,4 | 26º | Japão | 2011 | 0,2 | 74º |
| Guiana | 2008 | 6,2 | 27º | Portugal | 2011 | 0,2 | 75º |
| Rússia | 2010 | 5,0 | 28º | Bélgica | 2009 | 0,2 | 76º |
| Cuba | 2010 | 3,9 | 29º | Marrocos | 2008 | 0,1 | 77º |
| Cazaquistão | 2010 | 3,9 | 30º | Inglaterra e Gales | 2010 | 0,1 | 78º |
| Jordânia | 2009 | 3,3 | 31º | Azerbaijão | 2007 | 0,1 | 79º |
| Irlanda do Norte | 2010 | 3,2 | 32º | São Vicente e Gr. | 2010 | 0,0 | 80º |
| Uruguai | 2009 | 3,0 | 33º | Seychelles | 2009 | 0,0 | 80º |
| Canada | 2009 | 2,9 | 34º | Aruba | 2009 | 0,0 | 80º |
| Rep. de Moldávia | 2011 | 2,8 | 35º | Suriname | 2009 | 0,0 | 80º |
| Montenegro | 2009 | 2,4 | 36º | EUA | 2011 | 0,0 | 80º |
| Ucrânia | 2011 | 2,3 | 37º | Letônia | 2010 | 0,0 | 80º |
| Nova Zelândia | 2009 | 2,2 | 38º | Luxemburgo | 2011 | 0,0 | 80º |
| Bielorrússia | 2009 | 2,2 | 39º | Malta | 2011 | 0,0 | 80º |
| Escócia | 2010 | 2,2 | 40º | Fiji | 2009 | 0,0 | 80º |
| Finlândia | 2011 | 2,1 | 41º | Chipre | 2011 | 0,0 | 80º |
| Suiça | 2010 | 1,9 | 42º | Eslovênia | 2010 | 0,0 | 80º |
| Israel | 2010 | 1,7 | 43º | Catar | 2009 | 0,0 | 80º |
| Croácia | 2011 | 1,5 | 44º | Hong Kong | 2011 | 0,0 | 80º |
| Peru | 2007 | 1,3 | 45º | Antígua e Barbuda | 2009 | 0,0 | 80º |
| Dinamarca | 2011 | 1,3 | 46º | Islândia | 2009 | 0,0 | 80º |
| Quirguistão | 2010 | 1,2 | 47º | Omã | 2009 | 0,0 | 80º |
| Maurício | 2011 | 1,0 | 48º | | | | |

Fonte: Whosis/OMS-Census.

| Tabela 6.4. Taxas de homicídio (por 100 mil) de jovens de 20 a 24 anos em 95 países do mundo | | | | | | | |
|--|-------------|-------------|-----------|--------------------|------|-------|---------|
| país | Ano | Taxas | Posição | país | Ano | Taxas | Posição |
| Ilhas Virgens-EUA | 2007 | 133,7 | 1º | Dinamarca | 2011 | 1,7 | 49º |
| El Salvador | 2009 | 128,5 | 2º | Letônia | 2010 | 1,6 | 50º |
| Venezuela | 2007 | 102,7 | 3º | Suécia | 2010 | 1,6 | 51º |
| Trinidad e Tobago | 2008 | 97,0 | 4º | Chipre | 2011 | 1,5 | 52º |
| Colômbia | 2009 | 91,4 | 5º | Holanda | 2011 | 1,4 | 53º |
| Guatemala | 2008 | 74,9 | 6º | Fiji | 2009 | 1,3 | 54º |
| Puerto Rico | 2007 | 64,1 | 7º | Arménia | 2011 | 1,3 | 55º |
| BRASIL | 2010 | 63,7 | 8º | Finlândia | 2011 | 1,2 | 56º |
| Panamá | 2009 | 59,9 | 9º | Austrália | 2011 | 1,2 | 57º |
| Belize | 2009 | 51,8 | 10º | Eslováquia | 2010 | 1,2 | 58º |
| Bahamas | 2008 | 49,1 | 11º | Bulgária | 2011 | 1,1 | 59º |
| México | 2010 | 36,5 | 12º | Hungria | 2011 | 1,1 | 60º |
| Guiana | 2008 | 33,4 | 13º | Portugal | 2011 | 1,1 | 61º |
| Equador | 2010 | 29,7 | 14º | Croácia | 2011 | 1,0 | 62º |
| Barbados | 2008 | 28,9 | 15º | Itália | 2010 | 1,0 | 63º |
| África do Sul | 2009 | 24,3 | 16º | França | 2009 | 1,0 | 64º |
| São Vicente e Gr. | 2010 | 22,6 | 17º | Romênia | 2011 | 1,0 | 65º |
| Paraguai | 2009 | 18,9 | 18º | Malásia | 2008 | 0,9 | 66º |
| Filipinas | 2008 | 15,8 | 19º | Rep. de Coreia | 2011 | 0,8 | 67º |
| Costa Rica | 2009 | 14,1 | 20º | Eslovênia | 2010 | 0,7 | 68º |
| Estônia | 2010 | 13,4 | 21º | Espanha | 2011 | 0,7 | 69º |
| Iraque | 2008 | 13,0 | 22º | Kuwait | 2011 | 0,7 | 70º |
| Uruguai | 2009 | 11,7 | 23º | Suíça | 2010 | 0,7 | 71º |
| Chile | 2009 | 11,5 | 24º | Macedônia | 2010 | 0,6 | 72º |
| Rússia | 2010 | 11,3 | 25º | Rep. Tcheca | 2011 | 0,6 | 73º |
| Cazaquistão | 2010 | 9,4 | 26º | Reino Unido | 2010 | 0,6 | 74º |
| Argentina | 2010 | 9,0 | 27º | Geórgia | 2010 | 0,6 | 75º |
| Nicarágua | 2010 | 8,8 | 28º | Alemanha | 2011 | 0,5 | 76º |
| Santa Lúcia | 2008 | 6,8 | 29º | Polônia | 2011 | 0,4 | 77º |
| Luxemburgo | 2011 | 6,8 | 30º | Egito | 2011 | 0,3 | 78º |
| Cuba | 2010 | 6,6 | 31º | Marrocos | 2008 | 0,3 | 79º |
| Quirguistão | 2010 | 6,3 | 32º | Inglaterra e Gales | 2010 | 0,2 | 80º |
| Suriname | 2009 | 5,9 | 33º | Azerbaijão | 2007 | 0,2 | 81º |
| Bielorrússia | 2009 | 5,8 | 34º | Hong Kong | 2011 | 0,2 | 82º |
| EUA | 2011 | 5,6 | 35º | Sérvia | 2011 | 0,2 | 83º |
| Canadá | 2009 | 4,1 | 36º | Japão | 2011 | 0,2 | 84º |
| Jordânia | 2009 | 4,0 | 37º | Dominica | 2010 | 0,0 | 85º |
| Ucrânia | 2011 | 4,0 | 38º | Montenegro | 2009 | 0,0 | 85º |
| Noruega | 2011 | 3,9 | 39º | Maurício | 2011 | 0,0 | 85º |
| Rep. de Moldávia | 2011 | 3,1 | 40º | Áustria | 2011 | 0,0 | 85º |
| Nova Zelândia | 2009 | 3,1 | 41º | Antígua e Barbuda | 2009 | 0,0 | 85º |
| Escócia | 2010 | 3,0 | 42º | Aruba | 2009 | 0,0 | 85º |
| Irlanda do Norte | 2010 | 3,0 | 43º | Catar | 2009 | 0,0 | 85º |
| Israel | 2010 | 3,0 | 44º | Islândia | 2009 | 0,0 | 85º |
| Lituânia | 2010 | 3,0 | 45º | Malta | 2011 | 0,0 | 85º |
| Peru | 2007 | 2,8 | 46º | Omã | 2009 | 0,0 | 85º |
| Bélgica | 2009 | 2,5 | 47º | Seychelles | 2009 | 0,0 | 85º |
| Irlanda | 2010 | 2,3 | 48º | | | | |

Fonte: Whosis/OMS-Census.

Tabela 6.5. Taxas de homicídio (por 100 mil) de jovens de 25 a 29 anos em 95 países do mundo

| país | Ano | Taxas | Posição | país | Ano | Taxas | Posição |
|-------------------|-------------|-------------|-----------|--------------------|------|-------|---------|
| Ilhas Virgens-EUA | 2007 | 142,7 | 1º | Peru | 2007 | 2,6 | 49º |
| El Salvador | 2009 | 138,2 | 2º | Noruega | 2011 | 2,5 | 50º |
| Colômbia | 2009 | 109,9 | 3º | Nova Zelândia | 2009 | 2,3 | 51º |
| Trinidad e Tobago | 2008 | 103,9 | 4º | Macedônia | 2010 | 1,8 | 52º |
| Guatemala | 2008 | 90,2 | 5º | Suécia | 2010 | 1,7 | 53º |
| Venezuela | 2007 | 86,6 | 6º | Romênia | 2011 | 1,6 | 54º |
| Puerto Rico | 2007 | 65,1 | 7º | Holanda | 2011 | 1,6 | 55º |
| Belize | 2009 | 58,0 | 8º | Suíça | 2010 | 1,6 | 56º |
| BRASIL | 2010 | 54,0 | 9º | Geórgia | 2010 | 1,5 | 57º |
| Dominica | 2010 | 50,3 | 10º | Irlanda | 2010 | 1,5 | 58º |
| Bahamas | 2008 | 48,2 | 11º | Malásia | 2008 | 1,4 | 59º |
| Barbados | 2008 | 47,6 | 12º | Armênia | 2011 | 1,4 | 60º |
| Panamá | 2009 | 46,1 | 13º | Austrália | 2011 | 1,4 | 61º |
| México | 2010 | 43,2 | 14º | Bélgica | 2009 | 1,4 | 62º |
| Equador | 2010 | 34,7 | 15º | Fiji | 2009 | 1,3 | 63º |
| Guiana | 2008 | 29,1 | 16º | Croácia | 2011 | 1,3 | 64º |
| África do Sul | 2009 | 22,7 | 17º | Rep. Tcheca | 2011 | 1,2 | 65º |
| Filipinas | 2008 | 20,9 | 18º | Itália | 2010 | 1,1 | 66º |
| Paraguai | 2009 | 18,6 | 19º | Eslováquia | 2010 | 1,1 | 67º |
| Iraque | 2008 | 16,6 | 20º | Bulgária | 2011 | 1,1 | 68º |
| Costa Rica | 2009 | 16,4 | 21º | Espanha | 2011 | 1,0 | 69º |
| Rússia | 2010 | 16,0 | 22º | França | 2009 | 0,9 | 70º |
| Aruba | 2009 | 13,8 | 23º | Polônia | 2011 | 0,9 | 71º |
| Seychelles | 2009 | 13,3 | 24º | Portugal | 2011 | 0,8 | 72º |
| Nicarágua | 2010 | 13,3 | 25º | Hungria | 2011 | 0,6 | 73º |
| São Vicente e Gr. | 2010 | 12,3 | 26º | Rep. de Coreia | 2011 | 0,6 | 74º |
| Estônia | 2010 | 11,5 | 27º | Egito | 2011 | 0,6 | 75º |
| Cazaquistão | 2010 | 10,1 | 28º | Áustria | 2011 | 0,5 | 76º |
| Chile | 2009 | 9,7 | 29º | Alemanha | 2011 | 0,4 | 77º |
| Cuba | 2010 | 9,2 | 30º | Kuwait | 2011 | 0,4 | 78º |
| Quirguistão | 2010 | 8,2 | 31º | Catar | 2009 | 0,4 | 79º |
| Suriname | 2009 | 7,9 | 32º | Reino Unido | 2010 | 0,4 | 80º |
| Uruguai | 2009 | 7,8 | 33º | Dinamarca | 2011 | 0,3 | 81º |
| Bielorrússia | 2009 | 7,5 | 34º | Azerbaijão | 2007 | 0,3 | 82º |
| Argentina | 2010 | 7,4 | 35º | Marrocos | 2008 | 0,3 | 83º |
| Rep. de Moldávia | 2011 | 6,2 | 36º | Japão | 2011 | 0,2 | 84º |
| Lituânia | 2010 | 5,4 | 37º | Hong Kong | 2011 | 0,2 | 85º |
| Ucrânia | 2011 | 5,4 | 38º | Inglaterra e Gales | 2010 | 0,2 | 86º |
| Maurício | 2011 | 5,1 | 39º | Santa Lúcia | 2008 | 0,0 | 87º |
| Israel | 2010 | 5,1 | 40º | Luxemburgo | 2011 | 0,0 | 87º |
| Letônia | 2010 | 4,7 | 41º | Irlanda do Norte | 2010 | 0,0 | 87º |
| EUA | 2011 | 4,0 | 42º | Chipre | 2011 | 0,0 | 87º |
| Jordânia | 2009 | 3,4 | 43º | Eslovênia | 2010 | 0,0 | 87º |
| Canadá | 2009 | 3,2 | 44º | Montenegro | 2009 | 0,0 | 87º |
| Malta | 2011 | 3,2 | 45º | Antígua e Barbuda | 2009 | 0,0 | 87º |
| Escócia | 2010 | 3,1 | 46º | Islândia | 2009 | 0,0 | 87º |
| Sérvia | 2011 | 2,7 | 47º | Omã | 2009 | 0,0 | 87º |
| Finlândia | 2011 | 2,7 | 48º | | | | |

Fonte: Whosis/OMS-Census.

7. OS NOVOS PADRÕES DA VIOLÊNCIA HOMICIDA

Nos diversos mapas elaborados a partir de 2004, já indicávamos uma mudança nos padrões de evolução da violência homicida no Brasil, que mais tarde, em 2012, foi objeto de um mapa específico³².

Apontávamos a existência de dois processos concomitantes de desconcentração dos homicídios. Por um lado, a **interiorização**: se até 1996 o crescimento dos homicídios acontecia fundamentalmente nas capitais e nos grandes conglomerados metropolitanos, esse crescimento praticamente estagna até 2003, e os polos dinâmicos da violência vão se deslocando, progressivamente, rumo aos municípios do interior. A partir de 2003, as taxas das capitais começam decididamente a encolher, enquanto as do interior continuam crescendo, em um processo de aproximação de níveis de violência.

Também verificamos a existência de um segundo movimento, de **disseminação**, agora entre os estados. As UFs relativamente tranquilas na virada do século experimentam pesados aumentos nos seus níveis de violência. Esses dois processos concomitantes originaram a migração dos polos dinâmicos da violência de um limitado número de capitais e/ou grandes regiões metropolitanas, que melhoram a eficiência de seus aparelhos de segurança, para regiões menos protegidas, seja no interior dos estados, seja para outras UFs.

7.1. Disseminação da violência

No capítulo 3, analisando a tabela 3.1.3, observávamos: das dez UFs que em 2001 ostentavam os maiores índices de homicídio, oito tiveram quedas em seus índices e, em alguns casos, como os de São Paulo e Rio de Janeiro, o declínio foi bem expressivo. Só o Espírito Santo e o Distrito Federal apresentaram um leve aumento na década analisada.

Nas 17 UFs que em 2001 apresentavam os menores índices de homicídio, em todas, sem exceção, as taxas crescem no período. Esse aumento foi muito elevado e preocupante em diversos casos, como os de Alagoas, Paraíba, Pará ou Bahia que de posições intermediárias ou de relativa tranquilidade em 2001 passam à liderança nacional no triste *ranking* da violência.

No capítulo quarto, analisando as capitais, ao confrontar a situação dessas cidades em 1999 e 2011 na tabela 4.1.5, verificamos que nas oito capitais com as maiores taxas de homicídio em 2001, os índices caem e de forma muito expressiva, como nos casos de São Paulo, Macapá, Rio de Janeiro e Boa Vista. Nas 19 capitais restantes,

³² WASELFISZ J. J. **Mapa da Violência 2012**. Novos padrões da violência homicida no Brasil. São Paulo: Instituto Sangari, 2012.

que em 1999 apresentavam as menores taxas do país, os homicídios aumentam, salvo em Campo Grande. Em diversos casos, de forma bem preocupante, como em Maceió, João Pessoa, Salvador, Manaus, Goiânia, Fortaleza e São Luís.

7.2. Interiorização da violência

Como indicamos na introdução, os dados históricos tornam visível outro processo de desconcentração que acontece concomitante com o anterior: é o que chamamos de interiorização, quando os polos dinâmicos da violência se deslocam das capitais e/ou regiões metropolitanas rumo ao interior dos estados. Esses dois processos só podem ser desagregados analiticamente para melhor compreensão dos processos implicados. Trata-se, na realidade, de uma única mudança que vai de umas poucas metrópoles rumo a cidades de menor porte, seja no interior dos estados, seja em outros estados.

No gráfico 4.1.4 e na tabela 4.1.6 (ambos na página 68), podemos acompanhar melhor a evolução da participação das capitais na geração da violência homicida do país e o crescimento da violência no interior dos estados. Podemos observar a existência de três grandes períodos claramente delimitados:

- a. **1980/1996:** Nesse primeiro período, que vai de 1980 a 1996, registrou-se um acelerado crescimento das taxas nas capitais que passam de 20,7 homicídios por 100 mil habitantes em 1980 para 45,6 em 1996 o que representa um crescimento de 121,0% nesses 15 anos. Nesse período, o interior³³ passou de 7,5 para 12,7 homicídios por 100 mil habitantes: crescimento de 69,1%, bem menor que o das capitais. Fica evidente que o comando do crescimento no período ficou por conta das capitais, elas foram as responsáveis pela forte elevação das taxas nacionais. Nos primeiros anos da década de 1980, as taxas do país giravam em torno de 13 homicídios por 100 mil, as das capitais rondavam a casa dos 20: a diferença entre ambas era de 50%. Em 1996, essa diferença chega a sua máxima expressão: as taxas das capitais resultam 84,3% maiores que as nacionais.
- b. **1996/2003:** Arrefece o crescimento de homicídios das capitais, cujo aumento nos sete anos foi praticamente inexistente: 0,9%. Porém, as taxas do interior neste mesmo período crescem 30,4%. Ainda assim, ambas as áreas ainda contribuem para o aumento da violência nacional, agora com maior peso para o interior. Vemos que a diferença percentual entre as taxas nacionais e as das capitais, a partir de 1996, é sistematicamente decrescente. Nessa fase de estagnação dos índices das capitais, o fator determinante é o crescimento no interior que determina a elevação das taxas nacionais.
- c. **2003/2011:** Nesse período, as taxas das capitais recuam de forma clara e sistemática, passando de 41,6 homicídios por 100 mil para 36,4 em 2011, o que representa uma queda de 29,9% nos oito anos. Os índices do interior continuam crescendo: 23,6% no período. Dessa forma, o interior assume claramente, o papel de polo dinâmico, motor da violência homicida,

³³ Na categoria *Capitais*, considera-se exclusivamente os municípios sede, sem incluir o entorno (regiões metropolitanas, Ride etc.). No conceito *Interior*, excluem-se do total Brasil os quantitativos das Capitais e das Regiões Metropolitanas reconhecidas pelo IBGE em 2010.

contrapondo-se às quedas substantivas nos níveis da violência que as capitais estariam gerando. No gráfico 7.2.1, podemos perceber a contínua queda do diferencial entre as taxas nacionais e as das capitais, que em 2011 atingem sua menor expressão histórica: 34,2%.

7.3. Deslocamento dos polos dinâmicos

Esse duplo processo de disseminação e interiorização originou o deslocamento dos polos dinâmicos da violência: de municípios de grande porte – acima de 100 mil habitantes – para municípios de pequeno e médio porte.

Pela tabela 7.3.1, observa-se que, até 2000, os municípios onde se concentrou o crescimento foram os de 100 mil habitantes ou mais. Os municípios de menor tamanho também cresceram, mas em menor escala.

No período de 2000 a 2011:

- Nos municípios de maior porte, com mais de 500 mil habitantes, o crescimento foi negativo, os índices caíram 28,3%.
- Nos municípios entre 200 e 500 mil habitantes, não houve praticamente alteração, permaneceram estagnados, próximos aos 35 homicídios por 100 mil habitantes.
- Também nos municípios entre 100 e 200 mil habitantes o crescimento foi baixo: 17,7%.
- O crescimento nesse período concentra-se nos municípios de menor tamanho, que abrangem a faixa até 100 habitantes, contrastando agora com os de maior porte que caem ou estagnam em suas taxas de homicídio.
- Temos de considerar que, apesar do menor porte, esses municípios representam quase a metade da população brasileira: exatos 86,3 milhões, o que representa 45,3% do total registrado pelo Censo de 2010.

| Tabela 7.3.1. Taxas e crescimento (%) dos homicídio (por 100 mil), número e população dos municípios por tamanho. Brasil: 1980/2010 | | | | | | | | | | |
|---|--------------------|------|------|------|---------------|---------------|-----------------|-------|----------------|-------|
| Número de habitantes | Taxas (por 100mil) | | | | Δ% 1980/ 2000 | Δ% 2000/ 2011 | Municípios 2010 | | População 2010 | |
| | 1980 | 1990 | 2000 | 2011 | | | n. | % | n. | % |
| Até 5 mil | 4,2 | 6,0 | 6,4 | 8,8 | 51,8 | 37,5 | 1.301 | 23,4 | 4.374.345 | 2,3 |
| De 5 a 10 mil | 4,4 | 6,4 | 7,9 | 11,6 | 81,1 | 47,0 | 1.212 | 21,8 | 8.541.935 | 4,5 |
| De 10 a 20 mil | 5,8 | 8,3 | 9,7 | 14,5 | 67,6 | 49,1 | 1.401 | 25,2 | 19.743.967 | 10,4 |
| De 20 a 50 mil | 7,2 | 11,1 | 12,2 | 20,5 | 69,4 | 67,9 | 1.043 | 18,7 | 31.344.671 | 16,4 |
| De 50 a 100 mil | 9,2 | 16,3 | 17,7 | 26,1 | 92,3 | 47,5 | 325 | 5,8 | 22.314.204 | 11,7 |
| De 100 a 200 mil | 12,4 | 23,9 | 27,3 | 32,1 | 120,9 | 17,7 | 150 | 2,7 | 20.078.754 | 10,5 |
| De 200 a 500 mil | 15,8 | 27,7 | 34,6 | 34,8 | 118,8 | 0,7 | 95 | 1,7 | 28.486.417 | 14,9 |
| De 500 mil e mais | 20,8 | 41,1 | 48,3 | 34,7 | 132,1 | -28,3 | 38 | 0,7 | 55.871.506 | 29,3 |
| Total | 11,7 | 22,2 | 26,7 | 27,1 | 128,8 | 1,5 | 5.565 | 100,0 | 190.755.799 | 100,0 |

Fonte: SIM/SVS/MS.

8. QUESTÕES DE GÊNERO

Quando analisamos os dados a partir de uma visão de gênero, verificamos que a distribuição dos homicídios não é equitativa, nem igualitária. Acompanha bem de perto nossas mazelas sociais. Por esse motivo, é um indicador privilegiado dos conflitos e mecanismos de segregação social que os discursos (público e privado) tendem a ocultar.

Os estudos existentes demonstram coincidentemente que a vitimização homicida no país é notada e fundamentalmente masculina. A feminina representa aproximadamente 8% do total de homicídios, mas com características bem diferenciadas da mortalidade masculina.

Ainda assim, apesar desse baixo índice, no último ano, acima de 4,5 mil mulheres foram vítimas de homicídio. Nos 32 anos considerados neste estudo – de 1980 a 2011 –, morreram assassinadas 96.612 mulheres. Nos poucos anos deste século, morreram praticamente a metade desse total.

A tabela e o gráfico 8.1.1 especificam essa evolução de forma mais detalhada, evidenciando o forte crescimento das taxas entre 1980 e 1996: 4,6% ao ano; 52,2% na década. A partir dessa data, o número de homicídios de mulheres aumenta, mas em menor proporção que a população feminina, pelo que as taxas caem levemente até 2006, com um ritmo de 0,9% ao ano. Em 2007, uma significativa queda é registrada: as taxas caem 7,6%³⁴. Em setembro de 2006, entra em vigor a Lei Maria da Penha, aumentando o rigor das punições da violência contra as mulheres no âmbito doméstico. Mas essa acentuada queda dura só um ano. A partir de 2008, as taxas tendem a subir novamente recuperando, e até superando, níveis anteriores.

Olhando a desagregação dos homicídios femininos por faixas etárias juvenis, podemos observar que:

- As taxas juvenis – de 15 a 29 anos – são sempre maiores que os da população feminina total, além do crescimento ser levemente maior (104,9% contra 100,0%).
- Entre as mulheres jovens, de 1980 a 2011, a faixa que mais cresce é a dos 15 aos 19 anos: 148,6%, seguida da faixa dos 20 aos 24 anos: 90,9%, e a dos 25 aos 29 anos, que cresce 75,1%.
- Ainda com o menor crescimento, essa última faixa é a que ostenta a maior taxa em 2011: 7,9 por 100 mil mulheres.

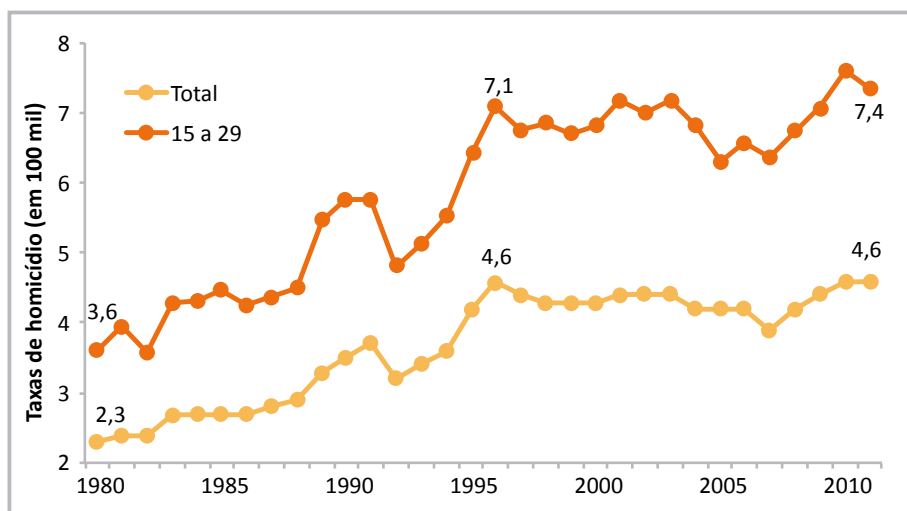
³⁴ A Lei Maria da Penha entra em vigor em setembro de 2006, aumentando o rigor das punições das agressões contra as mulheres no âmbito doméstico.

| Tabela 8.1.1. Evolução dos homicídios femininos por faixas etárias – Brasil. 1980/2011 | | | | | | | | | | |
|--|--------|-------|------------|-------|------------|-------|------------|-------|------------|-------|
| Ano | Total | | De 15 a 29 | | De 15 a 19 | | De 20 a 24 | | De 25 a 29 | |
| | Número | Taxas | Número | Taxas | Número | Taxas | Número | Taxas | Número | Taxas |
| 1980 | 1.353 | 2,3 | 630 | 3,6 | 200 | 2,9 | 213 | 3,6 | 217 | 4,5 |
| 1981 | 1.487 | 2,4 | 705 | 4,0 | 182 | 2,6 | 277 | 4,7 | 246 | 5,0 |
| 1982 | 1.497 | 2,4 | 647 | 3,6 | 171 | 2,5 | 259 | 4,3 | 217 | 4,3 |
| 1983 | 1.700 | 2,7 | 790 | 4,3 | 218 | 3,1 | 287 | 4,7 | 285 | 5,4 |
| 1984 | 1.736 | 2,7 | 808 | 4,3 | 239 | 3,4 | 296 | 4,8 | 273 | 5,0 |
| 1985 | 1.766 | 2,7 | 853 | 4,5 | 245 | 3,4 | 337 | 5,3 | 271 | 4,9 |
| 1986 | 1.799 | 2,7 | 826 | 4,3 | 248 | 3,4 | 312 | 4,9 | 266 | 4,7 |
| 1987 | 1.935 | 2,8 | 863 | 4,4 | 245 | 3,4 | 325 | 5,0 | 293 | 5,0 |
| 1988 | 2.025 | 2,9 | 898 | 4,5 | 253 | 3,4 | 327 | 5,0 | 318 | 5,3 |
| 1989 | 2.344 | 3,3 | 1.107 | 5,5 | 320 | 4,3 | 438 | 6,6 | 349 | 5,7 |
| 1990 | 2.585 | 3,5 | 1.187 | 5,8 | 322 | 4,3 | 423 | 6,3 | 442 | 7,0 |
| 1991 | 2.727 | 3,7 | 1.201 | 5,8 | 353 | 4,7 | 413 | 6,0 | 435 | 6,7 |
| 1992 | 2.399 | 3,2 | 1.011 | 4,8 | 281 | 3,6 | 367 | 5,3 | 363 | 5,6 |
| 1993 | 2.622 | 3,4 | 1.104 | 5,1 | 314 | 4,0 | 404 | 5,7 | 386 | 5,8 |
| 1994 | 2.838 | 3,6 | 1.203 | 5,5 | 424 | 5,4 | 389 | 5,4 | 390 | 5,8 |
| 1995 | 3.325 | 4,2 | 1.420 | 6,4 | 446 | 5,6 | 501 | 6,9 | 473 | 6,9 |
| 1996 | 3.682 | 4,6 | 1.577 | 7,1 | 482 | 5,8 | 574 | 7,9 | 521 | 7,9 |
| 1997 | 3.587 | 4,4 | 1.525 | 6,8 | 479 | 5,7 | 575 | 7,8 | 471 | 7,0 |
| 1998 | 3.503 | 4,3 | 1.567 | 6,8 | 527 | 6,1 | 553 | 7,4 | 487 | 7,2 |
| 1999 | 3.536 | 4,3 | 1.556 | 6,7 | 547 | 6,3 | 546 | 7,2 | 463 | 6,7 |
| 2000 | 3.743 | 4,3 | 1.643 | 6,8 | 592 | 6,6 | 588 | 7,3 | 463 | 6,6 |
| 2001 | 3.851 | 4,4 | 1.751 | 7,2 | 590 | 6,5 | 580 | 7,1 | 581 | 8,1 |
| 2002 | 3.867 | 4,4 | 1.736 | 7,0 | 552 | 6,0 | 631 | 7,6 | 553 | 7,6 |
| 2003 | 3.937 | 4,4 | 1.801 | 7,2 | 608 | 6,5 | 650 | 7,7 | 543 | 7,4 |
| 2004 | 3.830 | 4,2 | 1.733 | 6,8 | 530 | 5,6 | 650 | 7,6 | 553 | 7,4 |
| 2005 | 3.884 | 4,2 | 1.653 | 6,3 | 488 | 5,0 | 596 | 6,8 | 569 | 7,4 |
| 2006 | 4.022 | 4,2 | 1.742 | 6,6 | 520 | 5,3 | 637 | 7,1 | 585 | 7,5 |
| 2007 | 3.772 | 3,9 | 1.663 | 6,4 | 496 | 5,8 | 570 | 6,3 | 597 | 6,9 |
| 2008 | 4.023 | 4,2 | 1.739 | 6,7 | 505 | 6,0 | 624 | 7,1 | 610 | 7,0 |
| 2009 | 4.260 | 4,4 | 1.832 | 7,1 | 543 | 6,6 | 646 | 7,4 | 643 | 7,2 |
| 2010 | 4.465 | 4,6 | 1.957 | 7,6 | 575 | 6,8 | 691 | 8,0 | 691 | 8,0 |
| 2011 | 4.512 | 4,6 | 1.911 | 7,4 | 616 | 7,2 | 605 | 7,0 | 690 | 7,9 |
| 1980/1990* | 20.227 | 52,2 | 9.314 | 60,6 | 2.643 | 47,6 | 3.494 | 71,7 | 3.177 | 55,2 |
| 1990/2000* | 34.547 | 22,9 | 14.994 | 18,2 | 4.767 | 54,3 | 5.333 | 16,0 | 4.894 | -6,2 |
| 2000/2011* | 48.166 | 7,0 | 21.161 | 7,9 | 6.615 | 9,1 | 7.468 | -4,2 | 7.078 | 20,2 |
| 1980/2011* | 96.612 | 100,0 | 42.639 | 104,9 | 13.111 | 148,6 | 15.284 | 90,9 | 14.244 | 75,1 |

Fonte: SIM/SVS/MS.

Nota: * Soma do número de homicídios e crescimento % das taxas no período.

Gráfico 8.1.1. Evolução das taxas de homicídio total e juvenil de mulheres – Brasil. 1980/2011



Fonte: SIM/SVS/MS.

O panorama da violência contra a mulher se apresenta bem mais heterogêneo quando desagregamos os dados das UFs, como podemos ver nas tabelas 8.1.2 e 8.1.3 e no gráfico 8.1.2. O estado mais violento – Espírito Santo – teve, em 2011, uma taxa de 9,2 vítimas de homicídio por 100 mil mulheres. No estado de menor índice, o Piauí, essa taxa foi de 2,6. Dessa forma, a taxa do Espírito Santo resulta perto de quatro vezes maior que a do Piauí. Mas os dados também indicam que o Espírito Santo atingiu o pico de 12,3 homicídios por 100 mil mulheres em 2009. Em 2010 e 2011, as taxas caem, mas não o suficiente para tirar o estado do primeiro lugar nesse mapa da violência contra as mulheres.

Outros fatos merecem destaque:

- Considerando o Brasil, o número de homicídios de mulheres aumenta 17,2% na década, duplicando o crescimento do número de assassinatos masculinos que, no mesmo período, foi de 8,1%.
- O impacto da Campanha do Desarmamento em 2004 e 2005 também foi relativamente mais baixo que entre os homens, devido fundamentalmente a maior carga de domesticidade neste tipo de assassinato e menor uso relativo de armas de fogo.
- Em duas unidades, Bahia e Paraíba, o número de homicídios de mulheres mais que triplica na década.

Tabela 8.1.2. Número de homicídios femininos por UF e regiões – Brasil. 2001/2011

| UF/Região | 2001 | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 | Δ % |
|---------------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|
| Acre | 12 | 11 | 15 | 10 | 13 | 15 | 17 | 14 | 16 | 18 | 19 | 58,3 |
| Amapá | 12 | 12 | 16 | 15 | 15 | 13 | 11 | 13 | 12 | 16 | 19 | 58,3 |
| Amazonas | 55 | 35 | 35 | 49 | 47 | 52 | 51 | 63 | 67 | 66 | 80 | 45,5 |
| Pará | 98 | 72 | 90 | 93 | 124 | 136 | 144 | 164 | 180 | 230 | 185 | 88,8 |
| Rondônia | 65 | 43 | 51 | 33 | 49 | 51 | 27 | 39 | 52 | 37 | 48 | -26,2 |
| Roraima | 7 | 12 | 6 | 7 | 12 | 13 | 19 | 15 | 24 | 11 | 10 | 42,9 |
| Tocantins | 24 | 21 | 22 | 18 | 21 | 24 | 29 | 21 | 31 | 34 | 48 | 100,0 |
| NORTE | 273 | 206 | 235 | 225 | 281 | 304 | 298 | 329 | 382 | 412 | 409 | 49,8 |
| Alagoas | 54 | 70 | 69 | 76 | 75 | 106 | 108 | 83 | 109 | 134 | 138 | 155,6 |
| Bahia | 116 | 119 | 152 | 195 | 209 | 241 | 249 | 308 | 341 | 433 | 444 | 282,8 |
| Ceará | 115 | 124 | 103 | 123 | 141 | 133 | 126 | 118 | 140 | 174 | 190 | 65,2 |
| Maranhão | 54 | 37 | 66 | 53 | 58 | 65 | 61 | 81 | 84 | 117 | 130 | 140,7 |
| Paraíba | 47 | 44 | 35 | 61 | 59 | 63 | 69 | 85 | 97 | 117 | 143 | 204,3 |
| Pernambuco | 295 | 279 | 272 | 275 | 283 | 314 | 287 | 298 | 308 | 251 | 264 | -10,5 |
| Piauí | 36 | 28 | 33 | 26 | 42 | 32 | 36 | 40 | 32 | 40 | 32 | -11,1 |
| Rio Grande do Norte | 24 | 23 | 32 | 21 | 42 | 41 | 43 | 60 | 56 | 71 | 70 | 191,7 |
| Sergipe | 32 | 37 | 34 | 29 | 29 | 42 | 37 | 35 | 41 | 45 | 60 | 87,5 |
| NORDESTE | 773 | 761 | 796 | 859 | 938 | 1.037 | 1.016 | 1.108 | 1.208 | 1.382 | 1.471 | 90,3 |
| Espírito Santo | 133 | 149 | 142 | 135 | 148 | 183 | 184 | 191 | 217 | 175 | 166 | 24,8 |
| Minas Gerais | 240 | 293 | 370 | 370 | 375 | 393 | 406 | 372 | 401 | 405 | 457 | 90,4 |
| Rio de Janeiro | 564 | 563 | 525 | 507 | 510 | 508 | 416 | 372 | 351 | 339 | 369 | -34,6 |
| São Paulo | 1.102 | 1.051 | 1.032 | 859 | 777 | 778 | 591 | 666 | 653 | 671 | 573 | -48,0 |
| SUDESTE | 2.039 | 2.056 | 2.069 | 1.871 | 1.810 | 1.862 | 1.597 | 1.601 | 1.622 | 1.590 | 1.565 | -23,2 |
| Paraná | 196 | 202 | 229 | 250 | 241 | 248 | 243 | 307 | 330 | 338 | 282 | 43,9 |
| Rio Grande do Sul | 179 | 197 | 176 | 194 | 206 | 161 | 192 | 216 | 226 | 227 | 201 | 12,3 |
| Santa Catarina | 61 | 76 | 69 | 80 | 68 | 93 | 71 | 86 | 92 | 111 | 76 | 24,6 |
| SUL | 436 | 475 | 474 | 524 | 515 | 502 | 506 | 609 | 648 | 676 | 559 | 28,2 |
| Distrito Federal | 50 | 56 | 75 | 59 | 57 | 55 | 67 | 72 | 85 | 78 | 83 | 66,0 |
| Goiás | 125 | 141 | 132 | 138 | 124 | 136 | 126 | 161 | 155 | 172 | 261 | 108,8 |
| Mato Grosso | 92 | 93 | 92 | 99 | 89 | 71 | 96 | 84 | 94 | 80 | 87 | -5,4 |
| Mato Grosso do Sul | 63 | 79 | 64 | 55 | 70 | 55 | 66 | 59 | 66 | 75 | 77 | 22,2 |
| CENTRO-OESTE | 330 | 369 | 363 | 351 | 340 | 317 | 355 | 376 | 400 | 405 | 508 | 53,9 |
| BRASIL | 3.851 | 3.867 | 3.937 | 3.830 | 3.884 | 4.022 | 3.772 | 4.023 | 4.260 | 4.465 | 4.512 | 17,2 |

Fonte: SIM/SVS/MS.

- Cinco estados: Tocantins, Alagoas, Maranhão, Rio Grande do Norte e Goiás muito mais que duplicam seu número de homicídios de mulheres.
- Apenas seis UFs conseguiram diminuir os homicídios femininos na década, com destaque para as acentuadas quedas de São Paulo e Rio de Janeiro.

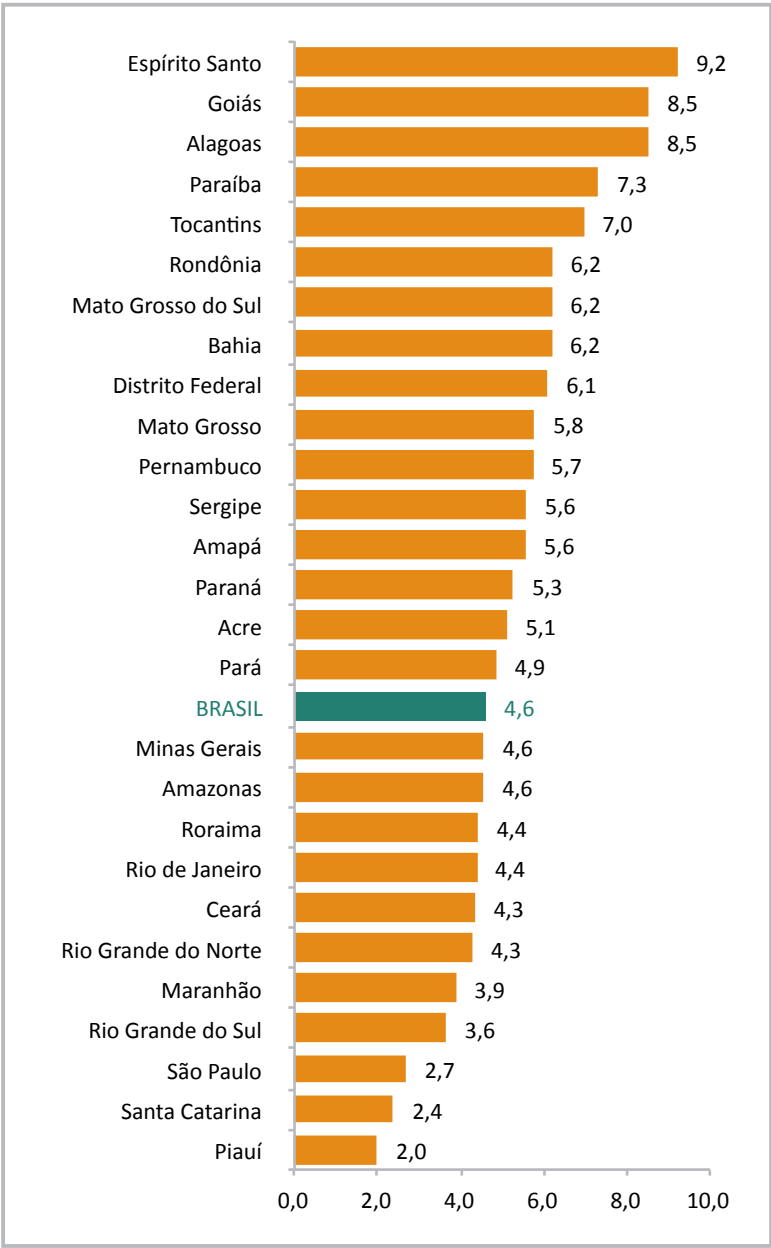
Tabela 8.1.3. Taxas de homicídios femininos (por 100 mil) na população total segundo UF e região. Brasil. 2001/2011

| UF/Região | 2001 | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 | Δ% 01/11 |
|---------------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|----------|
| Acre | 4,2 | 3,8 | 5,0 | 3,3 | 3,9 | 4,4 | 4,9 | 4,1 | 4,7 | 4,9 | 5,1 | |
| Amapá | 4,8 | 4,7 | 6,0 | 5,4 | 5,1 | 4,2 | 3,5 | 4,3 | 3,8 | 4,8 | 5,6 | |
| Amazonas | 3,8 | 2,4 | 2,3 | 3,2 | 2,9 | 3,2 | 3,0 | 3,8 | 4,0 | 3,8 | 4,6 | |
| Pará | 3,1 | 2,3 | 2,8 | 2,8 | 3,6 | 3,9 | 4,0 | 4,5 | 4,9 | 6,1 | 4,9 | |
| Rondônia | 9,5 | 6,2 | 7,2 | 4,6 | 6,6 | 6,7 | 3,5 | 5,3 | 7,0 | 4,8 | 6,2 | |
| Roraima | 4,3 | 7,1 | 3,4 | 3,9 | 6,3 | 6,6 | 9,6 | 7,7 | 12,1 | 5,0 | 4,4 | |
| Tocantins | 4,1 | 3,6 | 3,7 | 2,9 | 3,3 | 3,7 | 4,3 | 3,3 | 4,9 | 5,0 | 7,0 | |
| NORTE | 4,2 | 3,1 | 3,5 | 3,2 | 3,9 | 4,1 | 3,9 | 4,4 | 5,0 | 5,2 | 5,1 | |
| Alagoas | 3,7 | 4,7 | 4,6 | 5,0 | 4,9 | 6,8 | 6,8 | 5,2 | 6,8 | 8,3 | 8,5 | |
| Bahia | 1,7 | 1,8 | 2,2 | 2,8 | 3,0 | 3,4 | 3,5 | 4,2 | 4,6 | 6,1 | 6,2 | |
| Ceará | 3,0 | 3,2 | 2,6 | 3,1 | 3,4 | 3,2 | 3,0 | 2,7 | 3,2 | 4,0 | 4,3 | |
| Maranhão | 1,9 | 1,3 | 2,2 | 1,8 | 1,9 | 2,1 | 1,9 | 2,6 | 2,6 | 3,5 | 3,9 | |
| Paraíba | 2,6 | 2,4 | 1,9 | 3,3 | 3,2 | 3,4 | 3,7 | 4,4 | 5,0 | 6,0 | 7,3 | |
| Pernambuco | 7,1 | 6,7 | 6,4 | 6,5 | 6,5 | 7,1 | 6,5 | 6,6 | 6,8 | 5,5 | 5,7 | |
| Piauí | 2,5 | 1,9 | 2,2 | 1,7 | 2,7 | 2,1 | 2,3 | 2,5 | 2,0 | 2,5 | 2,0 | |
| Rio Grande do Norte | 1,7 | 1,6 | 2,2 | 1,4 | 2,7 | 2,6 | 2,7 | 3,8 | 3,5 | 4,4 | 4,3 | |
| Sergipe | 3,5 | 3,9 | 3,6 | 3,0 | 2,9 | 4,1 | 3,6 | 3,4 | 4,0 | 4,2 | 5,6 | |
| NORDESTE | 3,1 | 3,1 | 3,2 | 3,4 | 3,6 | 3,9 | 3,8 | 4,1 | 4,4 | 5,1 | 5,4 | |
| Espírito Santo | 8,4 | 9,2 | 8,7 | 8,1 | 8,6 | 10,5 | 10,3 | 10,9 | 12,3 | 9,8 | 9,2 | |
| Minas Gerais | 2,6 | 3,2 | 3,9 | 3,9 | 3,9 | 4,0 | 4,1 | 3,7 | 4,0 | 4,1 | 4,6 | |
| Rio de Janeiro | 7,4 | 7,3 | 6,8 | 6,5 | 6,4 | 6,3 | 5,1 | 4,5 | 4,2 | 4,1 | 4,4 | |
| São Paulo | 5,7 | 5,4 | 5,2 | 4,3 | 3,8 | 3,7 | 2,8 | 3,2 | 3,1 | 3,2 | 2,7 | |
| SUDESTE | 5,4 | 5,4 | 5,4 | 4,8 | 4,5 | 4,6 | 3,9 | 3,9 | 3,9 | 3,9 | 3,8 | |
| Paraná | 4,0 | 4,1 | 4,6 | 4,9 | 4,7 | 4,7 | 4,6 | 5,7 | 6,1 | 6,4 | 5,3 | |
| Rio Grande do Sul | 3,4 | 3,7 | 3,3 | 3,6 | 3,7 | 2,9 | 3,4 | 3,9 | 4,1 | 4,1 | 3,6 | |
| Santa Catarina | 2,2 | 2,7 | 2,5 | 2,8 | 2,3 | 3,1 | 2,3 | 2,8 | 3,0 | 3,5 | 2,4 | |
| SUL | 3,4 | 3,6 | 3,6 | 3,9 | 3,8 | 3,6 | 3,6 | 4,4 | 4,6 | 4,8 | 4,0 | |
| Distrito Federal | 4,6 | 5,0 | 6,6 | 5,1 | 4,7 | 4,4 | 5,3 | 5,4 | 6,2 | 5,8 | 6,1 | |
| Goiás | 4,9 | 5,4 | 5,0 | 5,1 | 4,4 | 4,7 | 4,3 | 5,5 | 5,2 | 5,7 | 8,5 | |
| Mato Grosso | 7,4 | 7,3 | 7,1 | 7,6 | 6,5 | 5,1 | 6,7 | 5,8 | 6,4 | 5,4 | 5,8 | |
| Mato Grosso do Sul | 6,0 | 7,4 | 5,9 | 5,0 | 6,2 | 4,8 | 5,6 | 5,0 | 5,6 | 6,1 | 6,2 | |
| CENTRO-OESTE | 5,5 | 6,1 | 5,9 | 5,6 | 5,2 | 4,8 | 5,2 | 5,4 | 5,7 | 5,7 | 7,1 | |
| BRASIL | 4,4 | 4,4 | 4,4 | 4,2 | 4,2 | 4,2 | 3,9 | 4,2 | 4,4 | 4,6 | 4,6 | |

Fonte: SIM/SVS/MS.

Três estados se destacam pelas suas elevadas taxas: Espírito Santo, Goiás e Alagoas, todas acima de oito homicídios por 100 mil mulheres. No extremo oposto, Piauí, Santa Catarina e São Paulo não chegam aos três homicídios por 100 mil mulheres.

Gráfico 8.1.2. Ordenamento das UF's segundo as taxas de homicídio feminino (por 100 mil) na população total – Brasil. 2011



Fonte: SIM/SVS/MS.

No gráfico 8.1.3, observamos a situação dos homicídios femininos na população jovem, de 15 a 29 anos, nas diferentes UF's, lista encabeçada por Espírito Santo, com 18,2 homicídios por cada 100 mil mulheres. No outro extremo, Piauí, registrou 2,7 homicídios por cada 100 mil mulheres do estado. Percebemos que a heterogeneidade é elevada.

Por tal motivo julgamos necessário detalhar também a situação e a evolução dos homicídios das mulheres jovens tanto nas UF's quanto nas capitais, dados que são apresentados nas tabelas e nos gráficos a seguir.

Tabela 8.1.4. Número de homicídios femininos na população jovem de 15 a 29 anos, por UF e regiões – Brasil. 2001/2011

| UF/Região | 2001 | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 | Δ % |
|---------------------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|
| Acre | 8 | 6 | 9 | 4 | 7 | 4 | 7 | 5 | 6 | 6 | 9 | 12,5 |
| Amapá | 7 | 5 | 8 | 8 | 6 | 3 | 6 | 4 | 4 | 4 | 10 | 42,9 |
| Amazonas | 27 | 18 | 19 | 19 | 23 | 25 | 28 | 26 | 21 | 33 | 28 | 3,7 |
| Pará | 46 | 30 | 45 | 43 | 55 | 54 | 64 | 78 | 83 | 115 | 79 | 71,7 |
| Rondônia | 32 | 15 | 24 | 15 | 26 | 24 | 10 | 15 | 23 | 10 | 20 | -37,5 |
| Roraima | 3 | 7 | 3 | 6 | 2 | 5 | 3 | 3 | 9 | 7 | 4 | 33,3 |
| Tocantins | 10 | 10 | 8 | 8 | 9 | 9 | 13 | 12 | 15 | 18 | 22 | 120,0 |
| NORTE | 133 | 91 | 116 | 103 | 128 | 124 | 131 | 143 | 161 | 193 | 172 | 29,3 |
| Alagoas | 23 | 30 | 30 | 34 | 35 | 55 | 54 | 42 | 53 | 60 | 62 | 169,6 |
| Bahia | 37 | 63 | 67 | 88 | 89 | 120 | 124 | 158 | 149 | 213 | 205 | 454,1 |
| Ceará | 48 | 60 | 44 | 52 | 58 | 51 | 50 | 42 | 66 | 62 | 83 | 72,9 |
| Maranhão | 25 | 12 | 29 | 25 | 30 | 28 | 32 | 39 | 36 | 51 | 55 | 120,0 |
| Paraíba | 25 | 21 | 14 | 18 | 24 | 25 | 30 | 29 | 49 | 51 | 71 | 184,0 |
| Pernambuco | 127 | 116 | 131 | 141 | 134 | 137 | 138 | 136 | 148 | 121 | 116 | -8,7 |
| Piauí | 20 | 9 | 19 | 17 | 14 | 19 | 12 | 16 | 12 | 12 | 12 | -40,0 |
| Rio Grande do Norte | 16 | 10 | 17 | 9 | 22 | 14 | 21 | 29 | 20 | 31 | 33 | 106,3 |
| Sergipe | 7 | 16 | 13 | 14 | 12 | 19 | 14 | 17 | 15 | 22 | 27 | 285,7 |
| NORDESTE | 328 | 337 | 364 | 398 | 418 | 468 | 475 | 508 | 548 | 623 | 664 | 102,4 |
| Espírito Santo | 61 | 73 | 58 | 59 | 64 | 79 | 77 | 89 | 107 | 78 | 87 | 42,6 |
| Minas Gerais | 102 | 119 | 177 | 183 | 158 | 189 | 179 | 189 | 170 | 186 | 193 | 89,2 |
| Rio de Janeiro | 234 | 227 | 213 | 207 | 203 | 196 | 167 | 156 | 136 | 132 | 145 | -38,0 |
| São Paulo | 539 | 533 | 525 | 400 | 341 | 345 | 265 | 242 | 245 | 276 | 195 | -63,8 |
| SUDESTE | 936 | 952 | 973 | 849 | 766 | 809 | 688 | 676 | 658 | 672 | 620 | -33,8 |
| Paraná | 95 | 85 | 102 | 120 | 100 | 116 | 111 | 138 | 158 | 164 | 119 | 25,3 |
| Rio Grande do Sul | 73 | 75 | 61 | 80 | 75 | 55 | 81 | 82 | 101 | 92 | 91 | 24,7 |
| Santa Catarina | 26 | 33 | 30 | 23 | 28 | 33 | 35 | 31 | 38 | 42 | 36 | 38,5 |
| SUL | 194 | 193 | 193 | 223 | 203 | 204 | 227 | 251 | 297 | 298 | 246 | 26,8 |
| Distrito Federal | 28 | 34 | 31 | 29 | 25 | 31 | 28 | 39 | 41 | 40 | 40 | 42,9 |
| Goiás | 57 | 61 | 58 | 59 | 48 | 53 | 53 | 58 | 56 | 78 | 102 | 78,9 |
| Mato Grosso | 43 | 38 | 40 | 49 | 35 | 33 | 34 | 38 | 45 | 28 | 34 | -20,9 |
| Mato Grosso do Sul | 32 | 30 | 26 | 23 | 30 | 20 | 27 | 26 | 26 | 25 | 33 | 3,1 |
| CENTRO-OESTE | 160 | 163 | 155 | 160 | 138 | 137 | 142 | 161 | 168 | 171 | 209 | 30,6 |
| BRASIL | 1.751 | 1.736 | 1.801 | 1.733 | 1.653 | 1.742 | 1.663 | 1.739 | 1.832 | 1.957 | 1.911 | 9,1 |

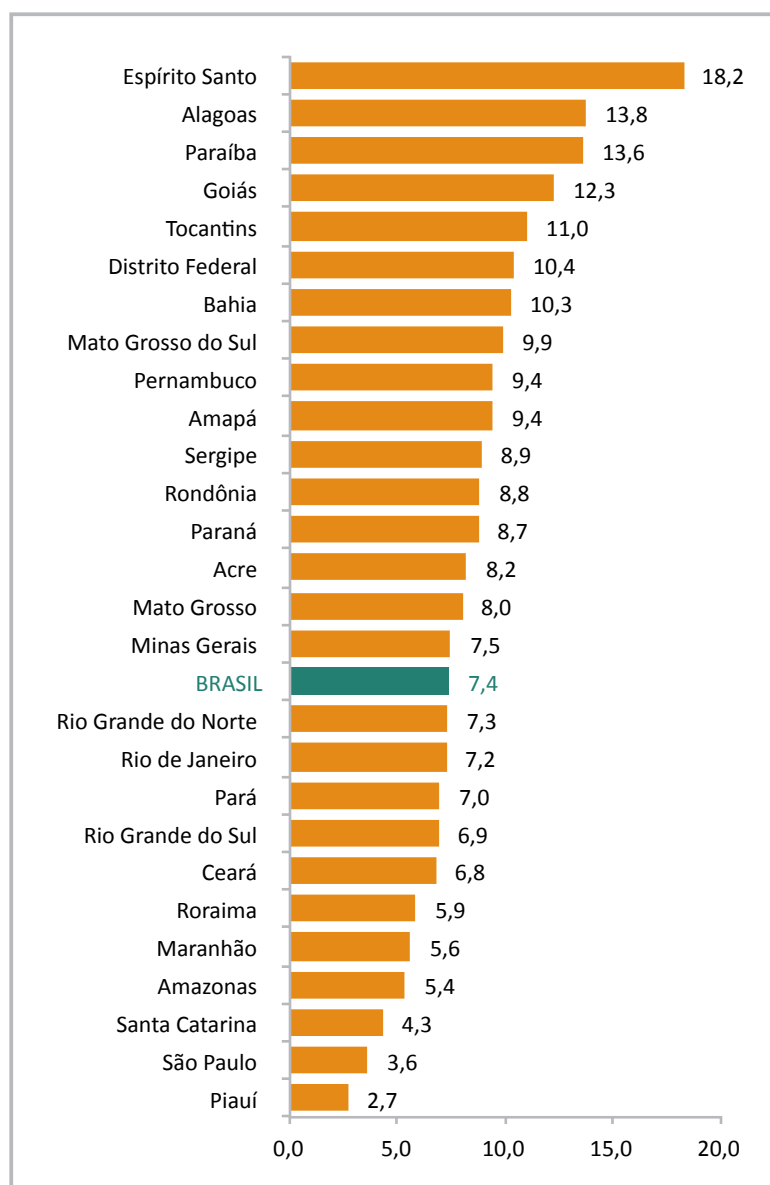
Fonte: SIM/SVS/MS.

Não houve dramáticos incrementos na década, mas sim uma quase imperceptível escalada que se resume a 9,1% de crescimento no número de homicídios de mulheres jovens na década e de 2,9% nas taxas por 100 mil jovens.

| Tabela 8.1.5 Taxas de homicídio femininos (por 100 mil) na população jovem de 15 a 29 anos por UF e regiões – Brasil. 2001/2011 | | | | | | | | | | | | |
|---|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|-------|
| UF/Região | 2001 | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 | Δ % |
| Acre | 9,2 | 6,8 | 9,9 | 4,3 | 6,9 | 3,9 | 6,7 | 5,0 | 5,9 | 5,6 | 8,2 | -11,1 |
| Amapá | 8,9 | 6,1 | 9,4 | 9,1 | 6,4 | 3,1 | 6,1 | 4,2 | 4,2 | 3,9 | 9,4 | 6,4 |
| Amazonas | 6,1 | 4,0 | 4,1 | 4,0 | 4,6 | 4,9 | 5,4 | 5,1 | 4,1 | 6,4 | 5,4 | -11,6 |
| Pará | 4,9 | 3,1 | 4,6 | 4,3 | 5,3 | 5,1 | 5,9 | 7,1 | 7,5 | 10,3 | 7,0 | 42,9 |
| Rondônia | 15,3 | 7,0 | 11,1 | 6,8 | 11,4 | 10,3 | 4,3 | 6,9 | 10,5 | 4,5 | 8,8 | -42,3 |
| Roraima | 6,0 | 13,5 | 5,6 | 10,9 | 3,4 | 8,3 | 5,0 | 5,1 | 15,2 | 10,5 | 5,9 | -1,6 |
| Tocantins | 5,8 | 5,7 | 4,4 | 4,4 | 4,7 | 4,6 | 6,4 | 6,3 | 7,9 | 9,1 | 11,0 | 90,3 |
| NORTE | 6,7 | 4,5 | 5,6 | 4,9 | 5,8 | 5,5 | 5,7 | 6,3 | 7,1 | 8,3 | 7,3 | 8,6 |
| Alagoas | 5,4 | 7,0 | 6,9 | 7,8 | 7,8 | 12,1 | 12,0 | 9,3 | 11,8 | 13,4 | 13,8 | 153,7 |
| Bahia | 1,9 | 3,2 | 3,3 | 4,3 | 4,3 | 5,7 | 6,0 | 7,5 | 7,2 | 10,7 | 10,3 | 449,7 |
| Ceará | 4,5 | 5,5 | 4,0 | 4,7 | 5,1 | 4,4 | 4,1 | 3,4 | 5,3 | 5,1 | 6,8 | 50,2 |
| Maranhão | 3,0 | 1,4 | 3,4 | 2,9 | 3,4 | 3,1 | 3,3 | 4,1 | 3,7 | 5,3 | 5,6 | 87,8 |
| Paraíba | 5,1 | 4,2 | 2,8 | 3,6 | 4,7 | 4,8 | 5,7 | 5,4 | 9,2 | 9,9 | 13,6 | 169,8 |
| Pernambuco | 10,8 | 9,8 | 10,9 | 11,7 | 10,8 | 11,0 | 11,2 | 11,0 | 12,0 | 9,9 | 9,4 | -12,8 |
| Piauí | 4,7 | 2,1 | 4,4 | 3,9 | 3,2 | 4,2 | 2,6 | 3,5 | 2,6 | 2,7 | 2,7 | -43,2 |
| Rio Grande do Norte | 4,0 | 2,5 | 4,1 | 2,2 | 5,1 | 3,2 | 4,7 | 6,5 | 4,5 | 6,9 | 7,3 | 83,6 |
| Sergipe | 2,6 | 5,8 | 4,6 | 4,9 | 4,1 | 6,3 | 4,7 | 5,9 | 5,2 | 7,3 | 8,9 | 246,2 |
| NORDESTE | 4,6 | 4,7 | 5,0 | 5,4 | 5,6 | 6,2 | 6,2 | 6,6 | 7,1 | 8,3 | 8,7 | 88,2 |
| Espírito Santo | 13,4 | 15,8 | 12,4 | 12,4 | 13,0 | 15,8 | 15,7 | 18,8 | 22,8 | 16,5 | 18,2 | 35,8 |
| Minas Gerais | 4,1 | 4,7 | 6,9 | 7,0 | 5,9 | 7,0 | 6,7 | 7,2 | 6,5 | 7,3 | 7,5 | 84,0 |
| Rio de Janeiro | 12,1 | 11,6 | 10,7 | 10,3 | 9,9 | 9,4 | 8,5 | 8,0 | 7,0 | 6,6 | 7,2 | -40,0 |
| São Paulo | 10,2 | 9,9 | 9,6 | 7,2 | 6,0 | 6,0 | 4,8 | 4,5 | 4,6 | 5,2 | 3,6 | -64,4 |
| SUDESTE | 9,2 | 9,2 | 9,3 | 8,0 | 7,0 | 7,3 | 6,5 | 6,5 | 6,3 | 6,5 | 5,9 | -35,3 |
| Paraná | 7,2 | 6,3 | 7,5 | 8,7 | 7,1 | 8,1 | 7,9 | 9,9 | 11,3 | 12,1 | 8,7 | 22,2 |
| Rio Grande do Sul | 5,6 | 5,7 | 4,6 | 6,0 | 5,5 | 4,0 | 5,8 | 6,0 | 7,5 | 7,0 | 6,9 | 23,1 |
| Santa Catarina | 3,5 | 4,4 | 4,0 | 3,0 | 3,5 | 4,1 | 4,3 | 3,9 | 4,7 | 5,1 | 4,3 | 21,7 |
| SUL | 5,8 | 5,7 | 5,6 | 6,4 | 5,7 | 5,6 | 6,3 | 7,1 | 8,3 | 8,5 | 7,0 | 21,3 |
| Distrito Federal | 7,9 | 9,4 | 8,4 | 7,7 | 6,3 | 7,7 | 7,7 | 10,4 | 10,9 | 10,6 | 10,4 | 32,2 |
| Goiás | 7,5 | 7,9 | 7,3 | 7,3 | 5,7 | 6,2 | 6,4 | 7,1 | 6,9 | 9,5 | 12,3 | 64,1 |
| Mato Grosso | 11,4 | 9,9 | 10,3 | 12,3 | 8,5 | 7,8 | 8,2 | 9,1 | 10,8 | 6,7 | 8,0 | -30,2 |
| Mato Grosso do Sul | 10,7 | 9,9 | 8,5 | 7,4 | 9,4 | 6,2 | 8,4 | 8,2 | 8,1 | 7,6 | 9,9 | -7,9 |
| CENTRO-OESTE | 8,9 | 8,9 | 8,3 | 8,5 | 7,0 | 6,8 | 7,4 | 8,4 | 8,7 | 8,8 | 10,6 | 18,5 |
| BRASIL | 7,2 | 7,0 | 7,2 | 6,8 | 6,3 | 6,6 | 6,4 | 6,7 | 7,1 | 7,6 | 7,4 | 2,9 |

Fonte: SIM/SVS/MS.

Gráfico 8.1.3. Ordenamento das UF's segundo as taxas de homicídio feminino (por 100 mil) na população jovem de 15 a 29 anos – Brasil. 2011



Fonte: SIM/SVS/MS.

Gráfico 8.1.4a. Ordenamento das capitais segundo taxas de homicídio feminino (por 100 mil) na população total – Brasil. 2011

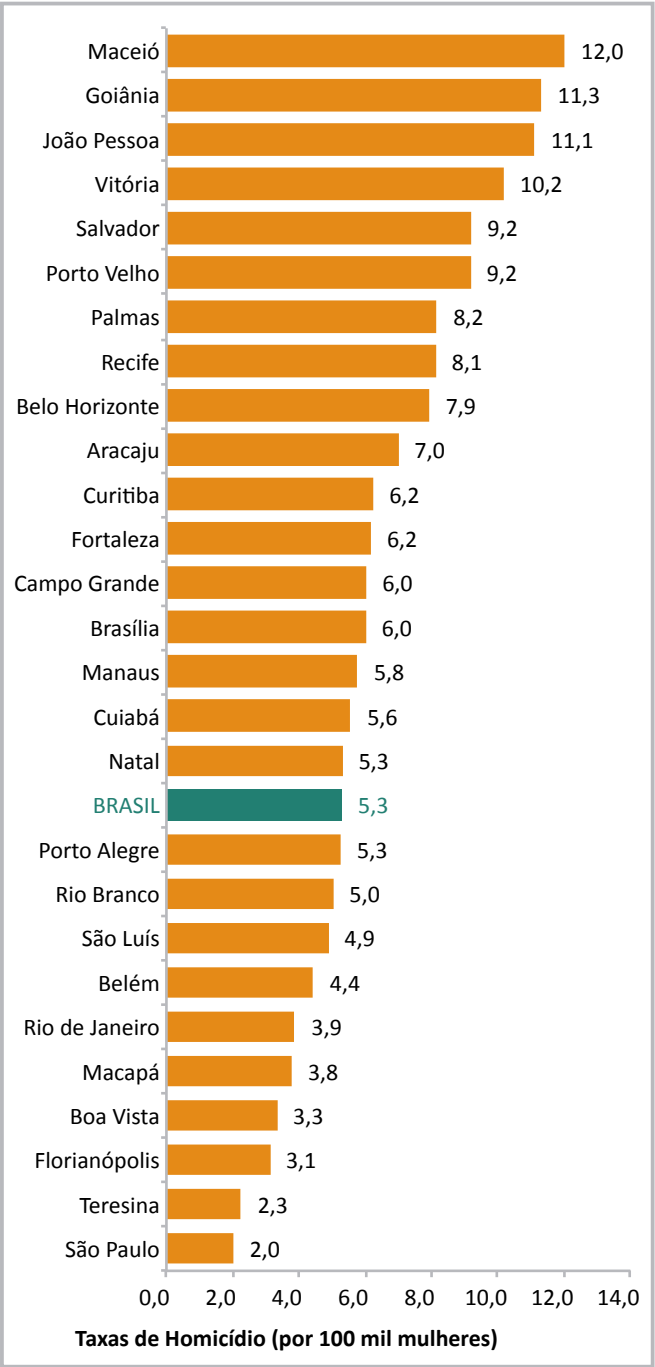
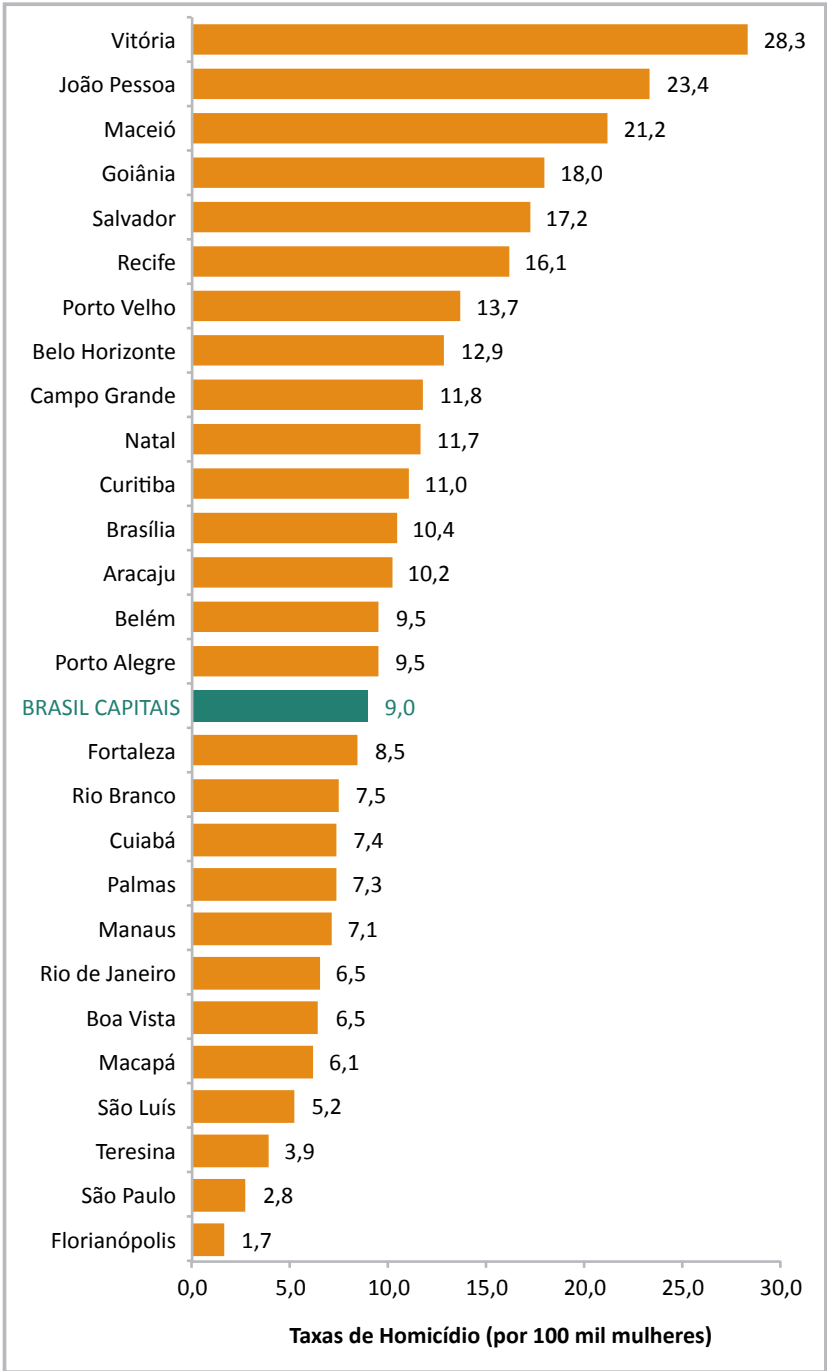
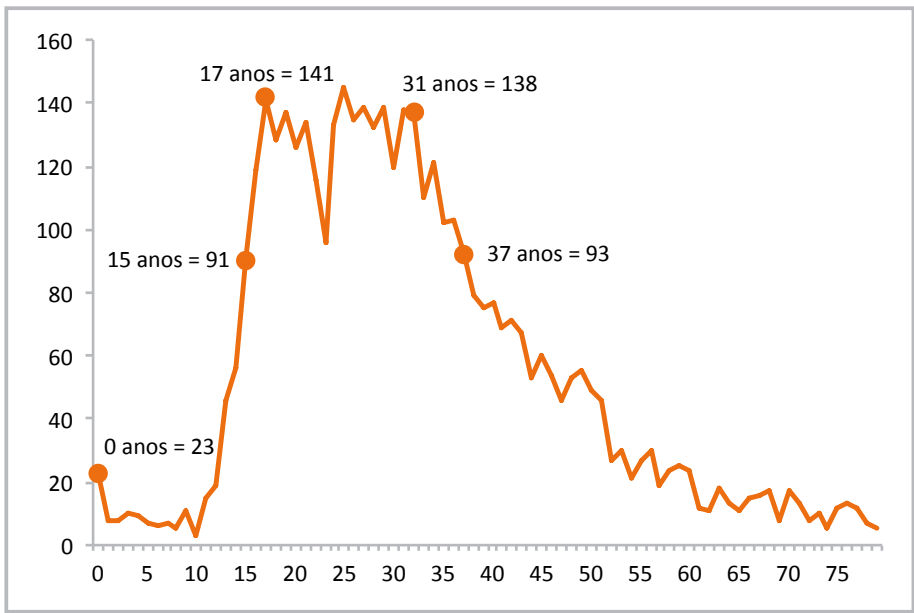


Gráfico 8.1.4b. Ordenamento das capitais segundo taxas de homicídio feminino (por 100 mil) na população jovem – Brasil. 2011



Outro fato que deve ser destacado é a distribuição etária das vítimas de homicídio. O gráfico 8.1.6 sintetiza o número de homicídios de mulheres para cada idade simples em 2011, assim percebemos a existência de uma espécie cimeira, um platô irregular de homicídios na faixa dos 17 aos 31 anos e gira em torno dos 140 homicídios anuais em cada uma dessas idades.

Gráfico 8.1.5. Número de homicídios de mulheres por idades simples – Brasil. 2011



Fonte: SIM/SVS/MS.

Como já tivemos oportunidade de analisar em um mapa anterior³⁵, a partir dos registros de atendimento por violências do Sistema Único de Saúde (SUS) nas bases do Sinan³⁶, em 2011, foram atendidas 70.270 mulheres vítimas de violência física. Nesse total de atendimentos:

- 71,8% das agressões aconteceram no domicílio da vítima;
- Em 43,4% dos casos, o agressor foi o parceiro ou ex da vítima (na faixa de 30 a 39 anos, essa proporção se eleva a 70,6%);
- Em 19,8% dos casos, os pais são os agressores (nos primeiros anos de vida, essa proporção fica acima de 80%); e
- Em 7,5% dos casos, os irmãos ou filhos são os agressores.

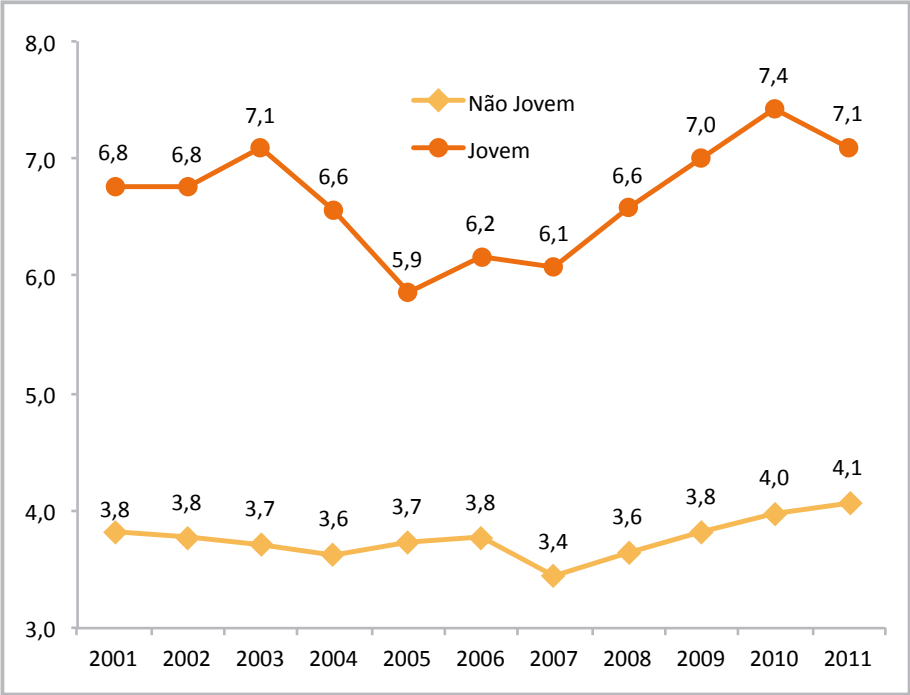
³⁵ WASELFSZ, J. J. **Mapa da Violência 2012**. Atualização: homicídio de mulheres no Brasil. Rio de Janeiro: Cebela/Flasco, 2012.

³⁶ Sistema de Informação de Agravos de Notificação do Ministério da Saúde.

Esses dados permitem inferir a forte carga doméstica desse tipo de violência que atinge sua máxima expressão, como vemos no gráfico 8.1.6, entre os 15 e os 37 anos da mulher.

O gráfico 8.1.7 permite verificar a acentuada diferença de taxas entre as mulheres jovens do país e as demais faixas etárias³⁷. Em alguns anos dessa série, as taxas das jovens praticamente duplicam as das *não jovens*, indicando o forte impacto da violência homicida entre as mulheres jovens.

Gráfico 8.1.6. Comparativo da evolução das taxas de homicídio na população total e na jovem – Brasil. 2001/2011



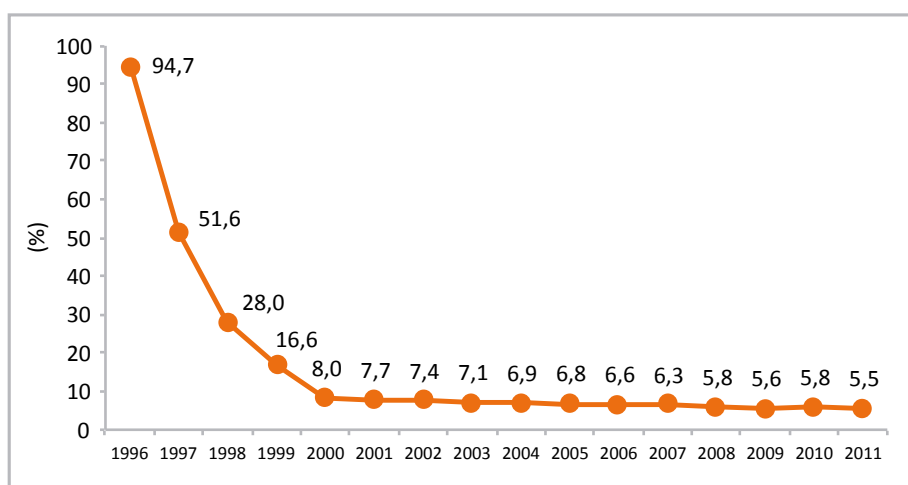
Fonte: SIM/SVS/MS.

³⁷ Novamente aqui utilizamos a categorização *jovem* – de 15 a 29 anos – e a *não jovem* – mulheres que ainda não chegaram aos 15 anos, ou que ultrapassaram os 29 anos.

9. RAÇA/COR

O SIM do MS inicia a divulgação de seus dados em 1979, mas em 1996 começa a oferecer informações referentes à raça/cor das vítimas, porém, com elevados níveis de sub-registro. Como foi explicado no capítulo de notas técnicas, houve uma progressiva melhoria na cobertura desse dado, como pode ser visto no gráfico 9.1. Na virada de século, a notificação supera a barreira de 90%, e continua melhorando.

Gráfico 9.1. Vítimas de homicídio sem indicação de raça/cor – Brasil. 1996/2011



Fonte: SIM/SVS/MS.

Mas ainda assim, subsistem dois problemas:

1. Se não forem tomadas providências metodológicas, essa melhoria nos registros pode ser confundida com agravamento da situação (melhor registro = maior número de vítimas).
2. Se a média nacional em 2011 foi de 5,5% sem identificado de raça/cor, algumas UF's, como Ceará ou Acre, apresentam taxas acima de 30% *não identificados*, pelo que a distribuição geográfica também apresentaria distorções.

Por esses motivos, optou-se por distribuir os casos de raça/cor *ignorados*, de acordo com as proporções de raça/cor registradas em cada UF, isto é, imputou-se raça /cor conforme as proporções identificadas em cada unidade.

É importante esclarecer que a categoria *negro* utilizada neste relatório, resulta do somatório das categorias preto e pardo empregadas pelo IBGE.

9.1. Evolução de 2001 a 2011

Nas tabelas 9.1.1 e 9.1.2, podemos observar uma acentuada tendência de **queda no número de homicídios na população branca e de aumento do número de vítimas na população negra**. Essa tendência se observa tanto para o conjunto da população quanto para a população jovem.

Efetivamente, no conjunto, se entre os brancos, o número de vítimas diminui de 19.735, em 2001, para 14.445, em 2011, o que representa uma queda de 53,4%; entre os negros, aumenta de 28.015 para 37.549 nessas mesmas datas: aumento de 67,7%.

Mas, como vimos no capítulo 2, não existiu uma grande alteração nas taxas globais de homicídio do país: em 2001, a taxa foi de 27,8 por 100 mil habitantes e, em 2011, de 27,1. Verificamos assim que, sem grandes alterações na superfície, acontece uma profunda transformação na estruturação interna da violência que precisa ainda ser explicada: a seletividade social dos que vão morrer vítimas de homicídio.

Efetivamente, no início do período analisado, as taxas de homicídio dos brancos era de 21,5 por 100 mil brancos. A de negros, 36,5 por 100 mil negros. Assim, em 2001, o índice de vitimização negra³⁸ foi de 69,4: morreram proporcionalmente 69,4% mais negros que brancos. Em 2011, esse índice sobe para 136,8. A vitimização negra, no período de 2001 a 2011, cresceu 193%.

| Tabela 9.1.1. Homicídios, taxas (por 100 mil) e vitimização segundo raça e/ou cor na população total – Brasil. 2001/2011 | | | | | | | | | | |
|--|--------|-------|--------|--------|---------|----------|--------|--------|-------|-------------|
| Ano | Branca | Preta | Parda | Negra* | Amarela | Indígena | Total | Taxas | | Vitimização |
| | | | | | | | | Branca | Negra | |
| 2001 | 19.735 | 4.393 | 23.622 | 28.015 | 120 | 75 | 47.946 | 21,5 | 36,5 | 69,4 |
| 2002 | 19.846 | 4.429 | 25.227 | 29.656 | 111 | 81 | 49.695 | 21,7 | 37,5 | 73,0 |
| 2003 | 19.700 | 5.011 | 26.067 | 31.079 | 192 | 84 | 51.054 | 21,5 | 38,2 | 77,3 |
| 2004 | 17.883 | 4.459 | 25.815 | 30.274 | 149 | 76 | 48.382 | 19,6 | 36,2 | 84,9 |
| 2005 | 16.360 | 4.084 | 26.952 | 31.036 | 87 | 100 | 47.582 | 17,9 | 36,1 | 101,5 |
| 2006 | 16.432 | 4.229 | 28.259 | 32.488 | 97 | 134 | 49.151 | 18,0 | 36,9 | 104,3 |
| 2007 | 14.908 | 4.186 | 28.416 | 32.601 | 48 | 154 | 47.712 | 16,4 | 36,1 | 120,1 |
| 2008 | 15.263 | 4.118 | 30.496 | 34.614 | 79 | 162 | 50.117 | 16,8 | 37,4 | 122,4 |
| 2009 | 15.378 | 4.103 | 31.751 | 35.854 | 64 | 143 | 51.438 | 16,9 | 37,8 | 122,9 |
| 2010 | 14.645 | 4.324 | 33.111 | 37.435 | 66 | 118 | 52.263 | 16,2 | 38,5 | 138,4 |
| 2011 | 14.435 | 4.398 | 33.150 | 37.549 | 73 | 146 | 52.202 | 15,9 | 37,8 | 136,8 |
| Δ% | -53,4 | 0,2 | 80,3 | 67,7 | -78,1 | 190,1 | 17,7 | -25,9 | 3,5 | 97,2 |

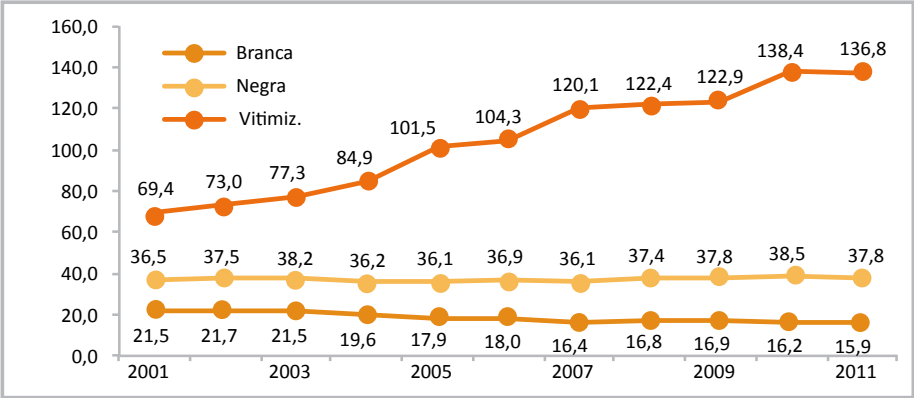
Fonte: SIM/SVS/MS.
Nota: *Soma das categorias preta e parda.

³⁸ A vitimização negra resulta da relação entre as taxas brancas e as taxas negras. Assim, em 2001, se a vitimização foi de 57,6%, significa que, proporcionalmente, morreram 57,6% mais negros que brancos.

| Tabela 9.1.2. Homicídios, taxas (por 100 mil) e vitimização segundo raça e/ou cor na população de 15 a 29 anos – Brasil. 2001/2011 | | | | | | | | | | |
|--|--------|-------|--------|--------|---------|----------|--------|--------|-------|-------------|
| Ano | Branca | Preta | Parda | Negra* | Amarela | Indígena | Total | Taxas | | Vitimização |
| | | | | | | | | Branca | Negra | |
| 2001 | 9.864 | 2.525 | 13.836 | 16.361 | 46 | 28 | 26.299 | 41,0 | 72,6 | 76,9 |
| 2002 | 10.072 | 2.598 | 14.902 | 17.499 | 46 | 34 | 27.652 | 42,1 | 75,8 | 79,9 |
| 2003 | 10.067 | 2.977 | 15.326 | 18.303 | 96 | 33 | 28.499 | 42,3 | 77,4 | 82,9 |
| 2004 | 8.869 | 2.656 | 15.382 | 18.038 | 65 | 33 | 27.006 | 37,5 | 74,5 | 98,8 |
| 2005 | 7.984 | 2.418 | 15.845 | 18.263 | 34 | 51 | 26.332 | 33,9 | 73,7 | 117,5 |
| 2006 | 7.884 | 2.439 | 16.405 | 18.844 | 41 | 47 | 26.815 | 33,6 | 74,4 | 121,1 |
| 2007 | 7.165 | 2.443 | 16.409 | 18.852 | 13 | 74 | 26.104 | 30,7 | 72,8 | 136,8 |
| 2008 | 7.184 | 2.391 | 17.795 | 20.185 | 23 | 76 | 27.469 | 31,0 | 76,3 | 146,3 |
| 2009 | 7.216 | 2.299 | 18.215 | 20.514 | 18 | 54 | 27.803 | 31,3 | 75,9 | 142,7 |
| 2010 | 6.746 | 2.365 | 18.785 | 21.150 | 29 | 53 | 27.978 | 29,4 | 76,7 | 160,9 |
| 2011 | 6.540 | 2.349 | 18.503 | 20.852 | 26 | 54 | 27.472 | 28,7 | 74,1 | 158,6 |
| Δ% | -67,1 | -13,9 | 67,1 | 54,6 | -85,1 | 185,1 | 8,9 | -30,2 | 2,1 | 106,2 |

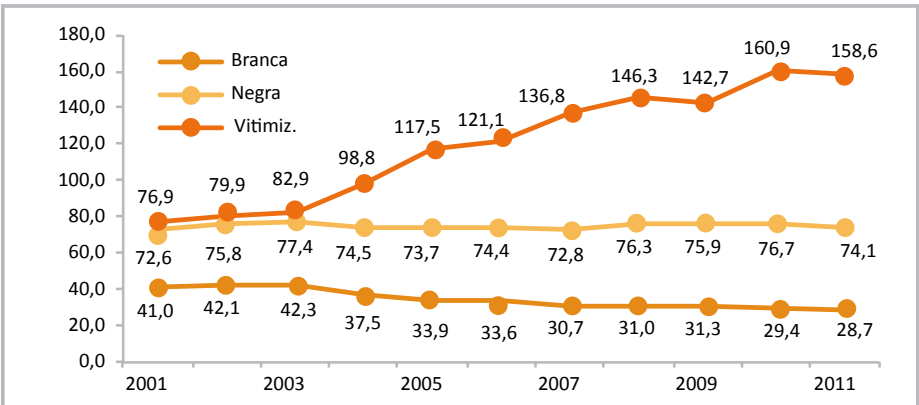
Fonte: SIM/SVS/MS.
 Nota: *Soma das categorias preta e parda.

Gráfico 9.1.1 Taxas por raça/cor na população total



Fonte: SIM/SVS/MS.

Gráfico 9.1.2 Taxas por raça/cor na população jovem



Fonte: SIM/SVS/MS.

Entre os jovens de 15 a 29 anos, a evolução foi semelhante, mas as tendências apontadas anteriormente se manifestam de forma mais intensa:

- O número de homicídios de jovens brancos cai de 9.864, em 2001, para 6.540, em 2011: queda de 67,1%, bem maior que a do conjunto da população, que foi de 53,4%%.
- As vítimas negras entre os jovens aumentaram de 16.361 para 20.852, isto é, um acréscimo de 54,6%, menor que no conjunto da população.
- Assim, o índice de vitimização negra, que em 2001 era de 76,9 sobe para 158,6: para cada jovem branco que morre assassinado, morrem 2,5 jovens negros.

Dessa forma, se os índices de homicídio do país nesse período estagnaram ou mudaram pouco, foi devido a essa associação inaceitável e crescente entre homicídios e cor da pele das vítimas, na qual progressivamente a violência homicida se concentra na população negra e, de forma muito especial, nos jovens negros. E o que alarma mais ainda é a tendência crescente dessa mortalidade seletiva. Tentaremos agora aprofundar nos mecanismos pelos quais essa seletividade opera, dado que são mecanismos que atingem o conjunto da sociedade brasileira. Não são mecanismos de segregação aberta e ostensível, mas originam as mesmas consequências.

Antes, deveremos ainda desagregar essa larga trajetória juvenil nos *momentos* estabelecidos anteriormente, o que pode ser visualizado nos gráficos e nas tabelas a seguir.

| Tabela 9.1.3. Homicídios, taxas (por 100 mil) e vitimização segundo raça e/ou cor na população de 15 a 19 anos – Brasil, 2001/2011 | | | | | | | | | | |
|--|--------|-------|-------|--------|---------|----------|-------|--------|-------|-------------|
| Ano | Branca | Preta | Parda | Negra* | Amarela | Indígena | Total | Taxas | | Vitimização |
| | | | | | | | | Branca | Negra | |
| 2001 | 2.710 | 733 | 4.168 | 4.901 | 12 | 15 | 7.638 | 31,7 | 57,3 | 80,8 |
| 2002 | 2.737 | 747 | 4.412 | 4.244 | 11 | 12 | 7.918 | 32,5 | 49,0 | 50,8 |
| 2003 | 2.734 | 824 | 4.352 | 5.176 | 34 | 8 | 7.953 | 33,1 | 59,1 | 78,9 |
| 2004 | 2.390 | 723 | 4.395 | 5.118 | 12 | 10 | 7.530 | 29,4 | 57,8 | 96,7 |
| 2005 | 2.233 | 649 | 4.619 | 5.268 | 7 | 18 | 7.526 | 27,9 | 58,9 | 110,7 |
| 2006 | 2.128 | 669 | 4.730 | 5.399 | 11 | 14 | 7.551 | 27,1 | 59,7 | 120,1 |
| 2007 | 1.889 | 680 | 4.692 | 5.372 | 2 | 26 | 7.289 | 24,5 | 58,7 | 139,7 |
| 2008 | 1.851 | 636 | 5.018 | 5.654 | 6 | 33 | 7.544 | 24,5 | 61,2 | 150,1 |
| 2009 | 1.759 | 604 | 5.121 | 5.725 | 2 | 12 | 7.498 | 23,7 | 61,3 | 158,8 |
| 2010 | 1.730 | 654 | 5.342 | 5.997 | 11 | 20 | 7.758 | 23,7 | 63,5 | 167,5 |
| 2011 | 1.719 | 681 | 5.582 | 6.263 | 3 | 13 | 7.998 | 24,1 | 65,7 | 173,0 |
| Δ% | -72,8 | -14,1 | 67,5 | 55,3 | -145,1 | -29,6 | 9,4 | -24,1 | 14,6 | 114,0 |

Fonte: SIM/SVS/MS.

Nota: *Soma das categorias preta e parda.

| Tabela 9.1.4. Homicídios, taxas (por 100 mil) e vitimização segundo raça e/ou cor na população de 20 a 24 anos – Brasil. 2001/2011 | | | | | | | | | | |
|--|--------|-------|-------|--------|---------|----------|--------|--------|-------|-------------|
| Ano | Branca | Preta | Parda | Negra* | Amarela | Indígena | Total | Taxas | | Vitimização |
| | | | | | | | | Branca | Negra | |
| 2001 | 3869 | 1.041 | 5.567 | 6.608 | 15 | 6 | 10.498 | 45,9 | 85,8 | 86,9 |
| 2002 | 4107 | 1.083 | 6.063 | 7.146 | 25 | 10 | 11.287 | 49,2 | 90,8 | 84,6 |
| 2003 | 4111 | 1.273 | 6.346 | 7.619 | 38 | 13 | 11.782 | 49,7 | 94,8 | 90,8 |
| 2004 | 3674 | 1.084 | 6.281 | 7.364 | 25 | 9 | 11.071 | 44,8 | 89,8 | 100,3 |
| 2005 | 3153 | 976 | 6.308 | 7.284 | 15 | 17 | 10.469 | 38,8 | 87,0 | 124,2 |
| 2006 | 3072 | 977 | 6.439 | 7.416 | 14 | 20 | 10.522 | 38,2 | 86,8 | 127,4 |
| 2007 | 2773 | 974 | 6.411 | 7.385 | 7 | 22 | 10.187 | 34,8 | 84,8 | 143,8 |
| 2008 | 2873 | 950 | 6.922 | 7.872 | 14 | 19 | 10.777 | 36,4 | 88,7 | 143,8 |
| 2009 | 2802 | 926 | 7.250 | 8.177 | 8 | 24 | 11.012 | 35,8 | 90,4 | 152,3 |
| 2010 | 2628 | 934 | 7.389 | 8.323 | 14 | 23 | 10.987 | 33,9 | 90,3 | 166,3 |
| 2011 | 2410 | 887 | 7.107 | 7.994 | 15 | 20 | 10.439 | 31,4 | 85,2 | 171,2 |
| Δ% | -75,0 | -29,4 | 55,0 | 41,7 | -4,0 | 418,4 | -1,1 | -31,6 | -0,7 | 97,0 |

Fonte: SIM/SVS/MS.
 Nota: *Soma das categorias preta e parda.

- Em todas as faixas juvenis, observamos significativas quedas nas taxas brancas, principalmente nas faixas acima dos 20 anos, com quedas em torno de 73% na década analisada. A menor queda, acontece na faixa dos 25 aos 99 anos: 53%, mas ainda bem expressiva.
- Entre os jovens negros, na faixa dos 15 aos 29 anos, as taxas ficam relativamente estagnadas – crescem só 4,2%:
 - só aumentam – 29,1%, na faixa de 15 a 19 anos;
 - 41,7% na faixa dos 20 a 24 anos caem 1,5%;
 - dos 25 aos 29 caem 14,6%.
- Com esse diferencial evolutivo, a vitimização de jovens negros cresce vertiginosamente:
 - na faixa de 15 a 19 anos, passa de 80,8 para 173,0: crescimento de 226,9%;
 - na faixa de 20 a 24 anos, passa de 86,9 para 171,2: crescimento de 193,0%;
 - na faixa de 25 a 29 anos, passa de 66,0 para 137,7: crescimento de 216,0%.

Tabela 9.1.5. Homicídios, taxas (por 100 mil) e vitimização segundo raça e/ou cor na população de 25 a 29 anos – Brasil. 2001/2011

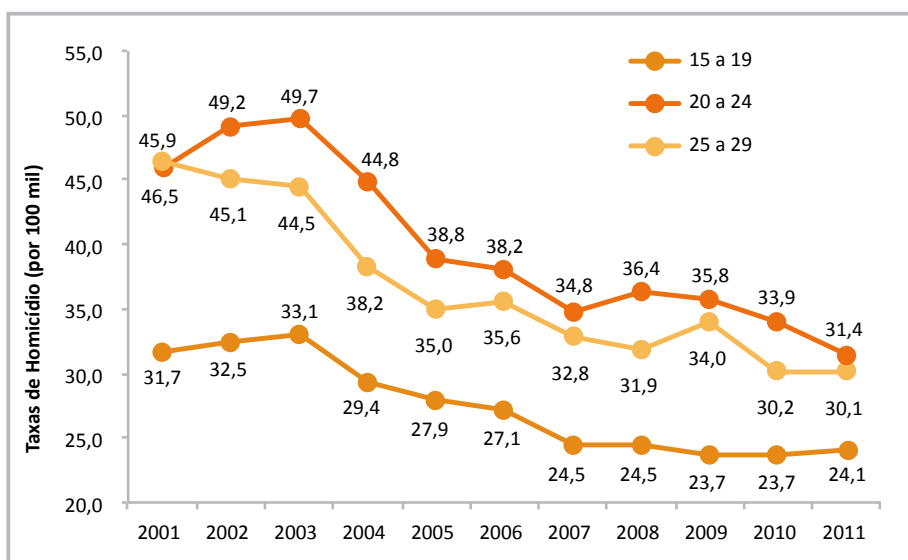
| Ano | Branca | Preta | Parda | Negra* | Amarela | Indígena | Total | Taxas | | Vitimização |
|------|--------|-------|-------|--------|---------|----------|-------|--------|-------|-------------|
| | | | | | | | | Branca | Negra | |
| 2001 | 3.285 | 752 | 4.100 | 4.852 | 19 | 6 | 8.163 | 46,5 | 77,3 | 66,0 |
| 2002 | 3.228 | 768 | 4.427 | 5.194 | 11 | 13 | 8.446 | 45,1 | 79,0 | 75,1 |
| 2003 | 3.223 | 880 | 4.627 | 5.506 | 24 | 12 | 8.764 | 44,5 | 80,2 | 80,4 |
| 2004 | 2.806 | 849 | 4.706 | 5.555 | 29 | 15 | 8.405 | 38,2 | 77,6 | 103,1 |
| 2005 | 2.600 | 793 | 4.916 | 5.709 | 12 | 16 | 8.337 | 35,0 | 76,6 | 119,1 |
| 2006 | 2.684 | 793 | 5.236 | 6.029 | 16 | 13 | 8.741 | 35,6 | 77,8 | 118,5 |
| 2007 | 2.504 | 789 | 5.305 | 6.095 | 3 | 27 | 8.628 | 32,8 | 75,8 | 131,0 |
| 2008 | 2.461 | 805 | 5.853 | 6.658 | 3 | 24 | 9.147 | 31,9 | 79,9 | 150,7 |
| 2009 | 2.654 | 769 | 5.843 | 6.612 | 7 | 18 | 9.292 | 34,0 | 76,7 | 125,8 |
| 2010 | 2.388 | 776 | 6.055 | 6.831 | 4 | 9 | 9.233 | 30,2 | 76,6 | 153,7 |
| 2011 | 2.411 | 781 | 5.814 | 6.595 | 8 | 21 | 9.035 | 30,1 | 71,6 | 137,7 |
| Δ% | -53,0 | 7,7 | 83,2 | 71,5 | -112,2 | 451,9 | 21,3 | -35,3 | -7,3 | 108,5 |

Fonte: SIM/SVS/MS.

Nota: *Soma das categorias preta e parda.

Observando esses índices, principalmente a estagnação das taxas dos jovens negros a partir dos 20 anos, junto com as significativas quedas nas taxas dos jovens brancos em todas as faixas etárias, conclui-se que o preocupante crescimento da vitimização de jovens negros é atribuível mais à melhoria dos esquemas de proteção dos jovens brancos do que ao recrudescimento da violência dirigida os jovens negros, que já era elevada no início do período.

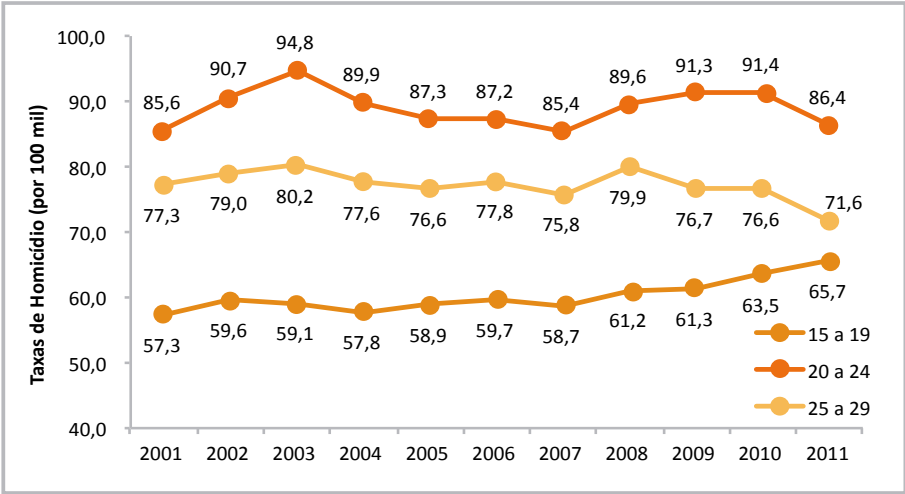
Gráfico 9.1.3. Evolução das taxas de homicídio dos jovens brancos, segundo faixa etária – Brasil. 2001/2011



Fonte: SIM/SVS/MS.

Isso não deve ser tomado como uma negação do incremento da violência dirigida aos jovens negros, principalmente na faixa dos 15 aos 19 anos, na qual isso se torna bem evidente. Implica observar que, no período analisado, prepondera a função protetiva dirigida aos jovens brancos que gera o enorme incremento na já elevada vitimização dos jovens negros.

Gráfico 9.1.4. Evolução das taxas de homicídio dos jovens negros, segundo a faixa etária – Brasil. 2001/2011



Fonte: SIM/SVS/MS.

9.2. Evolução nas unidades federadas

Os dados da última década evidenciam uma evolução bem heterogênea das UF's quanto a homicídios por raça e/ou cor. Dada a amplitude e diversidade de situações, aqui só analisaremos a evolução dos homicídios entre brancos e negros.

Observa-se pelas tabelas 9.2.1 e 9.2.2, que sintetizam a evolução do total de homicídios da população branca entre 2001 e 2011, que os números e as taxas brancas tiveram uma significativa queda no período, em torno de 26%. Lideraram essas quedas:

- Roraima: -84,2%;
- Rondônia: -72,1%;
- Sergipe: -68,0%;
- Acre: -66,5%;
- São Paulo: -63,5%;
- Pernambuco: -62,8%.

Em contrapartida, várias UF's experimentam incrementos significativos:

- Bahia: 160,2%;
- Rio Grande do Norte: 133,0%;
- Maranhão: 125,1%;

Mas no balanço global, as quedas superam os aumentos, com um saldo de 25,9% de diminuição dos índices de homicídio de brancos.

Se nos índices brancos, **não se observam situações realmente extremas, o mesmo não acontece com os homicídios negros**, nos quais aparecem alguns indicadores calamitosos:

- Bahia, Paraíba e Rio Grande do Norte, cujos índices de vítimas negras mais que triplicam na década. Ou Alagoas, Ceará, Maranhão e Goiás, onde as taxas mais que duplicam.
- No outro extremo, estados como Rio de Janeiro e São Paulo, cujas taxas despencam em 2011 para menos da metade do que eram em 2001.

Essas gigantescas diferenças entre os índices de homicídio entre brancos e negros levam os índices de vitimização negra a limites insuportáveis: 136,8 para a população total e 158,6 para a população jovem, como vimos no item anterior. Mas essa é a situação média do país. Observando os índices das UFs – gráficos 9.2.3 e 9.2.4 – vemos situações que beiram o absurdo:

| Tabela 9.2.1. Número de homicídios na população branca total por UF e regiões – Brasil. 2001/2011 | | | | | | | | | | | | |
|---|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|-------|
| UF/Região | 2001 | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 | Δ % |
| Acre | 38 | 48 | 41 | 29 | 30 | 46 | 34 | 31 | 19 | 32 | 22 | -43,8 |
| Amapá | 15 | 17 | 12 | 10 | 22 | 14 | 21 | 5 | 10 | 28 | 26 | 73,0 |
| Amazonas | 55 | 54 | 48 | 68 | 63 | 79 | 34 | 34 | 31 | 70 | 122 | 121,8 |
| Pará | 123 | 140 | 147 | 152 | 176 | 160 | 187 | 210 | 215 | 263 | 239 | 93,9 |
| Rondônia | 218 | 198 | 175 | 167 | 149 | 151 | 106 | 141 | 145 | 145 | 115 | -47,2 |
| Roraima | 11 | 21 | 14 | 10 | 12 | 21 | 10 | 15 | 10 | 8 | 4 | -62,6 |
| Tocantins | 70 | 40 | 44 | 51 | 44 | 36 | 32 | 40 | 55 | 37 | 64 | -8,8 |
| NORTE | 531 | 518 | 482 | 488 | 497 | 507 | 426 | 476 | 485 | 583 | 593 | 11,5 |
| Alagoas | 126 | 140 | 89 | 68 | 93 | 91 | 106 | 60 | 42 | 52 | 79 | -37,0 |
| Bahia | 156 | 167 | 177 | 177 | 189 | 204 | 271 | 349 | 337 | 382 | 417 | 166,3 |
| Ceará | 262 | 222 | 269 | 260 | 273 | 260 | 259 | 246 | 264 | 400 | 396 | 50,9 |
| Maranhão | 91 | 94 | 115 | 85 | 121 | 122 | 142 | 144 | 158 | 142 | 197 | 115,9 |
| Paraíba | 62 | 62 | 49 | 45 | 51 | 51 | 37 | 48 | 51 | 49 | 81 | 30,5 |
| Pernambuco | 602 | 569 | 594 | 468 | 476 | 397 | 283 | 431 | 375 | 263 | 233 | -61,3 |
| Piauí | 44 | 45 | 38 | 48 | 56 | 50 | 65 | 54 | 56 | 61 | 62 | 40,3 |
| Rio Grande do Norte | 67 | 69 | 104 | 70 | 86 | 93 | 108 | 110 | 136 | 123 | 166 | 147,6 |
| Sergipe | 128 | 80 | 85 | 71 | 85 | 102 | 93 | 90 | 91 | 63 | 55 | -57,0 |
| NORDESTE | 1.539 | 1.448 | 1.522 | 1.293 | 1.431 | 1.370 | 1.363 | 1.533 | 1.510 | 1.535 | 1.685 | 9,5 |
| Espírito Santo | 383 | 429 | 443 | 359 | 313 | 332 | 341 | 335 | 306 | 300 | 274 | -28,3 |
| Minas Gerais | 812 | 939 | 1.172 | 1.201 | 1.185 | 1.276 | 1.204 | 1.112 | 1.092 | 976 | 1.253 | 54,2 |
| Rio de Janeiro | 2.706 | 3.062 | 2.810 | 2.577 | 2.466 | 2.480 | 2.125 | 1.805 | 1.698 | 1.708 | 1.460 | -46,0 |
| São Paulo | 9.098 | 8.354 | 7.968 | 6.442 | 5.024 | 4.807 | 3.677 | 3.669 | 3.756 | 3.360 | 3.186 | -65,0 |
| SUDESTE | 12.998 | 12.784 | 12.393 | 10.578 | 8.987 | 8.895 | 7.346 | 6.922 | 6.852 | 6.344 | 6.173 | -52,5 |
| Paraná | 1.661 | 1.813 | 2.098 | 2.260 | 2.321 | 2.556 | 2.468 | 2.727 | 3.006 | 2.915 | 2.662 | 60,3 |
| Rio Grande do Sul | 1.524 | 1.576 | 1.541 | 1.577 | 1.598 | 1.580 | 1.728 | 1.884 | 1.778 | 1.622 | 1.603 | 5,1 |
| Santa Catarina | 386 | 477 | 537 | 524 | 511 | 551 | 529 | 678 | 684 | 678 | 668 | 73,1 |
| SUL | 3.571 | 3.865 | 4.176 | 4.362 | 4.430 | 4.687 | 4.725 | 5.290 | 5.468 | 5.215 | 4.932 | 38,1 |
| Distrito Federal | 100 | 104 | 117 | 123 | 104 | 91 | 116 | 108 | 129 | 113 | 125 | 25,5 |
| Goiás | 398 | 483 | 412 | 515 | 410 | 379 | 399 | 431 | 409 | 392 | 468 | 17,7 |
| Mato Grosso | 318 | 330 | 309 | 277 | 263 | 239 | 271 | 240 | 247 | 243 | 252 | -20,9 |
| Mato Grosso do Sul | 280 | 314 | 288 | 249 | 237 | 264 | 262 | 262 | 278 | 220 | 207 | -26,2 |
| CENTRO-OESTE | 1.096 | 1.231 | 1.126 | 1.163 | 1.014 | 973 | 1.047 | 1.041 | 1.063 | 968 | 1.051 | -4,0 |
| BRASIL | 19.735 | 19.846 | 19.700 | 17.883 | 16.360 | 16.432 | 14.908 | 15.263 | 15.378 | 14.645 | 14.435 | -26,9 |

Fonte: SIM/SVS/MS.

- Paraíba, com um índice de vitimização negra total de 1.209 e de jovem de 2.072. Isto é, na Paraíba, para cada branco que morre vítima de homicídio, morrem 13 negros na população total. Muito mais ainda na população jovem. Para cada jovem branco assassinado, morrem 22 jovens negros, praticamente o dobro que na população total, evidenciando os sérios problemas enfrentados pela juventude negra do estado.

| Tabela 9.2.2. Taxas de homicídio (por 100 mil) na população branca total por UF e regiões – Brasil. 2001/2011 | | | | | | | | | | | | |
|---|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|--------------|
| UF/Região | 2001 | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 | Δ % |
| Acre | 36,1 | 41,9 | 34,3 | 22,5 | 22,5 | 32,4 | 22,8 | 19,6 | 11,8 | 19,0 | 12,1 | -66,5 |
| Amapá | 12,6 | 13,2 | 9,4 | 7,6 | 16,1 | 9,9 | 14,6 | 3,4 | 6,2 | 17,5 | 16,1 | 28,4 |
| Amazonas | 8,8 | 8,5 | 7,4 | 10,3 | 9,3 | 11,5 | 4,9 | 4,7 | 4,3 | 9,4 | 16,3 | 84,2 |
| Pará | 10,4 | 11,4 | 11,5 | 11,4 | 12,7 | 11,1 | 12,6 | 13,6 | 13,5 | 16,1 | 14,2 | 35,6 |
| Rondônia | 72,0 | 60,2 | 49,1 | 43,5 | 36,3 | 34,4 | 22,9 | 28,7 | 28,0 | 26,5 | 20,1 | -72,1 |
| Roraima | 27,0 | 44,4 | 25,1 | 17,4 | 18,8 | 29,8 | 13,4 | 18,7 | 11,6 | 8,9 | 4,3 | -84,2 |
| Tocantins | 24,5 | 13,8 | 14,9 | 16,8 | 14,3 | 11,5 | 10,1 | 12,4 | 16,5 | 10,8 | 18,5 | -24,4 |
| NORTE | 20,0 | 18,7 | 16,7 | 16,2 | 16,0 | 15,7 | 12,7 | 13,8 | 13,6 | 15,8 | 15,6 | -21,9 |
| Alagoas | 14,1 | 15,5 | 9,8 | 7,4 | 10,1 | 9,7 | 11,2 | 6,3 | 4,4 | 5,3 | 8,1 | -42,4 |
| Bahia | 5,2 | 5,5 | 5,8 | 5,8 | 6,2 | 6,7 | 8,9 | 11,4 | 11,0 | 12,4 | 13,5 | 160,2 |
| Ceará | 10,1 | 8,5 | 10,3 | 9,9 | 10,4 | 9,8 | 9,8 | 9,3 | 9,9 | 14,9 | 14,7 | 46,5 |
| Maranhão | 6,1 | 6,3 | 7,8 | 5,8 | 8,2 | 8,4 | 9,8 | 9,9 | 10,9 | 9,9 | 13,8 | 125,1 |
| Paraíba | 4,8 | 4,7 | 3,7 | 3,3 | 3,7 | 3,6 | 2,6 | 3,3 | 3,5 | 3,3 | 5,3 | 11,4 |
| Pernambuco | 19,4 | 18,3 | 19,0 | 14,9 | 15,1 | 12,6 | 8,9 | 13,5 | 11,7 | 8,2 | 7,2 | -62,8 |
| Piauí | 6,6 | 6,6 | 5,6 | 6,9 | 8,0 | 7,0 | 9,0 | 7,4 | 7,5 | 8,1 | 8,1 | 22,3 |
| Rio Grande do Norte | 5,5 | 5,6 | 8,4 | 5,6 | 6,8 | 7,3 | 8,5 | 8,6 | 10,5 | 9,5 | 12,8 | 133,7 |
| Sergipe | 29,3 | 17,6 | 18,2 | 14,8 | 17,0 | 20,0 | 17,6 | 16,6 | 16,3 | 10,9 | 9,4 | -68,0 |
| NORDESTE | 10,4 | 9,8 | 10,2 | 8,6 | 9,5 | 9,0 | 8,9 | 10,0 | 9,8 | 9,9 | 10,8 | 3,6 |
| Espírito Santo | 25,6 | 28,7 | 29,7 | 24,1 | 21,0 | 22,3 | 23,0 | 22,6 | 20,6 | 20,3 | 18,6 | -27,3 |
| Minas Gerais | 8,5 | 10,0 | 12,5 | 12,9 | 12,9 | 14,0 | 13,3 | 12,4 | 12,3 | 11,0 | 14,3 | 67,4 |
| Rio de Janeiro | 29,2 | 33,7 | 31,6 | 29,6 | 29,0 | 29,8 | 26,1 | 22,7 | 21,9 | 22,5 | 19,7 | -32,4 |
| São Paulo | 33,4 | 30,8 | 29,5 | 23,9 | 18,7 | 18,0 | 13,8 | 13,9 | 14,2 | 12,8 | 12,2 | -63,5 |
| SUDESTE | 27,3 | 27,1 | 26,5 | 22,8 | 19,5 | 19,5 | 16,2 | 15,4 | 15,4 | 14,4 | 14,1 | -48,4 |
| Paraná | 22,3 | 24,3 | 28,2 | 30,5 | 31,4 | 34,6 | 33,5 | 37,1 | 41,0 | 39,8 | 36,5 | 63,8 |
| Rio Grande do Sul | 17,0 | 17,6 | 17,2 | 17,7 | 17,9 | 17,7 | 19,4 | 21,1 | 20,0 | 18,2 | 18,0 | 5,8 |
| Santa Catarina | 7,8 | 9,6 | 10,8 | 10,4 | 10,1 | 10,8 | 10,3 | 13,1 | 13,2 | 12,9 | 12,7 | 61,4 |
| SUL | 16,7 | 18,1 | 19,5 | 20,4 | 20,7 | 21,9 | 22,1 | 24,7 | 25,5 | 24,3 | 23,0 | 37,2 |
| Distrito Federal | 10,6 | 10,9 | 12,1 | 12,5 | 10,5 | 8,9 | 11,3 | 10,3 | 12,2 | 10,5 | 11,5 | 7,7 |
| Goiás | 17,3 | 20,8 | 17,6 | 21,8 | 17,2 | 15,8 | 16,4 | 17,6 | 16,6 | 15,8 | 18,7 | 7,8 |
| Mato Grosso | 31,4 | 32,1 | 29,7 | 26,3 | 24,7 | 22,2 | 24,8 | 21,8 | 22,2 | 21,5 | 22,1 | -29,6 |
| Mato Grosso do Sul | 25,0 | 28,0 | 25,6 | 22,0 | 20,9 | 23,2 | 23,0 | 23,0 | 24,3 | 19,2 | 18,0 | -28,1 |
| CENTRO-OESTE | 20,4 | 22,7 | 20,6 | 21,0 | 18,2 | 17,3 | 18,4 | 18,2 | 18,4 | 16,6 | 17,8 | -12,5 |
| BRASIL | 21,5 | 21,7 | 21,5 | 19,6 | 17,9 | 18,0 | 16,4 | 16,8 | 16,9 | 16,2 | 15,9 | -25,9 |

Fonte: SIM/SVS/MS.

- Alagoas apresenta índices de vitimização mais ou menos semelhantes na população total e na jovem: índice de 1.168 e 1.198, respectivamente.
- Roraima, com índices de vitimização negra de 485 e 803 para a população total e a jovem do estado, respectivamente.

| Tabela 9.2.3. Número de homicídios na população negra total por UF e regiões – Brasil. 2001/2011 | | | | | | | | | | | | |
|--|---------------|---------------|---------------|---------------|---------------|---------------|---------------|---------------|---------------|---------------|---------------|--------------|
| UF/Região | 2001 | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 | Δ % |
| Acre | 81 | 103 | 94 | 86 | 92 | 109 | 99 | 101 | 131 | 130 | 145 | 78,3 |
| Amapá | 169 | 162 | 178 | 163 | 174 | 188 | 149 | 205 | 179 | 227 | 182 | 7,6 |
| Amazonas | 424 | 452 | 507 | 447 | 525 | 602 | 665 | 781 | 871 | 1.001 | 1.142 | 169,6 |
| Pará | 830 | 1.046 | 1.229 | 1.366 | 1.748 | 1.910 | 2.013 | 2.649 | 2.775 | 3.266 | 2.829 | 241,0 |
| Rondônia | 345 | 403 | 382 | 393 | 402 | 436 | 324 | 335 | 388 | 395 | 330 | -4,3 |
| Roraima | 85 | 93 | 82 | 66 | 73 | 67 | 87 | 76 | 79 | 108 | 78 | -8,5 |
| Tocantins | 150 | 139 | 181 | 153 | 158 | 198 | 190 | 190 | 228 | 276 | 292 | 94,8 |
| NORTE | 2.083 | 2.398 | 2.652 | 2.674 | 3.171 | 3.510 | 3.526 | 4.337 | 4.652 | 5.404 | 4.998 | 139,9 |
| Alagoas | 708 | 848 | 952 | 964 | 1.115 | 1.523 | 1.733 | 1.822 | 1.820 | 2.030 | 2.184 | 208,7 |
| Bahia | 1.415 | 1.564 | 1.975 | 2.074 | 2.630 | 3.062 | 3.338 | 4.405 | 5.036 | 5.367 | 5.022 | 254,8 |
| Ceará | 1.026 | 1.204 | 1.289 | 1.314 | 1.413 | 1.529 | 1.675 | 1.780 | 1.903 | 2.291 | 2.388 | 132,8 |
| Maranhão | 439 | 477 | 643 | 608 | 765 | 784 | 937 | 1.089 | 1.226 | 1.342 | 1.368 | 211,2 |
| Paraíba | 427 | 545 | 569 | 610 | 688 | 766 | 822 | 972 | 1.217 | 1.405 | 1.535 | 259,5 |
| Pernambuco | 4.084 | 3.848 | 3.904 | 3.697 | 3.814 | 4.067 | 4.263 | 3.978 | 3.572 | 3.171 | 3.225 | -21,0 |
| Piauí | 233 | 268 | 276 | 293 | 329 | 384 | 341 | 333 | 339 | 368 | 398 | 71,2 |
| Rio Grande do Norte | 249 | 231 | 304 | 272 | 321 | 357 | 482 | 610 | 652 | 692 | 875 | 251,5 |
| Sergipe | 404 | 468 | 388 | 393 | 407 | 493 | 433 | 484 | 571 | 627 | 681 | 68,6 |
| NORDESTE | 8.984 | 9.452 | 10.297 | 10.225 | 11.482 | 12.965 | 14.024 | 15.473 | 16.336 | 17.294 | 17.675 | 96,7 |
| Espírito Santo | 1.089 | 1.210 | 1.193 | 1.271 | 1.287 | 1.441 | 1.540 | 1.612 | 1.690 | 1.493 | 1.404 | 28,9 |
| Minas Gerais | 1.525 | 2.026 | 2.644 | 3.029 | 3.019 | 2.869 | 2.889 | 2.748 | 2.615 | 2.644 | 2.974 | 95,0 |
| Rio de Janeiro | 4.640 | 5.248 | 5.022 | 4.797 | 4.625 | 4.635 | 4.183 | 3.580 | 3.372 | 3.554 | 3.104 | -33,1 |
| São Paulo | 6.580 | 6.086 | 5.795 | 4.687 | 3.671 | 3.316 | 2.537 | 2.407 | 2.534 | 2.428 | 2.413 | -63,3 |
| SUDESTE | 13.834 | 14.569 | 14.653 | 13.785 | 12.602 | 12.260 | 11.149 | 10.347 | 10.211 | 10.118 | 9.895 | -28,5 |
| Paraná | 368 | 407 | 418 | 540 | 654 | 529 | 636 | 715 | 681 | 680 | 659 | 79,2 |
| Rio Grande do Sul | 322 | 326 | 353 | 382 | 409 | 382 | 443 | 480 | 447 | 439 | 449 | 39,7 |
| Santa Catarina | 73 | 93 | 113 | 104 | 104 | 103 | 100 | 109 | 115 | 132 | 125 | 71,2 |
| SUL | 763 | 827 | 883 | 1.026 | 1.167 | 1.014 | 1.179 | 1.304 | 1.243 | 1.251 | 1.233 | 61,8 |
| Distrito Federal | 673 | 639 | 737 | 691 | 640 | 678 | 698 | 765 | 875 | 769 | 852 | 26,5 |
| Goiás | 700 | 791 | 843 | 910 | 984 | 1.027 | 1.024 | 1.320 | 1.379 | 1.496 | 1.740 | 148,6 |
| Mato Grosso | 663 | 629 | 617 | 586 | 638 | 655 | 621 | 696 | 750 | 730 | 739 | 11,6 |
| Mato Grosso do Sul | 315 | 351 | 396 | 377 | 352 | 378 | 380 | 372 | 409 | 372 | 416 | 32,0 |
| CENTRO-OESTE | 2.351 | 2.410 | 2.593 | 2.565 | 2.614 | 2.739 | 2.723 | 3.154 | 3.412 | 3.367 | 3.747 | 59,4 |
| BRASIL | 28.015 | 29.656 | 31.079 | 30.274 | 31.036 | 32.488 | 32.601 | 34.614 | 35.854 | 37.435 | 37.549 | 34,0 |

Fonte: SIM/SVS/MS.

| Tabela 9.2.4. Taxas de homicídio (por 100 mil) na população negra total por UF e regiões – Brasil. 2001/2011 | | | | | | | | | | | | |
|--|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|-------|-------|
| UF/Região | 2001 | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 | Δ % |
| Acre | 32,2 | 36,5 | 29,7 | 25,0 | 24,5 | 26,7 | 22,5 | 21,5 | 26,2 | 24,4 | 25,8 | -20,1 |
| Amapá | 51,8 | 47,1 | 48,9 | 42,6 | 43,3 | 44,7 | 33,8 | 44,7 | 37,6 | 45,7 | 35,3 | -32,0 |
| Amazonas | 28,4 | 28,0 | 29,3 | 24,2 | 26,7 | 29,0 | 30,3 | 33,8 | 35,8 | 39,3 | 42,9 | 51,3 |
| Pará | 28,3 | 32,1 | 34,4 | 35,0 | 41,4 | 42,0 | 41,3 | 51,0 | 50,3 | 56,0 | 45,9 | 62,4 |
| Rondônia | 61,2 | 66,1 | 58,2 | 56,0 | 53,7 | 55,0 | 38,6 | 37,9 | 41,6 | 40,4 | 32,2 | -47,3 |
| Roraima | 40,2 | 41,7 | 35,4 | 27,5 | 28,8 | 25,5 | 32,1 | 27,0 | 27,1 | 35,9 | 25,0 | -37,8 |
| Tocantins | 16,5 | 15,1 | 19,5 | 16,3 | 16,6 | 20,5 | 19,5 | 19,3 | 23,0 | 27,5 | 28,8 | 74,0 |
| NORTE | 31,2 | 33,1 | 34,0 | 32,0 | 35,6 | 37,1 | 35,2 | 41,0 | 41,8 | 46,2 | 40,8 | 31,0 |
| Alagoas | 35,8 | 42,6 | 47,5 | 47,8 | 54,9 | 74,4 | 84,1 | 87,8 | 87,1 | 96,5 | 103,2 | 188,0 |
| Bahia | 13,9 | 15,2 | 19,1 | 20,0 | 25,2 | 29,2 | 31,6 | 41,6 | 47,3 | 50,1 | 46,6 | 236,5 |
| Ceará | 20,6 | 23,8 | 25,2 | 25,3 | 26,8 | 28,6 | 30,9 | 32,3 | 34,1 | 40,5 | 41,7 | 102,1 |
| Maranhão | 10,6 | 11,2 | 14,8 | 13,7 | 16,8 | 16,9 | 19,8 | 22,5 | 24,9 | 26,7 | 26,7 | 152,1 |
| Paraíba | 19,6 | 25,0 | 26,0 | 27,9 | 31,4 | 34,9 | 37,4 | 44,2 | 55,2 | 63,7 | 69,5 | 254,6 |
| Pernambuco | 83,5 | 77,7 | 77,8 | 72,8 | 74,2 | 78,2 | 81,0 | 74,7 | 66,3 | 58,2 | 58,5 | -29,9 |
| Piauí | 10,5 | 12,0 | 12,3 | 13,1 | 14,6 | 17,0 | 15,0 | 14,6 | 14,8 | 16,0 | 17,3 | 64,8 |
| Rio Grande do Norte | 15,6 | 14,2 | 18,4 | 16,2 | 18,9 | 20,7 | 27,4 | 34,2 | 36,0 | 37,7 | 46,9 | 200,6 |
| Sergipe | 29,1 | 33,6 | 27,6 | 27,8 | 28,7 | 34,5 | 30,1 | 33,5 | 39,3 | 42,9 | 46,3 | 58,9 |
| NORDESTE | 26,8 | 27,9 | 30,0 | 29,5 | 32,8 | 36,7 | 39,3 | 42,9 | 44,9 | 47,1 | 47,6 | 78,1 |
| Espírito Santo | 65,3 | 71,0 | 68,5 | 71,4 | 70,8 | 77,7 | 81,4 | 83,5 | 85,9 | 74,5 | 68,8 | 5,3 |
| Minas Gerais | 17,5 | 22,7 | 29,0 | 32,5 | 31,7 | 29,5 | 29,1 | 27,1 | 25,3 | 25,1 | 27,7 | 58,1 |
| Rio de Janeiro | 87,0 | 92,7 | 83,9 | 76,0 | 69,7 | 66,5 | 57,4 | 47,0 | 42,4 | 43,0 | 36,1 | -58,5 |
| São Paulo | 64,3 | 56,9 | 52,0 | 40,4 | 30,4 | 26,5 | 19,5 | 17,9 | 18,2 | 16,9 | 16,3 | -74,7 |
| SUDESTE | 53,3 | 54,0 | 52,3 | 47,5 | 41,9 | 39,4 | 34,7 | 31,2 | 29,9 | 28,8 | 27,3 | -48,8 |
| Paraná | 16,7 | 17,8 | 17,6 | 21,9 | 25,7 | 20,1 | 23,4 | 25,5 | 23,6 | 22,9 | 21,5 | 28,9 |
| Rio Grande do Sul | 22,8 | 22,6 | 23,8 | 25,2 | 26,3 | 24,1 | 27,3 | 29,0 | 26,5 | 25,4 | 25,5 | 12,0 |
| Santa Catarina | 13,7 | 16,0 | 17,9 | 15,4 | 14,4 | 13,3 | 12,2 | 12,5 | 12,5 | 13,7 | 12,3 | -9,9 |
| SUL | 18,4 | 19,1 | 19,7 | 22,0 | 24,2 | 20,3 | 22,8 | 24,5 | 22,6 | 22,1 | 21,1 | 15,0 |
| Distrito Federal | 58,2 | 53,7 | 60,3 | 55,2 | 49,8 | 51,5 | 51,8 | 55,4 | 61,9 | 53,2 | 57,7 | -0,8 |
| Goiás | 24,9 | 27,5 | 28,6 | 30,2 | 32,0 | 32,7 | 31,9 | 40,3 | 41,3 | 43,9 | 50,1 | 101,6 |
| Mato Grosso | 44,0 | 40,8 | 39,1 | 36,3 | 38,7 | 38,9 | 36,1 | 39,6 | 41,9 | 40,0 | 39,7 | -9,7 |
| Mato Grosso do Sul | 32,7 | 35,4 | 39,0 | 36,1 | 33,0 | 34,5 | 33,9 | 32,4 | 34,8 | 31,0 | 33,9 | 3,9 |
| CENTRO-OESTE | 36,5 | 36,5 | 38,3 | 37,0 | 36,9 | 37,8 | 36,8 | 41,7 | 44,2 | 42,7 | 46,6 | 27,8 |
| BRASIL | 36,5 | 37,5 | 38,2 | 36,2 | 36,1 | 36,9 | 36,1 | 37,4 | 37,8 | 38,5 | 37,8 | 3,5 |

Fonte: SIM/SVS/MS.

- O único estado a apresentar índices negativos de vitimização negra, isto é, em que as taxas de homicídio de sua população branca superam os da população negra é o Paraná: -41 para a população total e -38 para a jovem.
- Santa Catarina apresenta índice negativo só para a população total.

Gráfico 9.2.1 Taxas de Homicídio (por 100 mil) brancos e negros na população total. 2011

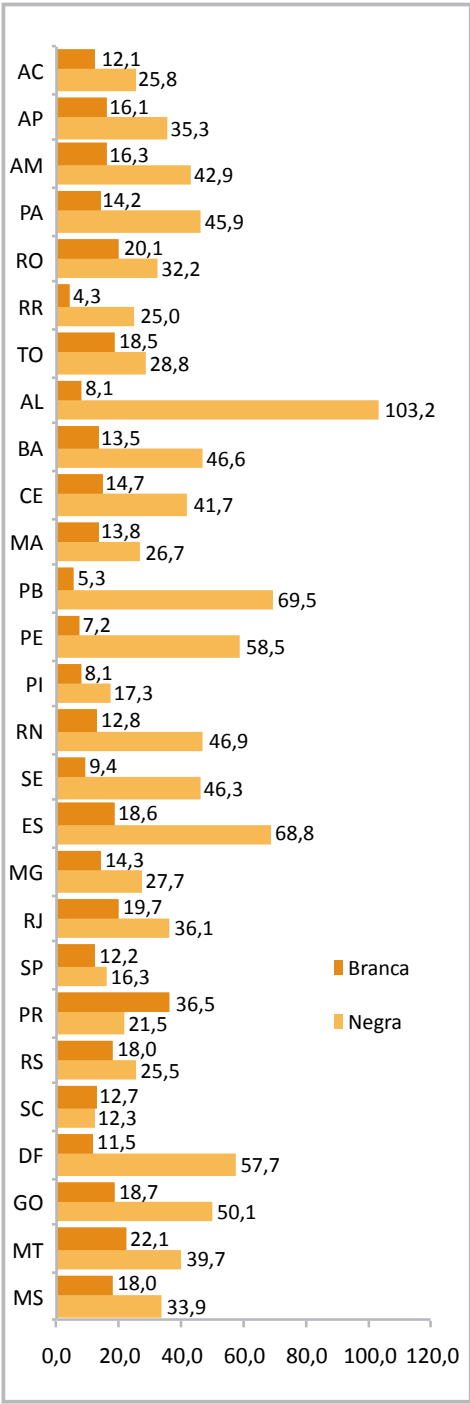
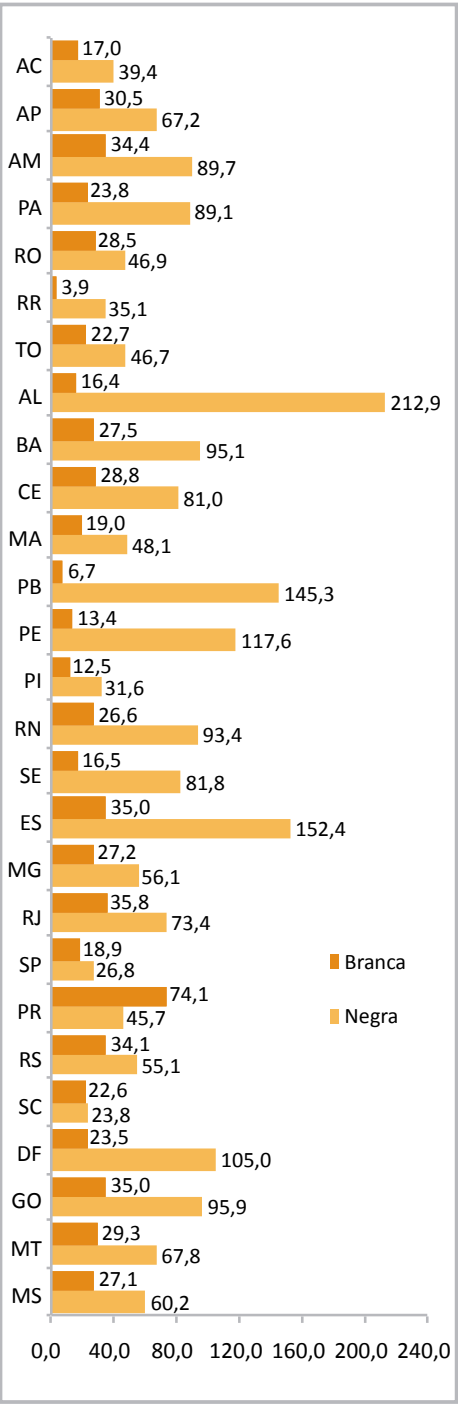


Gráfico 9.2.2 Taxas de Homicídio (por 100 mil) brancos e negros na população jovem. 2011



Fonte: SIM/SVS/MS.

Gráfico 9.2.3. Índice de
vitimização juvenil negra
população total 2011

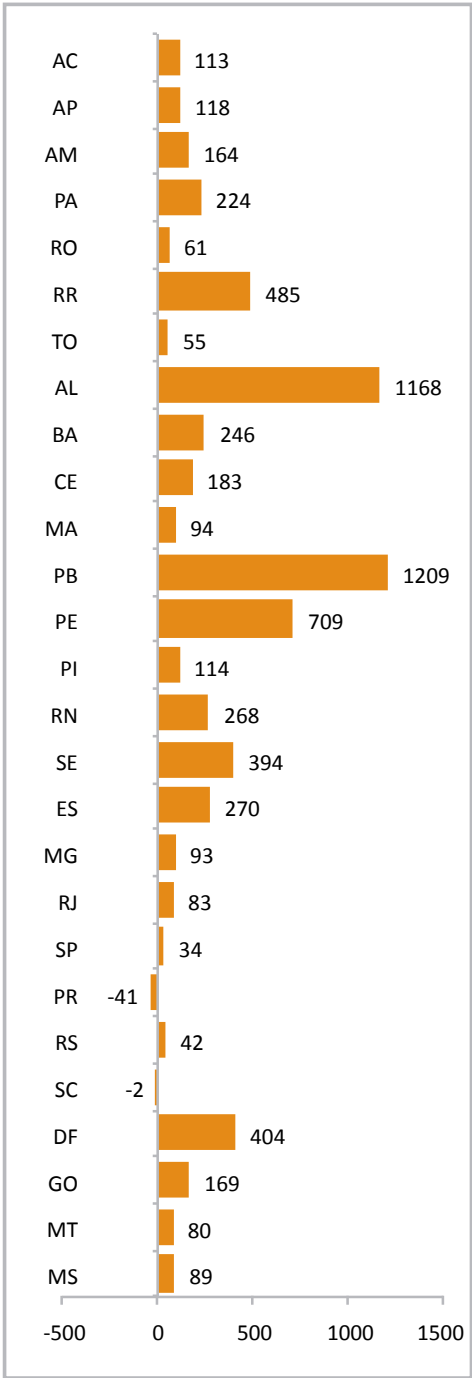
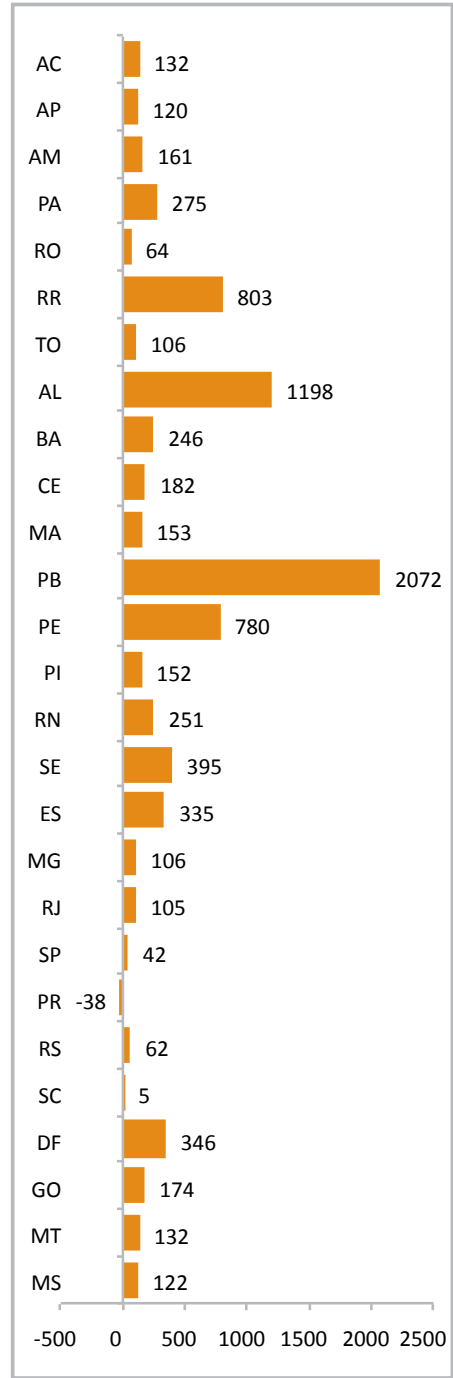


Gráfico 9.2.4. Índice de
vitimização juvenil negra
população jovem total 2011



Fonte: SIM/SVS/MS.

10. FATORES EXPLICATIVOS

Neste capítulo, tentaremos desenvolver duas séries de análises. De um lado, os determinantes das mudanças ocorridas nesta década de desconcentração e disseminação da violência. De outro, a segunda série refere-se aos fatores que limitam ou cerceiam os esforços de reversão da violência.

10.1. Dos novos padrões da violência

No capítulo 7, tivemos a possibilidade de nos aprofundar nos novos padrões da violência que emergem e se consolidam na última década. Nomeávamos como processo de *interiorização* o surgimento de novos polos dinâmicos da violência no interior dos estados tradicionalmente violentos; e como *disseminação*, o deslocamento dos eixos da violência para as UFs ou áreas tradicionalmente tranquilas ao longo de todo o país, que originam um segundo deslocamento: dos municípios de grande porte para os municípios de pequeno e médio porte, periféricos até então nos mapas da violência.

Quais seriam os determinantes das mudanças acontecidas na última década? Tentaremos aqui sintetizar diversas abordagens já realizadas em mapas anteriores, principalmente no mapa de 2012 que focaliza esses novos padrões da violência no país.

Em primeiro lugar, a **reestruturação do modelo de desenvolvimento** da produção brasileira que vem acontecendo desde o último quartel do século passado. Sobre o tema, uma grande variedade de estudos analisou os caminhos desse processo de desconcentração das atividades econômicas do Brasil desde os mais diversos ângulos. Não é nossa intenção fazer uma revisão do tema, pretendemos simplesmente apontar alguns balizamentos para o entendimento do fenômeno e sua relação com a violência.

Em um estudo publicado em 2000, com dados de 1989 a 1997, João Sabóia detecta uma mudança no padrão locacional da indústria brasileira, que aumentaria a importância do **interior dos principais estados industrializados e de alguns estados fora do eixo Sul-Sudeste**. Por outro lado, estariam **surgindo novas aglomerações industriais de pequeno porte nas mais distintas regiões do país**, caracterizadas por baixos salários e pequeno nível de diversificação industrial³⁹ (grifo nosso).

Paralelo à modernização das últimas décadas, houve também um intenso processo de mudanças locais, tanto intra quanto inter-regional, tanto nos estados quanto entre eles⁴⁰, com esvaziamento do principal polo industrial

³⁹ SABÓIA, J. Desconcentração industrial no Brasil nos anos 90: um enfoque regional. **Pesq. Plan. Econ.**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 1, abr. 2000.

⁴⁰ DINIZ, C. C.; CROCCO, M. A. Reestruturação econômica e impacto regional: o novo mapa da indústria brasileira. **Nova Economia**, Belo Horizonte, v. 6, n.1, jul. 1996.

do país, a região metropolitana de São Paulo e a reconcentração industrial no interior de São Paulo e, de modo mais amplo, em diversos outros estados do país, especialmente em cidades de porte médio. Também foi generalizada em todo o país, segundo Sabóia, essa desconcentração industrial em direção ao interior dos estados. Apesar da diminuição do emprego nos principais polos industriais tradicionais, novas aglomerações consolidaram-se nas mais diversas regiões do Brasil.

As mudanças mostram sensível alteração na dimensão espacial do desenvolvimento brasileiro, em que uma possível continuidade da desconcentração das últimas décadas deve ser acompanhada pelo aumento da heterogeneidade interna das regiões brasileiras, com o surgimento de ilhas de produtividade em quase todas as regiões, o maior crescimento relativo das antigas periferias nacionais e importância maior do conjunto das cidades médias perante as áreas metropolitanas. As tendências indicam certa continuidade da desconcentração em direção ao interior de São Paulo e aos principais estados do Sul e do Sudeste e, até mesmo, para o Nordeste, no caso das indústrias intensivas em mão de obra⁴¹.

A emergência desses novos polos de crescimento, que atraem investimentos e geram emprego e renda, faz com que eles se tornem também atrativos para a criminalidade, por serem áreas onde os mecanismos da segurança são ainda precários ou incipientes, sem experiência histórica e aparelhamento para o enfretamento das novas configurações da violência.

Esses novos polos de crescimento não são apenas atrativos para a criminalidade; os saldos migratórios positivos também originam grandes contingentes de população flutuante, com escassas raízes familiares e culturais, gerando condições favoráveis de inserção violenta nos novos locais.

Em segundo lugar, **investimentos em segurança nas capitais** e nas grandes regiões metropolitanas, prioritárias a partir do novo Plano Nacional de Segurança Pública, de 1999, e do Fundo Nacional de Segurança instituído em fins de 2000. Nesse sentido, foram canalizados recursos federais para diversos níveis da esfera estadual, principalmente para o aparelhamento dos sistemas de segurança pública nos grandes conglomerados que lideravam o mapa da violência do período. Isso dificultou a ação da criminalidade organizada, que migra para áreas de menor risco e/ou estrutura (interior/outros estados).

Em terceiro lugar, **melhoria na cobertura dos sistemas** de captação de dados de mortalidade, principalmente no interior do Brasil ou em estados com cobertura deficiente, diminuindo a subnotificação existente. Assim, fatos que antes não eram registrados começam a aparecer nas recentes estatísticas de mortalidade.

Por um ou outro motivo, consolidam-se configurações espaciais que rearticulam o dinamismo da letalidade homicida centrada, até o momento, em um número limitado de grandes centros urbanos.

⁴¹ PACHECO, C. A. **Novos padrões de localização industrial?** Tendências recentes dos indicadores da produção e do investimento industrial. Brasília: Ipea, mar. 1999. (Texto para Discussão, n. 633).

Toda migração (de pessoas, de polos etc.) apresenta fatores expulsivos – do local de origem – e fatores atrativos – no local de destino. Quais seriam, neste caso, os fatores impulsores da mudança?

Fatores expulsivos:

- Estagnação econômica nas grandes capitais e regiões metropolitanas tradicionais com a concomitante reversão dos fluxos migratórios para o local de origem ou para novos polos.
- Investimentos na segurança e consequente melhoria da eficiência repressiva dos aparelhos de segurança.

Fatores atrativos:

- Surgimento de novos polos de crescimento no interior de diversos estados, atrativos de investimentos, de população e também de criminalidade e violência.
- Melhoria da situação econômica de estados fora dos eixos tradicionais.
- Deficiências e insuficiências do aparelho de segurança em áreas de baixos níveis de violência: escassa experiência e baixa eficiência repressiva.

Quais são as consequências desse deslocamento? A disseminação da violência homicida ao longo do território nacional. Locais que até poucos anos atrás eram considerados tranquilos, pouco violentos, hoje assistem a uma pesada escalada de violência. O contrário também acontece em alguns centros de grande peso demográfico e consequente incidência nas estatísticas nacionais. Assim, sem grandes mudanças nas estatísticas globais do país, assistimos a uma decidida reconfiguração na distribuição interna, uma **convergência** que, sem aumentar a intensidade global – em torno de 27 homicídios por 100 mil habitantes – origina a disseminação em unidades que, até uma década atrás, eram aparentemente imunes.

10.2. Entraves institucionais

São vários os fatores institucionais que concorrem para enfraquecer as possibilidades de enfrentamento efetivo da violência homicida do Brasil, impondo entraves e limites às ações nesse sentido. Sem pretender ser exaustivos, tentaremos apontar aqui os principais.

Cultura da violência

Contrariando a visão amplamente difundida, principalmente nos meios ligados à Segurança Pública, que a violência homicida do país se encontra imediatamente relacionada e explicada pelas estruturas do crime, e mais especificamente da droga, das diversas evidências, muitas delas bem recentes e oficiais, parecem apontar claramente em sentido contrário:

- Em novembro de 2012, o Conselho Nacional do Ministério Público (CNMP) divulgou uma pesquisa que fundamentou sua campanha *Conte até 10. Paz. Essa é a Atitude*. O estudo foi elaborado a partir de inquéritos

policiais referentes a homicídios dolosos acontecidos em 2011 e 2012 em 16 UFs. Objetivava verificar a proporção de assassinatos acontecidos por motivos fúteis e/ou por impulso. Foram incluídos nessa categoria brigas, ciúmes, conflitos entre vizinhos, desavenças, discussões, violências domésticas, desentendimentos no trânsito, dentre outros. Fazendo um balanço dos resultados, podemos afirmar que preponderam os crimes por motivos fúteis ou por impulso, que representaram 100% do total de homicídios: no Acre, 83%; em São Paulo, 82%. Os estados com menores índices foram Rio Grande do Sul: 43%; e Rio de Janeiro: 27%.

- Em 2013, o Ministério da Justiça (MJ) divulga uma série de pesquisas na Coleção *Pensando a Segurança Pública*. Em uma delas,⁴² são analisados boletins de ocorrência (BOs) e inquéritos policiais referentes a homicídios dolosos de três cidades brasileiras: Belém-PA, Maceió-AL e Guarulhos-SP, todas de 2010. As análises concluem que uma parte substancial, nas três cidades, deve-se a vinganças pessoais, violência doméstica, motivos banais. Também verificam um *alto percentual de crimes praticados com armas de fogo em situações cotidianas (brigas entre vizinhos, violência doméstica etc.)*.

Impunidade

Um segundo fator de peso são os elevados níveis de impunidade vigentes no país, que funcionam como estímulo para a resolução de conflitos via extermínio do próximo. E também existem sérias evidências sobre o tema.

Em meados de 2012, foi divulgado o Relatório Nacional da Execução da Meta 2 da Estratégia Nacional de Justiça e Segurança Pública (ENASP), estabelecida pelo CNMP, o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) e o MJ. A Meta 2, intitulada *A Impunidade como Alvo*, estabelecia a conclusão dos inquéritos policiais por homicídio doloso instaurados até 31/12/2007, isto é, inquéritos que tinham o mínimo de quatro anos de antiguidade e ainda não concluídos. Para atingir essa meta, foram criados grupos-tarefa integrados, em cada UF, por representantes dos Ministérios Públicos, da Polícia Civil e do Poder Judiciário. Uma primeira prospecção permitiu identificar 134.944 inquéritos por homicídios dolosos instaurados até 31/12/2007 e ainda não finalizados. Após um ano, foi possível oferecer denúncia à justiça de um total de 8.287 inquéritos, o que representa 6,1% do estoque inicial.

Como conclui o mesmo documento:

O índice de elucidação dos crimes de homicídio é baixíssimo no Brasil. Estima-se, em pesquisas realizadas, inclusive a realizada pela Associação Brasileira de Criminalística, 2011, que varie entre 5% e 8%. Esse percentual é de 65% nos Estados Unidos, de 90% no Reino Unido e de 80% na França.

⁴² ESCOLA DE DIREITO DE SÃO PAULO DA FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS (DIREITO GV). O homicídio em três cidades brasileiras. In: BRASIL. Ministério da Justiça. **Homicídios no Brasil: registro e fluxo de informações**. Brasília: Secretaria Nacional de Segurança Pública (SENASP), 2013. (Coleção Pensando a Segurança Pública, v. 1).

Tolerância institucional

Como apontava recentemente em uma entrevista, o diretor executivo da Anistia Internacional no Brasil, Atila Roque, referindo-se aos homicídios de jovens e adolescentes afirmou:

*o Brasil convive, tragicamente, com uma espécie de “epidemia de indiferença”, quase cumplicidade de grande parcela da sociedade, com uma situação que deveria estar sendo tratada como uma verdadeira calamidade social(...) Isso ocorre devido a certa naturalização da violência e a um grau assustador de complacência do estado em relação a essa tragédia. É como se estivéssemos dizendo, como sociedade e governo, que o destino desses jovens já estava traçado*⁴³.

Como opera esse esquema de “naturalização” e aceitação da violência? Por diversos mecanismos, mas fundamentalmente, pela culpabilização da vítima, justificando a violência dirigida, principalmente, a setores vulneráveis que demandam proteção específica, como mulheres, crianças e adolescentes, idosos, negros. Por essa via, por exemplo, a estuproada foi quem provocou o estupro, porque ela se vestia como uma “vadia”; e o adolescente torna-se marginal, delinquente, drogado ou traficante. A própria necessidade de leis ou mecanismos específicos de proteção: Estatutos da Criança, do Adolescente, do Idoso, Lei Maria da Penha, ações afirmativas, indicam claramente as desigualdades e vulnerabilidades existentes.

Dessa forma, uma determinada dose de violência, que varia de acordo com a época, o grupo social e o local, torna-se aceita e até necessária, inclusive por aquelas pessoas e instituições que teriam a obrigação e responsabilidade de protegê-los.

Nesse sentido, nos aproximamos do conceito de *violência estrutural*, formulada por diversos autores, retomada e aprofundada no Brasil especialmente por Cecília Minayo⁴⁴ e Edenilson de Souza⁴⁵. Parece mais adequado denominá-la de *violência estruturante*, por estabelecer os limites culturalmente permitidos e tolerados de violência por parte de indivíduos e instituições: da sociedade civil ou do estado; tolerância que *naturaliza* e até justifica a necessidade de uma determinada dose de violência silenciosa e difusa com os setores vulneráveis da sociedade.

⁴³ Para mais informações, verificar em: <<http://prvl.org.br/noticias/anistia-internacional-e-o-compromisso-do-brasil-com-os-direitos-humanos/>>.

⁴⁴ MINAYO, M. C. S. (Coord.). **Bibliografia comentada da produção científica brasileira sobre violência e saúde**. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Saúde Pública, 1990.

⁴⁵ SOUZA, E. R. de. Violência velada e revelada: estudo epidemiológico da mortalidade por causas externas em Duque de Caxias, Rio de Janeiro. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, n. 9, jan./mar. 1993.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. **La jeunesse n'est qu'un mot**. Questions de sociologie. Paris: Minuit, 1980.

BRASIL. Ministério da Saúde (MS). Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM). Departamento de Informática do SUS (Datasus). **O Sistema de Informações sobre Mortalidade**. [S.l.], 1995.

_____. Ministério da Saúde (MS). Coordenação-Geral de Informações e Análises Epidemiológicas (CGIAE). Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM). **Consolidação da base de dados de 2011**. Brasília, 2013.

BRASLAVSKY, C. **La juventud argentina**: informe de situación. Buenos Aires: Centro Editor, 1986.

CAMARANO, Ana Amélia et al. **Caminhos para a vida adulta**: as múltiplas trajetórias dos jovens brasileiros. Rio de Janeiro: Ipea, ago. 2004. (Texto para Discussão, n. 1.038).

DINIZ, C. C.; CROCCO, M. A. Reestruturação econômica e impacto regional: o novo mapa da indústria brasileira. **Nova Economia**, Belo Horizonte, v. 6, n.1, jul. 1996.

ESCOLA DE DIREITO DE SÃO PAULO DA FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS (DIREITO GV). O homicídio em três cidades brasileiras. In: BRASIL. Ministério da Justiça. **Homicídios no Brasil**: registro e fluxo de informações. Brasília: Secretaria Nacional de Segurança Pública (SENASP), 2013. (Coleção Pensando a Segurança Pública, v. 1).

GENEVA DECLARATION. **Global Burden of Armed Violence**. Geneva: Geneva Declaration Secretariat, 2008.

MELLO, Jorge. Como morrem nossos jovens. In: CADASTRO NACIONAL DE PESSOAS DESAPARECIDAS (CNPD). **Jovens acontecendo na trilha das políticas públicas**. Brasília, 1998.

MICHAUD, Y. **A violência**. São Paulo: Ática, 1989.

MINAYO, M. C. S. (Coord.). **Bibliografia comentada da produção científica brasileira sobre violência e saúde**. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Saúde Pública, 1990.

PACHECO, C. A. **Novos padrões de localização industrial?** Tendências recentes dos indicadores da produção e do investimento industrial. Brasília: Ipea, mar. 1999. (Texto para Discussão, n. 633).

PORTO, M. S. G. A violência entre a inclusão e a exclusão social. In: CONGRESSO SOCIEDADE BRASILEIRA DE SOCIOLOGIA, 7., Brasília: SBS, 1997.

RAMOS de Souza, et al. Qualidade da informação sobre violência: um caminho para a construção da cidadania. **Informare – Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Informação**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, jan./jun. 1996.

SABÓIA, J. Desconcentração industrial no Brasil nos anos 90: um enfoque regional. **Pesq. Plan. Econ.**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 1, abr. 2000.

SANTOS, J. V. T dos. **Os colonos do vinho**. São Paulo: Hucitec, 1978.

SPOSITO, M. P. Considerações em torno do conhecimento sobre juventude na área da educação. In: SPOSITO, M. P. (Coord.). **Estado do conhecimento: juventude e educação**. São Paulo: Ação Educativa, 2000.

SOUZA, E. R. de. Violência velada e revelada: estudo epidemiológico da mortalidade por causas externas em Duque de Caxias, Rio de Janeiro. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, n. 9, jan./mar. 1993.

VERMELHO, L. L.; MELLO JORGE, M. H. P. Mortalidade de jovens: análise do período de 1930 a 1991 (a transição epidemiológica para a violência). **Revista de Saúde Pública**, v. 30, n. 4, 1996.

WASELISZ, J. J. **Juventude, violência e cidadania**: os jovens de Brasília. São Paulo: Cortez/Unesco, 1998.

_____. **Mapa da violência III**. Os jovens do Brasil. Brasília: Unesco, 2002.

_____. **Mapa da violência 2013**. Acidentes de trânsito e motocicletas. Rio de Janeiro: Cebela-FLACSO, 2013.

_____. **Mapa da Violência IV**. Os Jovens do Brasil. Unesco, Instituto Ayrton Senna, Secretaria Especial de Direitos Humanos. Brasília, 2004.

_____. **Mapa da Violência 2012**. Atualização: homicídio de mulheres no Brasil. Rio de Janeiro: Cebela/Flacso, 2012.

_____. **Mapa da Violência 2012**. Novos padrões da violência homicida no Brasil. São Paulo: Instituto Sangari, 2012.

WIEVIORKA, M. O novo paradigma da violência. **Tempo social: revista de Sociologia da USP**, v. 9, n. 1, 1997.

Esta obra foi impressa na Gráfica e Editora Qualidade
com tiragem de 1.000 exemplares, em 5 de maio de 2014.
Tel.: 3386-5199 - qualidade@qualidadedf.com.br

CEBELA

Centro Brasileiro de
Estudos Latino-Americanos



FLACSO
BRASIL

www.flacso.org.br

Secretaria de
**Políticas de Promoção
da Igualdade Racial**

Secretaria Nacional de
Juventude

Secretaria-Geral da
Presidência da República

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA